

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Pedro Henrique Chaves Pessanha

**TRAJETÓRIAS MILITANTES:
DRAMAS HISTÓRICOS E PSICOSSOCIAIS**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

São Paulo

2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Pedro Henrique Chaves Pessanha

**TRAJETÓRIAS MILITANTES:
DRAMAS HISTÓRICOS E PSICOSSOCIAIS**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Social sob a orientação da Profa. Dra. Bader Burihan Sawaia.

São Paulo

2020

Banca Examinadora

**O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento
88887.149662/2017.00**

**This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 88887.149662/2017.00**

Agradecimento

À Prof^a Bader Sawaia, por seu acolhimento, por seu apoio e conhecimento implicado com a luta sociopolítica. Aberta ao debate entre diferentes concepções em busca do avanço de um conhecimento em Psicologia, ético-politicamente comprometido com o destino das classes despossuídas e subalternizadas. Classes, que produzem as condições materiais que tornam possível a especialização científica, assim como, também, é a classe de onde advém a produção intelectual a ser coletivamente elaborada para nossa auto-emancipação. Portanto, às quais se dedica a pesquisa.

Ao NEXIN – Prof^o Marlito, Fabrícia, Elisa, Flavia, Juliana, Maria, Cinara, Alines, Dilson, Eugenia, Gláucia, Gislene, Diana, Silvia, Gustavo... dentre outras(os). Pelo acolhimento, apoio, ajudas cotidianas e pelos encontros e discussões, por vezes, entusiasmadas, que funcionaram como um importante motor da reflexão crítica, inspiração e elaboração do conhecimento compartilhado.

Ao Prof^o Marcelo Dalla Vecchia, pela solidariedade e paciência, por ter bancado com grande coragem e comprometimento o início desafiador de uma pesquisa e de um pesquisador, assim como pelas contribuições na qualificação. À Prof^a Mitsuko Makino ou Mimi, por compartilhar o grande interesse pelo desenvolvimento do tema da pesquisa e por se prontificar para participar na defesa. Assim como ao Prof^o Odair Furtado, pelas aulas e pelas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa. À Prof^a Adriana Eiko, por sua ajuda durante o processo e contribuições na qualificação e defesa. Tanto à Prof^a Eiko, como à Prof^a Érica Dumont e ao Prof^o Emylio da Silva, pelo encontro, conversas e fortalecimento da potência de vida, em momentos de alegria e de tristeza. A Marlene, por seu secretariado humano e solidário para com o drama dos pesquisadores do programa.

Ao Reginaldo, por contribuir com o resgate de nossa origem Puri. Um grande agradecimento aos cuidados e carinho da Wandita, um agradecimento especial também para a Geralda. À Mariana, à Elô e ao Daniel pelas ajudas. À Fernanda, pela colaboração solidária para a edição final do texto e pela educação do Gustavo. Agradeço, especialmente, aos meus pais, por todo apoio afetivo, material e espiritual.

Ao Kazé, que tão bem me recebeu em São Paulo. Ao Deni (assim como ao Rafael, à Josi, ao Bruno..), que também me recebeu tão solidariamente em sua casa, além do ouvido

paciente. Dentre outros(as) que me receberam, que me ouviram. As professoras(es), as amigas(os) e companheiras(os) dos Tapuias, da assão-g, de Sete Lagoas, de São João del-Rei, de Cumuru, de São Paulo.

Todos que carrego como uma segunda natureza. Agradeço às muitas pessoas fantásticas que já tive o prazer de encontrar pela vida. Tenho muitos a agradecer, mas, para não me alongar mais e nem esquecer ninguém, firmo um agradecimento especial a grande solidariedade ativa de todos os participantes da pesquisa que, em longas conversas, socializaram parte das histórias de suas vidas e de suas lutas, mas que, devido ao sigilo requerido à pesquisa, não posso agradecer nominalmente aqui.

RESUMO

Trajetórias militantes: dramas históricos e psicossociais

O presente trabalho vai em direção da Psicologia Social contemporânea que busca produzir subsídios para desenvolver a compreensão e a prática de diversas formas de engajamento sociopolítico no atual contexto histórico. Tem como objetivo analisar alguns dos desafios de sujeitos pertencentes a estratos da classe trabalhadora que buscam dar uma resposta politicamente organizada à atual conformação social, especificamente, dos que vivem a trajetória da militância sociopolítica como atividade principal. Seus participantes são sujeitos de idade entre 20 e 35 anos, autoidentificados com o espectro político da denominada esquerda, mais especificamente, vinculada à tradição marxista e organizados politicamente em locais de trabalho, de esporte/lazer, em movimentos sociais/sindicais ou partidos políticos. O escopo da pesquisa é composto por 11 narrativas de militantes, em que se cruzaram atividades, afetos, processos catárticos e dramáticos, conflitos emocionais e intelectuais, encontros e desencontros entre a temporalidade histórica e biográfica, passada e futura. O referencial teórico que fundamenta a pesquisa é a perspectiva sócio-histórica, desde as contribuições de Vigotski, de Leontiev, de Sawaia, dentre outros, em diálogo com referências teóricas dessa perspectiva, como a filosofia de Spinoza, e o aporte materialista-histórico e dialético, como inaugurado por Marx e Engels. Constatam-se processos ontogenéticos que se relacionam à aproximação, à vinculação, à permanência ou ao afastamento da militância social, alguns de seus momentos críticos particulares, em intersecção com dramas sociopolíticos do período histórico vivido. Portanto, tendo em vista o aprimoramento da autoconsciência e do autocuidado, entendidos a partir da dialética singular/particular/universal, pode ser um contributo para a formulação e desenvolvimento de estratégias para promoção de uma atividade cada vez mais salubre e eficaz, a partir de cada particularidade organizativa, segundo as demandas específicas de cada contexto histórico e social.

Palavras-chave: Atividade militante, afetos, participação social, transformação social, dialética singular/particular/universal.

RESUMEN

Trayectorias militantes: dramas históricos y psicosociales

Este trabajo va en dirección a la Psicología Social contemporánea que busca producir subsídios para desarrollar la comprensión y la práctica de diversas formas de comprometimiento socio-político en el actual contexto histórico. El trabajo tiene como objetivo analizar algunos desafíos de sujetos pertenecientes a extractos de la clase trabajadora que buscan dar una respuesta políticamente organizada a la actual conformación social, específicamente, de los que viven la trayectoria de la militancia socio-política como actividad principal. Sus participantes son sujetos de entre 20 a 35 años de edad, autoidentificados con el espectro político de la denominada izquierda, pero, específicamente, vinculados a la tradición marxista y organizados políticamente en locales de trabajo, de deportes y tiempo libre, en movimientos sociales/sindicales o en partidos políticos. El alcance de la investigación es compuesta por 11 narrativas de militantes, en los cuales se cruzaron actividades, afectos, procesos catártico y dramáticos, conflictos emocionales e intelectuales, encuentros y desencuentros entre la temporalidad histórica y biográfica, pasada y futura. El referencial teórico que fundamenta la investigación es la perspectiva socio-histórica, desde los aportes de Vigotski, de Leontiev, de Sawaia, entre otros, en diálogo con referencias teóricas de la misma índole, como la filosofía de Spinoza y el aporte materialista-histórico y dialéctico, inaugurado por Marx y Engels. Se narran procesos ontogénicos que se relacionan a la aproximación, a la vinculación, a la permanencia o al alejamiento de la militancia social, algunos de sus momentos críticos particulares en interacción con dramas socio-políticos del periodo histórico vivido. Por lo tanto, teniendo en vista el perfeccionamiento de la autoconsciencia y el autocuidado entendidos a partir de la dialéctica singular/particular/universal, puede servir como un aporte para la formulación y desarrollo de estrategias para una actividad más sana y eficaz a partir de cada particularidad organizativa y según las demandas específicas de cada contexto histórico y social.

Palabras-clave: Actividad militante; afecto; participación social, transformación social; dialéctica singular/particular/universal.

ABSTRACT

Militant trajectories: historical and psychosocial dramas

The present work goes in the direction of contemporary Social Psychology that seeks to produce subsidies to develop the understanding and practice of different forms of socio-political engagement in the current historical context. It aims to analyze some of the challenges of subjects belonging to strata of the working class who seek to give a politically organized response to the current social conformation, specifically, those who live the trajectory of socio-political activism as their main activity. Its participants are people aged between 20 and 35 years old, self-identified with the political spectrum of the so-called left, more specifically, linked to the Marxist tradition and organized politically in workplaces, sports / leisure, social / union movements or political parties. The scope of the research is composed of 11 militants' narratives, in which activity, affections, cathartic and dramatic processes, emotional and intellectual conflicts, encounters and mismatches between historical and biographical temporality, past and future, intersected. The theoretical framework that underlies the research is the socio-historical perspective, since the contributions of Vigotski, Leontiev, Sawaia, among others, in dialogue with theoretical references from this perspective, such as Spinoza's philosophy, and the materialist historical-dialectical contribution, as inaugurated by Marx and Engels. There are ontogenetic processes that are related to the approximation, attachment, permanence or withdrawal of social activism, some of its particular critical moments, in intersection with socio-political dramas of the lived historical period. Therefore, with a view to improving self-awareness and self-care, understood from the singular / particular / universal dialectic, it can be a contribution to the formulation and development of strategies to promote an increasingly healthy and effective activity, starting from each organizational particularity, according to the specific demands of each historical and social context.

Keywords: Militant activity, affections, social participation, social transformation, singular / particular / universal dialectic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL.....	18
1.1 Dinâmicas do capital, dos ânimos, das ideias e dos instrumentos da luta sociopolítica	18
1.2 Brasil: movimentos sociais e organizações políticas.....	32
2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS:.....	59
3 APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES	74
3.1 <i>Francisco</i>	74
3.2 <i>Margarida</i>	74
3.3 <i>Carlos</i>	75
3.4 <i>Luiz</i>	76
3.5 <i>Diara</i>	76
3.6 <i>Soledad</i>	77
3.7 <i>Maria</i>	77
3.8 <i>Tereza</i>	78
3.9 <i>Apoema</i>	79
3.10 <i>Wladimir</i>	79
3.11 <i>Tupac</i>	79
4 UNIDADES DE SENTIDO	81
4.1 Processos catárticos	81
4.1.1 A família.....	83
4.1.2 A escola	91
4.1.3 A manifestação sociopolítica.....	98

4.1.4 O trabalho	118
4.2 A configuração do psicológico como drama	136
4.2.1 Tornando-se militante na dialética pessoal/coletivo e razão/emoção.....	138
4.2.2 O drama dos afetos na processualidade do engajamento	150
4.2.3 Dramas estruturais nas intersecções entre trajetória pessoal e circunstância histórica	163
4.2.4 O drama dos afetos nas relações conflituosas internas à organização.....	179
4.2.5 O drama das identidades.....	195
CONSIDERAÇÕES FINAIS	207
REFERÊNCIAS	229

INTRODUÇÃO

O presente trabalho soma-se aos esforços acadêmicos e militantes que buscam desenvolver subsídios às compreensões e práticas das diversas formas de engajamento sociopolítico no atual contexto social. Seu tema é a participação sociopolítica e se trata de uma análise psicossocial de participantes de atividades sociopolíticas, de seus pensamentos e da atenção às mediações afetivas, seus dramas e desafios, quando engajados no esforço por mudanças, transformações e resistência em contexto do desenvolvimento de crises econômicas, políticas e sociais, de avanço do dismantelamento das já escassas conquistas trabalhistas, sociais e políticas.

Seu objeto é a atividade militante, visando compreender sua processualidade e parte da trama afetiva que promove o engajamento político, as tensões e os conflitos que podem sustentá-la, potencializá-la ou convertê-la em crise e padecimento. Esses são temas relevantes à Psicologia sócio-histórica e, mesmo em um dos períodos mais sombrios do terrorismo político do Estado no Brasil (1964-1985), de proibição do marxismo e da militância política de oposição ao governo, Silvia Lane defendia a construção de uma Psicologia pautada pela transformação social. Para dar continuidade a essa “psicologia da ação política” (SAWAIA, 2006, p. 92), o presente trabalho buscou produzir subsídios para apoiar atividades sociopolíticas diversas que se engajam no enfrentamento e na superação de problemas sociais, como os desafios à militância sociopolítica.

A atenção à mediação dos afetos na práxis política, em parte, corresponde ao esforço epistemológico por superar a dicotomia individual/social, objetividade/subjetividade, e considerar a dimensão estética, além de política e ética, na atividade intelectual e prática militante. A concepção de afeto, em Vigotski, tem a filosofia de Spinoza como um importante fundamento, e tal análise filosófica dos afetos por meio de uma perspectiva social, concreta e histórica também foi trabalhada por Sawaia no conceito de sofrimento ético-político. Esse seria um sofrimento da ordem da dialética exclusão/inclusão ou da inclusão perversa, portanto, uma dor social vivida como sentimento particular (SAWAIA, 2000).

Nessa perspectiva teórica, o afeto é a “porta de entrada” e um importante avaliador das afetações que recebemos nos encontros diários, portanto de como o contexto

nos trata. Vinculado à memória, à criação, ao pensamento, consciente ou não, por conceitos cotidianos ou científicos, possibilita a análise do processo de desenvolvimento da subjetividade como um drama repleto de contradições, tensões e conflitos. Assim, os processos econômicos, sociais e políticos por que passa o período histórico compõem fatores sistêmicos subjacentes que constituem os processos singulares da vida subjetiva, e, particularmente, daqueles sujeitos que ingressam, de modo direto e intencional, na luta sociopolítica a fim de transformar voluntária e coletivamente as forças de tais processos.

Como apresenta Silva e outros (2015), pesquisas estabelecem relação entre a crise econômica e o risco para o aumento do suicídio e da mortalidade relacionada com o álcool (STUCKLER et al. 2009; STUCKLER, BASU & MCKEE 2010; SUHRCKE et al. 2011). Revertendo uma tendência constante a queda, pesquisas revelam o aumento na prevalência de perturbações psiquiátricas na União Europeia desde a crise de 2008, sobretudo em grupos mais vulneráveis¹ (WHO REGIONAL OFFICE FOR EUROPE, 2012 apud. SILVA et al. 2015). As autoras(res) também trazem pesquisa que aponta relações entre a depressão econômica advinda da derrota da experiência soviética, no início dos anos de 1990, e os “aumentos da mortalidade global de até 20% em alguns países” (STUCKLER, KING & MCKEE, 2009 apud. SILVA et al. 2015, p. 63). Ressaltando que tais consequências adversas “foram menores nos países em que muitas pessoas eram membros de organizações sociais, como sindicatos, grupos religiosos ou clubes desportivos” (Ibid, p. 63).

Este trabalho assente a tese de que as condições sociais de períodos históricos particulares confluem com o processo de configuração da vida psicológica dos indivíduos, estimulam ou refreiam a potência dos seus corpos de agir, assim como da mente de sentir e pensar, as ideias sobre as afecções que recebem do mundo. As correlações entre crises econômicas, sociais, políticas e psicológicas, também permitem considerar que há momentos da história, como os que se seguem às vitórias contrarrevolucionárias, nos quais pode predominar o crescimento do sentimento de desalento com relação às potencialidades, não apenas com relação às perspectivas futuras de reprodução da própria vida, mas político-econômicas, com relação às perspectivas para a produção de outra vida social.

¹ São considerados como grupos mais vulneráveis: pessoas que sofrem de desemprego, dívidas e dificuldades financeiras, além de pessoas de maior dependência, como crianças, idosos ou com doenças crônicas incapacitantes. (Silva et al. 2015, p. 70)

Silva e outras (2015), trazem outras pesquisas que corroboram com tendências semelhantes, como na Grécia (Economou et al. 2011; Madianos et al. 2011), Espanha (Gili et al. 2013; Bartoll et al. 2014; Agudelo-Suárez et al. 2013), Eslovénia (Avčín et al. 2011), Inglaterra (Katikireddi, Niedzwiedz & Popham 2012), Alberta, Canadá (Wang et al. 2010), Hong Kong, China (Lee et al. 2010), Irlanda (Kelly e Doherty 2013), Islândia (Hauksdóttir et al. 2013), Portugal (Rodrigues et al. 2014; DGS 2014), dentre outros.

Apesar do enorme desenvolvimento dos meios de produção e reprodução da vida social, de avanços tecnológicos capazes de aumentar o ‘tempo-livre’, e de avanços na medicina capazes de diminuir drasticamente a mortalidade por doenças infecciosas, por exemplo, diferentes pesquisas ressaltam como mudanças políticas e socioeconômicas, tem repercutido sobre as situações de trabalho contemporâneo, precarizando o emprego, aumentando os seus aspectos nocivos à saúde do trabalhador, incluindo psicológica, avançando a desumanização do trabalho e a expansão do desamparo (SOMAVIA, 2011; WARTH, 2011; FRANCO et al, 2010; MAENO). De modo particular, nos países periféricos do capitalismo global, sob o avanço das mais críticas condições de precarização do trabalho, de desemprego estrutural crônico e dos novos padrões de reprodução ampliada do capital, confluí-se para o que Corbanezi (2019) assinala como um estreitamento e enrijecimento dos padrões de desempenho do trabalhador, que contribui para alargar as margens socioculturais de sua inaptidão, incapacidade e sofrimento. Ressalta-se, ainda, que, desde 2014, no país, triplicou o número de jovens trabalhadores(as), de até 24 anos, que estão desempregados, querem trabalhar, mas já desistiram de procurar emprego. No primeiro trimestre de 2018, chegou-se a um total de 4,6 milhões de pessoas desempregadas, o maior contingente de desalentados da série histórica, segundo estatísticas sociais da agência de notícias do IBGE (2018)².

É considerável o aumento das notificações de esquizofrenia, de suicídio e, especialmente, de depressão, que já constituía uma das principais cargas de incapacidade do trabalhador, segundo dados divulgados pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2001), e corroborado por nova pesquisa epidemiológica transnacional, publicada em 2011 (BROMET et al., 2011 apud CORBANEZI, 2019). Por sua vez, o suicídio aparece como a segunda principal causa de morte entre jovens de todo o mundo, em 2016 (OPAS, 2018). No Brasil, os transtornos mentais relacionados ao trabalho já ocupavam o terceiro lugar nos registros do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e ficava atrás apenas das doenças cardiovasculares. Segundo dados da OMS (2001), o que denominam de “transtorno mental” tende a se tornar a segunda maior carga patológica mundial até 2020, em um aumento frequentemente relacionado à ampliação e à imprecisão diagnóstica, às mudanças sociais

² Disponível em:

<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21246-pnad-continua-tri-taxa-de-subutilizacao-da-forca-de-trabalho-e-de-24-7-no-primeiro-tri-de-2018>>. (Acesso em: 1º nov. 2019).

normativas, ao aumento da pressão psicológica e à generalização de um sentimento de fracasso (HORWITZ; WAKEFIELD; EHRENBERG apud SOUZA; FONTES, 2015).

No campo dos sujeitos coletivos, o sentimento pode se abater sobre os fracassos em reverter ou em refrear as conformações mais destrutivas do curso de acumulação do capital. Como avalia István Mészáros (2015), tal quadro representa uma ameaça de fracasso, inclusive, para a conservação da humanidade em sua própria existência. Ou seja, tal sentimento pode corresponder, no campo dos projetos coletivos da perspectiva sociopolítica, ao desalento com relação às perdas de conquistas, tanto de empreitadas revolucionárias como socialdemocratas, constrangidas pelo avanço da dominação capitalista de caráter neoliberal, além da conformação agressiva da hegemonia global estadunidense.

Os agregados das relações sociais são assimilados de modo singular na sociogênese da vida subjetiva do sujeito (VYGOTSKY, 1994), assim como as transformações da atividade principal implicam em processos críticos e na reestruturação dos motivos na personalidade (LEONTIEV, 2001), de modo que as condições objetivas do processo histórico podem se expressar de modo particular na atividade, na dinâmica afetiva e motivacional daqueles estratos da classe trabalhadora que tomam, como atividade principal, a intervenção ativa e organizada para a transformação de tais dramas sociais. As associações coletivas para ação sociopolítica podem ser importantes espaços de proteção e de aumento da potência de vida dos sujeitos associados. Assim como, em períodos sociais em que as classes trabalhadoras são impossibilitadas de serem a causa adequada de suas afecções, de agirem como sujeito ativo e intencional de sua própria história, as organizações sociopolíticas também são um espaço importante para lidar com o desalento e o sofrimento ético-político.

A motivação para refletir sobre essas questões também passa pela percepção do aumento da criação de iniciativas coletivas, sobretudo por parte de militantes organizados, para ampliar o debate e encaminhar medidas a fim de qualificar o cuidado mútuo, para prevenir ou lidar com conflitos improdutivos ou condições de agudo sofrimento, tanto internamente quanto com as populações com as quais atuam. Paralelamente, começamos a estabelecer contato com parte de uma literatura recente, que busca se afastar das concepções psicologizantes que predominaram com o aumento da publicação sobre a participação política, nos anos 1980, bem como das análises que abstraem os militantes em uma categoria homogênea, desconsiderando-os como pessoas, singularidades, com desejos que experimentam emoções diversas (GOODWIN, JASPER & POLLETA, 2001).

Concorda-se, com James Jasper (2017, p. 298), quando esse reitera que “os participantes de uma ação coletiva, ou os componentes das multidões, não se engajam nelas para expressar narcisisticamente necessidades patológicas, ou mesmo para resolver suas questões edípicas; eles não são sujeitos isolados pateticamente buscando conexões ou identidades”.

Com relação ao relevo dos aspectos emocionais, pode-se destacar os autores da Sociologia culturalista norte-americana, responsáveis pela denominada Virada Emocional (GOULD, 2009), nos estudos sobre movimentos sociais e ações coletivas. Esses autores partem da premissa de que as estratégias são sempre executadas por sujeitos reais, dotados de múltiplos interesses, que experienciam emoções e sentimentos diversos. Nesse sentido, Jasper (2004, p. 4) entende que “nós precisamos reconhecer o amplo *hall* de objetivos, ideias e sentimentos que compõe os jogadores, em vez de reduzi-los a um mínimo matematicamente tratável”.

O trabalho de Jasper (2004) vem apontando para as dimensões morais, emocionais e cognitivas que permeiam as escolhas táticas e as decisões estratégicas, ou seja, procura entender os custos emocionais, materiais e simbólicos para a tomada de decisões. Jasper (2006) criou o modelo dos dilemas estratégicos, que propõe abordar os conflitos vividos pelos jogadores (*players* é o modo como se refere aos participantes da ação coletiva) diante da necessidade concreta de agir. Tais estudos têm o mérito de ampliar a visão do sujeito militante, a partir dos seus dilemas e das questões de ordem afetiva e moral. Entretanto, contrapõe militância a ativismo, como marcas do passado e do presente, de modo a correr o risco da simplificação identitária, indicando a subjetividade militante como obediente, ressentida, comprometida e reativa, como a forma de continuidade do engajamento dos militantes nas pautas defendidas pelo movimento. Trata-se de uma interpretação que lança luz, segundo Valverde (1986), reiterado por Sousa (2014) e, atualmente, por Sales (2019), sobre parte dos possíveis motivos da insistência dos ativistas contemporâneos em se afastarem das práticas dos militantes.

Este estudo partilha da necessidade de compreender os participantes do comportamento político em sua totalidade, propriamente humana, que contempla suas dinâmicas subjetivas e afetivas singulares. A partir dos pressupostos da Psicologia dialética, entende-se os afetos como constituintes dos conflitos, não apenas como variáveis que deles resultam, a partir de uma subjetividade que não é harmônica, mas configurada por processos contraditórios, situações críticas, lutas e conflitos, ou seja, um drama, “isto é, choque de

sistemas. A psicologia ‘humaniza-se’” (VIGOTSKI, 2000, p. 35). Tem-se em conta que esses processos dramáticos aumentam em situações limites, mas nem mesmo nessas situações eles se relacionam exclusivamente com o sofrimento, com o fatalismo e o padecimento. Assim como Martín-Baró (1988), entende-se que o sofrimento gestado nessas condições também conservam o potencial de desenvolvimento humano, da promoção de novos valores e do favorecimento de transformações pessoais e sociais que, até então, pareceriam impossíveis.

O entendimento do desenvolvimento da dinâmica psicológica em relação ao que Vigotski (1996) denominou de “situação social de desenvolvimento” compõe a compreensão dos desafios nas trajetórias de vida e nas configurações subjetivas da militância sociopolítica em sua processualidade contraditória, na dinâmica das lutas sociais de seu momento histórico. Assim, o presente trabalho inicia por contextualizar, em linhas gerais, passagens fulcrais de processos históricos da modernidade capitalista, a fim de marcar as funções sociais das organizações sociopolíticas e algumas repercussões dos processos históricos nas relações interpessoais, portanto, também nos dramas psicológicos e afetivos de alguns sujeitos, na fertilidade das produções teóricas e dos feitos sociais.

Após uma breve contextualização histórica de algumas organizações e instrumentos da luta sociopolítica da classe trabalhadora, assim como algumas de suas afetações no desenvolvimento das ideias, como na luta vinculada à tradição teórica e organizativa comunista, o tópico 1.2 apresenta particularidades sociogênicas da história das lutas, das organizações e dos movimentos sociais e políticos no Brasil. Ao final, é atribuído um destaque especial ao contexto do surgimento das organizações sociopolíticas a que se associam os participantes entrevistados para essa pesquisa.

Em seguida, no capítulo 2, são assinalados pressupostos teórico-metodológicos e procedimentos técnicos que orientaram o desenho da pesquisa. No capítulo 3, é realizada uma breve apresentação de cada participante da pesquisa e, no capítulo 4, são apresentados alguns processos de desenvolvimento do desejo pela atividade militante em seus respectivos espaços de emergência, como a família, a escola, o trabalho e as lutas sociopolíticas, entremeadas por unidades de análises que emergiram a partir das narrativas e da relevância para os interesses de pesquisa, os processos catárticos, os sentidos que os atravessam, e alguns dos conflitos e desafios das experiências de participação e engajamento na luta social organizada.

Nas considerações finais são retomadas algumas das processualidades dos afetos na configuração dos momentos limites do drama psicológico: choque de sistemas individual/coletivos, atividade militante e a reprodução da própria sobrevivência, conflito da

vivência singular das dores sociais, das lutas internas à organização, da cristalização da identidade, das repressões e do desalento.

Hay épocas en que la poesía se espanta de las almas
benditas y de los espíritus sin mácula que cuentan
estrellas ante las sombras del río...

Hay épocas en que la poesía pierde la buena medida,
el buen tono, la buena contemplación, el buen amor,
el buen humor, la buena razón y el buen apetito
con que los cuerpos abren las puertas del destino...

Hay épocas en que la poesía llora en la noche
con lágrimas de niño y dice adiós a la belleza
sin estrépito, y corre hacia el infierno
con botas de gigante para sus pies deshechos...

Hay épocas en que la poesía no duerme
entre las sábanas almidonadas de la cultura,
debe buscársela sonámbula y a los tumbos, casi ciega,
entre tiros y gritos y pájaros de mal agüero,
en noticias policiales...

Hay épocas en que la poesía sólo conoce las prácticas
subversivas y los métodos piqueteros
(la cosa es: tomar por asalto el palacio de verano y
el de invierno,
o cortar las rutas o cubrir de humo negro el cielo,
o morir de pobre,
en la soledad del silencio,
como los elefantes mueren en los bordes de la selva.)
Entonces la poesía anda sin brújula, a saltos de mata,
de un lado a otro, del mar a la meseta, mientras el otoño
nos envuelve con su luz dorada
y sólo cambia que uno está más viejo...

Hay épocas en que la poesía se plantea una última cuestión:
¿Cuando lleguen los poetas del mañana,
los que anuncian la alegría,
tendremos algo más para recibirlos
que tumbas de inocentes sin justicia
y la moneda de la vida jugada a cara o cruz?

Vicente Zito Lema
“Épocas”. *Y otra vez las músicas*, 2007.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL

1.1 Dinâmicas das lutas, do capital, dos ânimos, das ideias e dos instrumentos da luta sociopolítica

O ser humano, na relação com as forças da natureza, tem, por condição para a conservação de sua própria existência, a força associada com outros seres humanos, a potência da associação capaz de transformar a natureza e de produzir coletivamente as suas condições de subsistência. Parte da história da existência humana se deu a partir da dinâmica de movimentos históricos próprios de agrupamentos fundados sobre a posse comum, e da organização cooperativa das bases da vida produtiva. No entanto, segundo ressalta Lessa (2004), quando o desenvolvimento das forças produtivas não permitia produzir o suficiente para abastecer a todos, a repartição igualitária podia significar a carência generalizada, enquanto que a sua apropriação por uma minoria apresentava vantagens no que dizia respeito à reserva de um “excedente” para o desenvolvimento das forças produtivas, assim como para a dominação potencial de outras organizações sociais e consequente supressão das sociabilidades igualitárias.

Apesar da multiplicidade de condicionantes históricos particulares a cada configuração social, as transformações supracitadas – relativamente recentes, se postas em proporção ao tempo de existência das comunidades humanas – favoreceram a histórica dinâmica social da luta de classes, entre o “homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, membro de corporação e ofício-artesão” (MARX; ENGELS, 1998, p. 7). Quer suas particularidades sejam escravistas, feudais, asiáticas, essas seguem a tensão da luta pelo excedente econômico do trabalho coletivo, até serem relativamente destruídas e relativamente suplantadas pela lógica expansiva da integração global ao modo de produção capitalista (e a luta entre burgueses e proletários), possibilitada pelo roubo de terras comunais, pela escravidão e espoliação colonial, até adquirir, sua face imperialista-monopolista.

A luta das classes sociais é composta por períodos de aparente bonança, com naturalização do *status quo*, períodos nos quais as classes sociais estão em paz, ou melhor, em que a violência da classe dominante pode ser significada e institucionalizada na cotidianidade como paz, igualdade e liberdade, ou quando parecem consolidadas e imutáveis todas as

instituições, estruturas e sua completa transformação pode mesmo parecer inconcebível à razão social.

No entanto, essa aparente bonança esconde movimentos subterrâneos que tendem a se manifestar e constituir a história social com excepcionais períodos revolucionários de grandes agitações afetivas, transformações práticas e criativas no campo social, político, cultural, artístico, filosófico e científico. Do mesmo modo que “as épocas de criação filosófica são raras” (SARTRE, 2002, p. 21), são períodos nos quais as transformações biográficas se compõem para a abertura de fendas históricas, ao favorecer tanto a ampliação da sensibilidade como da percepção do próprio sujeito na história, em que cresce consideravelmente o esforço por alargar as potencialidades humanas. Enquanto, como ressalta Sartre (2002, p. 21), as grandes filosofias e os nomes célebres tornam-se, “cada uma por sua vez, o húmus de todo o pensamento particular e o horizonte de toda a cultura, elas são insuperáveis enquanto o momento histórico de que são a expressão não tiver sido superado”.

O momento que preparou o terreno social para as transformações que anunciavam um novo período histórico propiciou o desenvolvimento cultural e do pensamento filosófico, representado por pensadores célebres, como René Descartes (1596-1650), Baruch Spinoza (1632-1677) e John Locke (1632-1704). No âmbito político-econômico, o período foi seguido da Revolução Gloriosa, na Inglaterra (1688-1689), e acompanhado pelo aprofundamento da pilhagem, da escravização e do massacre fora da Europa, de onde as riquezas refluíram para as metrópoles e se transformaram em capital (MARX, 2013)³. Esses processos potencializaram a Revolução Industrial, na Europa Ocidental, o desenvolvimento de novas classes sociais e os germes para a suplantação da propriedade da terra pela mercadoria, como propriedade privada elementar da sociabilidade capitalista.

As mudanças econômicas e as agitações sociopolíticas se intensificavam e tiveram a Revolução Francesa (1789-1799) como acontecimento significativo de tais transformações. O período revolucionário de derrubada das seculares instituições feudais, de suas monarquias absolutas e teocentrismo eclesiástico, dentre outras transformações e efervescências sociais,

³ Ainda no livro 1 de *O Capital* (2013), Marx expõe como o predomínio do capital comercial implantou, por toda parte, um sistema de saque, de pirataria marítima e de opressão, de modo que a Revolução Industrial se acha diretamente relacionada com os despojos pela violência e pela escravização. Como o desenvolvimento do capital é dependente da espoliação que continua até os dias atuais, “a descoberta das terras auríferas e argentíferas na América, o extermínio, a escravização e o soterramento da população nativa nas minas, o começo da conquista e saqueio das Índias Orientais, a transformação da África numa reserva para a caça comercial de peles-negras caracterizam a aurora da era da produção capitalista. Esses processos idílicos constituem momentos fundamentais da acumulação primitiva. A eles se segue imediatamente a guerra comercial entre as nações europeias, tendo o globo terrestre como palco” (MARX, 2013, p. 998).

políticas e culturais, conformaram condições tensas e férteis para o auge do desenvolvimento filosófico dessa nova edificação social, sintetizadas por pensadores, como Immanuel Kant (1724-1804) e Georg Hegel (1770-1831).

O período histórico intercortado por momentos de maior dispersão, refluxo, arrefecimento das agitações sociais, assentamento do desenvolvimento industrial urbano e expansão comercial. Acompanhava a mundialização do mercado e a edificação do Estado moderno, entre a prosperidade social e o egoísmo individual, naturalizado quando tomado a partir da abstração inerente a cada indivíduo (LESSA, 2015), assim como a universalização de direitos individuais e sua negação à classe trabalhadora, mulheres, negros, a todos não-proprietários e povos subordinados à dominação e exploração colonial em geral.

Foi um período de espantoso crescimento da produtividade social, acompanhado da igualmente notável centralização privada do produzido, do poder econômico e político em torno dos interesses da burguesia europeia. Dentre outras condições particulares, das quais não tardaram a raiar suas primeiras fissuras, levaram a exposição dos novos interesses sociais de classe e a abertura de um novo período de transformação social – que teve, como principais expressões das sínteses e elaborações teóricas, as obras de Karl Marx (1818-1883) e de Friedrich Engels (1820-1895). Tal processo começou a se manifestar no coração da prosperidade capitalista europeia, como desde os levantes operários de 1831 e de 1834, em Lyon, na França, passando pelo movimento cartista dos operários ingleses, que adquiriu caráter de manifestação de massas, entre 1838 e 1842, assim como pela rebelião dos tecelões da Silésia em 1844. A necessidade de lutar começava a delinear uma nova força social. Apesar do proletariado, até aquele momento, ainda não ter consumado uma experiência revolucionária, esse começava a desenvolver interesses próprios, autônomos, e já começava a ‘tirar a sua poesia do futuro’ (MARX, 2011), a qual Marx e Engels tão bem captaram, mas que só viria a se materializar em 1871, no que ficou conhecido como Comuna de Paris.

O escritor e político francês, que se tornaria uma referência da literatura-política liberal, Alexis de Tocqueville (2004), em 1830, realizou uma viagem aos Estados Unidos da América, a fim de estudar o novo sistema penal estadunidense e acabou por analisar também o desenvolvimento da democracia estadunidense pós-guerra de independência (1776).

No que diz respeito à dinâmica dos sentimentos, o autor observa que, no que ele denomina de era da igualdade (formal, perante a lei), todos os sentimentos de cada indivíduo se dirigem para si próprios. Examinando os males do enfraquecimento das referências estáveis da tradicional hierarquia aristocrática, o autor entende o egoísmo como um vício pessoal,

enquanto que o sentimento do individualismo seria entendido como um juízo errôneo, “de origem democrática”, que “ameaça desenvolver-se à medida que as condições se igualam” (TOCQUEVILLE, 2004, p. 119). Segundo o autor, tal sentimento “dispõe cada cidadão a se isolar da massa de seus semelhantes e a se retirar isoladamente com sua família e seus amigos” (op. cit.), só se interessando pelos mais próximos, ao criar uma “sociedade particular” e “abandonando a grande sociedade a si mesma”. “O egoísmo resseca o germe de todas as virtudes, o individualismo só esgota, a princípio, a fonte das virtudes públicas; mas, com o tempo, ataca e destrói todas as outras e termina se absorvendo no egoísmo” (op. cit.). Em tais condições, os sujeitos “acostumam-se a se considerar sempre isoladamente, imaginam de bom grado que seu destino inteiro está em suas mãos”, ameaçam encerrar-se “na solidão de seu próprio coração”, “estranhos uns aos outros”, estendendo e relaxando o vínculo das afeições humanas, “a trama dos tempos se esgarça a cada instante, e o vestígio das gerações se apaga”, “esquece de seus ancestrais, mas lhe oculta seus descendentes e o separa de seus contemporâneos” (TOCQUEVILLE, 2004, p. 121).

No entanto, Tocqueville (2011) busca não reduzir as forças que movem o mundo às pequenas forças que, incessantemente, recaem em suas mãos. Apesar de também ser um político, o deputado e pensador não busca explicar o movimento social a partir da desordem dos fatos cotidianos, dos acidentes particulares. Para o autor, os acidentes, o acaso ou as causas secundárias podem fazer aquilo que fecunda as causas gerais, para que as condições estejam preparadas. Eles são “os materiais com os quais compõe os imprevistos que nos assombram e nos assustam” (TOCQUEVILLE, 2011, n.p.). Portanto, apesar de também ser um “homem de letra”, Tocqueville (2011) não vê apenas as causas gerais que eliminam os homens da história do gênero humano. Desse modo, o autor lapidou a percepção do movimento de seu tempo histórico e, no dia 29 de janeiro de 1848, discursou na Câmara dos Deputados franceses:

Diz-se que não há perigo, porque não há agitação; diz-se que, como não há desordem material na superfície da sociedade, as revoluções estão longe de nós. [...] Senhores, permiti-me dizer-vos que creio que vos enganais. Sem dúvida, a desordem não está nos fatos, mas entrou bem profundamente nos espíritos. Olhai o que se passa no seio dessas classes operárias, que hoje, reconheço, estão tranquilas. É verdade que não são atormentadas pelas paixões políticas propriamente ditas, no mesmo grau em que foram por elas atormentadas outrora; mas não vedes que suas paixões, de políticas, tornam-se sociais? [...] Não escutais o que se diz todos os dias em seu seio? Não ouvis que entre elas [as classes operárias] repete-se constantemente que tudo o que se acha acima é incapaz e indigno de governá-las? Que a divisão dos bens ocorrida no mundo até o presente é injusta? Que a propriedade repousa em bases que não são igualitárias? E não credes que, quando tais opiniões adquirem raízes, quando se propagam de maneira quase geral, quando

penetram profundamente nas massas, devem acarretar, cedo ou tarde – não sei quando, não sei como –, as mais terríveis revoluções? (TOCQUEVILLE, 2011, n.p.).

Em um livro em que narra as memórias pessoais de suas experiências no ano de 1848, o autor procura redescobrir o rastro de seus atos, de suas ideias, de suas impressões em seu transcurso, e pode-se notar como sua condição social pôde favorecer a acuidade discriminativa da percepção das condições materiais de seu tempo histórico. Enquanto a vida social já parecia se assentar, as transformações históricas pareciam se acalmar e o poder burguês julgava-se solidamente instalado, o parlamentar de família aristocrática normanda, apesar de partidário da conservação da ordem social burguesa, não toma “o fim de um ato pelo fim da peça”.

Alexis de Tocqueville (2011, n.p.) percebe como a “Revolução Industrial que, há trinta anos, fez de Paris a primeira cidade manufatureira da França e atraiu a seus muros uma nova população de operários”, as mobilidades e as revoluções sociais e psicológicas, como a de não mais sentir a história e as misérias humanas como obra da providência, mas da base social, dentre outras condições particulares que o possibilitaram perceber, por debaixo da superfície conciliatória, entorpecida e até tediosa da vida política oficial, alguns sinais da inquietude e do poder de movimentações sociais tectônicas, o sono sobre um vulcão, o movimento da história e a potência de uma nova revolução.

No início, o povo quisera socorrer-se mudando todas as instituições políticas; no entanto, depois de cada mudança percebia que sua sorte não havia melhorado ou que melhorava com uma lentidão incompatível com a velocidade de seus desejos. Era inevitável que, num dia ou noutro, acabasse descobrindo que sua posição não era devida à constituição do governo, mas às leis imutáveis que constituem a própria sociedade; e assim seria natural perguntar-se se não tinha o poder e o direito de mudar também essas leis, como já havia feito com outras. E, falando especificamente da propriedade, que é o fundamento de nossa ordem social, esta restou como o principal obstáculo para a igualdade entre os homens, até o ponto de parecer o único signo de desigualdade, porquanto todos os privilégios que a envolviam e até a escondiam haviam sido destruídos. [...]

Sinto-me tentado a crer que aquelas que se chamam “as instituições necessárias” não passam, em geral, de instituições às quais se está acostumado e que, em matéria de constituição social, o campo do possível é bem mais vasto do que imaginam os homens que vivem em qualquer sociedade.

[...] Chegará o tempo em que o país se encontrará novamente dividido em dois grandes partidos. A Revolução Francesa, que aboliu todos os privilégios e destruiu todos os direitos exclusivos, deixou, contudo, subsistir um: o da propriedade. É necessário que os proprietários não se iludam sobre a força de sua situação e que não imaginem que o direito de propriedade seja uma muralha intransponível, pelo fato de que, até agora, em nenhum lugar tenha sido transposta, pois nosso tempo não se assemelha a qualquer outro. [...] Hoje, porém, quando o direito de propriedade se torna o último remanescente de um mundo aristocrático destruído, o único a se

manter de pé, privilégio isolado em meio a uma sociedade nivelada, sem a cobertura dos muitos outros direitos mais contestados e mais odiados, corre um perigo maior, pois só a ele cabe sustentar a cada dia o choque direto e incessante das opiniões democráticas (TOCQUEVILLE, 2011, n.p.).

No dia 29 de janeiro, o Visconde de Tocqueville (2011) fez tal discurso premonitório na Câmara dos Deputados da França e, no dia 24 de fevereiro, os deputados que continuaram suas atividades ordinárias, manobras habituais e pequenas viagens no equilíbrio de poderes, seriam representados por Tocqueville (2011) como “barqueiros que, só tendo navegado em rios, fossem jogados de súbito em alto-mar”. O pensador e político francês contou como, nesse dia, acordou com o espanto de sua cozinheira e, ao pôr os pés na rua, sentiu “pela primeira vez que respirava em cheio a atmosfera das revoluções”, a rua vazia, as lojas fechadas, sem os gritos habituais dos vendedores ambulantes, apenas se reuniam em pequenos grupos a cochichar com inquietude e cólera. Esta Revolução de Fevereiro lhe parecia diferente de todas as outras, havia separado o corpo social e, possivelmente, era a primeira em que a classe trabalhadora, além de desempenhar o papel principal na revolução, também “parecia feita inteiramente à margem da burguesia, e contra ela”. Uma revolução por causas permanentes e gerais, que tomavam o nome comum de socialismo. Desse modo, o visconde de Tocqueville (2011, n.p.) narrou como sentia “a onipotência que ela havia dado a classe trabalhadora sobre todas as outras”.

A concentração econômica da aristocracia financeira, a praga da batata, as carestias e as crises do comércio e indústria, de 1845 a 1847, formaram o solo fértil para a Revolução de Fevereiro de 1848, derrubou a Monarquia de Julho, do rei burguês Louis Philippe, e instaurou a Segunda República Francesa. Embora esse levante ainda tivesse sido hegemonizado pela ideologia do que restava de uma burguesia progressista, os insurgentes da classe trabalhadora, a fim de levar a cabo a almejada liberdade, igualdade e fraternidade, buscaram estendê-las à esfera econômica. O direito ao voto foi expandido para os homens da classe trabalhadora, a jornada de trabalho foi reduzida de 12 para 10 horas diárias e a classe conquistou o reconhecimento público do “direito ao trabalho”, de modo que foram criadas Oficinas Nacionais a fim de resolver o problema do desemprego.

No entanto, as tensões de tais conquistas revolucionárias, sem poder revolucionário, levaram ao fechamento das Oficinas Nacionais, ao combate às aspirações operárias e elevaram as tensões até estourarem nas Jornadas de Junho do mesmo ano. O deputado Tocqueville (2011) encontrou homens de blusão, que era a roupa tanto de trabalho como de combate, ocupados em tirar os paralelepípedos e em levantar cuidadosas barricadas.

Eu já pressagiara o que estava vendo: toda a classe operária engajada na luta, seja com os braços, seja com o coração. O espírito da insurreição, com efeito, circulava de uma ponta a outra dessa vasta classe e em cada uma de suas partes, como o sangue em um único corpo; enchia tanto os bairros onde não se combatia como os que serviam de teatro ao combate e penetrava em nossas casas, ao redor, acima e abaixo de nós (TOCQUEVILLE, 2011, n.p.).

Entretanto, foi criminalizada qualquer melhoria nas condições de vida do proletariado, a Assembleia Nacional Constituinte decretou estado de sítio, ao substituir os poderes da Comissão por uma ditadura militar exercida pelo general Louis-Eugène Cavaignac, e, durante quatro dias, a revolução popular de junho foi violentamente reprimida por alguns de seus antigos aliados. O partido socialista foi completamente obstruído, a economia começou a se recuperar a partir de 1848 até 1850, e deu novo folego à reação da burguesia, enquanto, em 1849, Luís Bonaparte era eleito presidente da República⁴.

Tocqueville (2011, n.p.) notou que já houveram outras revoluções feitas pelo povo e para o povo, como a revolução popular em Florença (1340-1380), mas que diferentemente dela, que havia sido gerada por causas mais passageiras e particulares, a Revolução de Fevereiro de 1848, que estourou em Paris, havia sido “provocada por causas muito permanentes e tão gerais que, depois de terem agitado a França, se poderia pensar que abalariam todo o resto da Europa”.

Sua premonição se concretizara quando a onda de revoltas e revoluções se espalhou pelo centro do capitalismo, na Europa central e oriental, com repercussões inclusive no Brasil, no desencadeamento da Revolução Praieira, na província de Pernambuco, entre 1848 e 1850. Embora a Revolução Praieira também tenha caráter liberal e federalista, ao reivindicar reformas políticas, como o sufrágio universal, e não tenha ameaçado transformar o direito social das propriedades estratégicas, a sublevação também reivindicava o reconhecimento do “direito ao trabalho” e o fim das leis de juro convencional.

Fato é que tais revoltas marcaram a cisão da aparente coesão da nova identidade social capitalista, o que explicita algumas de suas contradições fundamentais. Novas demandas sociais favoreceram a transformação da percepção social e o autoconhecimento dos sujeitos como componentes de uma classe social com interesses próprios, antagônicos e irreconciliáveis com as necessidades da classe proprietária capitalista. Portanto, eram novos

⁴ Para mais, ler: MARX, K. *As lutas de classes na França*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015; MARX, K. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

herdeiros da potência de ação social emancipatória, que poderia fazer avançar a revolução política para a revolução social.

O que a distingue ainda, entre todos os acontecimentos do gênero que se sucederam nos últimos sessenta anos na França, foi que ela não teve por objetivo mudar a forma de governo, mas alterar a ordem da sociedade. Não foi, para dizer a verdade, uma luta política (no sentido que até então tínhamos dado à palavra), mas um combate de classe... (TOCQUEVILLE, 2011, n.p.).

Tocqueville (2011, n.p.) se questionou perante a Câmara de Deputados:

Chegaremos nós, como asseguram outros profetas, talvez tão em vão quanto seus antecessores, a uma transformação social mais completa e mais profunda como não a haviam previsto e querido nossos pais, e que nós mesmos não podemos ainda concebê-la? [...] Eu ignoro quando terminará esta longa viagem.

Parece que, apesar de suas transformações, tal viagem deve prosseguir enquanto subsistir o modo capitalista de organização, produção e reprodução social. Tais cisões e lutas entre as principais classes sociais se disseminaram nos séculos posteriores, acompanhando a expansão imperialista do capitalismo europeu. Durante o século XIX, já existiam os denominados “partidos de elite”, que se organizavam por motivações eleitorais e se expressavam nos períodos que antecediam o pleito. Portanto, eram grupos formados a partir do jogo parlamentar como “clubes políticos episódicos” (SEILER, 2000 apud AMARAL, 2013) ou como “agremiações de notáveis”, que perduraram durante o século XX sob a forma de partidos conservadores e liberais. Entretanto, ao final do século XIX e no início do XX, começaram a se organizar os primeiros partidos operários socialistas e comunistas, partidos de massa ou partido-classe, a partir da associação de grandes contingentes de trabalhadoras(es), portanto, de fora dos ciclos parlamentares eleitorais. Além dos que se voltavam para a massa de eleitores, desenvolveram-se aqueles que surgiram e se organizaram na vida cotidiana, envolvidos com a luta por sufrágio, por direitos sociais e trabalhistas, tanto para a elevação do nível de consciência e prática política das(os) militantes, como para fora dos eventuais limites formais da organização, ao se envolverem também com atividades de cooperação mútua e na assistência de serviços em todos os âmbitos da vida popular, educacional, econômica, previdenciária e recreativa.

Duverger (1980 apud AMARAL, 2013) destaca diferenças entre esses primeiros partidos de elite e de massas nos seguintes termos: os primeiros teriam origem intraparlamentar e os segundos origem extraparlamentar; a organização interna de “baixa

intensidade” dos primeiros e de “alta intensidade” dos segundos; a fraca articulação e a estrutura nacional descentralizada dos primeiros e a forte articulação entre as instâncias organizacionais dos segundos; os primeiros não teriam claros critérios de adesão, enquanto os segundos poderiam apresentar rigorosos requisitos de filiação e prosseguiram com estudos e formações teóricas sociopolíticas ou “forte doutrinário”; os primeiros tendiam a concentrar o poder decisório em suas elites parlamentares, enquanto os segundos tendiam a subordinar os parlamentares às diretivas do partido; os primeiros eram financiados por grandes doadores privados, enquanto o financiamento dos segundos era compartilhado entre seus membros.

No decorrer do século XX, algumas esperanças progressistas do capitalismo foram sendo novamente frustradas com a concorrência imperialista que levou a duas trágicas guerras mundiais, entremeadas pelo desenvolvimento econômico que resultou na crise e miséria de 1929. Período crítico ou uma ‘era dos extremos’, segundo o modo como o historiador Eric Hobsbawm (1995) denomina o seu livro sobre ‘o breve século XX’ (1914-1991).

No entremeio das guerras mundiais (1918-1939), enquanto anarquistas, socialistas e comunistas eram perseguidos, exilados, presos ou mortos em diversos países, um assenso dos movimentos de massas fortaleceu iniciativas revolucionárias que tiveram, como momento decisivo para o século XX e para os caminhos do movimento histórico mundial – 46 anos após a curta experiência do autogoverno proletário na Comuna de Paris, em 1871 –, a primeira experiência da classe trabalhadora, com a realização de um processo revolucionário com tamanhas proporções e durabilidade, manifesta em outubro⁵ de 1917, na Rússia.

Apesar da crise econômica e militar, os primeiros anos do governo revolucionário, em comparação aos países capitalistas da época, avançou no combate a fome, no desenvolvimento de sistemas nacionais de saúde e de educação laica, gratuitos e irrestritos, nos direitos de minorias étnicas e das mulheres (GOLDMAN, 2014). Embora ainda instável, na periferia do capitalismo mundial, híbrido entre a superação do capitalismo e a inviabilidade em nível internacional para avançar ao socialismo e ao comunismo, foi, sem dúvida, um processo de grande repercussão sociocultural e política, de desenvolvimento econômico, de resistência às crises e de repercussão, inclusive, militar, como no papel decisivo e no sacrifício em vidas humanas para a derrota da máquina de guerra da Alemanha nazista, na Segunda Guerra Mundial.

⁵ Novembro, segundo o calendário gregoriano.

Dentre outros acontecimentos, destaca-se o impacto mundial de tal experiência histórica para os movimentos sociopolíticos dos anos subseqüentes e a expansão do horizonte de possibilidades dos povos oprimidos e explorados. São as marcas subjetivas da ascensão de um novo período histórico para os afetos, a imaginação e a prática, para o autoconhecimento, a autoestima, a engenhosidade e a iniciativa das classes dominadas de todo o mundo.

À medida que chegavam, ao Brasil, os primeiros telegramas com as notícias da revolução na Rússia, iam se entusiasmando os ânimos da esperança, do medo e do esperar. Lima Barreto se comprouve com o “pavor que levaram a todo o Olimpo governamental” (1923, p. 54), e narrou o choque de sistemas, na inteligência e no coração, causado pelo alcance universal para o interesse humano de tal “estupendo movimento” (1923, p. 32).

Pondo de parte os parnugianos e aqueles de mentalidade fóssil a serviço dos magnatas da Bolsa, da Indústria e do Comércio, todos os homens de inteligência e de coração, independentes, tanto aqui quanto acolá, ficaram pensativos diante de uma revolução que tão fundamente atingiu os alicerces, não só os de um grande e poderoso império, como também os de todas as concepções matrizes das atuais aglomerações humanas, chamadas civilizadas (LIMA BARRETO, 1923, p. 32).

No nível particular, do escritor Lima Barreto, tal acontecimento foi de grande importância para a elaboração e o desenvolvimento de seu pensamento político e literário. De 1918 até a sua morte, em 1922, a influência da Revolução de Outubro constituiu alguns dos textos mais importantes do escritor. Somada a condições materiais pessoais, como a sua aposentadoria da função de amanuense na Secretaria de Guerra, em 1918, sentida como uma segunda “carta de alforria” pessoal, tema que retomaremos adiante, Lima Barreto pôde “descomprimir” as suas convicções mais revolucionárias e elaborá-las de forma mais honesta ao público, a respeito do modo como a Revolução de Outubro ressoou sobre sua capacidade de sentir e de pensar o potencial espoliado do Brasil, país “imenso, rico e generoso, tendo os pés no Prata e a cabeça nas Guianas, com a gravata luxuosíssima do Amazonas” (LIMA BARRETO, 1923, p. 32). Em um artigo no periódico carioca *Brás Cubas*, em 14 de julho de 1918, o autor homenageou as revolucionárias Vera Zasulitche e Aleksandra Kollontai e escreveu:

Não posso negar a grande simpatia que me merece um tal movimento; não posso esconder o desejo que tenho de ver um semelhante aqui, de acabar com essa chusma de tiranos burgueses, acorados covardemente por detrás da Lei, para nos matarem de fome (LIMA BARRETO, 1923, p. 31).

Ainda em 1918, em outro texto, intitulado *No ajuste de Contas...*, Lima Barreto (1923) complementou seu ânimo perante a comoção mundial, com o avanço das fronteiras das necessidades e o alargamento do campo das possibilidades teóricas e práticas:

[...] confesso que foi a Revolução Russa que me inspirou tudo isso.

Se Kant, conforme a lenda, no mesmo dia em que a Bastilha, em Paris, foi tomada; se Kant, nesse dia, com estuporado assombro de toda a cidade de Königsberg, mudou o itinerário da excursão que, há muitos anos, fazia todas as manhãs, sempre e religiosamente pelo mesmo caminho – a comoção social maximalista tê-lo-ia hoje provocado a fazer o mesmo desvio imprevisto e surpreendente; e também a Goethe dizer, como quando, em Valmy, viu os soldados da Revolução, malajambrados e armados, de tamancos muitos, descalços alguns, destroçarem os brilhantes regimentos prussianos – dizer, diante disto, como disse: “A face do mundo mudou”. Ave Rússia! (LIMA BARRETO, 1923, p. 49).

Entretanto, apesar de toda proporção e impacto inovador desse novo tipo de experiência revolucionária que acabava de emergir na Rússia, ‘mudando a face do mundo’, é interessante notar como Lima Barreto descreve o modo como, em 1918, os articulistas já anunciavam a obsolescência de tais teorias revolucionárias, por vezes, as contrapondo a teorias tão ou mais antigas.

O profundo articulista acoima de velharias as teorias maximalistas e anarquistas às quais opõe, como novidade, a surgir do término da guerra, um nietzschismo, para uso dos açambarcadores de tecidos, de açúcar, de carne-seca, de feijão etc.

[...] não posso deixar de ainda lamentar a falta de memória do articulista do *O País* quando se refere à idade de suas teorias. Devia estar lembrado que Nietzsche deixou de escrever em 1881 ou 82; portanto, há quase quarenta anos; enlouqueceu totalmente, tristemente, em 1889; e veio a morrer, se não me falha a memória, em 1897 – por aí assim.

As suas obras, as últimas, têm pelo menos quarenta anos ou foram pensadas há quarenta anos. Não são, para que digamos, lá muito *vient de paraître*. Serão muito pouco mais moças do que as que inspiram os revolucionários russos... Demais, o que prova a idade de uma obra quanto à verdade ou à mentira que ela pode encerrar? Nada.

[...] Tome, pois, o senhor jornalista cuidado com o seu nietzschismo de última hora, a serviço desses nossos grotescos super-homens da política, da finança e da indústria... (LIMA BARRETO, 1923, p. 56-57).

Além do autor se queixar da falta de memória histórica, intencional ou inconsciente dos articulistas que anunciavam tal crise teórica, Lima Barreto (1923) comparou

as modernas críticas dos jornais burgueses maximalistas⁶ e anarquistas às críticas feitas aos cristãos durante o Império Romano:

O que os jornais disseram, uns de boa-fé e outros cavilosamente inspirados, sobre o maximalismo e o anarquismo, fez-me lembrar como os romanos resumiam, nos primeiros séculos da nossa era, o cristianismo nascente. Os cristãos, afirmavam eles categoricamente, devoram crianças e adoram um jumento (LIMA BARRETO, 1923, p. 54).

Mais uma vez denunciando o “recalque” da burguesia, no modo como destilavam seu ódio, suas difamações personalistas e moralistas, e ao recorrer à bagagem de sua memória histórica, o autor salientava:

eles se lembrem, quando mandam cavilosamente atribuir propósitos iníquos aos seus inimigos, pelos jornais irresponsáveis; lembrem-se que, se dominam até hoje a sociedade, é à custa de muito sangue da nobreza que escorreu da guilhotina, em 93, na Praça da Grève, em Paris. Atirem a primeira pedra... (LIMA BARRETO, 1923, p. 55).

Em outro artigo, de 1919, Lima Barreto (1923, p. 106) complementa:

Será preciso lembrar-lhes, Santo Deus!, que um dos aspectos que mais impressionam os pensadores estudiosos da Revolução Francesa, é ver de que forma, tendo ela acabado ou expulsado a grande nobreza hereditária, a de espada, quase esgotada de energias, e mesmo a de beca, deu ocasião para surgir das mais humildes camadas da sociedade francesa forças individuais portentosas e capacidades sem par de toda a ordem? (LIMA BARRETO, 1923, p. 106).

Lima Barreto (1923, p. 104), então, concluiu que “mudar só de nomes de governantes nada adianta para a felicidade de todos nós”, que o Brasil também precisava de uma profunda transformação, a começar pela “supressão da dívida interna, isto é, cessar de vez o pagamento de juros de apólices”; pelo o confisco dos bens de certas ordens religiosas; pelo fim do direito de testar, com a volta de fortunas para a comunhão; pela possibilidade do divórcio completo, pela desopressão da mulher pelo casamento; pela revisão dos fundamentos da propriedade, para a propriedade social, “devendo todos trabalhar da forma que lhes for mais agradável e o menos possível, em benefício comum”, e continuava:

⁶ Maximalistas era o termo utilizado para se referir aos bolcheviques, e era definido por Lima Barreto (1923, p. 104), segundo o Senhor Ingenieros, como “a aspiração de realizar o máximo de reformas possíveis dentro de cada sociedade, tendo em conta as suas condições particulares”.

A vida do homem e o progresso da humanidade pedem mais do que dinheiro, caixas-fortes atestadas de moedas, casarões imbecis com lambrequins vulgares. Pedem sonho, pedem arte, pedem cultura, pedem caridade, piedade, pedem amor, pedem felicidade; e esta, a não ser que se seja um burguês burro e intoxicado de ganância, ninguém pode ter, quando se vê cercado da fome, da dor, da moléstia, da miséria de quase toda uma grande população (LIMA BARRETO, 1923, p. 106).

Na recém-criada União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), o período revolucionário também promoveu importantes repercussões no campo do desenvolvimento cultural, filosófico e científico. No campo da Psicologia, destacaram-se os importantes avanços produzidos por Lev Vigotski e colaboradores. Na Rússia pós-Primeira Guerra Mundial e Guerra Civil-Revolucionária, as condições concretas e o espírito social do poder de transformação da história humana puderam ir recuperando e revirando o solo fértil para a expansão da potência e a profusão de novas experiências do corpo e da mente – como nos poemas de Alexandre Blok e de Maiakóvski, nas pinturas de Kandinski e de Malévski, nos grandes romances de Górkki e de Alexis Tolstoi, nos filmes de Eisenstein (GARAUDY, 1967). Também conformaram um motivo vital para a Psicologia e os psicólogos juntarem-se ao esforço para a reconstrução da nova vida social, como no caso dos esforços teóricos e práticos da corrente psicológica iniciada por Vigotski, Luria e Leontiev, que se voltavam à busca das respostas aos grandes problemas que a tarefa histórica colocava para a sociedade soviética, como o desenvolvimento das mais elevadas potencialidades humanas de uma transição socialista, um desenvolvimento socioeconômico vertiginosamente rápido, em face do isolamento da revolução no contexto mundial e da eminente ameaça de novas invasões militares pelas potências capitalistas.

Esse contexto geral era constituído por problemas que iam desde a necessidade de socializar o acesso à luz elétrica, de superar a persistência dos traços de sociabilidade do regime czarista e do sistema capitalista, a problemas com relação à saúde, à moradia, à educação, ao analfabetismo, ao desemprego e à fome, em um país com os meios de produção pouco desenvolvidos ou destruídos por guerras consecutivas, e que tão logo anunciavam retornar. No campo teórico da Psicologia, tais questões práticas demandavam tarefas que passavam pela necessidade de superação, tanto das influências materialistas-mecanicistas da neutralidade positivista, como da tradição filosófica idealista da Psicologia, escolas que tinham como principais representantes Sechenov e Chelpanov, respectivamente (TULESKI, 2008).

Tais dias de terremoto social comoveram o mundo, e favoreceram o aumento da força para a auto-organização e a profusão de movimentos revolucionários particulares, como o fôlego para a revolução alemã (1918), enquanto o Partido Socialdemocrata Alemão chegava ao governo, reprimia as iniciativas revolucionárias, autorizava a dissolução dos conselhos operários, de seus partidos ou outros movimentos de auto-organização da classe, assim como o assassinato de Karl Liebknecht (1871-1919) e de Rosa Luxemburg (1871-1919), até a iniciativa socialdemocrata ser também tragicamente derrotada pelo crescimento e pela ascensão nazista ao governo. Com a derrota dessa batalha na Alemanha, a potência revolucionária voltava-se para a periferia do capitalismo mundial.

Avançava a Revolução Chinesa (1949), que tirava o país de uma sucessão de longas e consecutivas guerras, da submissão colonial, da destruição e da fome que assolavam os chineses há décadas. Irrompeu a Revolução Cubana (1959) que, segundo Fidel Castro (1926-2016), começou em 10 de outubro de 1968, com os processos históricos desencadeados a partir da guerra de independência, anticolonial. Além da Revolução Argelina (1962), Chilena (1970), em Burkina Faso (1983), dentre outras.

Desse modo, assim como já observado por Spinoza, em seu tempo, na dinâmica dos afetos da população dominada com o poder dominante:

A razão pela qual, na prática, não é um estado absoluto não pode ser, portanto, senão o fato de a multidão meter medo aos que mandam e, deste modo, conseguir alguma liberdade para si, a qual reivindica e mantém, se não expressamente na lei, ao menos tacitamente (TP. Cap. VIII . 4).

Onde não se avançava para processos revolucionários, pressionava-se o avanço de concessões democráticas, redistributivistas e conquistas populares, como no avanço da luta das mulheres, dos direitos das crianças, de direitos trabalhistas, o sufrágio universal, o direito de greve e as lutas anti-imperialistas de libertação nacional, na África e Ásia. Nas décadas seguintes, o crescimento de tal potência de ação também favoreceu que necessidades reprimidas de setores superprimidos e superexplorados encontrassem um motivo-objetivo, da luta pelos direitos civis da população negra na América do Norte, de povos originários na América Latina, as lutas de libertação colonial, além da luta por melhores condições de trabalho e reformas sociais institucionalizadas nas políticas de Bem-Estar Social, na Europa dos anos de 1950.

1.2 Brasil: movimentos sociais e organizações políticas

Durante a primeira metade do século XIX, no Brasil do Período Imperial (1822-1889), a política orbitava em torno de dois partidos, o Partido Conservador e o Partido Liberal. Os dois divergiam quanto à delegação de maior poder para a monarquia ou para o parlamento, sobre a maior ou menor autonomia das províncias, mas compactuavam quanto à conservação da escravidão e a defesa do regime imperial (FABER, 2017).

Apesar do Brasil ter sido o país que mais recebeu pessoas escravizadas e ter sido um dos últimos a abolir a escravidão, tal consenso entre conservadores e liberais sobre o estatuto da escravidão não é exclusividade nacional, pelo contrário, como demonstra Losurdo (2006), podia ser observado em diversos países ocidentais, como na Holanda, o primeiro país a entrar no caminho do liberalismo, com o reconhecimento formal de seus Estados Gerais sobre a importância da escravidão e seu tráfico para a prosperidade comercial (1791); ou como a Inglaterra, pós Revolução Gloriosa (1688-1689), assume o monopólio do tráfico de pessoas negras escravizadas. Napoleão Bonaparte (1769-1821) restaura o sagrado direito à propriedade dos escravos dos colonos nas Antilhas; assim como na sangrenta repressão à luta de independência do Haiti (1790-1804), em grande medida inspirada pelo lema liberal francês da “fraternidade, liberdade e igualdade” entre os homens; ou com John Locke (1631-1704), clássico defensor da liberdade pactuada, mas acionista de uma empresa que comerciava negros escravizados (*Royal African Company*); ou, ainda, inspirado em sua obra, os escritos do líder do Partido Democrático e vice-presidente dos EUA (1829-1832), John Calhoun (1782-1850), expressam a convicta defesa das liberdades individuais e das minorias a favor das garantias constitucionais e contra os abusos do Estado, assim como, de modo igualmente apaixonado, defendia a escravidão e estereotipava os abolicionistas como “cegos fanáticos” que buscavam destruir “a escravidão, uma forma de propriedade garantida pela Constituição”; e assim por diante (LOSURDO, 2006).

Lima Barreto, ao acompanhar a revisão, por toda espécie de pensadores, dos fundamentos da propriedade privada, subordinado o seu uso, monopólio e ao bem individual, a ponto de lesar o bem comum, notou, na luta abolicionista no Brasil, o fenômeno curioso do drama liberal entre o que entendem por liberdade e opressão:

Quando se tratou aqui da abolição da escravatura negra, deu-se fenômeno semelhante. Houve homens que por sua generosidade pessoal, pelo seu procedimento liberal, pelo conjunto de suas virtudes privadas e públicas e alguns mesmo pelo seu sangue, deviam ser abolicionistas; entretanto, eram escravocratas ou queriam a abolição com indenização, sendo eles mais respeitáveis e temíveis inimigos da emancipação, por não se poder suspeitar da sua sinceridade e do seu desinteresse.

É que eles se haviam convencido desde meninos, tinham como artigo de fé que a propriedade é inviolável e sagrada; e, desde que o escravo era uma propriedade, logo... (LIMA BARRETO, 1923, p. 44).

No Brasil, o processo final de independência de Portugal foi consumado sem o protagonismo popular em armas – como em outras colônias da América do Norte e do Sul – e pelo príncipe herdeiro de Portugal, que, dentre múltiplas e complexas determinações, foi motivado pela ameaça das cortes portuguesas de rebaixar o Brasil, de Reino Unido a simples colônia, pelo receio de que estourassem maiores revoltas. Também foi motivado pelo célebre conselho do Rei D. João VI ao Príncipe D. Pedro de Alcântara: “se o Brasil for se separar de Portugal, antes seja para ti, que me hás de respeitar, do que para algum desses aventureiros” (LIMA JÚNIOR, 1941, p. 65-66).

Durante o Período Regencial e após 1840, a política oficial passou a ser hegemônica pela concorrência entre o Partido Conservador e Partido Liberal, firmemente tutelada pelas classes dominantes, à revelia do protagonismo popular. Entretanto, a vida social brasileira atravessou a emergência de numerosos movimentos sociais, levantes e insurreições, que, segundo Gohn (1995), embora registrados pela historiografia oficial como fatos isolados sem maiores implicações, foram fundamentais para a construção da cidadania sociopolítica no Brasil.

Dentre a grande diversidade de movimentos e lutas sociais no campo e nas cidades, podemos citar, desde o grande Quilombo dos Palmares, iniciado ainda por volta de 1580 e que resistiu por quase 100 anos, as modernas revoltas de homens e mulheres escravizados, iniciadas em 1807, até a Revolta dos Malês, em 1835. Nesse ínterim, destacaram-se a Revolução Pernambucana, de 1817, as rebeliões contra as Juntas Constitucionais e Infantarias Lusas, em 1822-1823 (Bahia, Pará, Piauí e Paraíba), a Confederação do Equador, em 1824 (Recife), a Setembrada e a Novembrada, de 1831 (Pernambuco), a Cabanada, entre 1832 e 1835 (Pernambuco, Maranhão, Alagoas e Piauí), a Cabanagem, entre 1835 e 1840 (Pará), a Guerra dos Farrapos, de 1835 a 1845 (Rio Grande do Sul), a Sabinada, de 1837 a 1838 (Bahia), a Balaiada ou Guerra dos Bem-te-vis, entre 1838 a

1841 (Maranhão), a Revolução Praieira, entre 1848 e 1850 (Pernambuco), o movimento social das associações abolicionistas da década de 1860, dentre outras.

Categorias separatórias da classe (como as que contemporaneamente podem aparecer na divisão entre pacíficos e vândalos) eram instrumentalizadas, como apresenta Almeida (2012), para a separação oficial dos povos originários entre mansos ou selvagens, aliados ou inimigos, termos presentes na legislação nacional desde o século XVI. Isso foi útil, por exemplo, para a declaração de guerra oficial aos botocudos, com a chegada da Corte Portuguesa, em 1808, e, posteriormente, aos *kaingang*s.

Ao longo do século XIX, continuavam as lutas indígenas pelo território, a autodefesa e a recusa ao trabalho colonial. Segundo Almeida (2012), esse período desfavorável possibilitou o fortalecimento dos discursos oficiais que idealizava esses povos como símbolo nacional ou que passava a considerá-los como desaparecidos, extintos pelo processo civilizatório e de mestiçagem, ao servir de justificativa para uma concepção de nacionalismo, que pretendia extingui-los como categoria ou de fato, para sua posterior assimilação, pacífica ou violenta, à sociabilidade dominante, como sujeitos com direito de vender a sua força de trabalho, para sua proletarização, ou o aldeamento, para a espoliação das terras comuns.

Durante este período histórico, Moreira Leite (1992, p. 164) elucida como a independência do Brasil incitou uma euforia nacionalista e uma visão positiva do Brasil e dos brasileiros, que foi reforçada pelo crescente movimento do romantismo. Os movimentos nativistas de inspiração no romantismo eram marcados pelo desequilíbrio entre idealidade e realidade, que, por um lado, tendiam a ignorar a exploração do trabalho escravo e, por outro, buscavam marcar o distanciamento do colonizador europeu por meio da celebração da força original e rebelde do indígena. Esses movimentos fomentaram a síncrese entre movimentos políticos e estéticos, que tinham, como pano de fundo, o entusiasmo pela vida nacional e pela celebração da natureza das particularidades tropicais e do homem brasileiro.

Avultavam organizações e levantamentos insurgentes que abrangiam zonas rurais e urbanas, mas com alianças tênues e contraditórias entre diversos setores, o que dificultava uma ação comum das lutas. Tal condição correspondia, em parte, à grande extensão territorial, à ausência de um sistema funcional de comunicações e transporte, além da ausência de classes sociais plenamente configuradas (GOHN, 1995), e a um sistema produtivo concentrado no campo, com distribuição e gerenciamento da mão-de-obra nas cidades.

Essa falta de unidade e o caráter polissêmico dos movimentos facilitava a sua utilização como massa de manobra de arranjos políticos normalizadores, pelas diferentes facções das classes dominantes. Em volta desses interesses foi criado o Poder Moderador (1824), como uma instituição superior e exterior aos interesses sociais particulares, que visava atuar como conciliador dos interesses dos poderes públicos e sociais, com vistas à produção de uma harmonia social fictícia. A prevalência do caráter caótico dos motins, sem uma plataforma político-ideológica bem delineada, facilitava o rápido desmonte de suas bases pelas forças legalistas, e os enquadrava como produto da ação de “bárbaros”, “assassinos”, “selvagens” (GOHN, 1995, p. 24).

Durante a segunda metade do século XIX, em resposta à efervescência social da primeira metade desse século, a reação conservadora instituiu uma recomposição política e militar do Estado, institucionalizou a violência nos processos eleitorais e na repressão as revoltas sociais. Entretanto, essa recomposição política e militar não impediu a expansão de movimentos messiânicos e a ascensão de ininterruptas fugas e insurreições da população escravizada. Estas últimas impulsionaram o movimento abolicionista. Assim, multiplicaram-se as associações abolicionistas que promoviam eventos artísticos, ações judiciais, a compra pessoal de alforrias, o apoio à revoltas e fugas para quilombos e comunas libertas da exploração do trabalho escravizado, assim como para países vizinhos, além da província do Amazonas e Ceará, a partir de 1884.

Durante os anos de 1880, crescia o número e a intensidade de revoltas, insurreições, fugas e formação de quilombos. Por vezes, militares mandados para a repressão e captura de “escravos fugidos” também se recusavam a fazê-lo, enquanto também avançavam ameaças e reações violentas de fazendeiros e grupos escravagistas contra escravizados rebeldes e abolicionistas. Conrad (1975, p. 294 apud OTSUKA, 2015, p. 100) descreve o fluxo ascendente das lutas abolicionistas no país, durante a segunda metade do século 1880:

Conrad imputa a criação da Ordem dos Caifazes à insatisfação e ineficiência da luta empreendida contra o cativo até então, organizado, como vimos, em acordo com as possibilidades legais. Por volta de 1886, segundo o autor, alguns abolicionistas teriam montado “uma organização ramificada que se especializava em incitar os escravos a abandonarem as fazendas de seus donos, com ênfase, inicialmente, nas fazendas em que os escravos eram notoriamente maltratados”. Utilizando-se do depoimento de Bueno de Andrada, Conrad relata os nomes e funções dos indivíduos que compunham o movimento ao lado de Antonio Bento, evidenciando sempre a forma como os militantes recebiam as tarefas de acordo com seus talentos.

Durante este período histórico, a pauta contra a exploração escrava do trabalho absorveu grande parte da agenda de lutas sociais no país, e se difundiu por diversos segmentos sociais com interesses, muitas vezes, contraditórios. A unidade nacionalista, pós-independência, dos movimentos político-estéticos românticos e nativistas, foi sendo gradativamente suplantada pela discussão de temas sociais e pela centralidade do realismo cientificista de caráter positivista, naturalista e eurocêntrico (GOHN, 1995).

Além das pressões econômicas inglesas, as insurgências de massas escravizadas só aumentavam e pressionavam a abolição do trabalho escravo. Iniciando um processo lento, gradual e seguro para as classes dominantes, que veio desde a Lei Eusébio de Queirós em 1850, passando pela Lei do Ventre Livre de 1871, a Lei dos Sexagenários em 1885, até a pressão derradeira para a assinatura da Lei Áurea em 1888. Isso ocorreu no mesmo ano em que a guarda policial, criada para proteger a família real, foi vinculada às Forças Armadas, recebeu o nome de militar (GOVERNO DO BRASIL, SEGURANÇA E JUSTIÇA, 2017), e adquiriu estatuto e função militarizada para a proteção contra a ameaça interna. As pessoas ex-escravizadas foram desamparadas, sem a socialização do acesso à terra ou quaisquer outros meios de subsistência. Assim, a força de trabalho escravizada afrodescendente passou a ser substituída pela força de trabalho assalariada eurodescendente.

O escritor negro, Lima Barreto (1995), em seu aniversário de sete anos, estava presente nas festas de comemoração da abolição e relatou como foi fortemente marcado por aquele clima geral da multidão nas ruas em euforia, festa e afetos de alegria. Mas ponderou:

Jamais, na minha vida, vi tamanha alegria. Era geral, era total; e os dias que se seguiram, dias de folganças e satisfação, deram-me uma visão da vida inteiramente festa e harmonia [...] Era como se o Brasil tivesse sido descoberto outra vez... [...] Mas como ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis! (LIMA BARRETO, 1995, p. 127).

Em tais encontros entre crises sócio-políticas, que envolvem profundas transformações históricas, e a complexidade psicológica, os dramas e a trajetória singular da vida de um sujeito, é interessante notar como, na narração pessoal de tais grandes acontecimentos, os participantes relatam suas vivências emocionais memoráveis – que podem representar o que Vigotski (2010) denominou de *pereživánie* – como vivências significativas, porém, não necessariamente por serem as intensas representações dos acontecimentos mais grandiosos e significativos da história social, mas vivências do encontro indissociável entre a

particularidade da situação concreta e a sua representação singular na personalidade do sujeito.

Assim como o autor rebelde e marginal, Lima Barreto, o autor de tradição liberal e aristocrática, Alexis de Tocqueville (2011, n.p.), ao verificar o quanto eram confusas as suas lembranças sobre a primeira Assembleia dos Deputados da França, após a Revolução de Fevereiro de 1848, refletiu que

seria errôneo acreditar que os acontecimentos permanecem presentes na memória somente em razão de sua importância ou de sua grandeza; são, antes, certas pequenas particularidades que ali se encontram que os fazem penetrar profundamente no espírito e a ele ligar-se de maneira duradoura.

Lima Barreto (1995), ao cogitar sobre a distância da almejada liberdade, sobre as composições e as contradições da relação entre as memórias de coisas fúteis e das transformações históricas, entre o tempo passado e futuro que constituem a sua personalidade, escreveu sobre o saudosismo do passado, sobre as novas esperanças passivas com relação ao futuro e a sua potencialização com os significados do “mês agosto”. O escritor manifestou como a classe também pode naturalizar a subordinação das flutuações de seu ânimo a forças estranhas, alienadas, que se lhes impõem desde fora, como flutuações climáticas sazonais, que podem ser permeadas por revoltas espontâneas nascidas das forças próprias. Vinte e três anos após as lutas que conquistaram a abolição da escravidão no Brasil, o autor parecia se sentir constrangido em uma circularidade entre esperanças passivas e resignações melancólicas, ao caminhar para um elogio niilista do padecimento, de uma vida sem transformação ou melhoria possível, e termina por contemplar a saída fatalista da morte.

São boas essas recordações; elas têm um perfume de saudade e fazem com que sintamos a eternidade do tempo. Oh! O tempo! O inflexível tempo, que como o Amor, é também irmão da Morte, vai ceifando aspirações, tirando presunções, trazendo desalentos, e só nos deixa na alma essa saudade do passado às vezes composta de coisas fúteis, cujo relembrear, porém, traz sempre prazer. [...] ficamos a viver, esperando, esperando... o quê? O imprevisto, o que pode acontecer amanhã ou depois. [...] O mês agosto e sagrado pela poesia e pela arte, jungido eternamente à marcha da Terra, volta; e os galhos da nossa alma que tinham sido amputados – os sonhos, enchem-se de brotos muito verdes, de um claro e macio verde de pelúcia, reverdecem mais uma vez, para de novo perderem as folhas, secarem, antes mesmo de chegar o tórrido dezembro. E assim se faz a vida, com desalentos e esperanças, com recordações e saudades, com tolices e coisas sensatas, com baixezas e grandezas, à espera da morte, da doce morte, padroeira dos aflitos e desesperados... (LIMA BARRETO, 1995, p. 127).

As classes populares tiveram papel subalternizado no processo da proclamação da República no Brasil, realizado por meio de um golpe militar, motivado pelo descontentamento de setores das classes dominantes com a monarquia. O período inaugurado com o golpe ou a proclamação da República, em 1889, ou Primeira República, também teve, assim como no Período Imperial, a vida política institucional dominada por dois partidos políticos, os Partidos Republicanos, de São Paulo e de Minas Gerais, que se alternavam no governo em uma política coronelista que ficou conhecida como Política do Café com Leite.

A “batalha das ideias” foi marcada pela transposição da teoria evolucionista de Darwin para o campo sociocultural e histórico, como realizado por Herbert Spencer, e era desenvolvida pelo organicismo de Albert Schaeffle, que compreendia a sociedade como um corpo composto por um conjunto de órgãos perfeitos, no qual os órgãos doentes, desviantes das normas sociais, deveriam receber um tratamento social-terapêutico, posteriormente gerido por meio do pensamento sanitário-higienista. No mote da concepção social evolucionista-naturalista, que tinha a sociedade positivista europeia como norte, o atraso brasileiro era justificado por suas condições climáticas e pela “miscigenação” de seu povo. O “caráter” brasileiro era assim explicado como fruto de sua inferioridade “racial”.

Segundo Gohn (1995), o pensamento sanitário-higienista do século XIX encontrou, na nova racionalidade estatal do século XX, os canais de poder para sua efetivação, por meio de políticas de “saneamentos” urbanos, que consistiam em retirar das ruas pessoas pobres, sobretudo negros, descendentes da força de trabalho escravizada, e sua consequente patologização e encarceramento em instituições de correção.

Lima Barreto (1923, p. 214) foi uma vítima de tais encarceramentos manicomial e também expressava a sua profunda insatisfação com as expectativas frustradas, após 30 anos da proclamação da República: “tenho dito muitas vezes aqui e alhures que o princípio geral a que obedece a política republicana, é enriquecer cada vez mais os ricos e empobrecer cada vez mais os pobres”.

Em 1904, uma população que já vinha de um processo de profunda frustração e de revolta com a pouca emancipação proporcionada pela instauração da Primeira República, com a pouca igualdade real alcançada com a abolição da escravidão, somada à racionalidade higienista, à truculência. À inaptidão do Estado para a troca e a comunicação com a população sobre os novos procedimentos da vacinação e suas novas promessas de progresso e civilização, foi recebida com extrema desconfiança, que estourou em quatro dias de sublevações no Rio de Janeiro, que ficaram conhecidos como a Revolta da Vacina.

Sob a influência de personalidades como Silvio Romero (1851-1914), foram implementadas políticas públicas que buscavam a correção da degeneração “racial” por meio da política de “branqueamento”, com o fomento de uma nova onda imigratória de força de trabalho europeia. Com o desenvolvimento da economia do café, a expansão da área urbana no centro-sul do país e a introdução da mão-de-obra assalariada, em grande parte eurodescendente, em detrimento da força de trabalho afrodescendente ex-escrava, os movimentos sociais do período anterior passaram a coexistir com o destaque adquirido pela forma e pelo conteúdo dos movimentos sociais urbanos, com novas experiências de organização sociopolítica e com a emergência de novas ideias a partir da perspectiva operária.

Acompanhando os fluxos migratórios e a inserção das relações do trabalho assalariado no Brasil, difundiram-se, nos movimentos e nas organizações populares da luta sociopolítica, ideias inicialmente anarquistas e, no decorrer das duas primeiras décadas do século XX, também marxistas. Essas novas ideias discreparam tanto do romantismo, idealista, patriótico e nativista, que deu contornos ideológicos aos movimentos sociais da primeira metade do século XIX no Brasil, como das ciências naturais positivistas, que garantiram os marcos teóricos da segunda metade do século XIX. Em especial, o marxismo diferiu daquilo que Lukács (1968) se referiu como as duas grandes versões da decadência ideológica da burguesia, tanto das que mascararam a fuga da expressão da realidade mediante o recurso ao “espírito objetivo” do racionalismo formal e positivista, como dos ornamentos românticos e irracionais. Ou seja, segundo a forma como Mézáros (2006, p. 21) se refere à nova “ciência humana”, a teoria marxista seria

contraposta à universalidade alienada da filosofia abstrata, de um lado, e à fragmentação e à parcialidade reificadas da “ciência natural”, de outro – do ponto de vista de uma grande ideia sintetizadora: “a alienação do trabalho” como a raiz causal de todo o complexo de alienações.

Segundo Gohn (1995), diferentemente dos motins “caóticos” do início do século XIX, os novos movimentos passaram a se concentrar em torno da luta entre classes sociais específicas, organizados a partir de paradigmas teóricos mais claramente definidos, ainda que sob formas muito instáveis de organização. Fomentado por trabalhadores(as) de origem espanhola e, sobretudo, italiana, foram criadas as primeiras organizações anarco-sindicalistas, além de associações de auxílio mútuo, com creches e gráficas. A expansão capitalista promoveu também a expansão das formas de organização e a luta contra esse tipo de exploração e opressão.

As greves vinham se multiplicando no país desde meados de 1910. As lutas contra a alta dos preços de gêneros alimentícios permaneceram e se somaram às reivindicações salariais, por melhoria das condições de trabalho, direito de greve, regulação da jornada de trabalho, proibição do trabalho infantil, direito à férias e descanso semanal, dentre outras bandeiras que tiveram, como ponto culminante, os 30 dias da Greve Geral de 1917.

No Norte e no Nordeste do país, despontava o Movimento do Cangaço e do padre Cícero, em Juazeiro-CE. Em fevereiro de 1922, aconteceu, em São Paulo-SP, a Semana da Arte Moderna e, em março, foi fundado, em Niterói-RJ, o Partido Comunista Brasileiro. O divisor de águas que representou o impacto mundial da Revolução Russa, em 1917, também ressoou com força na classe trabalhadora brasileira, o que motivou que anarquistas inspirados pelas teses bolcheviques se organizassem para constituir o Partido Comunista. Em julho de 1922, desatou a Revolução dos Tenentes, iniciada com o Levante do Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro-RJ, e que se expandiu para várias regiões do país e se desdobrou na Coluna Prestes (ou Costa e Prestes), que percorreu o país de 1925 a 1927.

Com as revoltas iniciadas em 1922, o presidente da República, Epitácio Pessoa, decretou estado de sítio e indicou Artur Bernardes para sua sucessão. Artur Bernardes intensificou a repressão dos revoltosos, dissolveu os governos estaduais opositores e a questão social foi tratada como caso de polícia, e assim teria definido o seu governo: “como presidente da República eu fui apenas um chefe de polícia” (GUALBERTO, 2005, p. 5). Apesar disso, a pressão política exercida pela Coluna Costa/Prestes obrigou o presidente a suspender o estado de sítio e a restituir a liberdade de imprensa.

Em 1926, Artur Bernardes revezou a presidência do país com Washington Luís. Em 1929, uma grande crise econômica quebrou a Bolsa de Valores de Nova Iorque e se difundiu por todo o mundo capitalista, afetando as exportações da oligarquia cafeeira brasileira. Washington Luís indicou outro representante da oligarquia cafeeira paulista para sua sucessão, Júlio Prestes. Com a indicação sucessiva de dois presidentes paulistas, foi rompido o pacto da burguesia interna para a eleição presidencial no Brasil, que estabelecia o revezamento entre a oligarquia mineira e os cafeicultores paulistas. A oligarquia mineira, então, formou a Aliança Liberal e, para a presidência da República, indicou Getúlio Vargas, representante da oligarquia do Rio Grande do Sul, e João Pessoa, da oligarquia da Paraíba, para a vice-presidência. Os ânimos da população se agitavam, e a conformação de parte de tal aliança adotou a máxima, eternizada pelo presidente de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro, na frase: “façamos a revolução pelo voto antes que o povo a faça pela violência”

(LIMA, 2018, p. 90 apud SCLIAR, 2010, p. 159). Desse modo, a retórica política passou a reconhecer a grande desigualdade e a miséria nacional, e a campanha incorporou demandas populares, como a anistia, o voto secreto, o voto feminino e as jornadas de oito horas.

No entanto, Júlio Prestes venceu a eleição. O resultado foi contestado e João Pessoa foi assassinado. Apesar de João Pessoa ter sido contrário ao golpe, seu assassinato foi a revolta que faltava para que voltassem a conspirar. Ainda em 1930, antes que o novo presidente pudesse assumir, o golpe foi executado, o levante militar rendeu as tropas legalistas, prenderam Washington Luís e colocaram Getúlio Vargas como chefe do governo provisório.

O início da Era Vargas, em 1930, marcou o fim da Política do Café com Leite do Período Republicano. Nessa década foi iniciado um processo de industrialização no Brasil e passou-se a substituir a onda imigratória de força de trabalho europeia pela nacionalização da mão-de-obra, ao promover o êxodo rural para as concentrações urbano-industriais. Sem a infraestrutura e condições dignas para a reprodução da vida das trabalhadoras(es), o período foi marcado pelo crescimento das periferias urbanas.

Diante da visibilidade adquirida pelo Partido Comunista, criado em 1922, e, como uma resposta reacionária à luta de classes, em 1932, foi criada a Ação Integralista Brasileira (AIB), em nome dos valores morais e dos bons costumes de extrema direita, inspirada no Movimento Fascista italiano. Segundo Soares do Bem (2006), as justificativas utilizadas pelo governo de Getúlio Vargas para obter das classes dominantes, do Congresso e dos militares, foram sucessivos apoios para a concessão de poderes excepcionais ao Executivo para o controle e combate dos “extremismos ideológicos”. Isso acabou por invalidar a nova ordem institucional, de 1934, substituída pela nova Constituição do Estado Novo, em 1937, também conhecida por “constituição polaca”, devido à sua semelhança com a constituição de cunho fascista da Polônia.

A nova Constituição (1937) descaracterizou algumas conquistas populares institucionalizadas na Constituição de 1934, como a Justiça do Trabalho, a Justiça Eleitoral, o direito de voto para mulheres e para maiores de 18 anos e a legalidade da organização sindical. Também suprimiu a autonomia sindical e de organização paritária, criou a função dos interventores, nomeados por Vargas para governar os Estados.

O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) institucionalizou a censura e o controle sobre a representação de interesses (SOARES DO BEM, 2006). Esse período de

terrorismo estatal obrigou o refluxo dos movimentos sociais e o Partido Comunista passou, então, à clandestinidade. As políticas nacionalistas implementadas por Getúlio Vargas fomentaram involuntariamente a auto-organização de auxílio mútuo entre imigrantes, como:

a Fundação da Sociedade Ítalo-Brasileira Umberto Madalena (1931), a Fundação da Sociedade Brazilai Mosyar Koztarsasargikor, de origem húngara (1931), a Fundação da União Mútua Yuguslava (1932), a Associação Russa (1932), a Fundação Mutual da Associação Beneficente Oliveira Salazar (1934), a Fundação da União Familiar Japonesa de Auxílios Mútuos (1935), entre outras (GOHN, 1995, p. 82-85).

Em 1934, foi fundada a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e, em 1935, deflagrou-se, em Natal-RN, Recife-PE e no Rio de Janeiro-RJ, o levante tenentista que ficou conhecido por Intentona Comunista. Em 1937, o governo de Getúlio Vargas fechou o Congresso e instaurou o Estado Novo, que durou até 1945. A promulgação da Constituição de 1946 legalizou o direito de greve, a organização político-partidária e sindical, ainda que mantendo os sindicatos atrelados ao Estado e ao Ministério do Trabalho. As lutas sociais não eram mais apenas “problemas de polícia”, mas os sindicatos continuavam vinculados à razão de Estado, o que fomentou o surgimento de diversos sindicatos paralelos aos oficiais (SOARES DO BEM, 2006).

O processo desenvolvimentista de industrialização, a atração de capital internacional calcado sobre a concentração de renda e o arrocho salarial, o êxodo rural e a urbanização sem regulação estatal, desenvolvidos sobre as carências de serviços públicos, formaram um grande contingente populacional nas periferias das grandes cidades, com “excluídos” ou “desprovidos de recursos urbanos necessários à sua reprodução” (SOARES DO BEM, 2006, p. 1.147) e de canais institucionais de participação sociopolítica. Sua inserção política se dava por intermédio de sistemas partidários elitistas, subordinados aos interesses das classes dominantes, o que deu origem ao conceito de clientelismo urbano (BRANT, 1983 apud SOARES DO BEM, 2006). O exército de trabalhadores(as) sem qualificação favoreceu movimentos de reforma de base da educação, com ampliação e assistência estudantil para um ensino público, entre 1947 e 1961.

Durante esse período, também irromperam diversas formas de organização das lutas sociais, como associação de moradores nas áreas periféricas das cidades, e outros movimentos que pautavam a democratização do sistema de transporte público e de comunicações. Grandes conflitos agrários em Goiás, no Rio Grande do Sul e na Região

Nordeste reorganizaram os movimentos do campo e das Ligas Camponesas, criadas em 1955. A greve geral de 1962 pressionou a aprovação da obrigatoriedade legal do direito ao 13º salário (Lei nº. 4.090/1962). Nesse mesmo ano, dissidentes do PCB fundaram o Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

Enquanto isso, a ideologia oficial das classes dominantes era o anticomunismo, fomentado com o contexto da Guerra Fria e largamente utilizado para o golpe militar, em 1º de abril de 1964. Quando o PCdoB, recém-criado, também foi proibido de existir, somado ao PCB passaram 60 anos na clandestinidade, de modo que, já no fim da década de 1960, parte de seus militantes foram constrangidos à luta armada, no que ficou conhecido como a Guerrilha do Araguaia.

Desde o final da década de 1950 e o início de 1960, aumentava a politização de setores operários e camponeses, na agitação de mobilizações sociais, organizações populares e greves por melhores condições de trabalho e a efetivação das propaladas “reformas de base”. Tal energia popular pressionou o governo a avançar o projeto nacionalista de reformas sociais, de modo que o presidente da República, João Goulart, prometeu a realização da reforma agrária e a nacionalização das refinarias de petróleo. De sorte que, a fim de garantir os padrões internos de superexploração e dependência ao capital internacional, às classes dominantes internas, latifundiárias, financeiras e industriais, articuladas a setores da mídia, dos parlamentares e das Forças Armadas, assessoradas pelo Departamento de Estado norte-americano, passaram a se organizar para o golpe, consumado em 1º de abril de 1964 (MARINI, 2000). No mesmo ano, foi executado o golpe empresarial-militar, anticomunista, na Bolívia. Nesta década e na seguinte, diversos golpes aconteceram na América do Sul: em 1966 na Argentina; em 1968, no Peru; em 1973 no Uruguai e no Chile; em 1972 no Equador; e em 1976, mais uma vez, na Argentina.

É importante ter em mente que o processo psicológico estruturado como um drama, não pode ser entendido como ato em si mesmo, mas como “um segmento de uma narrativa” que, segundo Politzer (2008, p. 68), deve ser compreendido em seus enredos, com seus personagens e cenários que contextualizam o drama como um todo. Com relação a algumas das expressões psicológicas daqueles sujeitos diretamente envolvidos nas repercussões de tais períodos críticos da história social sul-americana, uma perspectiva sobre a dinâmica dos afetos ético-políticos pode ser dimensionada, por exemplo, pelo paradigmático drama histórico e psicossocial do presidente socialista do Chile, Salvador Allende (1908-1973). Deflagrado o golpe militar no Chile, em 11 de Setembro de 1973, esse, mesmo sobre

ataque de bombardeios que destruíam o Palácio de Governo, dentro do qual se encontrava, antes de sua morte pronunciou em seu último discurso um relato de seus afetos, no qual disse sentir decepção, mas não amargura. De modo que, apesar das derrotas eminentes pelas forças contrárias e mais fortes, muitos mantinham a convicção de que se tratava de um contratempo passageiro que, mais cedo ou mais tarde, haveria de ser superado. No discurso de Allende pode-se entender que a sua decepção dizia respeito à confiança que depositara na legalidade das forças armadas chilenas. Mas, mesmo em tal situação-limite, relata não sentir amargura, presumivelmente porque, ainda que sua derrota tenha sido decidida pelo poder material da violência, ele manteve inabalável a sua potência e convicção de que, apesar dos desvios que tentavam desesperadamente abafar pela brutalidade, diz em seu discurso final: “não se detém os processos sociais nem com o crime nem com a força. A história é nossa e a fazem os povos” (Allende, 1973).

Assim como o discurso de Allende (1973) permite perceber a sua apreciação de que a história é dos povos, mas que estes têm que fazê-la, ativamente, também o escrito do militante, Carlos Marighella (1994), apesar do golpe de 1964 ter sido profundamente desastroso para as lutas populares, também permite vislumbrar uma ‘alegria estável que surgia da imagem de uma coisa futura de cuja realização estava seguro’ (Et, pro. 18, p. 3). Marighella (1994), ao explicar por que resistiu à prisão, também expressa um sentimento de ‘tristeza advinda da imagem de uma coisa passada de cuja realização tinha dúvida’ (op. cit.), a saber, a decepção com a falta de reação das organizações populares ao golpe de 1964, por subestimarem os adversários (o que ele chama de fração fascista do exército, a burguesia entreguista, o imperialismo) e superestimarem parte da burguesia interna, acreditando que poderiam ser aliados democratas, desenvolvimentistas e nacionalistas. Entretanto, pode-se ponderar que tal decepção não o embotou em amargura, vide, por exemplo, sua energia em resistir à prisão, ‘mesmo correndo o risco de ser baleado como foi’ e para se engajar na organização da resistência, tornando-se o inimigo número um da ditadura.

Marighella (1994) demonstrava segurança, como de que seu ato de resistência era “um modo de exprimir confiança na capacidade e receptividade do povo para a compreensão de um ato de protesto (mesmo individual), a prova de fidelidade aos compromissos com a luta pela liberdade” (MARIGHELLA, 1994, p. 101). Apresenta uma alegria e confiança nas gerações futuras, nos jovens em busca de uma saída e nas massas como motor da história. Entretanto, essa não seria uma esperança passiva, fruto do

conformismo, mas “de uma tenaz resistência, com ponto de apoio na organização do povo pela base” (Ibid, p. 104). Justifica seu ato de resistência como um ato de denúncia, entende que o trabalho de cúpula é fundamental, mas que não é o decisivo para a solução do problema e que tudo dependeria do trabalho de base. Ou seja, se decepciona sem se amargurar, mantém a esperança sem a espera passiva. Confiante no futuro e nas novas gerações, entretanto, pondera que “o evento de 1º de abril — por demais doloroso ao nosso povo — é mais uma grave experiência (a mais recente, aliás), que demonstra o grau de violência a que se elevará o preço de nossa libertação” (Ibid, p. 102-104).

No Brasil, a Ditadura Militar-Empresarial decretou, em 1966, com o Ato Institucional nº. 2 (AI-2), o bipartidarismo, que criou a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), este último com autorização para fazer a oposição oficial ao regime.

Enquanto isso, na Europa, segundo Panebianco (2005 apud AMARAL, 2013), apontava-se para uma tendência de redução de trabalhadoras(es) no setor secundário e para ampliação do setor de serviços, para comunicação de massa, para a reestruturação da comunicação política, para o desenvolvimento das conquistas do Estado de Bem-Estar Social, na Europa Ocidental, dentre outras determinações político-econômicas. Anunciavam, ainda, a mudança das relações sociopolíticas, arrefeciam a polarização social, os laços dos partidos com os movimentos populares e diminuía as considerações sobre a importância teórico-ideológica na cena partidária. Isso consistiu em um processo contraditório de sobreposição de formas organizativas, no qual os partidos de massa, cada vez mais voltados ao sucesso eleitoral, tenderam a se diluir ideologicamente em agremiações com apelos genéricos a todas as classes e setores sociais, o que resultou no que Kirchheimer (1966, apud AMARAL, 2013) denominou de partidos *catch all*, requalificado por Panebianco (2005, apud AMARAL, 2013) como partidos profissionais-eleitorais.

A perda de empregos industriais na Europa e outras economias centrais do capitalismo global, e transferência de suas bases produtivas e parques industriais para os governos nacionais que apresentassem baixos custos de produção – e tudo o que implica em termos de industrialização, de extração de recursos, degradação ambiental, influência na soberania nacional, dependência e superexploração do trabalho – além da força de concepções políticas, de parte da aristocracia operária de países de capital avançado, concatenada a esperança dos trabalhadores(as) da periferia em realizar o desenvolvimento econômico e o bem-estar social da Europa ocidental. Também adquirem mais força as teorias eurocêntricas

sobre o fim das classes sociais, da sua luta, em última instância, da História, ou de concepções eurocomunistas sobre a ascensão, quase inexorável, de uma melhora social na história, por meio de reformas lentas, pacíficas e graduais do capitalismo, que levaria rumo a um estado de bem-estar socialista.

Os denominados partidos *catch all* apresentavam características que passavam pelo fortalecimento da liderança, pelo predomínio de representantes públicos, por laços organizativos verticais fracos, pelo declínio da importância da militância de base, pelo papel central exercido pela influência de profissionais e especialistas dotados de conhecimentos técnicos, pela desideologização do discurso partidário, pela ênfase em questões de amplo apelo eleitoral pluriclassista, pela abertura para grupos de interesse variados, e financiamentos por meio de grupos de interesse e fundos públicos (KIRCHHEIMER, 1966; PANEBIANCO, 2005 apud AMARAL, 2013). Tais tendências europeias foram entremeadas pelas revoltas de maio de 1968, que se desdobraram em vários dias de uma greve geral que vagou a presidência da França e forçou o então presidente Charles de Gaulle a sair do país para se reunir com generais do Exército francês na Alemanha. No mesmo ano, manifestações no México foram sufocadas no que ficou conhecido como Massacre de Tlatelolco. Em 1969, estouraram lutas, como as greves do *autunno caldo* (outono quente) na Itália e o *cordobazo* na Argentina.

Com o Golpe de 1964, no Brasil, parte de uma geração de lideranças comunitárias, populares, camponesas, sindicais, políticas e militares, forjadas nos anos de ascenso das lutas sociais, foram presas, torturadas e/ou assassinadas. Pelo menos 6.591 membros das Forças Armadas foram perseguidos com expulsão ou reforma, constrangidos à reserva ou aposentadoria, processados, presos arbitrariamente, torturados, mortos (Relatório final da Comissão Nacional da Verdade, 2014). As organizações políticas e os movimentos sociais/sindicais existentes foram perseguidos, desmantelados ou tiveram suas direções substituídas por defensores da ordem. As perdas e profundas mudanças das condições políticas promoveram a cisão interna de algumas organizações da denominada esquerda. Algumas buscaram continuar com o trabalho de base com as organizações populares urbanas e rurais, enquanto outros foram constrangidos à clandestinidade e tiveram as ações armadas por opção. No entanto, ainda ocorreram importantes greves e movimentos operários contra a política econômica do Governo Militar-Empresarial, contra o arrocho salarial e a redução de direitos.

Em 1º de maio de 1968, sob convite de sindicatos controlados pelo governo, o governador de São Paulo, Abreu Sadré, compareceu e subiu ao palanque dos eventos na Praça

da Sé, na capital paulista, mas teve de se retirar para se proteger da hostilidade dos trabalhadores(as) que participavam do evento, que, em seguida, derrubaram e incendiaram o palanque, e saíram em manifestação pela cidade. Sobretudo em Contagem-MG e em Osasco-SP, o fortalecimento de oposições sindicais abalou a intervenção e o domínio do Ministério do Trabalho sobre os sindicatos oficiais. Em 1968, dois mil operários em assembleia deliberaram a criação do Movimento Intersindical Anti-arrocho (MIA), com apoio de sindicatos, como de metalúrgicos e de bancários, além da atividade de operários associados a diversas organizações clandestinas, como Colina, AP, Polop, VPR, PCB, PCBR, ALN e comissões de fábricas (WEFFORT, 1972).

No mesmo ano, se desenvolveu a grande greve de Contagem-MG, iniciada com a ocupação, durante 10 dias, da siderurgia Belgo-Mineira, e que foi posteriormente, acompanhada das greves na Sociedade Brasileira de Eletrificação (SBE), na Mannesman, na Acesita, na RCA-Victor, na Demisa e na Industam. Inicialmente, a diretoria sindical orientou para que aceitassem as propostas do governo e do patronato, que representavam as primeiras conquistas operárias sobre a política econômica do Governo Militar, mas as bases operárias em assembleia decidiram rejeitar essas propostas e se abrigaram para se proteger da repressão nas sedes sindicais. Assim, o movimento se expandiu para a Simel, a Mafersa, a Pollig-Haeckel e outras sete empresas.

Ainda em 1968, em Osasco-SP, se desenvolveria a greve e a ocupação da Cobrasma e a apreensão da diretoria da Mannesman pelos operários a fim de retardar a repressão policial militar, acompanhada pela paralisação total nas empresas Barreto Keller, Osrán, Braseixo, Lonaflex, Fósforo Granada e, parcialmente, na Eternit e na Cimaf (WEFFORT, 1972).

Desde 1968, grupos militares já planejavam ilegalmente a realização de ataques terroristas a fim de culpar os grupos de esquerda, e criar as condições políticas para justificar o avanço da repressão. Mas esses planos ilegais tornaram-se desnecessários quando foi criado o Destacamento de Operações de Informações com o Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi), e ações extraoficiais só seriam retomadas no fim dos anos de 1980 para desestabilizar os planos de distensão e abertura (como no notório e fracassado atentado a bomba no Riocentro, no Rio de Janeiro-RJ). O DOI-Codi centralizava e avançava o trabalho da perseguição e de repressão política a adversários do governo militar, ou qualquer opinião prática que fizesse referência ao pensamento anarquista ou marxista.

Com o decreto do Ato Institucional n.º 5 (AI-5), foram fechadas, ainda mais, as vias para a militância sociopolítica e a mobilização popular. Muitos militares progressistas, de esquerda, ou que apenas discordavam da tomada do poder por algumas alas do grande escalão das Forças Armadas, assim como ativistas civis e lideranças populares foram perseguidos, presos, torturados e/ou assassinados. Segundo os primeiros levantamentos da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos da SEDH-PR, sabe-se que, pelo menos, 50 mil pessoas foram presas durante os primeiros meses do golpe, que cerca de 20 mil foram torturadas e que, no mínimo, 8,3 mil indígenas foram assassinados (GORENDER, 1998; SANTOS, 2008).

Constrangidos ao exílio ou à clandestinidade, a continuidade da militância na luta armada foi tomada por alguns como única forma eficaz de pressionar transformações e se autodefender. Tal concepção vinha crescendo no Brasil, com a ruptura da burguesia interna com as possibilidades de uma conciliação em um projeto de desenvolvimento nacional com as organizações de luta da classe trabalhadora, e foi adquirindo força extra na América Latina, com a vitória da Revolução Cubana, em 1959; com o bombardeio ao palácio de governo em que estava o presidente democraticamente eleito do Chile, Salvador Allende, em 1973; com a vitória da guerrilha vietnamita sob o Exército regular estadunidense, em 1975. Durante esse processo surgiram diversas organizações de militância armada no Brasil, como o Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT), a Ação Libertadora Nacional (ALN), a Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares (VAR-P), a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), o Comando de Libertação Nacional (COLINA), o Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8), e a Organização Revolucionária Marxista Política Operária (Polop), dentre outras.

A partir do Congresso de Medellín, na Colômbia, em 1968, que marcou o desenvolvimento da Teologia da Libertação, importantes segmentos da Igreja Católica reafirmaram o papel do evangelho na luta contra as injustiças sociais, em favor dos dominados, dos explorados e dos oprimidos, o que impulsionou o movimento das pastorais nas periferias das grandes cidades. As organizações da luta sociopolítica não cessaram, mas tiveram de transformar as suas formas de estruturação e de condução. Bloqueadas as vias institucionais, muitos continuaram na clandestinidade e, tal qual vimos na ditadura de Vargas, o Golpe de 1964 também fomentou a formação de associações de auxílio mútuo.

Brant (1983 apud SOARES DO BEM, 2006) ressalta como, a partir de 1964, parte da população buscou refúgio em laços primários de solidariedade, fundamentados na confiança direta entre os membros e na consciência de seu desamparo diante do terrorismo de

Estado. O desenvolvimento desses laços diretos entre diferentes grupos sociais deu origem a diferentes movimentos de base, como “associações comunitárias, grupos políticos de crescimento molecular, comissões de fábrica, movimentos culturais, clubes de mães ou de jovens, grupos de oposição sindical, tendências estudantis” (BRANT, 1983, p. 13 apud SOARES DO BEM, 2006).

Enquanto isso, em Portugal, o golpe militar anticomunista de inspiração fascista implantado no final da década de 1920, após um acúmulo de tensões internas, guerrilhas de libertação das colônias e pressão popular, culminou, no dia 25 de abril de 1974, após o toque na rádio da canção “Grândola, Vila Morena”⁷, em uma insurreição popular e militar, protagonizada pelo Movimento das Forças Armadas (MFA), que derrubou a ditadura de 48 anos.

As Guerras de Independência na África, que compeliram para que os soldados portugueses voltassem às suas armas contra seu próprio governo, agora, eram favorecidas para a efetivação de sua própria libertação, que foi negociada com partidos/movimentos sociais, como com o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), que levou à dissolução da ocupação colonial portuguesa, em 1975 (FREIXO, 2009).

Em 1982, na Argentina, sob feroz repressão social, aumento dos custos de vida e arrocho salarial, milhares de trabalhadoras(es) desobedeceram às leis e, com o suporte da frente *Multipartidaria Nacional* e da *Confederacion General del Trabajo* (CGT), saíram às ruas para pedir por “paz, pão e trabalho”. As forças de segurança abriram fogo contra a população, mas os protestos continuaram, e, em 1º de maio, menos de 48 horas depois dos protestos contra o regime, multidões encheram as ruas, para comemorar a retomada das Malvinas do imperialismo britânico pelas Forças Armadas argentinas. No entanto, Margaret Thatcher também percebeu como uma oportunidade de recuperar popularidade, e o governo dos EUA declararam apoio ao Reino Unido, e, em 74 dias, Galtieri anunciou a rendição argentina. Assim, a crise econômica se agravava, as manifestações nas ruas se multiplicavam, até o anúncio da renúncia do regime militar para o ano seguinte.

Enquanto isso, no Chile, o fortalecimento da organização popular forçou Augusto Pinochet a reconhecer o plebiscito realizado em 1988, e, no ano seguinte, foi finalizado o seu governo, ditatorial e norteador pelo que viria a ser conhecido como neoliberalismo, iniciado com o golpe e morte do presidente eleito Salvador Allende, em 11 de setembro 1973.

⁷ A canção “Grândola, Vila Morena”, do compositor José Afonso, era a senha para o início da revolta que mudaria os rumos de Portugal.

No Brasil, a crise instalada após 1973, a queda das ilusões do “milagre econômico”, o aumento da recessão, do desemprego e da inflação desgastaram o regime e sua oposição ganhou mais força. Uma grande frente popular começou a se reorganizar em torno do MDB para reelaborar programas e ações de transformação social para o Brasil. A economia piorou consideravelmente e começou a cobrar o investimento material, em alguma medida, favorecido por vultuosos empréstimos norte-americanos. Apesar de persistir o investimento ideológico em propaganda e censura dos meios de comunicação e da política coercitiva de governo, os movimentos sociais começaram a se avolumar a partir da década de 1970.

Em 1975, iniciou-se um amplo movimento pela anistia dos presos políticos e, a partir do ano seguinte, começou uma renovação das forças do movimento sindical. De 1978 a 1980, desenvolveram-se as condições para um novo processo de reorganização popular em movimentos sociais de bairros periféricos, culturais, católicos, estudantis, camponeses e sindicais. São exemplos: os movimentos contra o aumento dos custos de vida e pela melhoria das condições de saúde, principalmente na Zona Leste, em São Paulo-SP; o movimento de uma frente democrática pela anistia, dentro e fora do MDB (SILVA, 2009); e, como ponto culminante, a ascensão do movimento operário, com as greves iniciadas pelos metalúrgicos do ABCD⁸.

Do bojo dessas greves operárias ganhou relevo a demanda por uma organização política independente, dos trabalhadores(as), de um instrumento político autônomo, para que pudessem defender politicamente os seus próprios interesses de classe. Tal necessidade encontrou, como resposta, a organização do Partido dos Trabalhadores (PT), que surgiu em 1980, com um caráter expressamente anticapitalista⁹, ao negar tanto o regime de exploração do trabalho, como as experiências de transição socialista que foram interrompidas e burocratizadas, assim como as experiências europeias socialdemocratas, que se burocratizaram na gestão paliativa das consequências da acumulação capitalista¹⁰.

⁸ Área industrial no Estado de São Paulo, composta pelas cidades de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema.

⁹ Pode-se encontrar tanto no Manifesto de Fundação do PT, aprovado pelo Movimento Pró-PT, em 10 de fevereiro de 1980, como nas primeiras resoluções de encontros e congressos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Diretório Nacional do PT.

¹⁰ Para mais, ver: Discurso de Lula na 1ª Convenção Nacional do PT, agosto de 1981, p. 114.

Além do movimento sindical, ou “novo sindicalismo”, confluíram para tal resolução 29 outras organizações menores¹¹, além de movimentos de bairro, setores populares de pastorais da Igreja Católica, das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), intelectuais e parlamentares oriundos do MDB.

Em 1982, em meio às lutas pela anistia dos presos políticos, surgiram diversas formas de auto-organização popular, como, por exemplo, no Sport Club Corinthians Paulista, o movimento denominado Democracia Corinthiana, de que é membro um dos participantes entrevistado no presente trabalho. Movimento que surgiu quando a direção de futebol do time passou a ouvir os jogadores e a comissão técnica, o que já era raro em meio às práticas de gestão do futebol brasileiro, e todos eles passaram a dirigir o clube – contratação, escalação, regras internas – por meio de uma autogestão ou de uma gestão compartilhada e democrática.

Em 1983, era criada a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e, em 1984, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), esse último, em resposta ao avanço do modelo capitalista agrário, implantado pela ditadura militar burguesa, concentrador da terra e dos subsídios financeiros da agricultura, exportador e excludente dos pequenos produtores, que aumentava o êxodo rural e as periferias urbanas. Foi um período no qual também crescia o movimento das Diretas Já, que reivindicava eleição direta à presidência do Brasil e que pressionava o início de um processo de distensão, ainda que “lento, gradual e seguro”, do regime militar-empresarial para o período de maior abertura política, em 1985.

Foi uma distensão tão lenta e tão segura que, talvez, nunca tenha se completado, cedendo em formas, assegurando o poder. Algumas formas de repressão sobre determinados sujeitos sociais diminuíram a sua ostensividade, em proporção ao enfraquecimento do seu poder popular, mas nunca acabaram, de fato, e os responsáveis nunca foram punidos. Houve, todavia, a continuidade de processos de terrorismo de Estado, com tortura e assassinatos sumários de moradores da periferia, associação a grupos criminosos, milícias/paramilitares, repressão arbitrária de manifestações populares, perseguição e morte de defensores de direitos humanos e militantes de movimentos sociais e organizações políticas, como se perceberá em diversos relatos colhidos na presente pesquisa, tanto no que diz respeito à conservação de

¹¹ Organizações como a Convergência Socialista (CS) aderiram à construção do PT. Algumas organizações se diluíram nele, como a Democracia Socialista (DS), conhecida pelo jornal *Em Tempo*. O Movimento pela Emancipação do Proletariado (MEP), o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), a Ala Vermelha (AV) e a Ação Popular Marxista-Leninista (APML) aderiram ao PT como a um partido tático e não como um partido revolucionário em si. Enquanto isso, outras organizações, como a Organização Socialista Internacionalista (OSI) ou a Liberdade e Luta (Libelu), inicialmente, se opuseram, mas acabaram por também aderir ao PT (SILVA, 2009).

dinâmicas pública/estatais de perseguição política, de relações sociais de opressão e da intensificação de relações privado/econômica de exploração. Como disse Lima Barreto (1995, p. 127), ao se recordar de, ainda criança, ter testemunhado a alegria da festa da abolição do trabalho escravo, “mas como ainda estamos longe de ser livres!”.

Durante a década que contemplou a abertura política de 1985, ganhou expressão movimentos sociais que buscavam contemplar as especificidades da luta, como das mulheres, negros, indígenas, homossexuais, do meio ambiente etc. Nesse período, surgiu o movimento de organização das favelas, principalmente em São Paulo-SP, no Rio de Janeiro-RJ e em Belo Horizonte-MG (SOARES DO BEM, 2006), e o Movimento pela Constituinte, que pressionou a garantia institucional de diversos direitos sociais na nova Carta Constitucional, promulgada em 1988.

No contexto internacional, a Guerra Fria começava a derrotar o bloco soviético, e a ruptura que visou criar uma sociedade sem classes e sem Estado não logrou completar a sua missão. Foi possível alterar as formas de propriedade, melhorar as condições de vida, alterar o controle de classe do Estado, mas, segundo Mészáros (2015), não se avançou para a superação da divisão hierárquica do trabalho, do caráter mercantil da produção, enfim, das bases do metabolismo social subordinado ao capital.

Enquanto isso, no Brasil, o assenso de massas e movimentos grevistas de 1978-1980 obtiveram conquistas parciais, mas foram desintegrados antes da possibilidade de alcançar maiores políticos. Resultado do refluxo do movimento das massas, o instrumento político fundado para isso transitou no movimento dramático entre os objetivos de sua origem social, a negação da ordem social e as restrições de sua própria legalização e integração aos jogos da elegibilidade e governabilidade.

Com o avanço da crise no bloco soviético e a derrota eleitoral, no pleito para a presidência da República, de Leonel Brizola (PDT) e de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para Fernando Collor de Mello (PRN), em 1989, dentre outras questões de ordem material, político-econômica e ideológica, o principal instrumento de luta política da classe trabalhadora enfrentou “conflitos de sistemas” que passavam pela demanda por ampliar a sua base eleitoral, junto à assimilação dos interesses correspondentes. Havia uma demanda por flexibilizar sua plataforma a fim de se tornar mais atraente aos interesses dos setores médios da classe trabalhadora, dos pequenos empresários ou de uma grande burguesia interna de “capital produtivo”. A inclusão programática pôde ser legitimamente valorizada pelo incontestável princípio ético da pluralidade, mas que, segundo Iasi (2006), implicaria afirmar

não apenas a diversidade de desejos e ideias, mas também a afirmação da diversidade de interesses de classes sociais, da legitimidade da conservação de tal função social, da defesa de uma democracia política, econômica e social, que não precisasse passar pela socialização dos meios de produção, pela abolição da propriedade privada, pela superação da divisão hierárquica do trabalho. Ou seja, que não passasse pela divisão hierárquica da sociedade entre classes de interesses antagônicos, para que a coincidência entre meio e fim se encontrasse na defesa do mesmo Estado de direito de onde partiu.

Durante os anos de 1990, Katz e Mair (1995 apud AMARAL, 2013) identificavam que o aumento da volatilidade do eleitorado europeu, o distanciamento dos partidos em relação às suas bases e o declínio dos níveis de participação nas atividades partidárias favoreceram a emergência de um novo tipo de partido, o partido cartel, resultado do desenvolvimento dos modelos dos partidos de quadros, massas e *catch all*. O partido cartel seria definido pelo estreitamento de seus laços com o Estado, que adquiriu importância para atuar como intermediário entre o partido e a sociedade civil e tornar-se essencial para a captação de recursos necessários à sobrevivência da organização, ao diminuir a motivação para o recrutamento de uma ampla base de filiados. Segundo os autores, o processo de cartelização dos sistemas políticos pode levar a que os partidos não consigam mais preencher o seu espaço de agregação de interesses e representação, ao abrir espaço para “lideranças populistas” e “agregações antipartidos” (KATZ; MAIR, 2009 apud AMARAL, 2013).

O processo da denominada “globalização”, imposto a partir da década de 1990, a derrota da ameaça de experiências socialistas e a vitória e expansão do capitalismo de tipo neoliberal deram o pano de fundo para a progressiva precarização do mercado de trabalho, para o aumento da “exclusão social”, a fragilização da inserção profissional e a expansão dos “bolsões de desemprego”. Como analisa Mészáros (2015), diferentemente de como aconteceu durante o período de ascensão do sistema capitalista, pós-guerra, com a política keynesiana, o problema do desemprego havia sido considerado progressiva e permanentemente resolvido. No entanto, com o desenvolvimento da natureza perversa do sistema do capital, o desemprego já não era mais limitado a um “exército de reserva” à espera de ser ativado e trazido para o quadro da expansão produtiva do capital, mas se constata que, assim como a magnitude da desigualdade social, o desemprego desumanizante assumiu um caráter crônico, reconhecido, “até mesmo pelos defensores mais acrílicos do capital”, como “desemprego estrutural”. Lesbaupin (2000 apud SOARES DO BEM, 2006) ressalta como essa condição promoveu uma

“ruptura progressiva dos laços sociais”, ao transformar o “exército de reserva” dos “excluídos necessários” em “desnecessários”, “excedentes”, “inúteis”.

Nos períodos posteriores, passou a ganhar força a tendência crítica de maior dispersão e outros aprofundamentos essenciais, que deram origem a novas organizações que, no entanto, herdavam tanto os acertos quanto as derrotas e os descensos do movimento da classe, assim como continuaram, inevitavelmente, enredadas no drama sociopolítico entre a negação e a integração à ordem capitalista. A intensificação desses conflitos sociais também pode se expressar de forma singular nos dramas psicológicos de cada indivíduo, de modo particular para aqueles que tomam coletivamente por motivo gerador de sentido o enfrentamento sociopolítico da ordem social capitalista, tanto com algumas de suas consequências, como também tomando o sistema social por causa e sua superação por condições para uma resposta eficaz.

Sob a nova ordem constitucional de 1988, no Brasil, o desenvolvimento dos movimentos sociais, nos anos de 1990, ganharam força com ênfase em duas categorias básicas: a cidadania e a exclusão social (GOHN, 1995). Diversos movimentos sociais passaram a se institucionalizar como organizações não-governamentais, ao pressionar e exercer ativamente a “cidadania”, como por meio da contribuição para a elaboração de políticas públicas (BENEVIDES, 1998 apud GOHN, 1995). Em 1997, foi criado o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), com o objetivo de organizar as trabalhadoras(es) sem-teto na luta pelo direito à moradia digna, se tornando o maior movimento popular urbano do Brasil (BOULOS, 2013).

No Brasil, com a nova Constituição de 1988, a forma democrática do capitalismo é gradualmente restaurada, com a imposição popular de conquistas políticas e sociais, que, entretanto, vão sendo concretamente neutralizadas, junto à eficácia internacional dos ataques que decompueram os primeiros grandes ensaios socialistas, adquire força e expansão a quase absoluta hegemonia do modelo neoliberal do capitalismo global. O aberto avanço neoliberal e o desenvolvimento de sua hegemonia – como entendida por Gramsci (1999) a partir do nexos vital entre cultura, política e economia – pareceu tão absoluta, a ponto de parte da ideologia dominante chegar mesmo a decretar o fim da História, a equalização da natureza humana com o modo capitalista democrático liberal, sua eternização teleológica na história universal e condenação à catástrofe fatalista de qualquer busca por alternativa pós-capitalista a tal modo de (des)organização social.

No drama conformado no cenário da trajetória de uma vida, o sujeito pode tender a melancolia quando se sente figurante no enredo da própria vida, como quando, mesmo ocupado em atividades enérgicas e incessantes, não se sente muito além da condição de sobrevivente. No drama do cenário histórico sob o enredo social do capital, as diversas formas de enaltecimento da ideologia do fim da história funcionam como a apologia a uma forma de melancolia ético-política, quando a vida ativa da classe trabalhadora, como sujeito coletivo, não vislumbra saída a dispersão, a condição de figurante da própria história social e coadjuvante da reprodução do capital. Como bem ressalta Vigotski (1991, p. 406), “ser donos da verdade sobre a pessoa e da própria pessoa é impossível enquanto a humanidade não for dona da verdade sobre a sociedade e da própria sociedade”, na constituição desse drama biográfico e histórico-social, ser protagonista de si mesmo, do próprio enredo, de sua própria trajetória, alude à possibilidade de que o conjunto social seja protagonista de sua própria história.

Algumas das organizações fundadas pela dispersão de militantes dissidentes, críticos aos caminhos do PT, foram o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU), em 1994, e o Partido da Causa Operária (PCO), em 1997. Em 2003, quatro deputados foram expulsos do PT por indisciplina ao votarem contra a orientação da legenda na reforma da previdência dos servidores públicos, o que resultou com que outros militantes e correntes do PT se juntassem para a fundação do Partido Socialismo e Liberdade (PSol), em 2005. Alguns setores da CUT se alinharam para a fundação da Coordenação Nacional e Lutas (Conlutas). Em 2007, saiu da CUT a Corrente Sindical Classista (CSC) para formar a Central dos Trabalhadores Brasileiros (CTB). Outros sindicatos e oposições sindicais saíram da CUT e se reuniram para constituir a Intersindical, subdividida, em 2014, entre um Instrumento de Luta e Organização da Classe Trabalhadora e uma Central Sindical.

Na segunda metade do século passado, o aprofundamento da crise estrutural do capital levou a um aumento do desemprego, do subemprego, da perda de direitos, da terceirização, do rebaixamento salarial, no conjunto da economia global (MÉSZÁROS, 2015). Esses fatores, em um curto prazo, contribuem para a desmobilização dos trabalhadores(as). Em um momento em que cresce o poder dos grandes interesses financeiros sobre povos inteiros, o capital tinha de avançar cada vez mais sobre os direitos trabalhistas, às custas do alargamento do presente e do constrangimento do futuro, de um encurtamento da autoconsciência e do autogoverno sobre o próprio horizonte pessoal-biográfico, analogamente ao fenômeno que Frigotto (2010) se refere como uma geração de “vidas provisórias em

suspensão”, sem condição de estabelecerem o mínimo projeto para o futuro, pessoal ou da construção coletiva de um projeto social de país. Sob tais condições, os sentimentos e os pensamentos sobre o futuro biográfico e histórico podem se entrelaçar a comoções aflitivas mais aversivas. Tal processo pode ser exemplificado pelas condições incertas e intermitentes para a reprodução da própria existência, como narrado por alguns de nossos entrevistados, Tupac (34 anos, militante de partido comunista), que já trabalhou como repositor de mercadorias, almoxarife, gerente, conferente de entrada e saída de mercadorias, músico e apontador de cargas, ou Apoema (27 anos, militante de movimento de luta por moradia):

Tô fazendo bico... Segurança, garçom... Depende do que surge... Já trabalhei de segurança, ajudante de pedreiro, operador de *telemarketing*... Multifunções. [risos] Ajudante de cozinha... Tanta coisa que nem lembro... com essa nova lei trabalhista fica mais difícil (Apoema).

No entanto, periodicamente, são produzidas condições nas quais o quadro histórico parece poder se converter em movimentos mais favoráveis às lutas populares. Durante o século XXI, na América Latina, por exemplo, tem-se expressado manifestações esparsas, algumas que remontam a processos que despontaram ainda nos anos de 1990, como a recriação de um novo período de organização e luta dos povos originários, o movimento Zapatista, no México; além da ascensão do movimento bolivariano, com levantes no Equador, na Bolívia, na Venezuela, dentre outras insurreições nos demais países latino-americanos.

No Brasil, após a ascensão das greves operárias no final dos anos de 1970, outros movimentos surgiram e uma observação panorâmica dos últimos anos pode constatar que pesquisas, como do DIEESE¹², mostraram que, de 2009 a 2014, se verificou um constante aumento das atividades grevistas, acompanhadas de conquistas salariais. No ano de 2013, quadruplicou-se o número de greves, ainda que não em quantidade de horas paradas, mas em números absolutos, chegando a superar o ano de 1989 e a manter os picos de greves de caráter defensivos em 2014, 2015 e 2016. Também ocorreram algumas greves independentes dos sindicatos, como dos garis no Rio de Janeiro-RJ, em 2014, ou protagonizadas pelas trabalhadoras(es) terceirizadas no setor privado, além do crescimento das lutas feministas, das lutas pela educação e ocupações de escolas públicas em 22 estados brasileiros, com destaque às lutas secundaristas em São Paulo e no Paraná, em 2015 e 2016. Tratou-se de um período em que lutas esparsas, predominantemente defensivas e reivindicativas, por direitos sociais,

¹² Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Balanço das greves de 2013. *Estudos & Pesquisas*, n. 79, 43p., dez. 2015; Balanço de greves de 2016. *Estudos & Pesquisas*, n. 84, 35p., ago. 2017.

trabalhistas, ao cobrar dos setores públicos o privilégio à educação, à saúde e ao transporte, vinham se acumulando e tiveram, como marco histórico, as manifestações massivas em junho de 2013.

Gerou indignação popular a violenta repressão policial sofrida por algumas manifestações organizadas pelo Movimento Passe Livre (MPL), a favor da democratização da mobilidade urbana e contra o aumento das passagens do transporte público. As manifestações foram continuamente massificadas, com mobilizações em todo território nacional, o que ficou conhecido como Jornadas de Junho de 2013. Essa mobilização acompanhou o acirramento de lutas sociopolíticas, ainda que sob o predomínio de condições de grande despolitização, de enfraquecimento dos instrumentos de luta da classe trabalhadora e carência de espaços de construção, fortalecimento e expansão de um poder comum popular, alternativo ao poder público/privado dominante. Por um lado, apontava-se para um processo prático de desnaturalização da ordem estabelecida e a possibilidade da renascença de um novo período de lutas e transformações sociais; por outro, manifestou o enfrentamento público, com o aprofundamento dos mecanismos de repressão, dos padrões de exploração e dos procedimentos ideológicos de produção de consenso de parte da população em torno da alternativa de mudanças reacionárias e legitimidade eleitoral da extrema direita.

À vista de tais processos, como destaca Soares do Bem (2006), os movimentos sociais – acrescentaríamos as formas e os conteúdos particulares aos partidos políticos e aos partidos-movimentos – não constituem fenômenos periféricos de carências percebidas e demandas interpostas. Ou seja, não são fatos isolados, sem maiores implicações – como marcou tradicionalmente parte da historiografia oficial (GOHN, 1995) –, mas, de forma mais ou menos sensível, são expressivos indicadores sociais para a análise de cada período histórico da sociedade mundial e nacional. Segundo o autor, esses indicadores revelam como um sismógrafo, o permanente movimento das forças sociais, traduzem uma topografia das relações sociais, ao permitir identificar as tensões entre os diferentes grupos de interesses, ao expor desejos coletivos, as veias abertas de carência estrutural, focos de insatisfação e os complexos mecanismos de desenvolvimento das sociedades (GOHN, 1995). São, portanto, uma bússola para a ação social, ao produzir efeitos que extrapolam o limite das demandas localizadas, e ao impulsionar o desenvolvimento e a atuação das identidades individuais/sociais. Ao promover o campo social para formas superiores de organização, de qualidades institucionais, busca-se a institucionalização jurídico-legal das conquistas

(SOARES DO BEM, 2006), assim como o campo de atuação e conteúdo programático que aponta para além da esfera formal da política no capitalismo.

2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS:

Nesse capítulo, tem-se como objetivo trabalhar os elementos que buscam dar suporte para análise das narrativas. Parte-se da localização do ser humano em sua luta constante por expandir sua liberdade, ainda que, por vezes, opere para a sua servidão. Tal que, segundo o artesão e filósofo Spinoza:

os homens enganam-se ao se julgarem livres, julgamento a que chegam apenas porque estão conscientes de suas ações, mas ignoram as causas pelas quais são determinados. É, pois, por ignorarem a causa de suas ações que os homens têm essa ideia de liberdade. Com efeito, ao dizerem que as ações humanas dependem da vontade estão apenas pronunciando palavras sobre as quais não têm a mínima ideia. (prop 35, p. 77)

Essa era parte da principal preocupação de Spinoza, entender o que pode manter os homens na superstição que os leva a lutar por sua servidão, imaginando fazer por sua liberdade. Marx e Engels, a partir do surgimento histórico da classe operária com interesses próprios, também operaram a questão sobre o porquê muitos ainda defendem interesses estranhos aos seus, de maneira que:

na representação, os indivíduos são mais livres sob a dominação da burguesia do que antes, porque suas condições de vida lhes são contingentes; na realidade eles são, naturalmente, menos livres, porque estão mais submetidos ao poder das coisas. (MARX e ENGELS, 2007, p. 65).

O indivíduo não é um ser que nasce com uma essência singular ou humana universal, como substâncias em si e por si, exterior à sua sociabilidade, ou até contrária a ela, de modo que as mediações sociais poderiam ser eliminadas para que o indivíduo pudesse expressar sua potência e sua vontade-livre de forma autônoma e singular. No entanto, a liberdade e a autonomia não são meras abstrações formais, mas só podem ser compreendidas a partir de sua base concreta na realidade social. A universalidade e genericidade, igualmente, só existem a partir de sua base concreta na realidade e só se concretiza na vida do indivíduo através das mediações históricas particulares, do processo de sua sociabilidade, dentro da estrutura social em que vive. A constituição pessoal não é possível antes da relação social. Assim como a apropriação pessoal das relações sociais concretas não possibilitam

necessariamente a objetivação plena desse homem enquanto ser genérico, pertencente ao gênero humano (OLIVEIRA, 2001).

A divisão capitalista do trabalho, portanto, não se limita apenas a submeter a si todos os campos da atividade material e espiritual, mas se insinua profundamente na alma de cada um, provocando nela profundas deformações, que se revelam posteriormente sob variadas formas nas diversas manifestações ideológicas. A covarde submissão a esses efeitos da divisão do trabalho, a passiva aceitação destas deformações psíquicas e morais, que são, inclusive, agravadas e enfeitadas pelos pensadores e escritores decadentes, constituem um dos traços mais importantes e essenciais do período da decadência. (LUKÁCS, 1968, p.63).

Tal condição de reprodução da vida político-econômica afeta desde aqueles que vivem do trabalho até as classes capitalistas. Para Vigotski (1995), as relações sociais não afetariam uma ou outra função em separado, definida a partir de si mesma, mas a partir de sua interconexão com todas as funções psicológicas. A indiferença política voluntária ou a melancolia ético-política, são possibilidades do modo como as relações sociais dominantes em um período histórico podem afetar os enlaces entre memória, emoção, criação e ação. As repercussões, das relações sociais do capitalismo contemporâneo sobre a imaginação são ressaltadas por Zizek (1996) quando atenta que ‘parece mais fácil imaginar o ‘fim do mundo’ que uma mudança muito mais modesta no modo de produção, como se o capitalismo liberal fosse o ‘real’ que de algum modo sobreviverá, mesmo na eventualidade de uma catástrofe ecológica global’. Assim como Lessa (2004) também atenta para uma instabilidade e insegurança desalentadora manifesta através das produções de ficção científica:

O futuro que projetamos para nós não é outro que uma enorme tragédia: de MadMax a Matrix, passando por Blade Runner, qual o futuro que contemplamos senão uma situação muito pior e mais desumana que a presente? Nossa relação com o futuro inclui medo, pavor: melhor seria não ter que se pensar sobre ele. (LESSA, 2004, p. 154)

O sentimento de impotência para mudar a situação pode levar os sujeitos a constranger a possibilidade da busca por captar os problemas sociopolíticos por suas raízes, a fim de não se afetar com um sofrimento suplementar com o que até sabe que pode mudar, mas está convencido de que nunca terá potência e poder para o efetivar. Ainda que tenha consciência de toda miséria em que se conformou a atual (des)organização social em função do capital, ainda que perceba, como avalia Mészáros (2007, p. 109-110), que ‘o aprofundamento da barbárie é um elemento inerente ao curso do desenvolvimento destrutivo do capital’, melhor seria se contentar a imaginação fatalista de que qualquer tentativa de

superação radical do atual metabolismo social só pode resultar em uma tragédia ainda maior, ou “melhor seria não ter que se pensar sobre ele” (LESSA, 2004, p. 154). Ainda que ignorar possa não ser uma salvaguarda contra tal sofrimento, quando as ideias podem ser relativamente expulsas da consciência, mas as condições concretas de atividade e afecção continuam operantes.

Diversos autores demonstram, de diferentes formas, como algumas experiências mediadas por determinações sociais que levam a condições críticas de sofrimento podem levar à apatia, a prostração ou a modos autodestrutivos de inatividade, a uma pacificação dependente da inércia, que também faz eco com a assertiva spinozana de que estar sem guerra não quer dizer que se tem paz (SPINOZA, TP, cap. V, parag. 4). O conceito de desamparo ou impotência aprendida ou condicionada foi cunhado por Seligman (1992) para descrever uma situação na qual os animais, submetidos a choques elétricos de forma sistemática, não podendo exercer nenhum efeito em seu ambiente, suspendem progressivamente toda atividade, como que degradando seu próprio instinto de defesa, estabelecendo relações com a depressão e a morte. O historiador Nicolás Albornoz (apud SCIALPI, 2005) utiliza o conceito semelhante de desamparo vital (*desgano vital*) para representar a resposta demográfica do sofrimento aborígine, a drástica redução do número de filhos que passaram a ter as famílias aborígenes. A ponto de impossibilitar a reprodução e reposição normal das gerações, durante o período histórico de violência e mortificação sofrida sob o domínio dos invasores espanhóis. Também se pode estabelecer paralelos com o que ficou conhecido como ‘banzo’ – nome popular de uma doença misteriosa que causou a morte de inúmeras pessoas negras, durante o período histórico em que predominava a força de trabalho escrava no Brasil. Relação de tão intenso sofrimento psicossocial que levava perda do desejo por ‘conservar-se em sua própria existência’, e a própria morte biológica. O banzo foi utilizado por Sawaia (1999) como um exemplo do que denominou como sofrimento ético-político, uma experiência emocional de quem se vê impedido de expressar seu potencial humano, um sofrimento mediado por formas de exploração, opressão e condições degradantes de subsistência social.

No Brasil contemporâneo, além do avanço da precarização das condições de reprodução na existência, as promessas, excitação e decepção com relação à política eleitoral oficial, pode produzir uma dessensibilização sistemática com relação à política, identificada e reduzida à concorrência institucional periódica, de modo que, ainda que o indivíduo abstrato sobreviva, pode levar à melancolia ético-política. Destarte, a gestão Pública dos afetos na circularidade econômica-eleitoral tem seus limites e exaustão, após experiências

aparentemente intermináveis de excitações momentâneas rapidamente recaídas em decepções, sem contemplar outra expectativa possível, podem se estabilizar na cronificação de uma melancolia ético-política. Essa, por sua vez, pode levar a um estado de completa apatia e ceticismo com relação aos problemas sociopolíticos, a inibição de sua expressão ou, em último caso, a autoreprimir-se no que toca ao reconhecimento da causa dos afetos sobre o assunto. Levado assim a escolher voluntariamente, consciente ou inconscientemente, pela ignorância e servidão as determinações sociopolíticas. Em grande medida, tal quadro pode ser motivado pela falta de expectativa com relação ao futuro, pessoal e social, sentimento de raiva, tristeza e impotência, segundo aponta a pesquisa do DataFolha (2.out.2018), na qual 68% dos entrevistados dizem sentir raiva quando pensam no Brasil atual, 78% dizem sentir desânimo, 79% tristeza, 59% dizem sentir mais medo do que esperança. De acordo o artesão Spinoza (TP, cap. V, parag. 6), a multidão que se conduz mais pela esperança do que pelo medo procura viver para si e cultivar a vida, enquanto que a multidão subjugada conduz-se mais pelo medo do que pela esperança, procura apenas evitar a morte e é obrigada a ser do vencedor, é serva.

Ainda segundo Spinoza (esc. prop. 11), a tristeza é um ato pelo qual a potência de agir do homem é diminuída ou refreada, afetando mais uma de suas partes, na dor, ou igualmente todas as suas partes, na melancolia. Como veremos em alguns dos relatos aqui analisados, a raiva também pode ser entendida como fonte da melancolia ético-política quando é acompanhada do sentimento de impotência de agir e falta de perspectiva sociopolítica. Assim como os momentos de revolta, que não superam a serialidade cotidiana, e podem retornar à resignação a percepção da decadência social-política-econômica como uma “sina”, retroceder a patamares de adaptação (IASI, 2006, p. 258), como o que aqui foi denominado de indiferença política voluntária. No entanto, assim como todo senso comum tem seu núcleo de verdade e pode se compor ao que o filósofo e militante Gramsci (2000a) se referiu como o ‘bom senso’, alguma raiva, a indignação com a injustiça, assim como uma forma de amor, também são condições imprescindíveis para a iniciativa popular transformadora, quando acompanhada da perspectiva do poder de ação com a potência da classe e conhecimento das causas adequadas. De modo que o sofrimento ético-político pode se converter em emoção ativa.

Para Sawaia e Silva (2015, p. 355), “a emoção é o radar ético das formas de afetação do meu corpo e mente pelos encontros que a existência me oferece”, de modo que a dinâmica dos afetos pode apontar os processos dramáticos de potência e padecimento por que

passam todos os seres humanos, desde os que assimilam ativamente o trabalho alienado pelo capital até os que também tomam a luta sociopolítica como atividade principal. A experiência social da ignomínia política também pode servir a conversão do medo em indignação, intensificação da revolta ativa, que aumenta a potência para buscar pela compreensão da condição desumana de exploração/opressão e a potência do corpo para o engajamento prático na necessidade e viabilidade de transformação das causas adequadas, o poder. Ou “como afirma Espinosa, o desejo de resistência nasce do sentimento de indignação. Mas resistir não é só se indignar. O direito de derrubar a tirania depende da força para fazê-lo” (SAWAIA, 2009, p. 370).

Do final do século passado ao início do XXI, avançam as forças de integração monopolística global do capital, até a fase atual, em que esse nunca foi tão destrutivo em relação ao trabalho, à natureza e ao meio ambiente, em suma, à humanidade (ANTUNES, 2018). De modo que tal avanço vai solapando todas as medidas reativo-defensivas ou de resistência, conquistadas nos últimos séculos, todas as medidas de controle, contenção ou redução de seus danos, agravando as contradições entre o caráter social e histórico do capital e a heteronomia da humanidade em relação às necessidades desumanizadoras de sua reprodução ampliada.

Quando se estreitam as margens da viabilidade reprodutiva do capital, busca-se sufocar as possibilidades de consenso e proteção social, de forma mais ou menos violenta. Preocupada com o desenvolvimento de tais condições durante os anos de 1970, período mais duro do terrorismo de Estado na Ditadura Empresarial-Militar no Brasil, Silva Lane buscou avançar no desenvolvimento da ciência comprometida com as questões sociais e superar o pressuposto metodológico da neutralidade científica buscando a “relação dialética entre militância e pesquisa científica” (SAWAIA, 2006, p. 92). Ao lado de outros importantes pesquisadores, como o psicólogo, padre e militante social Martín-Baró (1942-1989), este, próximo ao programa sociopolítico da *Frente Farabundo Martí de Liberación Nacional* (FMLN) em El Salvador, desenvolveu a ‘Psicologia da Libertação’ comprometida com o processo revolucionário latino-americano (MARTÍN-BARÓ, 1980/2017a; 1987/2017b). Ambos atuaram para avançar o compromisso social da psicologia e combater o domínio norte americano, de princípio neutro e indiferente, da Psicologia que acaba por servir aos valores dominantes. Contra a Psicologia de caráter tecnicista, naturalista, higienista e adaptativa. Psicologia que, ou se retraia do terror público no refúgio privado, intimista, familista, ou na subordinação aos serviços da legitimação da opressão e exploração social. Como exemplo

dessa última saída, está a estereotipia e patologização da pobreza, dos movimentos de massas, das diferentes orientações sexuais ou da militância sociopolítica subversiva, como mais uma patologia a ser higienizada do perfeito funcionamento hierárquico do corpo comercial capitalista. Concepções clássicas que remetem a tradição, criticada por Leontiev (1978), sobre as emoções humanas como ‘rudimentos’, como uma involução humana, e sobre a falsa demanda de ‘subordinar os sentimentos à razão fria’.

Desde então diversos esforços, como junto ao núcleo de pesquisa NEXIN¹³ orientado por pesquisadores como Bader Sawaia, busca-se promover agenciamentos com autores como Lev Vigotski (1896-1934), na psicologia soviética, que, a partir da fundamentação filosófica nas obras de Karl Marx (1818-1893) e Friedrich Engels (1820-1895), estabelece um profícuo diálogo com a filosofia de Baruch Spinoza (1632-1677). Tais agenciamentos buscam fundamentar a Psicologia para compreender o ser humano em sua natureza sociocultural, histórica, em sua dimensão racional e afetivo-volitiva. Tendo os afetos como inerentes aos nexos entre as funções psicológicas, fundamental ao pensamento, “chamamento à ação ou renúncia a ela” (VIGOTSKI, 2009, p. 368), portanto que, em articulação à filosofia de Spinoza, não reduz os afetos ao campo do erro, do estritamente biológico ou da perturbação. Assim como outros esforços para a busca da compreensão do ser humano por inteiro, que possibilitaram a resistência à tradição teórico-metodológica das Psicologias idealistas e mecanicistas, dominante no início do séc. XX e ainda tão atuais como o capitalismo e o retorno do lado positivista e irracionalista das mesmas expressões ideológicas.

Apesar das diferenças filosóficas e históricas, pode ser profícuo o esforço pelo estabelecimento de algumas articulações entre as elaborações teóricas de Marx e do artesão holandês Spinoza. O materialismo-histórico, trabalhado por K. Marx e F. Engels, defende que o estudo da história da sociedade humana e da própria humanidade deve partir da reprodução de sua existência e produção social cotidiana das condições de satisfação de suas necessidades vitais. Atualmente, em grande medida, reduzida, por um lado, à sobrevivência biológica e por outro a elevação das taxas de lucro. Enquanto Spinoza (1677), a partir de uma análise monista da necessidade fundante do ser humano se conservar e expandir a sua própria existência, toma que “o desejo é a própria essência do homem (pela def 1 dos afetos), isto é (pela prop. 7 da P. 3), o esforço pelo qual o homem se esforça por perseverar em seu ser” (dem. prop. 18).

¹³ Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (NEXIN).

Conquanto se entenda que o ‘seu ser’ é mais do que o indivíduo, empírico abstrato ou apenas natural, mas um ser social, ou, para Spinoza, o que só é possível por sua qualidade como ser de imaginação. E que a preservação quando pode ser bem sucedida implica não apenas na satisfação das necessidades estritas à sobrevivência, mas no esforço pela liberdade, o ativo aprimoramento, aumento da potência e expansão da autodeterminação do ser de natureza social. Envolve compreender a unidade entre vontade e intelecto, uma vez que, para Spinoza (prop. 49), não há, na mente, nenhuma faculdade absoluta ou livre de querer e de não querer, mas apenas volições singulares, e, não há, na mente, nenhuma volição, ou seja, nenhuma afirmação ou negação, além daquela que a ideia, enquanto ideia, envolve. Enquanto o desejo essencial no ser humano não é compreendido como um fundamento exterior abstrato, uma falta ou uma finalidade infrasocial e ahistórica, mas, segundo Sawaia (2011a, p.41), como “potência em ato”. Ou seja, como um momento imanente à atividade humana, produzido no curso da história. A indissociável produção cotidiana-biográfica e histórica-social da vida, toma-se por fundamental o esforço pela produção e reprodução da vida real dos seres humanos que se fazem imaginativos e racionais. Tendo por base imediata as afecções no corpo, a atividade sensorial e o desenvolvimento de suas paixões, desejos, afecções de onde derivam as primeiras variações afetivas de alegria, tristeza e o desenvolvimento das ideias do pensamento, da imaginação, portanto o fundamento material do que Vigotski (1995) se refere como ‘funções psíquicas superiores’.

Destarte, ainda que a produção de Spinoza seja condicionada pelos limites e possibilidades próprios aos desdobramentos socioculturais do século XVII – como o estágio do conhecimento científico sobre a evolução do ser orgânico-natural, assim como sobre o movimento histórico-social, entre a dinâmica sociopolítica de exaltação revolucionária da burguesia na Inglaterra e a ainda não manifestação histórica da classe trabalhadora como classe ‘para si’. Ainda sim, se pode conjecturar que estas concepções também podem se compor para uma teoria ontológica dos explorados e oprimidos, a partir da qual nada pareça impossível de se conhecer adequadamente, que “não há nenhuma afecção do corpo da qual não possamos formar algum conceito claro e distinto” (SPINOZA, *Ética V*, prop. 4) e que ‘nada no ser humano lhe pareça impossível de mudar’. Desse modo, o ser humano não é condenado por qualquer teleologia transcendente, que age como uma causalidade metafísica para a qual transfere a sua capacidade consciente de autodeterminação segundo o processo de encontros e desencontros dos corpos, e sobre os quais não se pode ter um conhecimento adequado.

Spinoza identifica Deus com a natureza, como única substância (corol. da prop. 24 da P. 1; dem. pro. 30), da qual derivam todos os modos de existência. Enquanto que a imagem de um Deus agindo como um rei (escol. Pro. 3), cujo juízo e domínio é incompreensível para a razão dos subordinados, constitui-se, para Spinoza, como um “refúgio da ignorância” (apên., P. 1). Para Marx (1972, p. 48), a religião constitui-se como “a alma de um mundo sem coração, tal como é o espírito das condições sociais de que o espírito está excluído”, é tanto a expressão da angústia real como o protesto contra a angústia real. Enquanto a mundialização da modernidade capitalista erige o ‘mercado’ com o poder da força antropomorfizada que nos controla desde fora, quase como um soberano de si e de tudo, a que se deve subjugar, causa suprema de mudança ou conservação. Uma vez que, ainda na pré-história da humanidade, o ser humano produz as mercadorias e organiza a sociedade baseada em sua troca, de modo que tal criação/criatura passa a controlar e dominar os seres humanos, que, por sua vez, se relacionam entre si como entre coisas.

No entanto, o ser humano não está necessariamente condenado a ser conduzido por leis coercitivas externas, aquelas das quais padecem por serem a causa apenas parcial de algo que se sucede neles, a serem impotentes por serem dominados por causas exteriores a fazer aquilo que o arranjo ordinário das coisas exige, contrárias à sua natureza. Estas podem ser reapropriadas e coletivamente controladas pelo e para o ser humano, a fim de viver sob a condução da razão e da força do desejo que surge da alegria, sendo a humanidade causa adequada do que se sucede nela.

Isso posto, embora se possa estabelecer encontros, mesmo em nível epistemológico, entre Spinoza e Marx, assim como as muitas relações que vem sendo enriquecidas por diversos autores e múltiplas perspectivas, como Lev Vigotski, Maximilien Rubel, Louis Althusser, Marilena Chauí, Antonio Negri, Bader Sawaia, dentre outros. Para fins desse trabalho, além dos alicerces referidos, será suficiente levar em conta que os dois autores se diferem em fundamentos sócio-históricos particulares e corolários filosóficos gerais, de tal modo que torna-se importante salientar que, não obstante o marxismo, pelo processo da negação dialética, possa ser enriquecido com a incorporação do núcleo racional¹⁴ desenvolvido a partir de diferentes concepções filosóficas, no presente trabalho busca-se

¹⁴ Termo utilizado por Marx e Engels para se referir a sua assimilação das formas gerais do movimento dialético, exposto de maneira ampla e consciente por Hegel, a negação da envoltura mística da dialética posta ao revés, e descoberta de seu núcleo racional, segundo o qual ela marcha sobre os seus próprios pés.

manter tal assimilação nos marcos de coesão geral com o materialismo histórico e dialético. Apesar, por exemplo, de seu método geométrico, mostra-se rica a assimilação da teoria dos afetos, assim como Vigotski recorre à Spinoza a fim de elaborar os fundamentos da unidade do sujeito cindido na Psicologia.

A ‘dialética da totalidade concreta’ (KOSÍK, 2002) se baliza pela aproximação inicial da imediaticidade dos fenômenos aparentes, da concreticidade sensível, ainda caótica, para a busca da análise e abstração das mediações e dinâmica contraditória de suas múltiplas determinações. Até que possa retornar a totalidade complexa, do concreto pensado, e de volta para seu aprimoramento na realidade empírica. De tal modo que a universalidade teórico-filosófica compõe uma unidade com a singularidade biográfica dos indivíduos, a dinâmica das classes sociais e os grupos organizados, sujeitos coletivos que mediam a relação com as correspondentes particularidades socioculturais e históricas.

No campo particular da Psicologia destacam-se as colaborações de Vigotski, assim como de Luria e Leontiev que, dentre outros, como Krupskaja (1869-1939), Elkonin (1904-1984), Galperin (1902-1988), imbuídos do espírito produtivo da revolução russa, compuseram a compreensão do desenvolvimento humano, histórico dialético, negando as concepções vigentes de estágios fixos de desenvolvimento natural, universal, ou de adaptação ao meio das coisas ou das pessoas. Compreenderam a vida psicológica sob a base biológica e as mediações culturais, em seu período histórico particular e genérico da humanidade, as rupturas, saltos e retrocessos do movimento contraditório da personalidade e da vida psicológica, como um todo, segundo a vida ativa do sujeito na ‘situação social de desenvolvimento’ (VYGOTSKI, 1996). Portanto, antagônico às concepções evolucionistas que entendiam o desenvolvimento biográfico do psiquismo individual ou histórico da sociedade como uma maturação espontânea e natural.

De modo geral, no que diz respeito à ontogênese, pode-se dizer que o desenvolvimento das funções psicológicas está relacionado ao desenvolvimento das atividades humanas. Tendo linhas, funções e atividades centrais, que se desenvolvem primeiro e predominam sobre a direção e reestruturação interna da personalidade durante determinado período do advento de novas formações. Segundo Elkonin (1987), tal processo consiste em que a nova atividade principal provoca mudanças em ações, operação e funções, que conduzem a mudanças da atividade como um todo, sem eliminar as exigências anteriores, mas as enriquecendo e mudando seu lugar no sistema geral de relações com a realidade.

De acordo com Leontiev (2001; 1987), a recomposição de ações e operações que, relacionadas aos modos e condições concretas da vida, entram em contradição explícita com o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo e cria as condições para uma nova atividade principal ou dominante. Atividade que, segundo Davidov (1988, apud. PASQUALINI, 2009), seria análogo ao conceito de ‘situação social de desenvolvimento’ em Vigotski, uma vez que se referem à relação ativa do indivíduo com a realidade social. Esta nova atividade principal condiciona assim o surgimento e diferenciação de outras atividades, as mudanças da relação do indivíduo com a sociedade, as mudanças dos processos psíquicos de que depende e das particularidades psicológicas da personalidade em determinado período de desenvolvimento. Esta dinâmica manifesta rupturas que provocam momentos críticos, mudanças qualitativas, mas que, segundo Leontiev (2001, p.67), não levam necessariamente a crises, se forem bem orientadas em seu tempo adequado.

A partir destes fundamentos e particularidades históricas, Vigotski, Luria, Leontiev, elaboram um sistema de periodização da ontogênese humana. De acordo com os autores, de modo geral, tais processos críticos passam pela crise pós-natal de comunicação emocional direta do bebê com o adulto, que compreende o período de dois meses a um ano. Seguido da crise de um ano e o período de cerca de dois a três anos, no qual predomina a atividade objetual manipulatória. Aos três anos, aproximadamente, teria um novo momento crítico, que marca a entrada no período pré-escolar. Esse, seria mediado pela atividade dos jogos simbólicos, que vai até próximo aos sete anos, quando se desenvolve o período crítico da entrada na idade escolar ou atividade de estudo propriamente dita. Esse último iria até o desenvolvimento da comunicação íntima pessoal na adolescência, a preparação profissional do jovem, seguido pela atividade de trabalho na maturidade.

No entanto, é importante ressaltar que o desenvolvimento não é linear mas contraditório, podendo se alterar por completo a depender das condições sociais. Concepção que levou Vigotski a desenvolver o conceito que ficou conhecido como zona de desenvolvimento proximal, a fim de demarcar a importância da relação com pessoas em diferentes níveis de desenvolvimento, para acelerar e mudar os seus rumos.

Desse modo, os períodos críticos não cessam com a idade adulta, mas continuam sua dinâmica segundo as especificidades das condições de vida e situações sociais de desenvolvimento. Como as da vida social dividida em classes antagônicas, de economia periférica, e sobe a lógica progressivamente destrutiva que regula a (des)sociabilidade contemporânea do capital.

Frente tais condições sociais de desenvolvimento, o pesquisador que pretende refletir sobre a vivência da militância, se coloca como testemunha, afetando e sendo afetado na relação de ouvir a narrativa do outro (BENJAMIN, 1985), buscando não a narrativa dos afetos, uma vez que ao dizer dos afetos estes deixam de sê-lo (VYGOTSKI, 1993), mas algumas experiências, narrativas sobre diferentes momentos e processos do engajamento político, na relação com outras dimensões da vida do participante, que confluem para alguns dos processos marcantes de seu desenvolvimento e transformação enquanto militante social. Assim, busca refletir sobre os sensíveis pontos de tensionamento, saltos qualitativos ou acúmulos e processos dramáticos, que expressam a composição e decomposição de sua força ativa, que tencionam a constituição singular dos processos psicológicos na trajetória de um sujeito que se engaja na luta sociopolítica, na relação com dramas históricos do gênero humano e de sua geração.

Ressalte-se que a pesquisa também se constitui com uma forma de participação, uma vez que, além de ouvir as narrativas como testemunho, o que já configura um modo de participação, o pesquisador também teve a oportunidade de ir a campo e se envolver com as atividades sociopolíticas junto a alguns dos entrevistados. Como em assembleias, na participação no processo de uma ocupação urbana para moradia popular na capital paulista, dentre outras atividades. De modo que, até a medida dos limites concretos de que os participantes e o pesquisador dispunham para tal, o tempo de participação ativa e direta em algumas destas experiências da luta social também se mostraram profícuas para um movimento de narrativas menos lineares, mas que alcançassem alguns dos processos de tensionamento que marcam a dinâmica da vida e da atividade sociopolítica.

Fotografia 1: Ocupação de terreno ocioso em São Paulo/SP



Fonte: Pedro Pessanha (2018)

A narrativa, que envolve tempo de partilha de sensibilidades, demanda um engajamento que pode concorrer com a necessidade de autodefesa e celeridade de resposta da luta sociopolítica das classes dominadas, além de ser contrário às condições do trabalho alienado ao capital, que ‘atrofia a experiência’, como denunciou Benjamin (1985). Enquanto que as narrativas sobre experiências sociopolíticas podem encontrar adversidades particulares na condição social brasileira, uma vez que são historicamente submetidas a uma política sistemática de silenciamento, esquecimento e atrofia, passando pela auto-anistia imposta pelo Estado, aos militares e empresários da Ditadura, em 1979, pela política-econômica de perseguição e repressão à auto-organização popular ou a seus esforços por participação, até as políticas de encarceramentos, torturas e execuções sumárias que nunca cessaram de acontecer, sobretudo nas periferias das cidades, no campo rural, florestas, em instituições manicomiais, delegacias e penitenciárias.

De modo que, diferente da ‘atrofia da experiência’, Benjamin (1985, p. 205) entende que a narração oral, em seu aspecto sensível, envolve a alma, o olho e a mão, como uma forma de trabalho artesanal de comunicação. Assim, o engajamento interpessoal e elaboração do pensamento são importantes para que não se limitem, nem o participante à informação factual nem o pesquisador à descrição pura, portanto, segundo a ideologia social dominante.

A maior parte das narrativas utilizadas no presente estudo foram gravadas ao longo do ano de 2018, via teleconferência ou presencial, na residência dos participantes, em parques públicos e nas instalações de movimentos sociais, segundo as possibilidades do mais reservado e confortável para tal. Todos os procedimentos foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-PUC/SP, 3.597.150), sendo os participantes claramente informados sobre os objetivos da pesquisa e as salvaguardas de anonimato, como a utilização de nomes fictícios. Pelo fato das conversas poderem tocar em pontos sensíveis das histórias de vida dos participantes, estes foram informados que se sentissem qualquer constrangimento ou evocassem lembranças que lhes causassem sofrimento, poderiam interromper o encontro a qualquer momento, além de requerer a desconsideração de qualquer coisa que tivessem dito. Atento a estes efeitos e a apoiar e esclarecer qualquer dúvida, diversas narrativas passaram por momentos de forte emoção, mas, ao serem perguntados(as), nenhum participante optou por encerrar a entrevista ou solicitou que alguma passagem fosse retirada.

A partir do contato do pesquisador com alguns militantes, esses indicaram outros que pudessem contemplar a diversidade de atuação em diferentes partidos políticos, movimento social e sindical, que compartilham a tradição da luta anticapitalista, socialista/comunista e socialdemocrata, ainda que a partir de formas e conteúdos teóricos e práticos profundamente diferentes. Com idades entre 20 e 35 anos, residentes em Minas Gerais e São Paulo, todos da classe trabalhadora e que se autointitulam como militantes e de esquerda, ainda que dois estivessem afastados da atividade sociopolítica organizada no momento da entrevista. A solicitação de indicações para a participação na pesquisa também buscou contemplar um equilíbrio de gênero, racial, além de parte da diversidade do espectro político dos principais partidos e movimentos sociais do país. Também participaram militantes sindicais, além de um organizado em local de esporte/lazer. São estas as organizações: o Partido Comunista Brasileiro (PCB), Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Partido dos Trabalhadores (PT), Partido Socialismo e Liberdade (PSoL), Instrumento de Luta e Organização da Classe Trabalhadora (Intersindical), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) e movimento Democracia Corinthiana.

Ao todo, devido ao tempo disponível para tal, foram obtidas onze narrativas, como material primário. O movimento de passagens em que os participantes reconstruíram no presente algumas de suas experiências com a luta por outro futuro possível, na memória do participante e do presente trabalho, segundo a capacidade de trazerem tensões aos contornos

da pesquisa, seu potencial de experiência e as volições dos entrevistados. Recorreu-se também a alguns materiais secundários, mas que também compõem a forma de narrativas (auto)biográficas, como do liberal francês de família aristocrata, Alexis Tocqueville (1805-1859), ou do negro revolucionário brasileiro, Lima Barreto (1881-1922), a fim de passar por experiências com as lutas sociopolíticas de outros períodos históricos.

Como dito, foram utilizados nomes fictícios e, apesar de comporem organizações coletivas, os participantes falam em nome próprio, de modo que, sempre que possível, se evitou a vinculação direta dos relatos ao nome das organizações em específico. Trabalhar com narrativas, significa apresentar os participantes como pessoas e não como indivíduos abstratos, existências autossuficientes ou correias de transmissão das diretrizes de organizações empresariais ou sociopolíticas. São sínteses de uma multiplicidade de determinações, com biografias singulares, atravessadas por conflitos de classe, de valores ético-políticos, religiosos, familiares, amorosos, formações teóricas formais e informais, marcadas pelo gênero, orientação sexual, nacionalidade, regionalidades, raças, etnias, conflitos e paixões. Ou seja, pessoas concretas, riquezas e misérias singulares, próprias às condições de existência do conjunto social.

Compreende-se assim que a narrativa pode favorecer o acesso a conteúdos que dificilmente seriam acessíveis por outro modo. Como um importante lócus de captação da dinâmica e tensão produtiva do sujeito na experiência do tempo vivido, entre os processos de subjetivação na vida dos indivíduos e sua inscrição numa experiência histórica sociocultural, captar a dinâmica contraditória do psicológico, entremeado de períodos de maior estabilidade permeados por conflitos e dramas.

O drama realmente está repleto de luta interna impossível nos sistemas orgânicos: a dinâmica da personalidade é o drama [...] O drama sempre é a luta de tais ligações (dever e sentimento; paixão, etc.). Senão, não pode ser drama, isto é, choque dos sistemas. A psicologia “humaniza-se” (VIGOTSKI, 2000, p. 35).

As impressões na mente e no corpo, suas cisões, marcas, dilemas, conflitos, composições, relações afetivas e dinâmicas da personalidade, podem configurar dramas imperceptíveis aos sistemas impessoais ou mesmo introspectivos e assim como ‘não podemos julgar um homem ou uma época a partir exclusivamente de sua consciência sobre si’, buscamos não reduzir à consideração do sistema psicológico abstraído das contradições da atividade na vida material, dos dramas biográficos e históricos que os engendram na vida social. Portanto, os conflitos de motivos, afetivos, intelectivos não foram compreendidos a

partir de si mesmos, mas apenas desde sua produção social, ou seja, segundo a constituição própria à dinâmica da vida de cada sujeito, a partir da totalidade social e histórica, das classes e dinâmica de grupos e instituições sociais. Por conseguinte, os elementos que constituem tais tensões e conflitos estão em relação às condições do período histórico em que os sujeitos reproduzem as suas existências, que podem se expressar nas dinâmicas particulares, como de padecimento ou fortalecimento da potência de vida, nas quais, articulado a análise do autor, busca reconstruí-las no plano teórico.

Diferente da matéria natural das ‘ciências duras’, os participantes da pesquisa narraram experiências pessoais e relações interpessoais, se emocionaram e refletiram sobre as produções sociopolíticas que envolvem necessariamente a vida de todo ser social. A rememoração dos entrevistados é uma produção singular na dimensão da memória compartilhada com os outros da composição social e de si mesmo. Para Spinoza (Ét. IV, prop. IV, Corolário), se o ser humano só sofresse mudanças das que fosse causa adequada, ele seria infinito, o que é absurdo, o que faz dele, necessariamente, um ser de paixão. De modo que o compartilhar de experiências, paixões e elaborações vividas é dialógico e atravessado por reelaborações polifônicas, tanto pelos próprios sujeitos que partilham, interpretam e recompõem suas experiências em face do papel ativo do pesquisador, como em relação remota com outros interlocutores e forças históricas. Assim, a análise desse conjunto caótico de relatos de vida se deu por meio das abstrações teóricas desenvolvidas em função da relação dinâmica entre os interesses de pesquisa, as experiências ressaltadas pelos participantes, dentre as questões que vão surgindo no decorrer da investigação.

Mas, antes, uma apresentação lacônica dos participantes:

3 APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

3.1 *Francisco*

Francisco, 32 anos de idade, divorciado e se reconhece como branco. Já trabalhou em almoxarifado, *telemarketing* e, hoje, é bancário, membro ativo da torcida organizada de seu time de futebol, que também atua como um coletivo sociopolítico, como um movimento social.

Francisco tem três irmãos, o pai é caminhoneiro e a mãe é dona de casa. Ele entende a sua mãe como “mais flexível” com relação a opiniões políticas. Seu pai, tem opiniões que ele considera como “mais intolerantes” e atribui o seu pensamento ‘reacionário’ ao ambiente cultural de seu trabalho como caminhoneiro, de que faz parte há 40 anos.

O participante relata que teve uma infância muito difícil, com privações materiais, de modo que suspeita que, por vezes, os seus pais não comiam para que ele e seus irmãos comessem. Mas a sua condição financeira melhorou quando, com 14 anos, fez um cursinho profissionalizante e foi chamado para trabalhar na área administrativa de uma concessionária de caminhões e ônibus, mas sempre “ajudava” também no almoxarifado.

3.2 *Margarida*

Margarida tem 30 anos, é enfermeira, se autodeclara parda. Sua mãe é professora aposentada, de uma família que viveu da agricultura familiar. O pai é separado e policial militar aposentado.

Margarida diz que o pai não se envolve em sua atuação, enquanto a mãe, apesar de, por vezes, ficar preocupada, tende a entender e apoiar a atividade política da filha. Segundo Margarida, isso acontece, em grande parte, devido à mãe ter participado na

construção de uma associação comunitária e do diretório municipal do Partido dos Trabalhadores, na década de 1990, e, ainda hoje, participa do sindicato dos professores.

A trajetória narrada por Margarida passa por uma trama de entrecruzamento entre funções sociopolíticas e familiares, configurada na relação com os companheiros(as) de militância, dentre os quais inclui a história de sua mãe, e com a força policial do Estado, que incluiu a história de seu pai e, agora, do irmão com quem tem maior vinculação afetiva.

3.3 Carlos

Carlos, 32 anos, é professor em uma escola pública na periferia da capital mineira. Seu pai é falecido e a mãe também é professora em uma escola pública. Assim como para o irmão de Margarida, a atividade de trabalho de Carlos também se mostra exterior à afirmação de seu ser, ao adquirir apenas o sentido de “um meio de vida”, mas, diferentemente do irmão de Margarida, Carlos não conserva a esperança de encontrar um trabalho em que ele possa satisfazer a sua necessidade, mas espera apenas utilizá-lo como um meio para a satisfação de suas necessidades humanas, por meio da abolição da exploração do trabalho.

A partir dessa motivação principal, Carlos milita em um coletivo de trabalhadores(as) de oposições e direções sindicais. Explica que não vê sentido em atuar na composição de uma central sindical ou na construção de acordos de organizações para a unidade da luta, se não tem luta para unificar, sem representatividade real na luta dos trabalhadores(as). Apesar disso, entende que apenas as trabalhadoras(es) em movimento podem demandar um organismo que centralize as lutas.

A partir dessa interpretação sobre a percepção de que sua geração está vivendo em um momento histórico de descenso da luta dos trabalhadores, Carlos preconiza a construção do “trabalho de base” e de atividades no cotidiano da luta nos locais de trabalho, moradia, estudo. Contudo, nos conta que também busca ir além da formulação e da atuação estritamente sindical, e que procura ajudar a construir outra organização que não seja centralizada na luta institucional eleitoral, mas que se pretende uma organização política.

3.4 Luiz

Luiz tem 31 anos, nascido no Paraná, atualmente, é professor do Ensino Médio de uma escola municipal, sindicalista da Educação e professor na escola de um assentamento de trabalhadoras(es) que plantam e lutam contra o monopólio da propriedade privada da terra. Compõe o sindicato dos trabalhadores(as) da Educação, além do setor de educação e direção estadual de movimento social de luta pela reforma agrária. Define-se, politicamente, como um socialista-comunista e diz se ver “junto daqueles que almejam um dia tingir uma sociedade sem classes”.

Sua mãe cursou até a 6ª série e vive, predominantemente, de trabalhos temporários. Seu pai terminou o estágio agrícola e herdou um comércio do avô, no Paraná, mas, depois de alguns anos, acabou entrando em falência. Quando Luiz tinha cinco anos, sua família se mudou e passaram a ter uma condição bem mais precária de subsistência. Os pais se separaram e, então, seu pai se tornou o um “trabalhador autônomo”, vendedor de uma indústria de bebidas. Sua mãe sempre trocou de emprego, de salgadeira a vendedora de roupas e, nos momentos de desemprego, a família passava por bastante instabilidade financeira. Como não possuem nenhuma propriedade imobiliária, sempre moraram de aluguel, em constante mudança, acompanhando o ritmo do aumento dos aluguéis.

3.5 Diara

Diara tem 28 anos, é filha de retirantes da Paraíba e do Ceará. Toda família migrou após um grande período de seca, se espalhando por diversas regiões do Brasil, em busca de melhores condições de vida. Os pais de Diara foram buscar trabalho nos então recentes empreendimentos industriais no norte de Minas Gerais, onde Diara nasceu. Dois anos depois, ela se mudou, com a mãe, para uma vila de pescadores em um território Pataxó. Por seus avós maternos, Kariri da Chapada do Araripe, pelo fenótipo da família e por ter sido

criada “onde o Brasil começou a ser invadido”, nesse território Pataxó, Diara se reconhece como afro-indígena.

Diara conta que seus pais têm um antigo vínculo com a luta pela terra, pela liberdade, pelos direitos humanos e sempre viajaram muito nas tarefas da militância. Diara e seu irmão foram criados em meio a uma cultura tradicional em que as crianças acabavam sendo cuidadas um pouco por todos.

3.6 Soledad

Soledad tem 24 anos, nascida no Paraguai, em uma família de camponeses pobres. A participante se define como branca, mas diz que “é uma coisa que ainda estou tentando entender”. Residente no Brasil há 6 anos, é socióloga, ministrando aulas particulares de espanhol e aulas de sociologia em um cursinho popular na periferia de São Paulo (SP).

Seus pais migraram para a Argentina na época do golpe empresarial-militar no Paraguai de 1954. Seu pai trabalha como agricultor e pedreiro, e sua mãe, como faxineira e ‘dona de casa’. A participante tem um irmão que também é militante de um partido comunista e conta que sua mãe era muito assustada e tinha muito medo com relação à militância dos filhos, que não entendia muito bem, mas que o momento histórico a levou a entender melhor, tornando-se mais politizada.

3.7 Maria

Maria tem 31 anos, nasceu e cresceu em Contagem (MG). Atualmente é formada em zootecnia e pedagogia e trabalha como educadora e extencionista.

Conta que, quando pode, prefere não declarar a sua cor ou característica racial. Por ser pobre Maria narra que “não sinto muito parte do ser branca... mas eu faço isso meio de forma sem pensar”, mas quando tem que se declarar se autodefine como ‘amarela ou branca’.

Maria tem dois irmãos. O seu pai tem curso fundamental incompleto e é motorista de caminhão. Sua mãe é dona de casa e voltou a estudar com o programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e posteriormente com o auxílio do Programa Universidade Para Todos (Prouni). Maria narra que, quando ingressou em um curso universitário, os seus pais sentiam vergonha de ir vê-la porque entendiam que não podiam entrar na Universidade Federal.

3.8 Tereza

Tereza tem 20 anos, nascida e criada no interior de São Paulo, é estudante universitária e se entende como “de classe baixa”.

O seu pai é azulejista, a sua mãe é dona de um pequeno comercio e o seu padrasto é motorista de caminhão. A participante narra que sempre conviveu com a participação política dentro de casa, que a sua família tem um histórico na atuação social e na fundação do Partido dos Trabalhadores no interior de São Paulo. Mas ela conta que não se interessava pelo assunto.

Tereza, desde adolescente, participa da Igreja Católica, em especial, junto a Pastoral da Juventude. Conta que começou a se interessar por política com a participação na fundação do primeiro Grêmio Estudantil em sua escola. Período em que também se recorda que passou a captar um sentido mais ético-político as histórias dos denominados Santos do catolicismo, em especial aqueles da ‘classe trabalhadora’, como São José, São Francisco de Assis e outros.

3.9 Apoema

Apoema se autodeclara como preto, tem 27 anos, filho de pai pernambucano e de mãe baiana. Os dois se separaram quando ele tinha 11 anos, o pai se mudou para a Bahia e ele foi criado por sua mãe, que é diarista em São Paulo-SP. Militante de um movimento de luta por moradia, atualmente, Apoema mora na Zona Leste da capital paulista, possui Ensino Superior incompleto, pois teve de trancar a faculdade quando ficou desempregado.

No momento da entrevista, Apoema se encontrava desempregado, realizando trabalhos informais, precarizados e intermitentes. Já exerceu funções de segurança, garçom, ajudante de pedreiro, ajudante de cozinha e, a última, como operador de *telemarketing*.

3.10 Wladimir

Wladimir tem 32 anos, autodeclarado branco, nascido no estado do Paraná, trabalha como pesquisador e escritor.

Sua mãe cuidou sozinha dele e de seus três irmãos, trabalhando como bordadeira. Conta que os familiares ajudavam, mas eles viveram em permanente dificuldade financeira. Nos momentos de maior dificuldade compravam os produtos básicos para pagar a prazo, ao ponto da mãe ter precisado vender o carro que tinha para pagar as dívidas com as mercearias.

3.11 Tupac

Tupac tem 34 anos de idade, se reconhece como negro, residente do Capão Redondo, na cidade de São Paulo-SP. Não pôde completar a graduação e, atualmente, é

secretário de cultura e juventude de um partido comunista. Tupac nasceu em uma família de trabalhadores(as) rurais no interior de São Paulo e foi criado por sua mãe. Conta que ela estudou bastante para passar em um concurso para o Banco do Estado de São Paulo, que, poucos anos depois, viria a ser privatizado, mas a tempo de garantir a educação dos filhos. Ainda que tenha tido de abandonar o curso superior por razões financeiras, ele conta que essa experiência foi uma oportunidade importante, uma vez que o permitiu “abrir a mente para outras perspectivas sociais... Continuo na periferia, mas dela não quero sair... E nem saio dela e nem ela sai de mim... Quero viver a vida inteira na periferia” (Tupac).

Tupac tem uma trajetória intermitente de inserção na atividade de trabalho. Já trabalhou como repositor de mercadorias, como almoxarife, como conferente de entrada e saída de mercadorias, como apontador de cargas e já gerenciou uma loja. Conta que gostava muito de música, desde os 11 anos, quando aprendeu a tocar violão. Também praticou canto em diversos eventos e corais da igreja. Foi quando percebeu a perspectiva de viver como músico e, hoje, este é seu trabalho.

4 UNIDADES DE SENTIDO

O conjunto das narrativas foram analisadas em busca das unidades de sentido mais significativas em termos de recorrência e relação com os interesses de pesquisa. São processos catárticos, dramáticos e situações-limites que se subdividem em momentos, lugares ou instituições sociais que mais se destacam no processo de engajamento na militância sociopolítica: família, a escola, as grandes manifestações como experiência política, ética e estética, o trabalho na sociedade capitalista e sua relação dramática com a atividade da militância sociopolítica em períodos históricos particulares. Atribuições, contradições, avanços, recuos, espirais e reverses na dialética razão/emoção do sujeito histórico, coletivo, biográfico, individual.

Essas unidades foram apresentadas por todas as narrativas, diferindo em intensidades e qualidades em relação ao contexto em cada trajetória. Como não se trata de pesquisa quantitativa, cuja centralidade estaria na frequência estatística, optou-se por destacar em cada unidade os trechos e cenas que representam com mais clareza o conjunto, com relativa independência do participante, que pode aparecer mais em uma unidade do que em outra e assim por diante.

4.1 PROCESSOS CATÁRTICOS

Esta unidade busca apresentar alguns dos processos críticos que tornam a atividade militante uma necessidade e ação central para os participantes. Fica claro, nas narrativas, acúmulos e processos intensos que os convocam para essa atividade, uma vez que suas experiências vão se compondo como forças motrizes geradoras de sentidos vitais. Demonstram a imbricação entre seus afetos e valores com as contradições estruturais da organização social capitalista, a imaginação e a compreensão de suas possibilidades futuras e como isso implica em toda uma série de afecções, análises e escolhas de curto, médio e longo prazo. Portanto, mais do que um simples *insight* lógico ou uma catarse puramente passional,

trata-se de um longo processo prático, afetivo e intelectual, pessoal e interpessoal, nos diversos âmbitos da vida. O que envolve mudanças quantitativas, incorporações, rupturas e saltos de qualidade, conjunções de forças e temporalidades da história de vida e da história social, presente, passada e futura, nas quais o sujeito se movimenta como um todo.

Os participantes definem a vivência anterior à militância como momentos de predomínio do fatalismo e naturalização da realidade social. Falas como de Tupac, quando ainda impossibilitado de compreender algumas relações sociais de causalidade, o pensamento desagregado e ocasional, condicionava-se a perceber a multiplicidade de determinações dos fenômenos sociais como eventuais, fortuitos, quando diz: “eu achava que era coincidência”, no que diz respeito às divisões de classe e estratos de classe ‘coincidirem’ com as divisões raciais, em que os negros prevaleciam em subempregos, condições de maior exploração e relações mais precarizadas de trabalhos.

Para Spinoza (esc. 1 da prop. 33; prop. 3), nós só podemos dizer que uma coisa é contingente por deficiência de nosso conhecimento, enquanto o vulgo pode imaginar poder justificar tal contingência por meio da livre vontade de Deus, à semelhança do poder, da impotência e da jurisdição humana dos reis. Já Carlos, por sua vez, relata que, durante “grande parte de sua vida”, vivenciava as contradições, as desigualdades e as injustiças sociais como “algo dado, é assim e a vida é assim”. Durante esse momento, grande parte das misérias humanas-sociais eram percebidas a partir da necessidade, explicadas a partir de noções sobre o que é comum a todas as coisas, portanto, próximo ao modo como Spinoza (color. prop. 44. p. 85) descreve como “é da natureza da razão perceber as coisas sob certa perspectiva de eternidade”. Isso também se manifesta em outras memórias – como quando dizem: “eu não gostava, não entendia porque a gente tinha que ir nas casas de todas as pessoas [no trabalho de base com a mãe]” (Margarida); “o único projeto de vida que tava me mantendo vivo era ganhar na loteria” (Francisco); “antes, eu era insensível ao social” (Tereza).

Essas expressões compõem a resignificação, por parte dos participantes, de suas próprias trajetórias de vida, desde uma unidade interpessoal exterior, passando por idas e vindas das lutas por seus direitos como estudantes, dos camponeses, dos indígenas, dos negros, de determinada categoria profissional, à luta e à autoconsciência como parte de uma classe social, com interesses próprios, contrários a algumas das opressões e super-explorações estruturantes da atual dinâmica social.

O vínculo coletivo no elo existencial na trajetória do militante envolve uma luta com e por pessoas, muitas das quais nunca conhecerá, e por transformações, muitas das quais

pode não testemunhar, mas que, para alguns dos participantes, se tornam uma necessidade própria de sua pessoa como ser social ou, como revelarão os relatos de Carlos e de Diara, por exemplo, como tal esforço por expansão ao universal torna-se uma necessidade vital à sua autoconservação. A consciência da trajetória de sua vida, por vezes, se compõe à autoconsciência histórica, das condições compartilhadas com uma classe social, cujo projeto sociopolítico autônomo também se converte em um compromisso com a humanidade. Para Mészáros (2007), sem assimilação de tal compromisso histórico com o gênero humano, será impossível responder com êxito ao desafio do fardo de nosso tempo histórico, como a necessidade de uma economia global responsável, sustentável e cooperativa, capaz de assegurar a sobrevivência da humanidade e um desenvolvimento futuro positivo.

Tais processos são marcados por acontecimentos sociopolíticos significativos, como greves, ocupações ou manifestações massivas excepcionais, por momentos catárticos. Não como reações estéticas que se reduzem à concepção aristotélica ou à forma como foi apropriada pelo drama burguês, criticadas por Vigotski (2006), como momentos passageiros de êxtase sentimental, de experiências agradáveis que apenas “purificam” ou aliviam. Mas se tratam do conflito entre forças sociais contraditórias que também podem levar a vivências emocionais conflitivas, a duelos intrapsíquicos, à elaboração intelectual do conhecimento sobre si e o mundo, com assimilações, destruições e transformações do sujeito como um todo. Portanto, são inseparáveis da relevância das relações interpessoais cotidianas, das lembranças de vivências banais em diferentes lugares e múltiplas instituições sociais. Ainda que uma grande multiplicidade de atividades, relações, vínculos interpessoais e institucionais se interpenetrem e se sintetizem na formação ativa e singular de um caminho vital, vamos apresentar, para fins expositivos, os espaços mais citados: família, educação, as lutas sociopolíticas e o trabalho.

4.1.1 A família

A princípio, o mundo da criança é circunscrito àqueles que cumprem funções iniciais de cuidado, frequentemente, os pais, os irmãos e as pessoas de convivência imediata com a criança, portanto, que condicionam a sua relação com as demais relações sociais.

Soledad, por exemplo, relata como os fortes laços afetivos e de grande admiração nutrida por um de seus irmãos teve um papel importante para o aprofundamento de sua compreensão do mundo e suas aproximações iniciais com a luta sociopolítica. Ao contar sobre as gêneses de sua admiração por esse irmão, Soledad se recorda da forma como ele exercera o papel de mediador entre as brigas dos pais e de como sempre admirou a sua personalidade, que lhe parecia como “muito séria, calma, sistemático, metódico”. Ele lhe passava uma imagem de alguém sensato, com autocontrole da conduta e uma personalidade que também pode ter sido aprimorada com a ajuda de sua aguerrida disciplina-consciente com a luta popular, com os carecimentos de organização em um partido de pretensão revolucionária.

Apesar desse seu irmão não lhe dizer nada sobre suas atividades ou seus pensamentos sociopolíticos, Soledad relata que sempre lhe admirou, “desde que começo a me entender, a me enxergar, a compreender a minha história”. Portanto, desde o período do desenvolvimento ontogenético em que pôde começar a passagem do estágio espontâneo para a consciência de si e autoconsciência, como formação organizadora de sua personalidade, Soledad se lembra de lhe chamar a atenção os muitos livros que seu irmão trazia para casa. Um objeto, que atrai particularmente a sua curiosidade, os livros ou “aquelas capas”. Tal interesse de Soledad remonta à passagem que vai desde a curiosidade e exploração objetual manipulatória, daqueles muitos livros que eram levados para dentro de sua casa, até aos choques entre a vida familiar da casa e a vida social-exterior, a curiosidade e a necessidade de entender o mundo adulto, de executar as operações exigidas pela ação dos que admirava. Soledad se sentia curiosa, perguntava tudo o que seu ciclo familiar podia lhe dizer sobre tal objeto, até o início de sua alfabetização. A partir do ambiente privado da casa, da atividade prática e do contato direto com os livros que vinham de fora e que também a levaram para fora do familiar, dos contatos com o universo social-público, por meio de um objeto destacado, que, somado às diversas atividades e experiências, lhe abriu novos campos de atividade e da realidade para além do imediatamente dado. Conta Soledad: “a minha primeira proximidade com, sei lá, universidade e essas coisas, foi em casa, com os livros que meus irmãos tinham”.

Além do habitual surgimento do interesse infantil em compreender as ações dos adultos e suas finalidades, isso se ampliou para a necessidade renovada de compreender uma atividade enigmática de seu irmão, que lhe aparecia como diferente de todas as outras atividades cotidianas dos adultos, as quais pensava já conhecer o suficiente. Soledad conta

que sabia muito bem que seu irmão não ia fazer coisas que se podia esperar de um adulto durante os finais de semana, uma vez que, em suas palavras, “ele saía no final de semana, e voltava com livros, papéis... Eu sabia que não ia só ver a namorada, que não era igual ao que as outras pessoas... Pensava: ‘cara, eu nunca vi ninguém fazendo essas coisas de final de semana’” (Soledad). Desse modo, além dos livros que chegavam, cresceu um “estranhamento” diante do estabelecimento dessa outra ponte entre a vida familiar e o mundo exterior, a atividade incomum do irmão durante os finais de semana, o que animou uma necessidade renovada “pela explicitação, por parte dos adultos, da função social dos objetos e dos significados de suas ações” (MARTINS; EIDT, 2010, p. 680).

Quando seu interesse crescente pelas leituras realizadas pelo irmão foi expresso por Soledad, foi didaticamente correspondido por esse, que lhe contava sobre alguns desses livros e lhe indicava leituras. Soledad passava da mimetização para a necessidade de compreender efetivamente, para além dos traços mais visíveis dos objetos e ações dos adultos. Assim, o desenvolvimento fisiológico e cultural de suas funções psíquicas superiores lhe possibilitou maior participação nas relações sociais, de modo que, segundo Leontiev (2001), isso também marca o crescimento de uma atividade crítica em face das exigências do mundo social, da tendência ao crescimento de interesses verdadeiramente teóricos e por entender o que se sabe sobre a realidade em que se encontra.

A recuperação, por Soledad, de tais pequenos fragmentos de memória revela o reconhecimento retroativo de que tais interesses de sua infância e adolescência (admiração pelo irmão e pelos livros) foram significativos para a consciência dos motivos geradores de sentido para o que se tornaria a militância sociopolítica, como atividade principal durante a vida adulta. Inicialmente, os livros serviram como um importante objeto de ampliação do contato com o mundo exterior, para além do círculo familiar, da casa.

Tal rico objeto parece ter favorecido com que Soledad aumentasse a sua motivação para ir além da aparência social, em busca da compreensão das conexões adequadas de seu movimento essencial. Isso se poderia inferir como parte importante de um movimento inicial que, posteriormente, pôde se compor a outras experiências para o desenvolvimento de uma postura investigativa, desconfiada da aparência social mistificada, que se esforçaria por buscar compreensões radicais e transformações eficazes.

As relações na família mediaram sua aproximação da militância também devido à origem camponesa de seus pais. A vivência de Soledad de parte dessa história, também marcada por penúria e êxodo rural, de modo que favoreceu que seu corpo fosse fortemente

afetado e que suas ideias fossem abaladas por uma intensa comoção emocional de revolta quando, ainda jovem, teve contato com o conhecimento sistematizado sobre a concentração da propriedade agrária no seu país, ao fazer um trabalho escolar durante o ensino básico, passagem a que retomaremos na próxima seção.

Além da origem camponesa dos pais e da inspiração direta do irmão, Soledad ainda se lembra de como as amigas do irmão lhe chamaram a atenção, pois “se vestem diferentes, usam roupas de cores” e lhe pareceram pessoas muito interessantes. Com elas, teve contato aos 14 anos de idade, durante a primeira manifestação que, com grande euforia, participou, acompanhada da mãe e do irmão, em comemoração ao aniversário da queda da ditadura militar-empresarial no Paraguai.

Assim como Soledad, Luiz tem um irmão que é militante de um partido comunista e ele também não sabia disso. Luiz somente descobriu o engajamento do irmão quando, convidado, por uma amiga, para ir a um espaço de estudos e debate da organização de uma juventude comunista, se surpreendeu ao encontrá-lo lá. Também como Soledad, os livros da família obtiveram relevo no relato de Luiz. De forma análoga, Luiz conta como lhe influenciou o fato de seu pai e seu irmão mais velho terem sempre muitos livros em casa e lhe indicarem leituras. Assim, Luiz foi se interessando pela leitura, mesmo não se interessando pela educação formal-escolar e de não ser considerado um bom aluno. Tal tenro interesse pela atividade de leitura pode favorecer o desenvolvimento do pensamento conceitual, a reconexão de algumas funções psíquicas, compondo os motivos pelos quais o jovem condiciona sua imaginação e seus gostos por certos objetos, além de favorecer a recomposição de sua esfera de relações interpessoais e com o meio sociocultural.

Ainda na infância, durante os períodos de recomposição da conformidade e de diferenciação entre o “eu” e o outro, entre os motivos e a situação dada, a configuração da consciência e da dinâmica da personalidade de Luiz também foram marcadas pelo contraste entre o seu “eu” anterior e o atual, constituído, não apenas pelas transformações da idade, mas também por uma súbita mudança das condições socioeconômicas de sua família. Sobre a brusca queda das condições materiais de reprodução da vida familiar, Luiz conta que “ainda não entendia o que estava acontecendo”, mas as suas memórias desse período revelam que alguns dos sentidos despercebidos de tal transformação socioeconômica partilharam a configuração de sua subjetividade. Com tais marcas expressando-se em seus afetos e pensamentos, como “duas funções psíquicas estreitamente vinculadas entre si e inseparáveis” (VYGOTSKI, 1996, p. 314), Luiz se lembra, por exemplo, que, na infância, quando ainda

jogava bola com os amigos da antiga escola em que estudava, pegou uma carona com o pai de um amigo e, quando ele lhe perguntou onde morava, Luiz conta que, ainda impossibilitado de ter uma melhor autoconsciência e autonomia entre a situação dada e seus motivos, ainda sem entender as causas adequadas de seus afetos, sentiu vergonha e apontou, espontaneamente, para a casa do vizinho, que era menos pobre do que a de sua família. A vergonha, que aqui parece revelar o predomínio de valores dominantes mediando às ações e julgamentos do sujeito, é um sentimento que também se destaca em outras narrativas de diferentes modos que serão retomados em outra unidade.

Segundo Vigotski (1996, p. 378), é aproximadamente por volta dos sete anos de idade que “incorporamos à nossa conduta o fator intelectual que se insere entre a vivência e o ato direto”, e que a criança pode desenvolver uma maior consciência sobre si, uma melhor valoração de suas ações, de seus sentimentos e de suas posições no contexto social. Por conseguinte, diminui a espontaneidade infantil e pode aumentar a diferenciação entre sua vida interior e exterior, um período que pode ser marcado por uma crise análoga à que foi destacada pelo militante anarquista Victor Serge (1890-1947), em sua autobiografia.

acumulaba en mi memoria infantil las imágenes del mundo [...] Adquiría también un duro conocimiento de esta ley no escrita: tendrás hambre. [...] [Fue sin duda entre los seis y los ocho años cuando me convertí en malhechor – y esto habría de inculcarme otra ley: resistirás. Era un niño muy amado, el primogénito, me convertí inexplicablemente en un niño malvado durante años. Con una habilidad diabólica, el niño malvado hacía el mal, como si hubiera querido vengarme del universo, y en primer lugar, del modo más cruel, de aquellos a quienes amaba (SERGE, 2011, p. 20-21).

Segundo Vigotski (1996), assim como acontece distintamente próximo aos três anos, também aproximadamente aos sete anos é possível marcar um período crítico, que pode ser acompanhado da transição da idade pré-escolar à escolar, na qual a criança muda sensivelmente em uma virada ou uma crise que dificulta sua educação. A criança passa por um momento de modificações, da constituição de novas unidades de elementos situacionais e pessoais, que pode se configurar como um período especialmente dramático, sobretudo, para aquelas que tiveram uma “infância difícil”. Tal período representa mudanças no momento essencial da relação da criança com o meio, um reajuste inconsciente de seus valores, motivos e necessidades, de modo a reestruturar a vivência interior, o que também se compõe para tornar possível a idade escolar como nova etapa do desenvolvimento.

A ingênua espontaneidade infantil vai diminuindo no processo incipiente de diferenciação entre a face interior e exterior da personalidade e as vivências adquirem sentidos, uma vez que vai sendo incorporado, entre a vivência e o ato direto, um momento intelectual. No caso descrito por Serge (2011), tal mediação intelectual se expressou no desenvolvimento de uma consciência sobre si e na projeção teleológica que lhe dizia “terás fome”, uma “face interior” que julgou, negou e se conflitou com o mundo exterior, acompanhada pelo desejo obscuro e confuso de “se vingar do universo exterior” e da consciência de si que reafirmava: “resistirás”.

Apoema, com relação às aproximações iniciais ao engajamento sociopolítico, ressalta o importante papel cumprido por sua mãe, que o criou sozinha na periferia da grande São Paulo-SP, imbricado ao papel das suas precoces experiências com as explorações do trabalho, com as manifestações de junho de 2013 e, no ano seguinte, com a vivência de uma ocupação organizada por um movimento social de luta por moradia. Sua mãe trabalhou, durante toda a vida, como diarista, e, aos 45 anos, pôde terminar os estudos. Programas do governo lhe possibilitaram começar uma faculdade de Serviço Social. Com o acesso ao conhecimento sócio-histórico mais elaborado disponibilizado pelo curso, sua mãe começou a desenvolver o que Apoema descreve como “um pensamento mais aberto, ter uma visão mais social que antes não tinha”. Desse modo, a mãe passou a apoiar a expressão dos estranhamentos que Apoema sentia nas precárias relações de estudo e trabalho, incentivou sua participação nas manifestações em 2013 e, em 2014, o acompanhou até a ocupação do seu bairro, o ajudou a montar o barraco e sempre vai às manifestações do movimento.

Diara destaca a influência afetiva e intelectual de seu pai e sua mãe, ambos militantes. Conta que, desde criança, seus pais sempre buscaram conversar com ela e com seu irmão sobre de onde vêm os objetos do consumo diário, como sua alimentação, roupas etc. Além disso, havia essa referência de Diara a um modo de família estendida, em relação à vila em território Pataxó, onde morava, a grande admiração que lembra nutrir pelos adultos da comunidade, assim como pelas crianças de sua idade que, segundo conta, já pescavam, catavam mariscos, dentre outros conhecimentos culturais e complexas habilidades psicomotoras. No entanto, durante o período da puberdade, Diara chegou a abalar e negar tais influências e interesses da infância. Segundo Vigotski (1998), os períodos de transição da infância correspondem ao momento em que se amplia a capacidade de pensar por abstrato e o interesse se volta a grupos de iguais, que se tornam os parâmetros de sua autoavaliação. Diara conta que chegou a se sentir constrangida pela forma de vida do pai, militante sindicalista, e

da mãe, por ser tão “problematizadora”, o que limitava sua relação com a cultura dominante, “tão diferente das outras mães”. Foi um período em que começou a querer ser igual à outras crianças e adolescentes, a afirmar seu lugar na vida social, mediado por valores midiáticos, publicitários e objetos de consumo.

Segundo o narrado por Diara, nota-se como o negativismo por ela manifestado se compôs, paradoxalmente, com seu esforço por assimilar e se adequar ao senso comum dominante, de ‘ser diferente, igual a todo mundo’, assimilar os valores de consumo e relacionados às demais imagens de que sua mente se nutria, a partir de publicidades, dos programas de televisão e da fantasia sobre a vida das primas que moravam na cidade. Permeada pelos valores de consumo da publicidade infanto-juvenil, contrários aos valores anticapitalistas de seu núcleo familiar, lembra-se de chegar a sentir raiva dos pais, como repressores da livre gratificação de tais desejos. Processo semelhante é relatado nas memórias da infância de Victor Serge (2011) que, consciente da raiva que sentia, converte os afetos isolados em um ‘sentimento de raiva do mundo’, generalizando tais vivências e afetos contra ‘aqueles a quem mais amava’.

Durante o início da adolescência, Diara se mudou para a cidade a fim de ter melhores condições de estudo para tentar ser aprovada no vestibular de uma universidade pública. No entanto, como dito, tal interesse também se compunha em um choque de sistemas, uma interseção com os motivos elaborados por Diara, como se segue:

Acho que queria vivenciar aquilo que imaginava sobre a vida das minhas primas que moravam na cidade, queria ter celular, comer *McDonalds* ou apenas usar tênis pra ir à escola. Queria viver aquilo que eu só via na televisão. Apesar da minha história, eu também era uma jovem nesse mundo cheio de contradição, influência midiática, cultura consumista etc. Também tem isso dentro de mim.

Aqui, Diara relata uma das contradições que marcaram o drama de sua subjetividade. A participante pôde reconfigurar seus motivos, sua relação com os valores dos pais e com a sua história, quando, após uma discussão em sala de aula, acabou por ser convidada a se retirar da escola, momento que retomaremos na próxima seção. No entanto, foi nesse momento que Diara apresentou uma primeira reconciliação com os sistemas de valores de sua família e da comunidade onde cresceu. Diara relembrou o período em que morava com a família, em território Pataxó, e a forma como o hediondo assassinato do indígena Galdino, queimado em Brasília, em 1997, criou uma marca profunda em sua memória infantil, a tristeza com a comoção dos que convivia, enquanto, em outros ambientes, podia escutar

peessoas dizendo coisas como “dar comida com chumbinho para os índios”. Nos circuitos e nas descargas emocionais, e em sua perplexidade diante da incapacidade de compreender tamanha violência social, Diara ressalta sua aliança intrapsíquica com a luta, como uma opção existencial e compromisso histórico com “seu povo” e sua história.

Importante destacar o valor do acolhimento para seu engajamento na militância social durante esse período, aos 15 anos de idade. Diara conta que o único lugar em que se sentia acolhida e respeitada era em movimentos de esquerda e decidiu se somar a um coletivo da juventude do partido. Rapidamente, se inseriu, de forma orgânica, nas atividades da organização, também devido à sua infância com seus pais nos espaços de construção do partido. Lá, encontrou um ciclo de sociabilidade e cultura, assim como – “era divertido também” (Diara) – uma forma de expressão, de desenvolvimento e de reconhecimento de sua inserção nos problemas do mundo adulto, um lugar para pensar a sua condição de jovem e de mulher da classe trabalhadora. Segundo Diara, era “onde eu me encontrava, nas marchas, além de ser onde encontrava meus pais e junto aos amigos dos meus pais, que são fantásticos, e que lutavam tanto, estar perto não só como ‘sobrinha’ e sim como companheira”.

Diara dizia se sentir bem e confortável com o espaço de fala conquistado na organização: “muitos amigos e muita gente querendo ajudar na minha formação política”. Ao mesmo tempo, ressalta como tal satisfação e desenvolvimento também foi favorecida por condições sociopolíticas, e situa, historicamente, o papel da militância em sua vida ao contar que “foi uma boa fase, estávamos com o governo da presidência e da prefeitura, portanto tínhamos um bom apoio, tocávamos muitas atividades, eu sentia que era possível transformar as coisas, que estávamos no caminho certo” (Diara).

Diara vivenciou tal revirada na hierarquia de seus motivos e de sua reelaboração na relação com suas memórias durante o período em que a atividade de estudo se convertia em seu foco principal. Segundo Davidov (1988), essa atividade deve possibilitar o desenvolvimento da capacidade de reflexão, análise, apreensão, compreensão da realidade e planificação mental. Espera-se que, durante este período, a atividade de estudo possa trazer importantes contribuições para o desenvolvimento da imaginação antecipatória, de modo que a memória, então voluntária e consciente, ocupe um novo papel na estrutura da atividade psíquica. Além do aprimoramento da educação e autorregulação dos afetos, o desenvolvimento significativo da capacidade imaginativa pode se expandir com a ampliação e o contato com a experiência humana (VYGOTSKI, 1996). Tratemos, portanto, a seguir, especificamente, de algumas das relações com as instituições de ensino e a atividade de estudo.

4.1.2 A escola

A educação escolar, como um meio de formação dos sujeitos, medeia um modo de transmissão e assimilação de conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados pela humanidade. É parte articulada a outras instituições e processos sociais, a projetos políticos, de compreensões sobre o ser humano, a natureza, a sociedade, relaciona a interesses das classes dominantes e pressões das classes despossuídas e subalternizadas, seja para a conservação ou a transformação social¹⁵.

A educação formal-escolar expressa às contradições sociais de uma instituição que manifesta tanto uma forma de dominação quanto uma conquista da luta das classes dominadas pela socialização do conhecimento desenvolvido e acumulado pela humanidade. Ainda que as mediações da compreensão por conceitos científicos possam ser prejudicadas pelas atuais relações educacionais, precarizadas em grande parte das escolas destinadas aos filhos da classe trabalhadora, foi um importante espaço de mudança para Diara e Soledad, por exemplo. Ambas narraram experiências escolares que ofereceram a alteridade das outras

¹⁵ Paulo Freire, uma importante referência de educador e filósofo brasileiro, buscou a composição entre a cultura popular e diversas correntes filosófico-políticas. Por meio de uma pedagogia de "conscientização" e socialização do poder (simbólico e material), elabora uma proposta inovadora de alfabetização que visava fazer dos "oprimidos" sujeitos da própria história e de sua "libertação". Com o advento do Golpe empresarial-militar de 1964, Paulo Freire foi preso e exilado do país, sendo bruscamente suprimida sua proposta pedagógica de alfabetização. De acordo com Semeraro (2004), a redemocratização, Constituição cidadã e instauração do Estado democrático de direito, vieram acompanhadas, entretanto, de seus contrapontos com o aprofundamento da divisão mundial do trabalho, assim como da divisão das escolas para classes sociais diferentes e da mercantilização do educador, do educando e da educação. O que, por sua vez, se compunha com os ares de renovação neoliberal na economia, do neopragmatismo na política e do pós-modernismo na cultura e na educação. Este último, tendendo a se contrapor a realidade de ideias como de verdade, história, classes sociais, fragmentando as contradições da totalidade dialética, desvinculada do contexto socioeconômico, relega a crítica ao capitalismo. Entretanto, outro pedagogo e filósofo brasileiro, Dermeval Saviani, ressaltava a indissociabilidade entre a educação e as "relações concretas de produção e reprodução de uma sociedade dividida em classes. Por isso, a educação deveria se voltar a construir a democracia social a partir de uma formação crítica, autônoma e qualificada dos trabalhadores" (SEMERARO, 2004, n.p.). Assim, Saviani entende o trabalho educativo como "o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens." (2008, p. 13), de modo a "tornar os indivíduos contemporâneos à sua própria época" (2004, p. 49). Entretanto, pondera: "Estruturar a escola pública e seus conteúdos na direção de um projeto de socialização do poder, demandava algo mais do que se apropriar do "conhecimento universalmente acumulado" que poderia servir para a escalada de alguns às camadas superiores, não necessariamente para superar as desigualdades e as injustiças sociais". (SEMERARO, 2004, n.p.).

crianças e jovens, o contato com professores, no acesso a determinados conteúdos conceituais, na composição ou no conflito e na contradição com determinadas elaborações teóricas sobre um movimento da realidade.

Os relatos de Soledad e Diara mostram como a inserção escolar pôde favorecer, ao menos inicialmente, o desenvolvimento da necessidade de mediações mais complexas para a compreensão dos estranhamentos gerados pelo afastamento dos ciclos da cotidianidade da família e da comunidade mais imediata e naturalizada. Segundo Vigotski (1996), a escola oferece o contato com grupos da mesma geração, o que, na adolescência, pode adquirir força de afetação maior que da família. O contato social mais amplo no mundo escolar, ao mesmo tempo em que vai desenvolvendo, no adolescente, a capacidade de uma relação pessoal mais íntima com seus coetâneos, produziu experiências marcantes na memória de Soledad, no que diz respeito à sua relação com os colegas da escola de origem guarani, assim como em Diara, que narra a mudança para a cidade e o contato marcante com jovens e professores de uma escola particular destinada à educação dos filhos da elite operária de uma multinacional do agronegócio. A partir do desenvolvimento da íntima relação interpessoal com coetâneos tão diferentes, vai se constituindo também a relação do jovem consigo mesmo, com a estruturação de sua personalidade e os sentidos em sua vida.

Nesse sentido, também se revelam a importância dos contatos iniciais de Luiz, de Maria e de Wladimir com a luta secundarista contra o aumento da tarifa do transporte público e a busca pela auto-organização na construção de um grêmio estudantil, além do contato de Tupac com a luta estudantil e partidária do socialismo, já no âmbito universitário. Portanto, nota-se que tal espaço serviu à configuração da base afetivo-volitiva dos julgamentos e interesses do futuro militante. Apesar de suas contradições e limitações estruturais e históricas, tais espaços educacionais também podem favorecer o acesso a relações interpessoais e a conteúdos teóricos que serviram como estímulo para a busca por uma nova qualidade de debates e acesso a conteúdos culturais, como os desenvolvidos de forma intrinsecamente implicada na atividade coletiva auto-organizada como sujeito político. O que não significa diminuir o conhecimento formal, que não está diretamente implicado no acúmulo histórico da luta sociopolítica da classe trabalhadora, uma vez que, assim como lembra Saviani (2009), não é porque a burguesia se apropria e põe a seu serviço o conhecimento mais elaborado que ele se trata do próprio saber burguês, mas é o conhecimento produzido historicamente pelo conjunto da humanidade, e que deve ser rearticulado às suas necessidades e aos interesses das classes trabalhadoras.

Entretanto, é possível que, para muitos estudantes de uma aula formal de Filosofia, Sociologia, Artes, História etc., os conhecimentos a respeito daquilo que existe podem ser assimilados como motivos ‘apenas conhecidos’ (Leontiev, 1978), importantes para a formação dos motivos como possíveis, mas não se convertem em algo que estimula a mudança ou que determina a sua atividade.

Soledad conta que sua família sempre teve condições muito limitadas de consumo: “meus pais nunca compraram absolutamente nada pra mim”. Desde criança, ela se lembra de perceber e de se questionar tanto sobre o motivo de seus pais não lhe comprarem as coisas que alguns colegas tinham, assim como percebia que, na escola, haviam colegas muito mais pobres, de famílias guaranis, que apresentavam muita dificuldade em entender algumas disciplinas. Soledad se questionava: “por que eu consigo entender e por que essa pessoa não consegue? Ou por que eu tenho esta roupa e a outra pessoa não tem, se a diretora falou que era pra vim com essa roupa e ela está vindo com outra?”.

Soledad, inicialmente, ainda que por meio do pensamento perceptual de impressões instáveis, ao se questionar sobre a capacidade intelectual de alguns colegas, poderia concatenar essa percepção a capacidades individuais, naturais, méritos inatos a cada um, mas recupera, na memória, que começou a relacioná-las às condições das famílias guaranis e à impossibilidade de ir à escola com o uniforme requerido pela direção da escola, ou seja, a diferentes condições culturais e materiais de vida. A percepção de si começa a se constituir em relação ao outro, percebido simultaneamente como igual e diferente, não apenas em suas singularidades, mas em seus traços sociais particulares, posteriormente reelaborados nas marcas de sua memória e melhor compreendidos como diferenças culturais, étnicas, de condição de opressão e desigualdades socioeconômicas.

Na passagem da infância para a adolescência, a narrativa sobre as experiências com a atividade escolar, mostram o despertar da percepção das divisões socioeconômicas dos colegas e passa a adquirir o primeiro plano as relações mais íntimas e o próprio conteúdo intelectual das disciplinas lecionadas, o conteúdo teórico de estudo e os debates em sala de aula. Além desse contato com a vida das crianças e dos adolescentes de diferentes estratos de classe, os conteúdos ministrados também carregam as contradições das sociedades a que se referem, sobretudo quando se tratam de conhecimentos que dizem respeito à vida social, com os quais os interesses humanos estão inevitavelmente imbricados. Nesse sentido, é interessante notar que as experiências, tanto de desenvolvimento da compreensão social crítica de Soledad, como do conflito e do embate crítico de Diara, foram, ambos, com professores de Geografia, não quando tratavam de geografia estritamente física, mas sobre

temas relacionados à compreensão do espaço da vida social. Diara conta sobre a contradição do que a constituiu em relação às opiniões racistas de um professor de Geografia sobre os povos indígenas, enquanto, também com relação aos povos originários, Soledad conta sobre o contraste que sentiu com relação à origem socioeconômica dos colegas de famílias guaranis, mas, em sentido inverso ao de Diara, a experiência de Soledad com os conteúdos teóricos da aula de Geografia foram fundamentais para a expansão da capacidade de compreensão de seu mundo e para a constituição do que ela é, hoje. A participante destaca que tal transformação de sua concepção de mundo e de si tiveram, como momento marcante, a confecção de um trabalho de escola para a disciplina de Geografia sobre a situação agrária no Paraguai. Soledad remete a sua reelaboração da trajetória e da origem camponesa de sua família, e guarda bem viva em sua memória, tal tarefa escolar, uma vez que sentiu o desvelamento da divisão da propriedade da terra como uma injustiça social, como “um choque”, “aí começou uma revolta”, “cara, tem alguma coisa muito errada nesse país”, “aí eu queria entender mais porque tem rico, porque tem pobres” (Soledad).

É por meio de tais “porquês”, dessa busca pela compreensão dos motivos, que está a diferença entre valores que são apenas caritativos para os que também são revolucionários, ou, em termos afetivos, passar do amor ao próximo, como piedade ou paixão pela compaixão (SAWAIA, 1999, p. 107), para o “amor eficaz”, como entendido pelo padre e militante Camilo Torres (1970).

A mudança para a escola na cidade também representou, para Diara, um momento de negação da militância sociopolítica de seus pais e da própria comunidade de onde veio, de modo que a nova escola surgiu como um meio para outra forma de vida social, mediada por bens de consumo, como “ter celular, comer *McDonalds* ou apenas usar tênis pra ir à escola” (Diara), relacionados a vaidades, à sexualidade e a valores próprios das imagens que fazia das primas e das que recebia por meio da televisão. Quando se mudou para a cidade, Diara foi estudar em uma escola fundada com o objetivo inicial de atender aos filhos dos trabalhadores(as) de uma cooperativa de grandes empresas de eucalipto da região. Diara relata que os professores e os alunos sempre “falavam muito mal dos indígenas, dos quilombolas, da reforma agrária etc.”, o que lhe incomodava muito e a fazia questionar os professores. A participante conta que, rapidamente, se tornou popular na escola, mas, exatamente por parte do que ela mudou de cidade buscando negar em si, a militância dos pais, mas que, viva em sua memória, repercutia nas diferentes formas com que se manifestava e nos conteúdos com

que se afetava durante as disciplinas, de modo que, logo, foi escolhida como representante de turma.

Apesar do objetivo inicial por aprender, assimilar e se adaptar à nova sociabilidade, Diara conta que era “muito palpável” tudo o que tinha vivido em sua infância, por exemplo, sua mãe nunca permitiu que alguém fosse humilhado diante de si, de modo que Diara era muito afetada pela forma discriminatória com que os bolsistas eram tratados. Até que, um dia, o professor de Geografia, durante uma aula, falou sobre como “só tinha índio cachaceiro e como os eucaliptos haviam salvado o sul da Bahia da barbárie indígena”. Essa fala foi uma das motivações da catarse, do conflito de afetos, um ‘choque de sistemas’ (VIGOTSKI, 2000), de modo que ela sentiu seu corpo indômito, sentiu-se internamente convocada a assumir a repercussão da voz de suas origens e, logo, argumentou que “sabia de onde vinha, que os índios que ela conhecia, com os que ela cresceu, não eram assim, que a terra era originalmente deles, que, dos que conhecia, se tornaram cachaceiros foi porque os brancos assim os haviam tornado, uma colonização etc.” (Diara). O debate desencadeado foi parar na sala da diretoria, quando a diretora lhe advertiu que deveria falar menos de assuntos sobre os quais não tinha clareza e, após alguma conversa, disse que ela não era o perfil de alunos que aquela escola queria. Assim como a vivência revela o que significa o momento dado do meio para a personalidade (VYGOTSKI, 1996), em tal vivência se pôs de manifesto as peculiaridades do desenvolvimento do próprio “eu” de Diara, ao recuperar a manifestação das propriedades que se formaram em seu ser ao longo de seu desenvolvimento, até então. Diara foi expulsa do colégio, mas readmitida em suas raízes, sentiu reabilitar, para si, a sua filiação, que, nesse caso, coincide com a busca por reatar a compatibilidade ideológica e prática herdada tanto da militância de sua família nuclear, que remonta a Juventude Operaria da Virgem Maria, como na luta de sua família estendida à comunidade onde fora criada, em território Pataxó.

A experiência escolar com professores e grupos de coetâneos, a atividade de estudo e a abertura a diversas esferas da vida sociocultural não significa um estreitamento do pessoal, pelo contrário, é nesse período que se estabelecem, como atividade especial, as relações pessoais íntimas entre os pares (ELKONIN, 1987). A partir dessa nova qualidade de relação com o outro, podem-se desenvolver pequenas comunidades de respeito, confiança, com normas morais que regem as relações interpessoais e que promovem novos motivos que orientam a atividade dirigida ao futuro. Desse modo, as novas amigas de Diara lhe ensinaram “como se deve portar, se vestir, forma de falar e outros hábitos das garotas urbanas de sua

idade e estrato social”, e isso era tudo o que Diara queria. No entanto, na relação íntima e pessoal, elas também, por sua vez, acabaram por assimilar parte dos valores que Diara evocava, de modo que, no processo de sua expulsão da escola, elas se solidarizaram e também saíram dela.

Tal saída contribuiu para que Diara se reconciliasse com a sua história, para que reelaborasse seus motivos e objetivos, e sentisse a necessidade de se organizar politicamente:

Por sentir a necessidade de estar perto de outros jovens que pensassem igual a mim, que sentia essa necessidade de agir com o povo, e também se divertir entre os seus, estar nas manifestações com tarefas e porque, junto ao desejo de transformar, tem a necessidade de entender, e estar organizada era uma das melhores formas de aprender (Diara).

O papel do desenvolvimento da atividade de estudo e das relações interpessoais também foram ressaltados por Maria, por exemplo, quando relatou o bom encontro que teve com os estudantes interessados em debater o passe livre no colégio em que estudava. Conta ter se simpatizado com a aceitação proporcionada pelo agrupamento, de poder falar e ser ouvida, e dos demais não se importarem diante do fato de ela “ser esquisita”, segundo o modo como Maria se refere ao fato de ter sido “gordinha”. Desse modo, diferentemente de outros espaços onde tinha de circular, nesses momentos de auto-organização estudantil, onde todos tinham direito à fala, Maria conta que os preconceitos não pareciam imperar, mas sim a atenção à valorização das qualidades e a potencial contribuição singular de cada um para o interesse concreto comum, de conquistar o passe livre para os estudantes. Diferentemente das outras associações de sua vida social, ali, Maria sentia-se como igual com seus coetâneos, onde os preconceitos eram ativamente desautorizados, onde era ouvida e passava a sujeito participativo, que contribuía ativamente na luta por uma conquista geradora de sentido. Essa aproximação se dá por meio de uma combinação de motivos subjetivos/objetivos. Além de Maria se sentir acolhida e valorizada em sua potência, ela também se interessava pela intersecção de motivos concreto-econômicos, pois se recorda que lhe “parecia ótima a ideia de não gastar com o busão [sic]”, já que, além de morar longe da escola, conta que também queria juntar dinheiro para colocar um *piercing*.

Wladimir retrata a dinâmica singular/coletivo ao contar que se aproximou da luta pelo passe livre promovida pelo movimento secundarista por reconhecer um potencial real no próprio movimento, assim como Maria, ele também foi atraído, inicialmente, pela motivação econômica, uma vez que havia conseguido uma bolsa para fazer gratuitamente um curso de

língua estrangeira, mas não estava conseguindo manter a assiduidade devido ao preço do transporte público. Luiz, por sua vez, conta que também sentiu as suas qualidades singulares, atuais e potenciais, reconhecidas, valorizadas e aprimoradas, inicialmente por uma colega de escola, por quem nutria admiração por ser uma moça tão jovem que “se colocava muito bem na política”. Essa jovem passou a convidá-lo para participar de diversas atividades sociopolíticas. Como para montar uma chapa para o grêmio estudantil e para um seminário de debates promovidos pela organização de uma juventude socialista. Foi nesse seminário, como mencionado na seção anterior, que Luiz ficou muito surpreso ao se encontrar com o seu irmão mais velho e descobrir sua atuação sociopolítica.

Além das mudanças nas capacidades físicas e orgânicas, às transformações do desenvolvimento da adolescência/juventude, o desenvolvimento cultural das funções psíquicas superiores e a expansão da experiência social, tem uma base afetivo-volitiva, que passa por períodos conflitivos. Muda a posição que o jovem ocupa em relação aos adultos e lhe possibilita maior participação nas relações sociais, portanto, também nas contendas sociopolíticas. Tal desenvolvimento pode favorecer a formação dos pontos de vista gerais sobre o mundo, sobre as relações interpessoais e o horizonte de possibilidades. Desse modo, o sujeito pode desenvolver as condições para se tornar mais crítico em relação às maneiras de agir, às qualidades pessoais e aos conhecimentos teóricos, por meio de outro posicionamento ante as exigências impostas. Pode se tornar mais consciente das relações sociais estabelecidas, o que leva a uma mudança na motivação de sua atividade, com geração de sentidos para a vida e reinterpretação de suas ações anteriores, ao se estruturarem novas tarefas e motivos das atividades dirigidas ao futuro (DAVIDOV; MÁRKOVA, 1987; LEONTIEV, 2001).

Durante esse processo, no entanto, dentre os entrevistados que se aproximaram da militância durante a fase do desenvolvimento da adolescência e da juventude, alguns relataram que era relativamente comum a busca por desmoralização e deslegitimação de seu engajamento sociopolítico, que não atacavam o conteúdo das análises e atividades sociopolíticas em questão, mas a própria pessoa a partir de uma discriminação etária. Quando demandada para que se recordasse do período de aproximação inicial na militância social, Soledad aponta a passagem por um bloqueio sutil: a ideia corrente de que a revolta é própria da adolescência e juventude, e que, portanto, seu interesse pela militância política seria fatalmente passageiro. Ela conta que seus familiares não se importavam com sua nova necessidade, uma vez que acreditavam que o engajamento sociopolítico era coisa da juventude, que adquiria o sentido de um “idealismo ingênuo temporário”, que logo seria

suplantado, de modo que os desejos sociais que expressava seriam vencidos nela pela maturação natural da idade. Portanto, isso seria uma manifestação própria de um período de maturação humana, descoberto a partir do século XX. Uma “patologia normal” (KNOBEL; ABERASTURY, 1981) de um período especialmente naturalizado, universal e biologizado, enfocado a partir da anormalidade, do distúrbio hormonal e mental, da patologia e da passionalidade, como a manifestação de restos emocionais que seriam naturalmente extintos, subordinados, resfriados até se acomodarem à sua verdadeira forma final na atual “razão” social dominante¹⁶.

Para o psicólogo soviético Vygotski, ocorre o contrário, as transformações críticas desse período de maturação sexual não se dariam devido a impulsos incontroláveis de uma “elevada emocionalidade”, como entendia a “Psicologia tradicional”, uma vez que este seria justamente o “período de potente auge do desenvolvimento intelectual, que pela primeira vez o pensamento ocupe, neste período, o primeiro plano” (VYGOTSKI, 1996, p. 49). Ainda segundo Vigotski (1996, p. 64), “a passagem ao pensamento em conceitos abre ante o adolescente o mundo da consciência social objetiva, o mundo da ideologia social”, de modo que tal período poderia ser mais bem lembrado pelo desenvolvimento das funções psíquicas superiores, pela possibilidade de abstração de pensamento por conceitos verdadeiros, pela possibilidade de uma melhor compreensão da realidade social em seus nexos e determinações fundamentais.

4.1.3 A manifestação sociopolítica

Se a família e a escola afetam de forma diferenciada os participantes da pesquisa, todos narram como as grandes manifestações sociopolíticas instigam a militância e lhes

¹⁶ Essas formas de deslegitimação acompanham a patologização dos comportamentos tomados como desviantes, excessivos, degenerados, desadaptados, próximos às concepções individualizantes, moralistas, biologicistas de insanidade moral ou doença mental, abstraída da vida da pessoa humana na estruturação social e histórica. No entanto, se se depreende que a sociabilidade dominante não exerce um papel passivo diante de uma maturação psicológica natural da população. Tais representações “metafísicas, biologicistas e patologizantes” (ANJOS, 2017, p. 11) sobre o interesse sociopolítico da juventude parecem dizer mais sobre o valor social do mundo do trabalho alienado como uma engrenagem trituradora de propósitos comunitários, e dizer mais sobre as concepções e possibilidades sociogênicas de participação política efetiva na atual conformação histórica, do que sobre tal período do desenvolvimento ontogênico.

causam uma impressão significativa, pois parecem capazes de adquirir o potencial de um poder de profunda transformação da realidade posta. Nesse tópico trataremos sobre as manifestações sociais como experiência ética, estética e política. É no coletivo em luta social, que passam por momentos de organização, preparação e enfrentamento, que muitos participantes descobrem, não apenas a possibilidade de pensar criticamente, mas o poder de ação transformadora. Tal qual Apoema descreve como sempre sentira que algo estava muito errado na forma como era organizada a vida social: “enxergava a exploração, só, no começo, não tinha o entendimento do engajamento nas lutas sociais”.

Ao invés de se diluírem e se apagarem na massa, revelam algumas volições inauditas e trazem à tona alguns dos desejos mais profundos dos entrevistados, muitos que pareciam, até então, suprimidos como parte de uma tensão social latente, contida no processo de resignação da impotência sociopolítica, naturalizado e atenuado o sofrimento e a indignação, atrofiado e constringido o leque de possibilidades. A participação em algumas experiências com o poder de ação na luta sociopolítica, a elevação da potência coletiva pode possibilitar o vislumbre de uma ponte entre o posto e a possibilidade de mudança social, portanto, inclusive, dos afetos passivos e situações de padecimento, como a melancolia sociopolítica ou a indiferença voluntária. Nesse sentido, o papel da multidão tem grande significância, afecções e necessidades sem objeto passam a agir como uma força motriz da atividade quando Apoema vislumbra um poder material de expressão nas lutas massivas de 2013. Apoema diz que “fui somente pra ver”, mas se nota como tal experiência tencionou seu despretenso lugar de público espectador, passivo e isolado, como tal vivência provocou uma contradição com os motivos do ciclo das reatividades cotidianas, e foi a partir dessa primeira aproximação, que Apoema conta que passou a ir a todas as manifestações.

Experiência semelhante é relatada por Sawaia (1987) na análise do processo de consciência de mulheres participantes de movimento de moradores de favelas: “Saber que nós éramos exploradas, nós sabíamos, às vezes nem temo comida para os filhos. O problema que nós não temos força para agir”. Apoema vivia cotidianamente em meio a grandes aglomerações humanas, no metrô, nos trabalhos e nas ruas de São Paulo-SP, mas a familiaridade com aquela multidão a que se habituara, formada, praticamente, pelas mesmas pessoas de outra massa de qualidade profundamente diferente, com a que sua vivência cotidiana conflitou, no estranhamento com uma multidão que lhe parecia formar **outra qualidade de laço social**, manifestando uma **força** que aquela massa habitual sempre tivera em **estado latente**. Portanto, não se configurava como uma diluição cotidiana em meio à

população, mas como um aumento da potência de vida, um ânimo das capacidades de sentir, de pensar e de agir, um saber, uma convicção, uma disposição, um poder e uma experiência estética catártica. Em suas palavras: “a gente fica animado, no meio da população. Você vê ali mais de 5, 10 mil pessoas juntas, descendo uma rua muito grande, isso é muito lindo. É emocionante demais, saber que você pode mudar alguma coisa” (Apoema).

Tais experiências políticas, não são apenas racionais, puramente cognitivas, mas também éticas e estéticas, e podem se dar tanto, como nos relatos supracitados, nas tensões entre a inserção e o distanciamento em relação ao todo da multidão, que se manifesta como um sujeito coletivo, como com relação as suas singularidades internas. Segundo observa Tocqueville (2011), os acontecimentos permanecem presentes na memória não apenas em função de sua importância ou de sua magnitude, mas às vezes são pequenas particularidades, vivências emocionais significativas, que podem ser estético-políticas, ou, segundo Lima Barreto (1995, p. 127), recordações “às vezes composta de coisas fúteis”. Como, por exemplo, narra Soledad de, durante a sua primeira participação em uma **grande manifestação sociopolítica**, ter guardado na memória à companhia de algumas amigas do irmão, que tinham algo diferente, lhe pareceram interessantes e “usam **roupas de cores**” (Soledad).

Soledad teve uma experiência com essas pessoas que lhe pareceram interessantes quando tinha 14 anos. Nessa época, com alguma euforia, participava de sua primeira manifestação política, acompanhada da mãe e do irmão, em comemoração ao aniversário da queda da ditadura militar-empresarial no Paraguai. Tal experiência estética-política, não expressa apenas o conhecimento das razões para agir, ou os estímulos recebidos na relação direta com a realidade vivida, mas também ressoa em sua memória e afetos, como os concatenados a experiência de ir com a mãe e irmão em uma manifestação de aniversário contra a ditadura empresarial-militar, que revivia a memória histórica em um ato político perpetuamente vigilante. Ou seja, tal experiência narrada, da jovem Soledad com as moças que lhe pareceram diferentes, interessantes, vestidas de ‘roupas de cores’, dentre outras imagens que se aproximam do que se pode referir como uma ‘reflexão emotiva’ (TEPLOV, 1991; VÁZQUEZ, 1999, apud. SCHÜHLI; ROSSLER, 2011). Tal reminiscência não se reduz a uma identificação como simples ‘projeção sentimental’, mas também se tratou de um estranhamento e distanciamento, que, no contexto da manifestação que remetia a história do povo do país onde nascera, extrapolava em muito a realidade física usual das roupas, das ações banais imediatas, da familiaridade das pessoas ou da reificação acinzentada.

Como Soledad, que já conhecia muitos dos motivos para a luta social, teve várias ocasiões que eles puderam ser retomados, melhor compreendidos, enriquecidos e elaborados, como na experiência marcante sobre o estudo da questão agrária em uma aula de geografia do ensino médio, como vimos no tópico 4.1.2. Mas, a participação em algumas manifestações, ainda no início de sua juventude, lhe causaram forte impressão, lhe compuseram um quadro onde o desenvolvimento de suas capacidades de abstração compunha o conteúdo intelectual da emoção estética, as “roupas de cores”, a possibilidade de produzir uma vida mais interessante, mais humanizada e alegre, mais consciente e livre e, assim, menos pálida e acinzentada. Os motivos conhecidos para o engajamento sociopolítico assumem uma potência forte o suficiente para iniciar uma reviravolta em suas atividades, a ponto de se tornarem causa de sentido vital, alterando a sua hierarquia de motivos e trajetória de vida. Momento no qual Soledad se lembra de ter pensado algo como:

Tudo que eu vou fazer agora é para mudar a sociedade, porque eu quero ter um outro pensamento que não seja do senso comum, eu não quero casar, não quero ser mãe, não quero nada do que está sendo posto agora, não quero ser igual as minhas irmãs (...) eu estou vendo que alguma coisa está errada nessa sociedade.

No que diz respeito à experiência ético-estético-político com o conjunto de um movimento de massas como sujeito coletivo, Apoema relata: “aquele monte de gente na rua, foi muito gostoso, senti a possibilidade de mudança, de poder mudar alguma coisa, poder fazer alguma diferença, senti que a sociedade tinha esse poder na mão”. Tanto a primeira experiência pessoal direta quanto a segunda foram mediadas pelas mídias virtuais, mais ampla, mas que não era mediada pela grande mídia empresarial. Muitas dessas mídias virtuais eram gravadas por câmeras de celulares, de modo individual ou organizado, por pequenos coletivos populares, que subiam os vídeos para a internet, quase imediatamente e sem edição, a fim de ajudar na socialização em redes de informação e apoio, também para não correrem o risco de terem seus equipamentos apreendidos com as imagens. Apoema descreve como participou de sua primeira marcha: “estar com mais de cem mil pessoas, aí você chegou em casa, abriu a internet, o celular e viu a notícia que o Brasil todo está se movendo, a sensação de que, finalmente, poderíamos, era o Brasil todo”.

Enquanto isso, Tereza conta como a experiência combativa de caráter massivo ia adquirindo significados mais ricos e potentes, por meio da fala convicta e emocionada de uma mulher que discursava do alto do carro de som, uma liderança sindical com a qual pôde se identificar. Para ela, esse momento se configurava como um forte exemplo político-pedagógico,

um momento de fortalecimento de convicções e afetos ativos, um exemplo dos modos como a potência afetiva e intelectual pode se converter em uma grande força corpórea e espiritual, ao adquirir poder de ação transformadora em um movimento social organizado para si, ou, como explica Apoema: “Não senti medo [...] Estava fazendo a coisa certa”. Nessa direção, é interessante o relato de Tereza sobre o quão fortemente se emocionou durante a sua primeira participação em uma manifestação massiva, que lutava em defesa da educação e contra o fechamento de escolas públicas em São Paulo:

Vi aquele ato e comecei a chorar, vi que era uma luta por todo mundo, luta igualitária, melhorar as escolas, aí o discurso da moça do sindicato me emocionou, como sendo a uma única causa, contra o fechamento das escolas, era para todo mundo, unidos em prol de uma coisa, aí é uma mistura de sentimentos (Tereza).

Em relação aos enlaçamentos desse sentimento de comum, em Tereza, tal mistura súbita de emoções desordenadas, mas definidas por condições bem determinadas, foram entrando em conexão com o drama psíquico até se firmarem em sentimentos mais estáveis em relação a um motivo constitutivo de sua própria personalidade: “aquilo foi à veia política se ligando no meu coração” (Tereza).

Tanto para Apoema como para Tereza, os fundamentos da razão e as primeiras afecções em seus corpos, gerados no encontro com a multidão rebelada, produziram noções que tenderam a gerar explicações a partir do que era comum a todas as coisas, e ainda não da sua essência mesma (SPINOZA, pela prop. 37; demo. do col. 2 da prop. 44). Para Tereza, foi a primeira representação desta unidade: “era para todo mundo, unidos em prol de uma coisa”; ou, como expressa Apoema, “a sociedade tinha esse poder na mão”, “era o Brasil todo” –, ainda eram, em grande medida, abstraídas dos elementos sobre os quais repousavam e dos quais esse comum era constituído. O significado da multidão da população como uma determinação abstrata ainda seria mais elaborado a partir de novas experiências e outras categorias, de modo que, enriquecida, pudesse adquirir maior precisão em uma nova concentração no pensamento, uma “reprodução do concreto no plano do pensamento”, mais próxima do que Marx (1978, p. 116-117) se referiu como “uma rica totalidade de muitas determinações e relações”.

Nos relatos de Diara e de Wladimir sobre a organização e as participações nas manifestações em movimentos secundaristas, ou no acolhimento da organização política de Maria, se pode perceber a relação entre seus interesses imediatos, estímulos pessoais e vínculos afetivos. Tais dinâmicas foram revividas e reelaboradas em cada um, ao

rememorarem as reentrâncias de sua trajetória, a partir do desenvolvimento de significados, motivos e compromissos, em uma multiplicidade de determinações que os afetaram de modo que se vinculassem à luta social. Maria conta como se sentia realizada por poder participar e contribuir com suas habilidades, sem se sentir discriminada. Assim como Wladimir, ela acrescentava a vontade de participar às suas necessidades e aos interesses econômicos imediatos em tais lutas sociais.

Acho que fui porque o povo falava de passe livre e eu pegava busão [sic] pra ir pra escola. Aí, eu queria juntar o dinheiro do busão na época pra por um *piercing*... [risos] Eu também gostava da galera. Era uma galera massa, que ouvia rock... E não implicavam comigo (Maria).

Apoema e Carlos relatam, com muita vivacidade, como foram afetados de alegria, o primeiro, ao participar de manifestações, em 2013, inicialmente, contra o aumento da tarifa dos transportes públicos; e o segundo na organização dos piquetes e das greves em uma usina metalúrgica por melhores condições de trabalho. Apoema conta que “não tinha conhecimento do que era política, quase nenhum, do quadro geral. [...] Era apenas um moleque que saiu do Ensino Médio e estava tentando construir a sua vida”, mas, nas manifestações de 2013, ele disse que se sentiu convocado a estar presente e conta como se sentiu realizado com sua participação e os resultados finais. Apoema avalia que a conquista do passe livre para alguns setores sociais foi uma “vitória muito grande” imposta pelas manifestações populares ao governo e a empresa que monopoliza o transporte público na cidade. E conjectura na imaginação que se não tivesse trancado a faculdade por falta de condições financeiras para pagar a mensalidade que, “mesmo desempregado, poderia estar, pelo menos, indo e voltando da faculdade” (Apoema).

É notável como tais manifestações e enfrentamentos sociopolíticos, sobretudo quando vivenciam conquistas concretas, como as acima narradas por Apoema, reforçam elos sociais, criam e expandem novos vínculos para si. Também reforçam e criam conexões afetivas e intelectuais que apontam para a ideia de que as mudanças que necessitam só podem ser efetivar no plano coletivo e na transformação de relações concretas que engendram suas adversidades. Entretanto, o entusiasmo, ardor e crescimento do sentimento de força para agir é muitas vezes refreado pela percepção de que o que se têm de potência para agir pode ainda lhes faltar em poder de transformação.

Carlos se recorda das primeiras manifestações das quais participou e diz que, por menores que tenham sido, o faziam sentir que “estava fazendo alguma coisa, contribuindo

para uma coisa enorme que estava em ebulição, que aquilo pode juntar com outras manifestações e adquirir poder para promover uma mudança”. Mas avalia criticamente que ainda não conseguia perceber diferenças qualitativas em diferentes tipos de manifestações, portanto, que ainda não tinha uma avaliação muito crítica sobre sua atividade. Carlos conta que ficou muito impressionado, tomado por um sentimento de enorme poder de ação, ao participar de uma manifestação popular com 17 mil trabalhadores(as) organizados que lhe pareciam estar mudando tudo. Hoje, avalia que, ainda que ajudasse a animar, a capacitar e a preparar a militância, ao criar uma cultura de luta social, ele não percebia tal atividade a partir da importância de se exercitar na luta. Mesmo porque, pode-se entender que, se a luta perde a sua função sociopolítica, ela enfraquece sua razão de ser, sua função de luta e sua função político-pedagógica, ou se a luta política tem função estritamente didática, ela pode não cumprir sua função nem política nem pedagógica. Carlos descreve como as manifestações públicas as quais se refere lhe pareciam ter maior poder de transformação social do que realmente tinham. Ele se lembra de ter uma relação bem otimista com as manifestações por si mesmas, com o deslumbramento com um novo mundo desvelado, ainda que sua privação de conhecimento sociopolítico mais profundo dificultasse uma avaliação mais rica de suas qualidades, seus limites e suas possibilidades, e que começasse a sentir alguns estranhamentos.

A partir do aperfeiçoamento das ideias da mente, Carlos conta como retornou aos encontros práticos e afecções do corpo, a partir de outra qualidade de reinserção sociopolítica. A elaboração teórica sobre sua prática o levou a elaborar seu sentimento de que as lutas que construía a época serviam mais ao que podemos nos referir como o aumento da potência de ação e menos ao aumento de um poder de transformação social propriamente dito. No longo prazo, Carlos foi levado a um choque de sistemas entre a sua enérgica e completa dedicação à construção e participação em grandes atos sociais, que lhe pareciam ter a capacidade de tudo poder transformar, mas que posteriormente foram sentidos como mais acomodados e compatíveis aos marcos da ordem dominante do que imaginava e desejava. Nesse momento, Carlos parece considerar algumas manifestações sociopolíticas como o ‘suspiro e o grito do ser oprimido’, cumprindo mais uma função mais opícea do que de possibilidade real de mudança social. Algumas manifestações como uma participação apenas estética, uma forma de inclusão perversa no jogo político, minimizando outras de suas funções como, por exemplo, na transformação dos sujeitos que dela participam, de ensaio prático coletivo, de

agitação, capacitação e educação da mente e do corpo, na cultura de luta, na demonstração de força e pressão na correlação social, dentre outras.

Carlos relata que as manifestações mais marcantes em que esteve não foram as grandes manifestações de rua, como aquela com 17 mil pessoas. Apesar de reconhecer sua importância, avaliou, posteriormente, que: “não ameaçava nada para o inimigo, era mais uma manifestação em Brasília, como se aquelas ruas de Brasília tivessem sido feitas para aquilo ali... completamente admissível” (Carlos). Ele considera que os enfrentamentos mais importantes dos que participou foram os travados com as direções de uma grande usina siderúrgica, quando sentia ter maior capacidade de pensar a multiplicidade de determinantes político-econômicos, de compreender os efeitos que buscava produzir e suas causas adequadas. Assim, avalia que uma menor quantidade de corpos podia ter uma maior potência e poder de ação. Esclarece que considera as manifestações de rua muito importantes, a depender do caráter e do conteúdo das reivindicações, mas que, das que tinha participado até então, percebia mais como demonstrações simbólicas de força. Mesmo levando em conta que tais exercícios e disputas simbólicas sejam necessários e importantes, Carlos as contrapõe a atividade de estar em vias de interromper o que é central para o funcionamento de seu inimigo de classe, de modo que quaisquer movimentos podem desencadear consequências mais significativas, assim como também podem produzir reações igualmente intensas. Carlos conta que, nas experiências que teve na siderúrgica, percebia manifestações com conflitos mais agudos, com demandas mais concretas e objetivos mais claros a serem alcançados, que levariam, inclusive, a maiores necessidades e possibilidades de racionalização da ação.

Além dos ciclos de constantes disputas por uma maior parte dos excedentes produtivos, Carlos conta como podia vivenciar as relações entre a força policial e os interesses dos empresários da usina. Por se tratar de uma cidade pequena, que tem a siderurgia como seu centro econômico, político e geográfico, o controle e a dominação da empresa se estendiam de forma particularmente invasiva sobre a vida de cada trabalhador. Alguns funcionários se encarregavam de vistoriar a sociabilidade dos operários, desde o consumo de bebida alcoólica até as relações conjugais. Os militantes, sobretudo, eram constantemente vigiados, perseguidos e atormentados por boatos/ameaças de assassinato, e assim por diante. Nesses momentos, Carlos conta que surgia um receio e um medo de sua atividade, que se misturava à convicção de que fazia o que tinha de ser feito.

Para Carlos, a partir de sua busca pela compreensão adequada da sociedade vigente, em busca do poder de transformação que correspondesse ao ímpeto de sua potência

de agir, entendia como central a contradição capital/trabalho, de modo que a sua militância em uma grande siderúrgica representava um processo de retorno da teoria à prática. Essa se deu como se o conjunto de abstrações teóricas, como categorias explicativas da estruturação capitalista, desenvolvidas historicamente na luta da classe trabalhadora, pudessem ser assimiladas e reelaboradas de volta às suas materializações no plano mais imediato da vida cotidiana.

Enquanto que o encontro de Apoema com as manifestações massivas que reivindicavam por mudanças para o Brasil, em 2013; o de Tereza, com o levante de manifestações e ocupações pela educação pública, em 2015; assim como o de Luiz e de Wladimir, em suas primeiras vivências na luta social, têm, em comum, a narrativa de um choque de interesses sociais como um processo catártico, revigorante e autor de sentimentos contraditórios, de conflitos e de reorganizações intrapsíquicas, em que o acréscimo do poder que a ação coletiva de transformação social motivou deslocamentos da consciência sobre a vida social e do sujeito sobre si mesmo. Todos eles narram como foram estimulados a expandir e a qualificar as suas capacidades de sentir e de pensar sobre os sentidos da ação coletiva. Durante esses momentos excepcionais, os participantes se encontraram com a possibilidade de partilhar tensões, alegrias e sofrimentos que podem desvelar sua dimensão ético-política. Assim como as alegrias são fortalecidas quando compartilhadas, os dramas sociais de seu tempo histórico podem ser ressignificados para um “dever-ser” realmente diferente, ainda que, durante os momentos iniciais, tais motivações ainda não tivessem muita clareza e distinção de seu objeto, ou capacidade de operacionalização sobre os meios e fins, rumos e profundidade das mudanças que responderiam a tais motivos.

Wladimir conta que participou da primeira manifestação com 14 anos, pelo passe livre, em Londrina-PR, relata que sua mãe cuidava sozinha, com os rendimentos de bordadeira, dele e de seus irmãos. Wladimir era estudioso e acabou ganhando uma bolsa para estudar francês, mas que, no entanto, não conseguiria cursar, por não dispor do dinheiro para pagar a passagem de ônibus. Foi quando alguns colegas de sua escola começaram a se organizar para realizar uma manifestação contra os aumentos abusivos da tarifa do transporte público. Segundo Wladimir, isso “surgiu em boa hora”:

fiquei extasiado junto com outros estudantes lutando por algo que impactava a minha vida. “Pô”, fiquei pensando, “se aprovasse o passe livre poderia ir na biblioteca, frequentar curso de francês”. Eu não tinha dinheiro para o passe, ia a pé para o centro, pegava carona com uma professora, mas, quando tinha aula de francês, tinha de pagar e não tinha. Achei que ali podíamos ter este direito (Wladimir).

Em suma, Luiz, Tereza, Apoema e Wladimir destacam que a participação em movimentos reivindicatórios e de enfrentamento social, como manifestações, greves e ocupações, os motivaram a buscar uma melhor “formação política” e ferramentas intelectuais que pudessem dar resposta ao que sentiram. Isto é, ao equalizar significados que se manifestaram por meio de experiências emocionais, como sinais indiretos que, segundo Leontiev (1978), refletem relacionamentos entre as necessidades e a possibilidade de seu sucesso, buscam a realização das ações que respondem a esses motivos.

Apoema, ao sentir, na manifestação, uma multidão com relações qualitativamente diferentes das quais estava habitualmente inserido, organizadas pela valorização do capital, não sofreu uma dissolução na multidão, mas, ao contrário, sentiu um aumento da sua potência de existir, ao animar o seu interesse para a compreensão do mundo em que vive e para o autoconhecimento. Apoema conta que, logo após a manifestação, se dedicou a estudar material jornalístico e filosófico nas redes sociais sobre a política e a sociedade, a fim de melhor elaborar essas suas afecções em uma força espiritual compatível à força material que experimentara.

Assim como Apoema entendeu que a sua participação no poder popular, expressa nas manifestações massivas de 2013, foi importante para que ele reacendesse o interesse e a busca por um conhecimento mais profundo sobre as questões sociopolíticas, Francisco toma, como momento importante para o desenvolvimento da sua identificação como alguém de esquerda, a sua participação nas mesmas jornadas de lutas. Francisco conta que, nesse processo, “ficou mais evidente, assim, essa questão de direita e esquerda pra mim”. São relatos que também corroboram com a tese materialista-dialética sobre a importância da atividade do sujeito, coletivamente articulada, para a modificação social e do próprio sujeito, ou da centralidade de sua participação na mobilização política, do protagonismo popular na luta social, para o desenvolvimento da elaboração política da classe trabalhadora. Portanto, também corroboram com a compreensão de que, além da existência objetiva das classes sociais, “os indivíduos singulares formam uma classe somente na medida em que têm de promover uma luta contra uma outra classe; de resto, eles mesmos se posicionam uns contra os outros, como inimigos, na concorrência” (MARX; ENGELS, 2007, p. 63).

Outro relato que evidencia as formas como a participação voluntária em movimentos coletivos pode modificar os sujeitos que se esforçam por modificar as suas circunstâncias, é o de Luiz a respeito de sua primeira experiência na produção e na

participação em uma manifestação de rua, quando, com movimentos secundaristas de sua cidade, organizou um ato contra o aumento da tarifa do transporte público. A manifestação fechou o terminal rodoviário e uma das ruas comerciais do centro da cidade, mas Luiz disse que ficou muito chocado com a forma com que a polícia reprimiu a todos, mesmo os mais jovens, com extrema violência. Segundo conta, o centro da cidade virou uma “praça de guerra”, com bala de borracha, bombas de pimenta e gás lacrimogênio. Implantou-se o caos, os comércios fecharam as portas, pessoas gritavam e muitos de seus amigos ficaram feridos. Luiz recebeu um tiro de bala de borracha nas costas e um de seus amigos no pescoço. Esse jovem foi, posteriormente, informado por um médico que o tiro havia acertado sua jugular, de modo que, se ela inchasse, isso poderia tê-lo matado. Luiz conta como essa vivência foi impactante, de afetos ambíguos e intensos: “senti aquilo vibrar dentro de mim, uma mistura de raiva, medo e êxtase ao conseguir chutar algumas bombas de volta... A dor do tiro parece que foi embora”. Expressões de uma experiência que se aproxima da concepção vigotskiana (2006) de catarse, como o processo de superação de emoções conflitivas em um novo sentimento.

Margarida nos conta sobre uma experiência que também foi marcante pelo nível de violência que atingiu a luta social e porque, apesar de já ter participado de outras grandes marchas, eram todas com movimentos sociais/sindicais, previamente organizadas e coordenadas. Essa era a primeira massiva, mais espontânea e desorganizada de que participava. Margarida narra a sensação de uma força de enormes proporções e rumos ingovernáveis, também sem nenhuma direção corporificada, na qual ninguém e nem nenhuma função seria imprescindível. Por um lado, tal conteúdo e tal formação podiam dificultar o papel de controle e domínio pelas forças da ordem dominante; por outro, esse domínio poderia ser facilitado. Em determinado momento dessa marcha, a força policial iniciou um ataque contra os manifestantes, com uma violência mais forte do que tudo o que Margarida já experimentara, o que a deixou completamente atordoada. Ela conta ter se sentido como em um “campo de batalha” e, como enfermeira, decidiu se juntar a alguns outros que buscavam prestar os primeiros socorros aos feridos. Em meio aos ataques e à confusão instaurada, pequenos subgrupos se perdiam e se dispersavam. Era uma grande multidão amorfa de pessoas que não se conheciam, como uma massa de indivíduos desagregados entre si, mas que, ao mesmo tempo, revelaram o fortalecimento de uma agregação, de laços de solidariedade e ajuda mútua. Apesar de muito impressionada com a beleza e o vigor de toda aquela força popular, tal experiência também motivou, em Margarida, a reflexão sobre a

eficácia da erupção de tamanha revolta. Sem clareza de perspectivas, dos objetos de suas necessidades, operações e mediações, Margarida buscava antecipar aonde poderiam chegar, o que ficaria de tamanho potencial explosivo, os frutos buscados pelo poder de tamanha torrente de indignação.

O esforço do sujeito coletivo modifica as circunstâncias sociais, assim como as novas circunstâncias modificam os sujeitos. Apesar de todos os obstáculos e do longo prazo para construir respostas eficazes, Apoema concebeu que a única saída viável para as pessoas que compartilham, com ele, as condições e as posições socioeconômicas é a coletiva organizada e combativa. Apoema avalia:

os resultados finais garantiram muitas coisas que a gente tem hoje, como o passe livre, que, para estudante mesmo, que é uma grande vitória. Se eu estivesse na faculdade ainda hoje, mesmo desempregado, poderia estar, pelo menos, indo e voltando da faculdade. É uma vitória muito grande (Apoema).

A sua organização em um movimento social e a intensificação da luta social o foi transformando profundamente, assim como quando narra sobre a experiência em que foram atacados a tiros, vindos de um prédio nas redondezas quando se preparavam para ocupar um terreno abandonado em um bairro nobre de São Paulo-SP:

O cara que atirou estava defendendo o quê? Não sei, se era a vista que ele tinha do mato abandonado de onde a gente ocupou. Atrás de um muro alto, cerca elétrica e segurança privada. Não sei qual foi o motivo real mesmo de ter disparado. Mas ele está indo contra o que estou defendendo e isso me dá vontade de continuar lutando. [...] é um bem pra pessoa que necessita, é um bem para aquela comunidade carente, eu estou defendendo isso, que estou defendendo um interesse meu também, é um bem e um interesse humano (Apoema).

Luiz também conta sobre como a violência dos acontecimentos o fizeram ver um “outro lado” da militância, que não é tão bonito, os riscos que representa. Mas, assim como narra Apoema, ao invés dos constrangimentos e das afetações de dor infringida refrearem ou extinguirem a potência de agir do seu corpo e de pensar da sua mente, ao invés da repressão o desestimular, como seria de se esperar, ele conta que isso lhe trouxe ainda mais força, consciência e determinação. Luiz conta como essa experiência lhe mostrou que a polícia estava defendendo a empresa de ônibus, e que, depois da manifestação, quando eles se reuniram com o vice-prefeito, puderam notar que a prefeitura da cidade também não estava do lado do transporte público, mas dos interesses da empresa, que “abusava da população”. Ou seja, a partir do acúmulo dessas experiências práticas, Luiz busca novos significados no

conhecimento acumulado em livros e em conversas com outros militantes, de modo que vai constituindo, para si, a ideia de que não bastaria confiar apenas na reivindicação ao poder público para o controle da ganância privada e de suas desmesuras, sem ser acompanhada do fortalecimento de um projeto autônomo e de força própria para aqueles que estão em semelhante condição socioeconômica.

Os relatos narrados mostram que, ainda que não possa ser substituído o lento e paciente processo de assimilação dos instrumentos simbólicos, e que seja indispensável a “paciência dos conceitos” para a decodificação das dinâmicas sociais, tal processo pode ser catalisado, apressurado, coletivizado e potencializado por um momento crítico, como vertiginosos processos de incorporação da ação coletiva como instrumento de luta e organização, em situações limites como quando o esforço ativo por transformação se depara com o choque de interesses e atividades de forças sociais antagônicas. Apoema conta que o desenvolvimento de seu entendimento convicto sobre o que fazia, possibilitou o controle de seus afetos, como do medo: “não senti medo, porque eu acho que não estava fazendo a coisa errada, estava fazendo a coisa certa, tenho isso na minha cabeça”.

Certamente, é imprescindível o conhecimento das causas adequadas, como da causa dos afetos passivos gerados na sociabilidade dominante, mas isso parece insuficiente sem as vivências, mais ou menos intensas e regulares, dos afetos contrários e mais fortes, ou os motivos podem se reduzir àquilo que Leontiev (1978) se referiu como motivos possíveis ou apenas “conhecidos”, mas que ainda não estimulam realmente a ação.

Com relação às jornadas de junho de 2013, as mobilizações iniciais contra o aumento da tarifa do transporte público tenderam a aplicar, de forma fragmentada, tal projeto coletivo em uma pluralidade de interesses, ainda que, em alguma medida, mantivessem um caráter predominantemente anti-privatista. A participação inicial de Francisco e Apoema parecia equivaler a inserções aleatórias e a disposições acidentais em um aglomerado de indivíduos relativamente desintegrados entre si, com cada um segurando o seu cartaz de agitação sociopolítica e reivindicações ao Estado. Não porque negassem as formas clássicas de organização político-social, muito menos porque a serialidade fosse algum estado de natureza ahistórica, mas por tenderem a manter os traços do que vinha sendo a forma privilegiada de inserção social, como trabalhador(a), e de participação política, como eleitor(a). De modo que essa foi a maneira com que Francisco e Apoema puderam ir ao encontro da multidão que se insurgia.

Ainda que a atual sociabilidade dominante manifeste o predomínio da difusão e do individualismo-privatista, nessa também é produzida a contradição do desejo e sentimento do comum, ainda que não imediatamente positivado de forma consciente e elaborado de forma clara e distinta. Tanto Francisco quanto Apoema tinham naquelas manifestações a sua primeira participação política direta, voluntária e coletiva, que não a participação serializada do voto sazonal, individual, secreto. Mesmo que a manifestação, segundo o modo como se engajaram Francisco e Apoema, fosse aparentemente pouco organizado e sem coordenação coletiva e consciente dos motivos objetivos e das atividades táticas ou estratégicas, com maior tendência individualizante e impessoal, não se pode dizer que se trataria de uma reunião meramente serial (SARTRE, 2002), uma vez que não se reuniam por interesses exclusivamente individualizados, indiferentes. Ao menos no início, quando relatam seus contatos iniciais, cada um percebia, nos outros, motivações sociais ali compartilhadas, de modo que seus sentidos não eram exteriores a significação social de tal atividade conjunta.

Portanto, mesmo que, por vezes, as necessidades e os motivos fossem manifestos de forma ainda bastante difusa, e que a consciência de suas determinações fosse ainda muito genérica, não se associaram à luta por motivos completamente contingentes e acidentais. Mas, fundamentados sobre condições materiais de reprodução de suas existências e de uma base afetivo-volitiva que foi se configurando ao longo de suas trajetórias, resistentes nas memórias do corpo, e que favoreceram a construção de seus elos posteriores com a militância organizada. Além dessas experiências com as manifestações de junho de 2013 terem sido fundamentais para a elevação da potência afetivo-volitiva dos participantes em questão, para a percepção, no outro, das motivações sociais compartilhadas, que lhes fortaleceram o sentido vital e favoreceram a construção de seus elos posteriores com a militância sociopolítica. Assim como foi importante para que Francisco, por exemplo, se associasse à organização política da torcida organizada de seu time de futebol, e também foi fundamental para que, no ano seguinte, a ocupação de um terreno abandonado no bairro de Apoema fosse um catalizador para despertar a sua ação sociopolítica, que vinha germinando com maior força desde as experiências multitudinárias em 2013.

A ocupação do terreno no bairro de Apoema também favoreceu o renascimento da Associação de Bairro que, segundo o próprio, “estava um pouco apagada”. Conforme conta, a associação era muito fechada, as suas pautas e lutas eram desconhecidas pelo restante dos moradores do bairro, o que desestimulava a participação e a formação de opinião. Mas Apoema conta que, depois da ocupação e da presença do movimento social de luta por

moradia, a associação começou a ficar mais aberta, a melhorar a sua comunicação, começaram a ter reuniões mais chamativas, as pessoas puderam entender melhor qual a função e o valor de se organizarem em uma associação de bairro. O movimento social começou a lutar também pela conquista de direitos para todos os moradores do bairro.

A gente fez uma esses dias para pedir faixa de pedestre, a que atravessamos agora não tinha no bairro. Por exemplo, a gente tem essa pauta do posto de saúde no bairro. Ele começou a avançar depois que teve o movimento para participar, a manifestação com o movimento pedindo o posto de saúde no bairro. Conseguimos uma professora voluntária, do próprio bairro, que dá aula de alfabetização o ano todo. Você vê que as pessoas têm mais interesse hoje do que antigamente. Teve até uma manifestação dentro dos moradores do bairro junto à associação, pessoas do bairro, que nunca foram em uma passeata, indo para a rua manifestando, coisa que você nunca veria (Apoema).

Em suma, tal movimento de Apoema demonstra o início do caminho para a transição de uma prática e consciência mais corporativa, colaborativa e reivindicatória, que promover algumas conquistas imediatas e vai se somando a ações de luta por transformações mais precisas e amplas, que envolvem uma consciência mais histórica e motivações emancipatórias. Apoema foi à sua primeira manifestação movido apenas pela curiosidade, “apenas para observar”, mas essa motivação revelou secundária, visto que “era muita gente, muito forte, era o Brasil todo”. A partir de então, foi a todas as manifestações que pôde.

No ano seguinte, se aproximou de uma ocupação para lutar por sua própria moradia, mas, por similar transmutação das necessidades em motivos geradores de maior sentido, acabou por se engajar organicamente na coordenação local do movimento de luta por moradia de todos os “sem teto”. Posteriormente, se reaproximou da luta pela reivindicação de serviços públicos para os moradores de seu bairro, até se engajar no apoio a um candidato à presidência que, se servindo do pleito eleitoral, buscava propagandear a luta por outro projeto de país. O sentir, o pensar e o agir não se separam, assim como a memória, o afeto e a criação, de modo que o conhecimento mais profundado da dinâmica social, passada/atual/potencial, por confluir com o sentimento de poder transformar a sua realidade compartilhada pode promover a emoção alegre traduzida no aumento do apetite, vitalidade e esforço por liberdade, impulso por igualdade, da vontade de emancipação.

Margarida narra um acontecimento na atividade sociopolítica que parece exemplar de um conflito pelo qual passa a trajetória da militância como atividade principal de um sujeito. A participante conta que, durante um piquete na porta da fábrica de uma cidade metalúrgica de Minas Gerais, a grande maioria das trabalhadoras(es) aderiu à greve, mas,

quando apenas um funcionário passou pelo piquete de bicicleta, foi o suficiente para desestabilizá-la. Aquele quadro foi muito marcante para ela, ainda que diga não saber explicar por que isso lhe afetou tanto.

Eu sei que sempre houve os fura-greve, mas aquilo acontecer naquele momento me fez... Porque não era só aquilo também, inclusive, é pensar em todas as insuficiências do movimento que a gente tenta fazer, é pensar nas dificuldades organizativas de toda ordem, foi um refletir do todo assim, mas que, naquele momento, me fez sentir isso de uma forma mais intensa (Margarida).

Apesar de saber que determinada escala probabilística de tal reação era esperada, Margarida foi fortemente afetada com essa dimensão da experiência, que é nova e complexa. Parece se sentir decepcionada e com dificuldade de compreender de forma clara, todos aqueles novos afetos conflitantes e imagens que se confundiam. Aquele trabalhador que atravessou o piquete em sua bicicleta se converteu, para ela, em um momento e um movimento singular que sintetizava uma unidade de contradições e múltiplas determinações históricas mais amplas.

São dificuldades que... Eu me senti em uma situação que eu não sabia lidar bem, que eu não tinha instrumentos suficientes para compreender, pra lidar com aquilo, equacionar todos aqueles elementos no momento em que eles estavam ocorrendo (Margarida).

O ânimo impotente e as afecções assimiladas como ideias mutiladas e confusas passavam por uma pergunta que parece atormentar aqueles que tomam, por motivo gerador de sentido, a luta emancipatória, que também foi a principal questão, já sintetizada no século XVII, pelo artesão e filósofo Spinoza, sobre como tantos podem lutar por sua servidão como se fosse por sua libertação.

Ainda que, sob o julgo da razão, tal ação narrada por Margarida não tenha sido ineficiente, uma vez que a mesma conta sobre como “um operário atravessou de bicicleta” o piquete, enquanto dezenas de outros aderiram, passiva ou ativamente, à paralisação. É possível que a hipérbole de tal impasse componha parte do sentido militar do significado do ser militante, em que o drama de uma pequena falha, para uma força contra-hegemônica, pode ter significado vital ou fatal. Portanto, compondo um imaginário militante concatenado a potencialidade bélica da luta admitida nos marcos legais do momento histórico, sua concatenação ao combate armado, como memória histórica latente à luta político-econômica com instrumentos ‘pacíficos’. Ou seja, tal exigência descabida no sentimento de culpa por

‘deixar’ passa aquele “operário de bicicleta” e não ter conseguido convencê-lo, pode ter sido acrescida pela associação a um descuido que, em outros períodos históricos, em que a militância e a luta política também se expressava no campo militar, e que as forças subversivas foram regularmente menores do que as forças dominantes, qualquer outra imperfeição, desperdício de recursos ou falha qualquer, pode ser o descuido dramático vital, a diferença entre a vida e a morte.

Desse modo, seu esforço por modificar, de modo coletivo e consciente as circunstâncias sociais, adiciona novas questões, novos conflitos e outras necessidades, que também lhe vão modificando.

Sempre depois de processos como estes, tanto das manifestações, decisões políticas importantes ou vivência de espaços ou discussões, eu sempre sinto que mudo um pouco, em uma perspectiva de amadurecimento. Algumas são mudanças de uma posição, ou do entendimento de uma questão ou de reafirmar um pouco o que já pensava. Mas alguns momentos como esses mudam um pouco esse patamar de entendimento da opção de ser militante, eu acho que isso muda assim, no sentido de entender cada vez melhor que é uma decisão bem estruturante da vida (Margarida).

A experiência da primeira manifestação da qual Margarida participou possibilitou com que ela expressasse um mal-estar que nos parece representativo de um drama estruturante dos militantes anticapitalistas nas democracias burguesas. Trata-se de sua recordação dos sentimentos ambivalentes que vivenciou durante uma greve estudantil, que considerava urgente e cuja manifestação lhe trouxera grande satisfação para participar. Apesar disso, essas ideias e esses sentimentos conflitavam com um desconforto, há época, ainda confuso, pouco compreendido, com relação à condução que desconfiava ser desnecessariamente personificada na pessoa do presidente do Diretório Central dos Estudantes. Tal desconforto é compreensível e intensificado, sobretudo quando se leva em consideração o que seria um importante valor revolucionário, o de se acautelar para desprezar toda posse, a conspiradora ou mesmo a revolucionária (SERGE, 2009). Ainda que pareça discordar a contraposição ao ‘ar conspiratório’ em relação à afirmação revolucionária, como Marx e Engels escrevem no Manifesto (1998, p. 42) que “os comunistas recusam-se a dissimular suas visões e suas intenções”, mas declaram abertamente sua maneira de pensar, as suas tendências, os seus objetivos, ou para outros militantes, como Guevara (1962), em discurso as *Organizaciones Juveniles* considera:

Yo creo que lo primero que debe caracterizar a un joven comunista es el honor que siente por ser joven comunista. Ese honor que le lleva a mostrar ante todo el mundo

su condición de joven comunista, que no lo vuelca en la clandestinidad, que no lo reduce a fórmulas, sino que lo expresa en cada momento, que le sale del espíritu, que tiene interés en demostrarlo porque es su símbolo de orgullo (GUEVARA, 20 de outubro de 1962).

Margarida conta que tal mal-estar não chegou a representar uma obstrução incontornável à construção da luta geral ou, no âmbito de seu engajamento, não se converteu em um obstáculo que refreasse a elevação de sua potência de agir e enérgica dedicação à construção da luta, cujos motivos lhe eram evidentes e urgentes. Mas considera que o mal-estar que sentia com o personalismo de uma das lideranças veio a se esclarecer quando, em sequência, esse sujeito se candidatou a vereador.

Margarida diz não ser contra a participação nos espaços institucionais da administração pública, mas é patente que parte do afeto de desconfiança, aversão e prostração política tem uma de suas gêneses na tensão sistêmica por aparelhar os instrumentos de luta da classe para motivações eleitoreiras encobertas, o carreirismo na concorrência do mercado eleitoral, conseqüentemente, o personalismo e o estelionato.

Tal dinâmica manifesta parte da gestão pública/privada dos afetos ético-políticos da população na rotatividade do pleito eleitoral, ao capturar a flutuação dos afetos da população na circularidade entre a decepção e a esperança, em um pêndulo entre a dor e a excitação, até poder chegar a render a sua potência de ação social ao ceticismo e à melancolia política. Esse também parece se tratar de um drama estruturante da luta sociopolítica nas democracias capitalistas.

Outras formas de participação sociopolítica, como as que projetam a construção de autodeterminação popular, buscam não se emaranhar nesse ciclo vicioso, de modo a não se enredar definitivamente nessa circularidade passiva dos afetos. Margarida conta de outra experiência, em uma grande marcha autogerida apenas por mulheres da classe trabalhadora. Tal marcha durou 10 dias e elas caminharam por mais de 15 quilômetros por dia. Nesses dias houve um trabalho coletivo de montar e de desmontar acampamentos, espaços de discussão, em que estavam “cuidando umas das outras” (Margarida). Foi uma atividade de muita exigência física e psíquica, que as levou a testarem e a ampliarem os limites de seus corpos e suas mentes, assim como a alargarem os seus campos de possibilidades sociais e históricas.

Como tal ato político, que envolve um enfrentamento simbólico, exige tanta disciplina e solidariedade de seu corpo e mente, sustentada em relação a um motivo gerador de tão forte sentido para Margarida, isso a levou a, voluntariamente, ultrapassar, de modo

extraordinário, os limites de sua atividade alienada na vida cotidiana. Portanto, ao aprimorar o seu autoconhecimento como ser social, em um desgaste que recompôs a sua potência de agir, conta que isso a “levou incorporar muito melhor as pautas de discussão” (Margarida).

ao mesmo tempo, eu sinto que não é linear também e que, em alguns momentos, essas coisas estão mais agudas e me fazem refletir mais, em outros, elas se arrefecem e eu reflito menos. Acho que tem a ver um pouco com essa dimensão da prática. É um processo que vai e volta o tempo todo (Margarida).

O agir de uma multidão ativa, lutando por pautas comuns, teve impacto fundamental nos entrevistados, o que favoreceu o compartilhar de novos sentidos e valores sobre o outro, sobre a sociedade brasileira e sobre si. Apoema coloca que depois das manifestações “queria saber tudo sobre política e sociedade, ler tudo sobre”. Wladimir também relatou reação análoga quando assumiu para si a luta social e a militância organizada, e conta que passou a ler tudo como se “tivesse me alimentado de algo que precisava”.

Assim como toda atividade é composta de uma coordenação de ações que demandam uma conjugação de operações, Margarida recorda como a participação no momento manifesto e na organização de uma ocupação da sede de um conglomerado industrial de carvão vegetal e aço foi o primeiro ato político em que ela se sentiu participando efetivamente. E que a participação em diversas tarefas do processo de sua construção foi especialmente pedagógico.

Em síntese, os militantes narram como a participação em atos públicos geraram forte impressão e repercussão estética, ética e política, a ponto de motivá-los a avançar a compreensão teórica sobre o que lhes afetava. Margarida vai além, conta como teve acesso a uma compreensão prática sobre parte do processo de construção de um ato político planejado e organizado, e das operações importantes ao esforço por produzir uma atividade com maior capacidade possível de afetação, de comunicação e repercussão social. Apresentam como determinadas experiências práticas e enriquecimento das afecções do corpo, nas ações e manifestações mais fenomênicas e episódicas ou na composição de operações mais processuais e produtivas da atividade, os levaram a favorecer a expansão e o aprofundamento das ideias a respeito.

Todos indicam que a participação em atos públicos e manifestações sociopolíticas motivam a militância, podendo lhes causar impressão muito significativa, uma vez que parece capaz de adquirir poder de profunda transformação da realidade posta. Os relatos sobre a

participação em atos políticos significativos para a trajetória do militante evidenciam que estes não foram apenas atingidos por um contágio emocional que lhes alterou o humor, apenas como fontes de dores ou excitações passageiras, mas, ao contrário, se aproxima mais a um sentimento de transformação e expansão da potência humana. Contam como foram profundamente marcados por estas experiências, que, se comondo com um conjunto de outras atividades, marcam na memória acontecimentos decisivos, inclusive para mudança da hierarquia de motivos na personalidade. Ao invés de se diluírem e se apagarem na massa, revelam volições e desejos sociais mais profundos, que pareciam suprimidos como parte de uma tensão social latente, contida no processo de resignação à impotência sociopolítica, naturalizado e atenuado o sofrimento e a indignação, atrofiado e constrangido o leque de possibilidades. Mas que, no entanto, vislumbra a experiência de um poder de ação entre o posto e a possibilidade. Em tais experiências descobrem o poder do coletivo, a possibilidade de ação crítica, para além de apenas pensar criticamente.

Com o aumento de suas potências de agir e desenvolvimento de suas acuidades críticas, para que uma ação comunitária lhes enchesse de gáudio, ou para que os encontros lhes fossem sentidos como potencializadores, seus esperar¹⁷ passaram a demandar a produção de condições mais acuradas para o desenvolvimento de uma maior e mais radical eficácia, ainda que parecessem mais mediadas, laboriosas e incertas. O que, em última instância, aponta para um paralelo com o modo como o padre Camilo Torres (1970), por exemplo, já não se conformava com o alívio necessário de qualquer afecção de amor, mas era motivado pela produção das condições para o que denominou de ‘amor eficaz’, como opção geradora de sentido vital. Ou seja, a ideia de que o amor ao próximo, para que seja verdadeiro, tem que buscar a eficácia, e essa passa pela busca das mediações mais aptas para a realização de uma profunda transformação social como *“única manera eficaz y amplia de realizar el amor para todos”* (“Mensaje a los cristianos”, en Frente Unido, Bogotá, 26 de agosto 1965, apud. Arias Figueroa, 2011, p. 33-34).

¹⁷ Freire (2014) distingue a esperança de esperar, da esperança de esperar, complementando a reflexão spinozana sobre o poder de servidão que teria a esperança passiva.

4.1.4 O trabalho

Dada a sua pertinência, alguns dos temas relativos ao trabalho e a sua relação com a militância sociopolítica, também são tratados de modo transversal em outros tópicos. Tendo em vista que todos os entrevistados têm a venda do que pode seus corpos e suas mentes como única forma de se reproduzirem em suas próprias existências, todos são trabalhadores(as), ainda que alguns estivessem desempregados, trabalhando de forma mais constante e mais intermitente e informalizada. Apenas Tereza, além da militância, estava dedicada apenas à qualificação de sua força de trabalho em um curso superior universitário.

Francisco começa por narrar sobre a sua infância difícil em uma família de trabalhadores pobres, sobre o sacrifício de seus pais para garantir que ele e seus irmãos se alimentassem todos os dias. Conta que sua condição financeira melhorou quando, com 14 anos de idade, teve acesso a um cursinho profissionalizante e conseguiu um emprego na área administrativa de uma concessionária de caminhões e ônibus, sendo sempre chamado à cumprir tarefas extras também no almoxarifado:

Dirigia empilhadeira... Mesmo sem carta [...] carregava caminhão... Era trabalho físico assim, né? Pegava pneu... Não, aí chegava um pneu... Chegava um caminhão pra descarregar lá, circo horas da tarde, com mais de 200, 100 pneus assim, e tinha que ficar acompanhando, sempre... Não tinha muita vida, entendeu? (Francisco).

Francisco foi registrado no emprego aos 16 anos de idade. Ele era estimulado pela necessidade de maior assimilação das responsabilidades do mundo adulto, uma tensão geracional com relação à assimilação dos valores do consumo e do trabalho no capitalismo, entre o desejo de integração e a realidade da exploração. Adquiria novas capacidades, normas e necessidades, recorda-se de, no emprego, passar a desenvolver o desejo de adquirir um carro em particular, cujo preço era completamente inviável a sua real aquisição financeira.

Trabalhava igual um cão... Era um mulecão... E eu queria fazer parte também, né? Eu queria participar... Não queria ficar excluído dessas coisas assim, eu queria fazer parte... Mas não queria ficar até tarde cara... Meus amigos lá brincando, sei lá, jogando bola. [...] Um vendedor de caminhão tinha um Audi [carro da Volkswagen]... Muito louco... Rodona... Aquilo, pra mim, era tudo: “será que, um dia, vou ter um desse?” [...] Passava todo dia e olha aquilo ali... “Pô, queria ter um carro desse...” Aí, quando fazia alguma coisa errada ficava me culpando: “que burro, nunca vou conseguir comprar um Audi desse...” Muito me culpando assim, sabe? (Francisco).

Francisco conta que ria com os outros ‘peões’, mas que trabalhava exaustivamente, entrava às 8 horas e não tinha horário certo para sair. Nota-se que apenas a obrigatoriedade da frequência escolar podia impor limites aos interesses do proprietário, à pressão da própria família, dos colegas de trabalho e de si mesmo. Francisco conta que, nos dias de semana, ele trabalhava de 8 às 18 horas, porque tinha de ir direto para escola, mas que isso já era motivo de indisposição com alguns colegas de trabalho.

A adolescência é um importante período para a constituição da personalidade, para a busca de si, do seu lugar, da comunicação pessoal (VYGOTSKI, 1996), para sentir-se parte da organização social dos adultos e compartilhar sentidos. No caso de Francisco, não era a partir da atividade principal de estudo com seus coetâneos, mas do trabalho que compartilhava sentidos do salário e do consumo.

As transformações fisiológicas e psicológicas mudam a posição que o adolescente ocupa em relação aos adultos, e, no caso de Francisco, a sua idade era justificativa para a sua superexploração, tanto pelos gerentes como pelos colegas de trabalho. O que interpreta como uma falta de solidariedade que ainda lhe causa afetos tristes ao ser lembrada. Segundo Francisco:

Eles eram explorados também... Só que queria explorar quem tava abaixo deles... Já que eles tão sendo explorado, eles vão bater de frente? Não... O que eles vão fazer? Vão explorar os mais baixos, é isso que eles faziam. [...] Diziam: “você é jovem”. Tem aquela coisa, né? Você sente pressão até dos colegas... Não gosto nem de falar que me dá raiva (Francisco).

Francisco relata que fazia “plantão” caso algum caminhão quebrasse na estrada, e era chamado durante a madrugada para abrir a empresa e, no outro dia, retornava pela manhã, no horário normal. Narra que, em uma ocasião em que a empresa fazia um inventário, chegou a fazer uma jornada de trabalho de 24 horas, pois foi para o trabalho às 8 horas, em uma sexta, e só foi liberado às 8 ou 9 horas da manhã de sábado. Conta ainda que, certa vez, se machucou, mas foi trabalhar mancando, porque foi pressionado tanto no trabalho como em casa, pela sua mãe. Segundo Francisco, sua mãe assistia muito ao jornalismo policial na televisão e acreditava que ele poderia se tornar um criminoso caso largasse o emprego. Por isso, ela dizia: “não, não pode faltar, não... Ah, não, pelo amor de Deus, é empresa boa”. Mesmo assim, Francisco foi demitido quando disse que queria fazer faculdade. Ele conta que

não se importou, pois começou a trabalhar no *telemarketing* e a fazer um curso superior em uma universidade privada, mas que não tinha dinheiro nem para comprar um lanche.

Assim como Francisco descreve que sentia trabalhar “igual um cão”, outro que sente a desumanização no processo da atividade de trabalho é Apoema. Sua inclusão perversa no mundo do trabalho, como atividade principal, se dá por meio de certo “rompimento dos nexos entre emprego e desemprego” (GUIMARÃES, 2004), pela informalidade. Ou seja, uma atuação sem carteira de trabalho, ou com contratos de trabalho mais precários, terceirizados, flexíveis e individualizados, sem contrato formal e sem direitos trabalhistas, o que também pode ser denominado como “bico” ou “viração”.

No contexto dos padrões de acumulação do capital, no qual a acumulação por exploração do excedente econômico do trabalho assalariado demanda o complemento da acumulação por espoliação dos serviços e bens públicos (HARVEY, 2016), aumenta-se a precarização da condição proletária, dos modos de vida e de trabalho, o que também corresponde a uma crise associativa, sobretudo no Sul global ou nas semiperiferias do capitalismo mundial (BRAGA, 2017). Tal condição incide, inicialmente, mas não apenas, sobre setores da classe trabalhadora nos quais Apoema se encontra como jovem trabalhador, pobre, negro, morador da periferia de um grande centro urbano, antes de se espriaiar para o conjunto da classe.

Apoema conta que já teve uma infinidade de trabalhos intermitentes: “tanta coisa que nem lembro”. Aos 27 anos, já trabalhou, por exemplo, como segurança, garçom, ajudante de pedreiro e ajudante de cozinha. O último emprego, do qual saiu no começo de 2018, foi de operador de *telemarketing*. Ele descreve como adoeceu no trabalho:

Foi o mais treta... Por conta do estresse... Tive até refluxo. Eu trabalhava com venda, era ativo, acabava uma ligação, não passavam cinco segundos, já estava em outra ligação... Depois de um tempo, comecei a sentir dores estomacais e sempre arrotava... O médico disse que era refluxo gastroesofágico... Parece um serviço fácil, mas o sistema da empresa torna ruim.

No acerto, não recebi muita coisa. Eu também não cumpri aviso, por isso, não consegui muita coisa. Mais pelo estresse, não quis cumprir o aviso... Ia completar um ano em fevereiro, sai em janeiro... Não querem demitir funcionários da forma correta e fazem o máximo pra pedir demissão quando não conseguem dar justa causa (Apoema).

Hoje, Apoema está desempregado ou subempregado, “fazendo bico, no que surge... Com essa nova lei trabalhista fica mais difícil” (Apoema), e o aumento da dificuldade de reprodução em sua própria existência refletia em outros âmbitos de sua vida. Ele explica

que nunca acreditou muito que pudesse mudar profundamente a sua vida por meio do trabalho, e completa: “quantos aí não morreram de trabalhar pra, no final, não terem nem um cargo almejado” (Apoema). Momento em que ele perde qualquer esperança com relação às possibilidades redentoras do sacrifício pessoal no trabalho, perde a imagem de que, na sociedade capitalista, o trabalho liberta o trabalhador. As contradições da vida prática desestruturam alguns dos valores capitalistas, mas ele não vislumbrava uma saída positiva possível: “enxergava a exploração, só, no começo, não tinha o entendimento do engajamento nas lutas sociais” (Apoema).

Outro modo do capital impor fraturas, objetivas e subjetivas, nas classes trabalhadoras, nos foi narrado por Francisco. Individualizando a identidade profissional do trabalhador, restando seus sentimentos de pertencimento comum e a capacidade de solidariedade ativa, representando o patrão como empregador e o empregado como colaborador, ou o trabalhador como empresário e empreendedor.

Francisco narra sobre o constrangimento sofrido no Banco em que trabalha, sobretudo para cumprir as cotas, prazos ou criação de novas metas. Faz parte da pressão que sofre para manter a sua ‘empregabilidade’ e avançar para tornar sua força de trabalho mais competitiva no mercado. Segundo conta, os Bancos estabelecem cartéis do capital financeiro com os outros Bancos, pacificam parte da concorrência interclasse, enquanto, para os funcionários, instituem uma ‘cultura organizacional da competitividade’. Francisco narra acontecimentos que podem ser ilustrativos das formas como as corporações privadas também vem desenvolvendo formas de gestão dos afetos de seus funcionários:

Essas coisas vêm de cima pra baixo. Acho que o próprio presidente do Banco convence os diretores, que passa para a superintendência... e isso vai passando de cima pra baixo: ‘Você tem que agir com o pensamento como se fosse o dono do Banco’... ‘isso daqui é a sua lojinha... o que está entrando, o que está saindo, qual o resultado’. [...] você atende uma carteira de clientes, por exemplo... dizem: ‘você tem que pensar e agir como o dono da lojinha. Porque o cliente José não está pagando?’ [...] Pra... por exemplo, se o cara não paga o empréstimo, você se incomodar com isso: ‘Como assim não pagou o empréstimo?’... tem que ligar, cobrar, falar que vai executar as garantias... é isso, e que se # a pessoa ali... (Francisco)

Quando estas e outras técnicas mais sofisticadas de administração dos recursos humanos são bem realizadas podem lograr a captura afetivo-volitiva do trabalhador/colaborador, favorecendo com que sua consciência sobre os conteúdos e formas de seu trabalho de valorização e acumulação do capital sejam incorporadas como uma

‘segunda natureza’. De modo a obstruir o desenvolvimento do conhecimento adequado sobre a perspectiva da totalidade social, e que cada indivíduo possa se tornar elemento ativo da servidão coletiva, que as demandas do capital possam figurar como uma vontade livre pessoal do sujeito que se auto-assedia, intensifica ativamente a exploração sobre si, o controle e exploração sobre outras trabalhadoras(es), à auto-culpabilização e sofrimento pela não correspondência ao cumprimento das demandas e metas estranhas interiorizadas.

A partir de Spinoza, Sawaia (2003) chama atenção para o modo como a liberdade não se trata de um reino antagônico à necessidade, mas é parte imanente dela, uma vez que as necessidades humanas vão muito além das biológicas e se estendem com igual força para a necessidade de realização de uma vida ética, inscrita em texto ou subtexto, mais amplo ou mais circunscrito em todo discurso, comportamentos e emoções. Sawaia (2003) ressalta como, mesmo para o sujeito que se encontra na condição de maior precariedade das condições de reprodução da vida, não lhe basta apenas a satisfação das necessidades estritamente biológicas. Ele também não quer o descrédito social, não quer ser oprimido, quer ser reconhecido em sua humanidade e dignidade.

No primeiro emprego no almoxarifado, Francisco diz que gostava de fazer parte, de ter uma renda, de poder participar do mundo do trabalho, apesar de dizer que “trabalhava igual um cão”. Atualmente, tem um emprego, em alguns sentidos, muito melhor em um Banco, no entanto, se queixa: “não sou uma máquina” (Francisco). Seu discurso é perpassado pela sensação de que ter um emprego não lhe parece mais o suficiente para que ele sinta ter se “tornado alguém”, para além de um instrumento que pensa e fala, “para ser gente”, e que se renovou em níveis cada vez mais enfraquecidos em cada mudança para um emprego melhor. Portanto, mesmo tendo, agora, um trabalho um pouco mais estável, que lhe garante o acesso um pouco maior de bens materiais e culturais, seu discurso ainda é perpassado pela negação de outro nível de descrédito social.

Francisco narra que a participação nas lutas de junho de 2013 despertou o seu interesse pessoal pelos significados sociopolíticos e o conhecimento de sua identificação política com o que denomina de ‘esquerda’. Esse reconhecimento foi se firmando nos anos seguintes, no processo social que acompanhou a intensificação da ameaça e ataque a serviços públicos, aos direitos sociais, trabalhistas, e a queda nas condições de reprodução de sua vida. A elevação de seu ânimo seguido de decepção para com a política institucional soma-se com seu entusiasmo seguido de desapontamento com o esforço da luta popular. Francisco passa por um momento em que sentia despotencializado, sem vontade de estabelecer novos

diálogos. Quando diz que desejava apenas “que os desfavorecidos tenham seu lugar na sociedade... sejam respeitados”. Sem vislumbrar a possibilidade de superação da pobreza, muito menos do capital como função social, mas apenas que os pobres pudessem ser mais favorecidos ou “que os desfavorecidos tenham seu lugar na sociedade... sejam respeitados” (Francisco). Deste modo, os afetos e ideias se mantêm nos marcos do desejo de ser reconhecido e respeitado em seu ‘desfavorecimento’, portanto, em sua impotência, o que, para Spinoza (Et, prop. 53, p. 4), se aproxima à ideia de humildade, ou da tristeza do homem que toma em consideração a sua impotência. Porque a sua potência de agir é refreada e este concebe alguma coisa mais potente que delimita a própria potência de agir. Portanto, não adviria do distinto conhecimento de sua essência, isto é, de sua potência.

No entanto, Francisco passou a não renovar as suas esperanças apenas na procura por um emprego melhor, de um salário melhor. Passou a buscar a luta social por transformações das condições políticas, mais exatamente, tendo em vista a mudança dos governantes, que, no momento, ocupam o poder público “em benefício dos super-ricos e em detrimento dos muito pobres e médios” (Francisco). Para Francisco, essa mudança para um governo que favoreça mais os assalariados e as pequenas empresas seria o suficiente para ampliação da liberdade de todos, o suficiente para que ele pudesse adquirir maior autonomia financeira, para que sobre algum dinheiro no final do mês, para que possa juntar o suficiente para comprar um carro ou financiar uma casa.

A melhora no trabalho, para Francisco, significa buscar a satisfação de necessidades já dadas pela vida cotidiana, “ganhar o suficiente para ter uma vida minimamente digna, fazer um churrasco, tomar a minha cerveja, etc.” –, e, com relação ao público, ‘combater a miséria e trabalho para todos’. Esse último, já configurando o crescimento de um ‘carecimento não-cotidiano’, cuja produção, segundo Duarte (2007, p. 40), deveria ser o papel da prática educativa. Enquanto, Carlos, por sua vez, delineia ambições mais elevadas, ao mesmo tempo em que simples, vislumbra, além da troca de governantes, da geração de empregos ‘formais’ e do fim da fome, mas também o fim do próprio trabalho assalariado, portanto, também do desemprego, o controle comum sobre o trabalho realizado pela atividade comum. O que pode dificultar as suas capacidades de satisfação com motivos secundários e objetivos parciais, assim como também pode diminuir a flutuação de seu ânimo ao sabor das forças dominantes.

Segundo Spinoza (Et. IV, esc. prop. 35), todos os seres humanos se esforçam o quanto podem para conseguir aquilo que lhes aperfeiçoa, que é causa de alegrias, e evitam o

contrário, assim como podem ter a razão de que essa maior perfeição só se consegue pela união de suas forças, por meio da ajuda mútua na sociedade comum dos seres humanos. No entanto, parece não prevalecer que os homens se guiem por essa razão, mas, em condições que favorecem ideias inadequadas e a impotência, o caráter inconstante da imaginação se transmite aos afetos de modo que favorece o império das paixões. Nessa condição, a razão parece que pouco pode contra os afetos gerados pela dinâmica, atualmente, dominante de encontros e desencontros de corpos, cujos choques favorecem que prevaleçam afetações individualistas-privatistas da sociabilidade capitalista, ao enfraquecer sua suplantação pelo desejo comum de concórdia. A disjuntiva sócio-histórica se expressa em uma disjuntiva afetiva e subjetiva, entre a alegria (do desejo de expandir e qualificar a sua potência e a dos outros no encontro comum) e a tristeza (com relação às forças que obstruem a potência social e singular), uma vez que a plena comunhão de potências é bloqueada em uma sociedade dividida em classes sociais. Nesse sentido, as agremiações militantes também podem representar o estabelecimento de importantes relações de produção de espaços autônomos, de auto-organização e socorro mútuo, que buscam aprimorar capacidades de resistência, subversão e superação dos bloqueios dessa rede de servidão.

Sawaia (2009) se refere a como Spinoza sublinha que é livre o que age por necessidade de sua natureza e não por causalidade da vontade. Nesse sentido, podemos pensar como o ser social age pela liberdade quando o faz, não segundo as causalidades em si, mas age para si segundo as necessidades de sua natureza social. Mesmo que aparentem se prolongar os períodos de resignação social, lutas acontecem em seus interstícios, em diferentes âmbitos, e continuarão a existir enquanto a sociabilidade for sustentada sobre a exploração e a opressão. Assim, pessoas não têm necessidade apenas de se manterem vivas, mas a luta dos oprimidos e explorados por sua emancipação é uma necessidade de sua natureza social. A liberdade é uma necessidade e, segundo Marx (2013), a emancipação humana é a síntese entre necessidade e liberdade.

Diante desses relatos, podemos desenvolver uma reflexão teórica sobre a processualidade psíquica do militante, isto é, uma síntese de seu forjar, como um resultado sempre em aberto, com contradições que se iniciam, como vimos, na sua entrada, na sua identificação de militante e, logo, em seus problemas e conflitos. O produto da atividade militante se revela na promoção da transformação social, segundo os interesses da classe trabalhadora, na expansão do ciclo de atividade social humana sob controle dos próprios seres humanos e de suas necessidades, ou seja, na humanização do homem. Além de dependente do

desenvolvimento genérico e da subjetividade do militante, essa personalização depende especialmente da organização social com a qual atua como um sujeito político coletivo e do momento histórico da luta de classes.

O conflito criado entre a satisfação das necessidades imediatas e motivos sócio-históricos é expresso por Wladimir quando conta que, desde que se engajou na militância, sua vida sempre esteve atrelada à luta sociopolítica. Isso ocorreu desde que passou a ser remunerado para trabalhar para a organização, passando por todos os seus temas de trabalho, que “sempre tiveram alguma relação com a luta por direitos” (Wladimir), até o trabalho em organizações não governamentais. No entanto, Wladimir reconhece alguns momentos críticos de tal esforço por unidade. Por exemplo, quando vivia em outro país da América Latina e trabalhava para outra instituição do partido, os militantes da organização buscavam atribuir um sentido de militância a essa frente de atuação. Apesar de Wladimir se vincular às atividades do partido pela via social e pela via burocrática, não era membro do partido pela via militante propriamente dita. Ou seja, por um lado, se vinculava ao sentido da atividade da organização, mas apenas de maneira indireta; por outro, trabalhava com a operacionalização das ações da organização, mas ele e suas ações não eram diretamente integrados às discussões e às deliberações sobre os sentidos do conjunto da atividade do movimento.

Apesar de Wladimir sentir uma identificação entre o seu emprego e sua militância, também sentia perder aquilo a que se refere como “um respiro possível”. Isso porque entende a militância como uma possibilidade de objetivação de sua personalidade, que tal atividade deveria ser um momento em que possa exercer uma autonomia crítica e contribuir para uma prática crítica, ou de poder “respirar” um ar menos sufocado pelas relações alienadas e alienantes. No entanto, suas emoções se manifestaram como um “radar ético” (SAWAIA; SILVA, 2015), quando, por exemplo, diz que “tinha medo de perder o trabalho” (Wladimir). Ele exercia sua ação política segundo sua convicção, mas sua emoção passava a denunciar a possibilidade de um lento sequestro de seu motivo principal ou, em termos de Leontiev (1978), a inadequação do contexto de sua ação crítica em relação ao conjunto da atividade, de vínculo empregatício. Isso revela que sua capacidade crítica de pensar, desejar e agir passava a ser mais constrangida por uma força externa, que o afetava a partir de uma alegria instável, derivada da esperança de manter tal atividade como meio de vida, e do medo de perder algo que se tornou uma necessidade vital.

O aumento da flutuação de sua alegria e tristeza com relação a essa atividade aumentava o seu sentimento de insegurança: “já não me sentia tão seguro de mim como na

militância” (Wladimir). Desse modo, a atividade nessas extensões da organização ia, cada vez mais, se aproximando das dinâmicas próprias à venda de seu tempo de trabalho para a instituição. Também iam ganhando contornos de uma divisão hierárquica do trabalho, na qual alguns militantes da organização, que também eram gestores da instituição, tinham uma postura que Wladimir considerava como autoritárias e que ele remete às necessidades advindas de suas vidas pregressas de ex-guerrilheiros. Além da necessidade de justificar os projetos para a cooperação internacional, o que, segundo Wladimir, “tem algo de valoração”, isso funcionava como um “filtro da venda da mercadoria”. Entretanto, também conta que, quando trabalhou para outra instituição parecida, no Brasil, ela era separada de sua atividade como militante de uma organização política. Nessa instituição, ele escrevia textos literários e políticos, o que, para ele, estaria mais próximo do que também entende por militância.

Uma atividade complexa sempre se compõe de diversos motivos. Assim, se esperava que a remuneração do militante tivesse a função de uma “ajuda de custo” fornecida pela organização para que não precise vender e desgastar seu tempo e força de trabalho em função de outro meio de subsistência e, assim, possa se dedicar integralmente às operações e às ações dessa atividade coletiva. Nesse caso, a ajuda de custo poderia funcionar como um motivo-estímulo, que não tem a função de formação de sentido, mas de estimular positivamente, de favorecer a qualificação e a potencialização de sua atividade condicionada pelos motivos geradores de sentido sociopolíticos. No entanto, não depende apenas da vontade pessoal ou arbítrio sobre o sentido pessoal de tal motivo. Diversas condições podem confluir, como a dependência interna ou os interesses de fontes externas de captação de recursos, e, assim, a ação pode adquirir o que Leontiev (1978) se referiu como uma força motivacional independente e se tornar um tipo especial de atividade. Desse modo, a remuneração, como motivo-estímulo complementar, passa a adquirir maior eficácia sobre os novos rumos da atividade do sujeito, geradora de sentidos secundários, e pode complementar e promover um choque de sistemas se ela passa a concorrer com o seu sentido sociopolítico principal, como quando ele passa a divergir da dinâmica dos significados sociopolíticos da organização.

A fragmentação da pessoa em campos multifacetados, por vezes, contrapostos, que tem, por pivô objetivo, as relações de exploração, a alienação do trabalho e suas repercussões nas dissociações da vida humana, é exatamente o que a militância anticapitalista deseja desconstituir, ou seja, “é reconstituir a personalidade humana”. No entanto, a busca por integrá-las na unidade e na coerência de um campo motivacional único, seja por meio da

conversão do emprego em sua militância ou da militância em seu emprego, sem a transformação dos condicionantes materiais de suas determinações, é vista, por Maria e Carlos, como potencialmente ainda mais nefasta. Pode-se interpretar que, sem as mediações efetivas para a transformação das condições objetivas do trabalho, condicionado pelas relações de alienação, a unidade ideal emprego/militância pode representar uma das dinâmicas de sofrimento, uma vez que, segundo Kinoshita e outros (2016, p. 52 apud ALMEIDA, 2018, p. 57), o sofrimento pode ser compreendido como um estado em que o esforço do sujeito “por unidade e coerência se encontra diante de obstáculos em que as mediações não são efetivas na preservação de unidade”. Isso não significa fazer uma apologia à resignação e à submissão, ou a negação e a supressão intrapsíquica de tal condição objetiva. A atribuição de um novo sentido ao trabalho não depende apenas da vontade-livre do trabalhador, mas das condições objetivas para fazê-lo, em grande medida, obstruídas pelo avanço do domínio do capital em momentos de retração geral da luta emancipatória.

Maria, que estava empregada como professora substituta, ao ser perguntada se considera possível conciliar o seu trabalho com a sua luta sociopolítica, diz:

Tem jeito não... O máximo que dá é pra falar de direitos. [...] O trabalho na sociedade capitalista é a venda da força de trabalho... Mesmo no trabalho informal ou empreendedor... Tá submetido à cisão... Não dá pra reduzir a militância a isso, ainda que ela esteja diretamente vinculado a ele (Maria).

No início do século XX, Lima Barreto já expressava o modo como, incapaz de sobreviver de sua produção literária, a necessidade do trabalho em uma repartição pública, de cujos rendimentos dependiam ele e sua família, lhe constrangiam a uma prudente autocensura. Segundo ele, “para ter o tal certo da covardia moral e intellectual da nossa gente, contra a minha própria consciência” (LIMA BARRETO, 1923, p. 82). Apenas após a sua aposentadoria, em 1918, “tendo passado por diversos meios os mais desconhecidos possíveis”, entre seu “conhecimento acumulado das coisas do mundo” e os “elementos da vida cotidiana”, entre sua pessoa pública e privada, pôde ser parcialmente recomposta um pouco mais próximo a um ser comum, para “organizar uma outra de meus sonhos, com a qual minore, só no criá-la, a mágoa eterna e impagável que haja talvez em mim e me turve as alegrias íntimas” (Ibid, p. 81). O literato revolucionário confessa que “uma das minhas absorventes cogitações era esperar toda a manhã ler nos jornais o decreto da minha demissão” (Ibid, p. 82). Com esse processo, que sentia como uma espécie de “alforria” de sua servidão assalariada, acompanhado do período histórico de perplexidade global diante da Revolução

Russa de 1917, Barreto pôde “descomprimir”, em seu *Diário íntimo*, a elaboração, em artigos de jornais, de alguns de seus mais profundos e elevados, íntimos e sociais, afetos, desejos e ideias. Composição que ele expressa em um artigo intitulado *Quem será afinal?*:

Aposentado como estou, com relações muito tênues com o Estado, sinto-me completamente livre e feliz, podendo falar sem reboços sobre tudo o que julgar contrário aos interesses do país. Os parques níqueis que a minha aposentadoria rende, dar-me-ão com o que viver sem ser preciso normalmente escrever pelinsecas biografias de figurões, para comprar um par de botinas.

[...]

Durante quinze para os dezesseis anos em que guardei as conveniências da minha situação burocrática, comprimi muito a custo a minha indignação e houve mesmo momentos em que ela, desta ou daquela forma, arrebentou

Muitas atitudes minhas, incompreensíveis aos olhos desses phariseus por ahí, vinham do angustioso recalque dos ímpetos de minha alma e da obrigação em que estava, de dizer pela metade, aquilo que eu podia dizer totalmente (LIMA BARRETO, 1923, p. 81).

Carlos, por sua vez, compartilha com Maria a ideia de que o seu trabalho não é a sua militância. Maria diz, com relação ao seu trabalho, que “não dá pra reduzir a militância a isso”, como se buscasse demarcar os desencontros entre seus motivos-estímulo e gerador de sentido. Entende-se que tal resposta deriva do pensamento de que reduzir a militância ao trabalho poderia significar o constrangimento da militância, seu sentido sociopolítico, às estreitas margens das relações necessárias de dependência, sentido determinado pelas relações laborais de assalariamento, exploração e dominação. Desse modo, parecem operar uma espécie de “dissociação tática” do sentido vital que o salário adquire na sociedade capitalista, para a classe trabalhadora, a fim de que, em última instância, busque melhor poder combater o salário como significado estruturante do modo de produção e reprodução da vida. Desagregase o sentido do salário, do seu “meio de vida” – significado social que o trabalho adquire sob o domínio do capital – e o seu sentido sociopolítico principal, com o intuito de não ameaçar o primeiro e de tentar resguardar a melhor eficácia do segundo.

Ademais, Maria diz que busca não realizar uma identificação entre seu emprego e sua militância, também porque, em suas palavras: “a militância não se reduz só à luta por melhores condições de vida e trabalho, à luta por direitos. Eu milito pelo fim do capital como relação social, que direciona a vida social”. Desse modo, pode-se entender que tal identificação, em um momento de maior recuo dos trabalhadores(as) com relação a luta sociopolítica, significaria conformar o conteúdo da ação militante e o sentido da atividade sociopolítica aos marcos da dimensão social estritamente econômica, como se sua militância

fosse apenas uma mercadoria. Além disso, a contingência do emprego em que o sujeito consegue o meio de subsistência não necessariamente, sob determinadas condições históricas, coincide com o lócus mais estratégico para o favorecimento de seu motivo-objetivo geral, ou que favoreça a vinculação mais rica de sentido com o conjunto da atividade sociopolítica transformadora.

Maria complementa sua resposta – “ainda que ela [militância] esteja diretamente vinculado a ele [trabalho]”, “é preciso ter uma militância vinculada ao local de trabalho, mas não fazer do trabalho uma militância... Tipo nos movimentos sociais, isso se confundiu muito, porque a sobrevivência da galera tá ligada à militância, salário ou liberação”. Pode-se entender que o complemento reflete a centralidade do trabalho como lócus da atividade de combate e de superação das relações estruturantes de exploração e dominação social pelo capital, e que sua dissociação se referiria mais a uma questão com relação à posição e à circunstância histórica. Um período histórico de refluxo das lutas poderia favorecer a busca por aprofundar tal separação relatada. Também pode colaborar para a preservação de uma unidade aparente de cada atividade, quando tomada em separado, de modo a atenuar temporariamente o tensionamento, no que diz respeito ao drama do sujeito, entre os sentidos de seu valor ético-político e do valor de troca de sua força de trabalho, ao menos enquanto não se tiverem criado as condições favoráveis à sublevação mais eficaz do primeiro em detrimento do segundo.

Assim, nota-se como a necessidade de vender a sua atividade produtiva que engendra a necessidade da atividade militante, constitui fatores de rupturas na processualidade da atividade e subjetividade do sujeito. Esse conflito que se apresenta entre o trabalho do militante e o capitalismo é parte de sua síntese, resultante desse salto contraditório, no reconhecer-se cotidianamente como militante social. Isto é, encontra-se entre sua atividade conflitiva nesse compromisso histórico, que aparece como drama da relação entre a exteriorização do trabalho alienado, e a militância, que tem uma significação existencial que funda a personalidade dos participantes. Enquanto, no capitalismo, o trabalhador tem o sentido pessoal de seu trabalho dado fundamentalmente pelo salário, portanto, pode ser relativamente indiferente ao significado ético-político da organização em que trabalha, o militante busca fazer com que o seu sentido pessoal seja interno à produção coletiva do significado sociopolítico do movimento do qual toma parte.

Em termos grupais, com a necessidade do sentido interno a produção da atividade coletiva, tende a ser constantes os debates e acaloradas as divergências e as disputas sobre os

direcionamentos da força social. É até possível que cheguem a tomar a forma de relações mais “duras”, enérgicas, coléricas ou pouco empáticas. Assim, a dinâmica que supera parte dos conflitos pessoais gerados pela relação alienada engendra uma nova qualidade de conflitos interpessoais. Diara, conta que, às vezes “a militância até consegue exercer uma boa empatia com a população em geral, mas, às vezes, exerce muito menos empatia com os próprios companheiros”. Como se a fortaleza, firmeza e generosidade, fosse mais uma convicção, apropriada e cristalizada pelo indivíduo, entretanto, essas são dinâmicas e tem mais realidade como relações.

Para Apoema, a sua incorporação à luta de uma organização de massas, de um movimento social composto por uma multidão de trabalhadoras(es) sem teto, lhe favoreceu a expressão, o conhecimento, a expansão e o enriquecimento de suas potencialidades. Ele ilustrou tal percepção com a história de seu Amarildo (nome fictício), um de seus companheiros da militância, que apresentou um notável processo de transformação, de superação do sofrimento e dores crônicas no corpo, que sentia quando entrou no movimento, um sofrimento que trazia forte agravamento após ter sido considerado inválido para o mercado de trabalho.

Amarildo - um mineiro morador da zona sul de São Paulo (SP), casado e com um filho de quinze anos - estava no mesmo grupo de Apoema quando começou a ocupação. Amarildo escolheu contribuir na cozinha, todos os dias ele estava lá trabalhando duro na ocupação. Um dia ele falou que tinha exagerado e sentira algumas dores, Apoema perguntou o que tinha acontecido e Amarildo disse que havia feito algumas cirurgias na coluna, que se aposentara porque sofria de problemas de saúde, como reumatismo. Narrou também que antes de chegar à ocupação ele estava vivendo na cama e que só conseguia levantar para ir ao banheiro ou ao médico.

Quando chegou a ocupação, ele fez o esforço para ir alguns dias e, segundo Apoema, “se apaixonou”. Depois de alguns dias atuando na cozinha Amarildo não reclamava mais de dores, e dizia: “a ocupação foi um remédio na minha vida”.

Para Apoema, isso se deu devido “à socialização com as pessoas, o trabalho em conjunto e a construção de um sonho... essa é a cura”. Podemos entender aqui, portanto, a socialização, tanto no sentido mais imediato de relação com outras pessoas, como em relação a qualidades mais profundas de compartilhar, tanto o trabalho como o seu produto, socializar encontros mais horizontais e autênticos entre pessoas que buscam realizar com as próprias mãos o destino comum compartilhado.

Segundo Apoema, esse ano ele disse que ainda tem algumas cirurgias por fazer, mas que toda vez ele insiste em participar das manifestações, pergunta o tempo que vai levar, qual o trajeto vai percorrer. No início Amarildo ia em todas, mas depois de conversar com os médicos militantes do movimento, foi orientado a não participar mais das manifestações. O que Apoema conta também ocorrer com outros militantes do movimento, como com uma senhora com ‘sopro no coração’ e uma moça que sofre de epilepsia, que também são pessoas que sempre querem ir às manifestações, mas são desestimuladas e orientadas a cumprir outras atividades na ocupação.

Quando Amarildo foi para ocupação e conseguiu fazer a mesma atividade da qual ele tinha se aposentado por invalidez, cozinhar profissionalmente, e “faz muito bem” (Apoema). Na auto-organização do movimento, as cozinhas privadas de seus antigos empregos se converteram em cozinhas comunitárias para alimentar a população que se somava as ocupações e ao movimento. Se descortinado para ele outra dimensão de trabalho, como atividade humanizadora do homem, ainda que em termos motores fosse a mesma atividade, mas que agora não se refere mais como trabalho, mas como militância. Podendo encontrar um melhor termo para a composição entre a realização pessoal e coletiva, social/humana, melhor compor o seu trabalho como cozinheiro com a melhora de sua saúde física e mental.

Ao narrar sobre os motivos do acontecido com pessoas como o Amarildo e, em parte, consigo próprio, Apoema reflete sobre questões que parecem passar pelas experiências com a força autônoma, coletiva e a potências imaginativas, assim como, por relacionar a depressão com a precedência da impotência individual e da sociabilidade privatista. O que coaduna com a associação de seus sintomas com a inibição e o isolamento.

Hoje as pessoas se fecham muito, o que faz as doenças permanecerem e até aumentarem... falta de esperança, desânimo, quando tudo isso se junta a uma doença fica difícil recuperar a autoestima... pensa se toda a sociedade tivesse esse espírito de um ajudar o outro, de todos estarem unidos em busca do bem comum, não haveriam doenças como a depressão... ou teríamos menos espaço pra elas (Apoema).

Por sua vez, as melhoras apresentadas pelo próprio Apoema ao se associar organicamente ao movimento também pareciam responder a um sofrimento ético-político gerado pelo conjunto de consequências desencadeadas por sua inserção precária no mercado de trabalho, pela vergonha e humilhação decorrente de períodos prolongados de desemprego

entremeado por trabalhos precarizados, ou pela falta de valor econômico e humano atribuído a essa condição gerada pela atual disposição social.

Assim, Apoema pôde aprimorar a autoconsciência de sua potência de agir como pessoa singular e como ser social, de sua potência de vida: “eu vi que isso eu posso fazer”. Era algo que sentia como parte de seu ser, apesar de seus riscos e adversidades, desejava fazer, encontrava sentido e alegria em sua realização. No entanto, Apoema ainda sofria as consequências concretas do trabalho intermitente e do desemprego prolongado. O movimento não tinha verba para liberá-lo da procura por “bicos” e garantir sua dedicação exclusiva. Os membros do movimento realizavam refeições comunitárias, mas, como conta Apoema, esporadicamente, elas podiam atrasar ou não acontecer, o que, para a maioria, não representava um problema, uma vez que podiam contar com outras fontes de subsistência.

A atividade de luta contra forças sociais contrárias, as quais aparecem como muito mais fortes enquanto a dominação de classe é mais efetiva, demandam condições subjetivas e objetivas para a luta prolongada e incerta, que toma a perspectiva da temporalidade histórica. Com o prolongamento do tempo para a conquista de objetivos básicos à subsistência de Apoema, o seu desejo e contentamento por se aperfeiçoar na atividade da militância foi se tornando causa de maior desgaste e conflito intrapessoal, na medida em que crescia a intermitência entre um emprego e outro como causa de sofrimento, o que acentuava o constrangimento de vender a sua atividade vital em troca de recompensas que mal lhe garantiam condições mínimas para a reprodução de sua força de trabalho.

Assim, se tornava mais sujeito à disfunção da expectativa de projetos futuros, à perda de motivação, de prazer, de desempenho, aumenta a fadiga. Candidato à depressão, segundo a nosologia psiquiátrica do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM) e ao mercado de consumo dos psicofármacos. A expansão das relações de trabalho intermitente, a incerteza e a insegurança das condições de conservação de sua própria existência são alguns dos obstáculos tanto para a auto-organização coletiva em torno de seus próprios interesses socioeconômicos, como para a identificação dos obstáculos e opositores de classe para realização de tais interesses coletivos.

Quando Apoema narra o modo como adoeceu, sem nenhuma cobertura sindical e que nenhuma proteção trabalhista, no período em que vendeu sua força de trabalho a uma empresa de *Telemarketing*, ou quando diz que “enxergava a exploração, só, no começo, não tinha o entendimento do engajamento nas lutas sociais”, ajuda a revelar a falta de auto-organização e carência da tradição sindical desses trabalhadores, e é expressão da ampliação

dos assalariados para os proletários de serviços. Dos que trabalham para corporações de supermercados, comércios, indústrias hoteleiras, call-center ou telemarketing (ANTUNES, 2018), para a qual já venderam sua força de trabalho Francisco, Tupac e Apoema. Relacionam-se as condições gerais de crise, reestruturação produtiva e contrarrevolução do capital financeiro dos bancos, industriais, agroindustriais e de serviços, tencionando a espoliação dos recursos e a (super)exploração do trabalho.

Processo histórico de dissolução do movimento socialista ou anticapitalista, que enfraquece a organização sindical e os laços de solidariedade de classe. Segundo Antunes (2018), o movimento sindical precisa ser reestruturado, organizado pela base e ampliado para a organização do conjunto da classe trabalhadora. Portanto, precisa começar por romper a barreira da tendência a burocratização, do sindicalismo empresarial e do corporativismo, de tipo estatal, e o neocorporativismo societal, que privilegiam suas respectivas categorias profissionais. O que passa por resgatar o pertencimento de classe, e romper as fraturas, objetivas e subjetivas, impostas pelo capital. Romper a barreira que separa a classe trabalhadora “estável”, em franco processo de redução, para incorporar a expansão dos trabalhadores(as) intermitentes, em tempo parcial, subempregados e desempregados, em que Apoema se encontra. Além do trabalho com outras dimensões inter-relacionais decisivas, como da feminização da classe trabalhadora, dos problemas geracionais, dos negros, indígenas, imigrantes; da preservação da natureza e da humanidade; de acompanhar a articulação para o combate ao capital transnacional; e de não privilegiar a institucionalidade, uma vez que o capital exerce um domínio cuja materialidade é de origem extraparlamentar (ANTUNES, 2018).

Além do acúmulo prévio de vivências, afinidades e interesses para com a organização e luta popular, além do incentivo e ajuda de sua mãe, pessoa com a qual nutre os mais fortes laços afetivos, um motivo determinante da aproximação de Apoema ao movimento de luta por moradia foi mais pessoal e negativo: a inviabilidade de continuar a pagar o aluguel da casa onde morava. No crescimento de seu conhecimento e comprometimento na atividade coletiva do movimento, as primeiras afinidades e estímulos foram se desenvolvendo para o motivo principal, gerador do sentido de sua escolha por continuar nessa luta. No entanto, ainda que o motivo da conquista de uma casa própria tenha adquirido importância secundária no processo de engajamento político, com o avanço do tempo, Apoema foi pressionado pela carência da regularização de sua moradia, a fim de que pudesse desobstruir o desenvolvimento de outros âmbitos de sua vida, como um eventual

casamento com sua companheira e a necessidade dos comprovantes de sua residência fixa para serem apresentados nos processos de seleção de emprego. Nota-se como Apoema não abandonou a sua demanda pessoal, mas ela passou, gradativamente, a se compor com a demanda coletiva e a se universalizar.

O movimento social passou a ser um instrumento que passa a compor objetivos pessoais-coletivos, atividade para si, como sujeito e classe. Mas, ainda que se desenvolvesse a superação de uma dicotomia interna entre motivos individuais e coletivos, os motivos que vinham “de fora”, como perda do emprego, foram mais fortes do que as condições do movimento para garantir, ainda que temporariamente, a subsistência de Apoema.

Depois de um tempo de desemprego – e um indivíduo fora do mercado é um indivíduo degredado da sociedade atual –, Apoema teve de abandonar a faculdade. Tal condição também passou a afetar as relações com sua companheira e, até mesmo, com a militância, o que o afetou com o que ele denomina de “estresse psicológico”. Desse modo, Apoema não podia se dar ao direito de sustentar a sua atividade militante diária sem saber se, naquele dia, teria algo para se alimentar. Era um desalento que afetava seu corpo e sua mente: “tinha dia que chegava e a cozinha do acampamento já tinha fechado, ir dormir com fome, isso tudo vai afetando” (Apoema). Tal condição passou a afetar negativamente o seu ânimo, e o prolongamento da precariedade financeira favoreceu a deterioração e o término de sua relação conjugal de então.

A protelação do poder público para ratificar o cumprimento da função social do terreno aumentava o cansaço da militância e prolongava a sua insegurança quanto à conquista do direito à moradia. Junto à flutuação de seu ânimo, a intermitência dos trabalhos e das refeições se conjugaram para constranger Apoema a uma militância também intermitente. Ele, então, pediu afastamento das funções organizativas, da atuação mais orgânica no movimento, a fim de que pudesse exercer uma participação mais marginal e uma contribuição mais esporádica. Conta Apoema:

Eu mesmo pedi afastamento depois também. Justamente por questões de tensão mesmo, de estresse psicológico. Quando eu comecei a faculdade, eu estava com um pouco de estresse psicológico, sem condições financeiras mesmo, o movimento não tinha dinheiro pra manter a coordenação e eu estava desempregado, não tinha meu próprio ganho. Eu vivia na ocupação e, por vezes, fazia algum bico pra ganhar algum dinheiro, mas, no resto, eu tocava as tarefas e me alimentava direto lá. Fazia um coletivo para doações, algumas pessoas não podiam doar com alimento, eu era uma delas, e a gente doava de outras formas... Dependendo de quantos dias de ocupação, você pode não achar comida no horário certo, às vezes, a cozinha estava fechada, o cozinheiro não veio. Passar uma noite com fome, desamparado, me

entristeceu, aí você está sem nenhum dinheiro no bolso, aí isso afeta também psicologicamente (Apoema).

Ainda no que diz respeito aos dramas da militância em relação ao trabalho no capitalismo, no caso de Margarida, esse também se intersecciona com a instituição familiar, quando conta que o seu irmão mais novo, assim como o pai, também ingressou na carreira da polícia militar. Margarida diz que ela e o irmão mais novo são muito próximos, desde a infância, mas que, hoje, ele demonstra ter algum receio com relação à militância da irmã, porém é muito aberto ao diálogo, de modo que eles conversam sobre a natureza dos encontros e desencontros de cada função social. Margarida diz que “mesmo que o indivíduo não concorde ou não queira fazer certas coisas, tem coisas que são da função, incontornáveis”, mas o irmão diz que “não é apaixonado” e sempre busca ressaltar a face mais humanizada da corporação. Apesar de também demonstrar discordar de muita coisa, embora não fale muito sobre isso, ele mostra que discorda dos colegas que não conseguem estabelecer esse “distanciamento crítico” com relação à corporação.

Margarida diz que ele está iniciando na profissão militar, que a defende, mas não totalmente e nem a qualquer custo, que “encarava como um trabalho, uma forma de ser independente, de ganhar a vida” e que também deseja muito ser aprovado no vestibular para o curso de engenharia. Desse modo, pode-se notar como a sua atividade na corporação ainda não ocupava a centralidade na hierarquia de motivos da personalidade do irmão, seu sentido ou estímulo são externos à atividade, que é um meio para o salário e a subsistência, além de vir construindo motivos e objetivos alternativos para a formação universitária. Mas ressalta Margarida: “ele ainda era estudante, ainda não estava atuando como policial, era um momento em que as possíveis contradições mais conflitivas dessa relação não estavam colocadas”.

Margarida foi detida junto com dois de seus companheiros, durante manifestações que denunciavam as contradições e os crimes do empreendimento transnacional da Copa do Mundo. Segundo ela, isso ocorreu “de forma totalmente arbitrária, sem nenhum envolvimento com o motivo alegado da prisão e nenhum tipo de evidência concreta que os ligassem às acusações feitas pelos agentes policiais”. Margarida interpretou que eles foram apreendidos “como bode expiatório”, uma vez que os policiais não conseguiram prender as pessoas que, durante a manifestação, atacaram e destruíram as fachadas de alguns bancos e uma viatura policial. Tratou-se de um momento em que se materializou uma tensão e drama prático entre a atividade principal da irmã militante e a profissão do irmão militar. Margarida explica: “independentemente se foi a gente ou não que fez, no caso não foi a gente, o conflito da lei

enquanto protetora do Estado de uma classe social, e quem se mobiliza para tentar mudar este estado de coisas, sempre vai tá colocado”.

A trajetória narrada por Margarida passa por uma trama de entrecruzamento entre funções sociopolíticas e familiares, configurada na relação com os companheiros(as) de militância, dentre os quais inclui a história de militância de sua mãe, e com a força policial do Estado, que incluiu a história de trabalho de seu pai e, agora, também se torna a profissão do irmão com quem tem maior vinculação afetiva. Um choque tanto do irmão, com as atividades da irmã, a corporação policial e o seu motivo gerador de sentido, como de Margarida, com seu forte vínculo afetivo com esse irmão, com o vínculo profissional dele com a corporação de segurança pública e o motivo sociopolítico gerador de sentido para Margarida, segundo a própria, a militância como “uma escolha cada vez mais estruturante da vida”. O relato sobre a relação de Margarida com o irmão, entre formas e conteúdos diferentes de profissionalização militar e militante, que podem tanto se compor como conflitar sobe contextos diversos, como demonstra a abundância de ambas experiências históricas no Brasil. Dinâmicas que expressam bem a ideia de que “o drama sempre é a luta de tais ligações (dever e sentimentos; paixão etc.) [...], isto é, choque de sistemas” (VIGOTSKI, 2000, p. 35). Tema que será abordado mais detidamente na unidade a seguir.

4.2 A CONFIGURAÇÃO DO PSICOLÓGICO COMO DRAMA

A unidade anterior apresenta a imbricação entre participação, lugares, afetos, memórias e a dialética entre o indivíduo e o coletivo no processo de engajamento sociopolítico. Processos pelos quais o engajamento na militância sociopolítica tende a promover novas sociabilidades e, frequentemente, fomenta diferentes relações afetivas, que podem favorecer a reconexão de dinâmicas intrapsíquicas. Esses encontros, frutos das dinâmicas interpessoais de uma vinculação sociopolítica, passam por processos catárticos, relacionados à dialética identificação/distanciamento, e por momentos críticos, referentes à dialética possibilidade/inviabilidade para a satisfação da necessidade, ao mesmo tempo, mínimas e máximas, urgentes, cotidianas, estruturais e históricas, nos dramas da temporalidade biográfica/histórica, dentre outros.

Vigotski ressaltava como a psicologia, até então, tendia a representar a personalidade, a si mesmo, aos sonhos, ao pensamento, aos desejos, como um drama de papéis fixos e não na dinamicidade, plasticidade e historicidade dos papéis. A dinâmica da personalidade muda com a mudança dos choques de sistemas, quando algumas funções já não adquirem os mesmos papéis, alteram os seus significados, seus protagonismos, os que se destacam em primeiro plano, mudando a hierarquia dos sistemas.

Vigotski, em sua investigação genética, apresentou como a última forma e qualidade do desenvolvimento humano não se tratava do que “os psicólogos consideravam como um produto acabado do desenvolvimento, como algo inato e natural” (VYGOTSKI, 1995, p. 304), mas um processo complexo, um desenvolvimento que se dá como “uma longa luta” das formas elementares de pensamento para o pensamento do adulto culto habitual.

Um longo processo perpassado por situações dramáticas. Desde a situação social do bebê na primeira infância, que se encontra na tensão entre a mínima capacidade, a carência dos meios fundamentais de comunicação social em forma de linguagem, e a sua máxima necessidade, em vista da completa dependência em relação à mediação pelos adultos para suprir todas as suas necessidades básicas (VYGOTSKI, 1996). Posteriormente entre a necessidade da criança de agir e a impossibilidade de executar as operações exigidas pela ação, entre o exterior e o interior, a assimilação do senso-comum e as contradições que expressam, entre as vivências e seus sentidos conflitantes. De modo que o desenvolvimento ontogênico de todo ser humano passa inicialmente por conflitos dramáticos entre processos naturais e sociais, para o posterior predomínio da colisão interna aos processos sociais, que adquirem conformações sociopolíticas e históricas.

A associação à militância sociopolítica vem antecedida de uma trajetória singular em sociedade, que se desenvolve por uma dinâmica contraditória. Patente, por exemplo, no gradual processo de aproximação de Apoema, nas reviravoltas da trajetória da vida de Diara em relação à luta sociopolítica, e na maior flutuação e flexibilidade da atuação sociopolítica de Francisco. Torna-se notória a trajetória de Carlos, o modo como foi extremamente rápida e intensa a passagem do conhecimento do objeto de sua necessidade, até o momento em que esse conhecimento gerou sentido e potência de ação forte o suficiente para que ele buscasse a sua máxima eficácia prática, com toda sua força vital. Toma-se, assim, a militância sociopolítica como atividade principal ou, como Margarida se refere, como “uma decisão bem estruturante da vida”. Dentre outros relatos que evidenciaram os fluxos e refluxos das afecções e da consciência em relação a determinadas contradições.

Nesta unidade, atenta-se a processualidade da trama afetiva da vida na militância, configurando dramas¹⁸ cotidianos, alguns como situação limite, momento de fulguração, outros do que Martín-Baró (2000) define como trauma psicossocial, dentre outros processos geradoras de sofrimentos e de alegrias. Para facilitar a apresentação dividiremos em relação ao drama dos afetos na processualidade do engajamento, nas relações conflituosas internas à organização e das próprias identidades militantes.

4.2.1 Tornando-se militante na dialética pessoal/coletivo e razão/emoção

Este item trata sobre momentos de desenvolvimento do pensamento crítico dos participantes, seu entrelaçamento a organização em movimentos sociopolíticos e desenvolvimento de sua prática crítica. Esses são momentos marcados por acontecimentos catárticos, a partir dos quais foi possível perceber que envolvem vínculo afetivo e a apropriação de conhecimentos sistematizados, que leva os participantes a um caminho vital, que envolve novos conflitos, com destaque para as manifestações coletivas. Portanto, para a apropriação ou a conversão ativa dos fundamentos da dinâmica social-histórica, o sujeito, para elaborar sua estrutura vital insurreta, se encontra com conteúdos instrumentais de significados contra-hegemônicos, de sentidos e significados organizados a partir do seu vínculo coletivo, que começa por desvelar a carência fundamental de legitimidade do poder constituído. Esses sentidos e significados foram sendo assimilados de forma fragmentária, instável ou não-consciente, porém podem adquirir sentidos cada vez mais fortes, entre as fulgurações que vão se dando no vínculo como um processo afetivo-existencial.

O conhecimento acumulado e sistematizado a partir das experiências históricas de luta das classes sociais, reelaborados a partir das contradições inerentes às relações sociais vividas, vão além das sensibilidades e conceitos cotidianos dominantes, de tal modo que a aprendizagem e o uso adequados desses conceitos científicos possam ser interconectados em uma unidade na diversidade de conhecimentos práticos, e serem generalizados e ‘preenchidos’ pelas vivências singulares.

¹⁸ Entende-se, com Vigotski e Politzer, que o designado pelo termo ‘drama’ deve ser abstraído de suas ressonâncias românticas e de significação emotiva/sentimentalista.

Os relatos demonstram que há, no forjar da identidade do militante, esse contraditório processo de crescimento, em que o cotidiano de incorporar novos repertórios e responsabilidades aparece como um contentamento individual, tal como se coloca na perspectiva do contentamento experimentado por Apoema após participar de sua primeira reunião de negociação do movimento social com representantes do ministério público e governo federal. Conta que falou poucas coisas, pediu licença para o juiz e falou sobre um atraso com o advogado do ministério público, que sempre colocava um novo empecilho para a negociação, sentiu a necessidade de responder que eles estavam buscando uma solução para cada empecilho, dentre outras coisas:

Mas as coisas que eu falei me mostrou que seria uma coisa que eu poderia estar fazendo, uma coisa que eu ia fazer mesmo por um bom tempo. [...] Foi, basicamente isso, esse falar pra alguém da importância do que você está defendendo, isso faz você gerar a necessidade maior de participar daquilo. [...] Aquilo que você necessita, aquilo que você precisa, quando você começa a lutar por aquilo, você cria a vontade mesmo, quando você vê o que você está lutando, que pode contribuir, aonde você quer chegar, isso dá um ânimo pra você na luta (Apoema).

A curta ação de uma fala na reunião adquiriu uma grande proporção, ocupando um lugar de sentido em uma atividade muito mais ampla. Nesse momento, observamos a chave na conversão subjetiva expressa nos afetos, no corpo e na linguagem do eu/eles para o nós, entre o que é o que deve ser.

Assim como a sociabilidade dominante favorece a formação de uma subjetividade individualista-privatista, ela também pode promover as contradições para formações proto-socialistas. Margarida percebe que já vinha nutrindo uma “sensibilidade aos problemas do mundo”, mas entre seus 18 e 19 anos, quando ingressou na universidade, foi que escolheu, de forma mais consciente, a luta socialista como resposta sociopolítica ao que lhe afetava.

Margarida se lembra que, desde o primeiro período, durante as atividades de recepção dos calouros, quando os membros do Centro Acadêmico do seu curso foram apresentando as funções, os motivos e as atividades que exerciam, ela logo se interessou e começou a acompanhar e a participar de algumas atividades, ainda com pouca vinculação, mas com crescente desejo de conhecer melhor. Assim, buscou se envolver com o movimento estudantil, com o movimento de curso da Enfermagem, com o Centro Acadêmico e com os movimentos relacionados à agroecologia e às agrárias, por avaliar que eram os mais fortes e organizados de sua universidade.

Apesar dessas motivações e dos contatos iniciais, Margarida identifica um período em específico de atividades que funcionaram como um marco, o “divisor de águas” de uma mudança em relação à ampliação e à qualidade de seu modo de sentir e de conceber o mundo a sua volta. O autoconhecimento foi promovido pelo estabelecimento de novas conexões entre a sua vida cotidiana e daqueles com os quais convivia, com as dinâmicas de funcionamento social, com as diversas lutas particulares e a da classe trabalhadora como um todo.

Foi um motivo gerador de sentidos afetivos, intelectivos e práticos que permitiram que as primeiras motivações marginais se convertessem em sua atividade principal. Assim como Soledad, Carlos também fala do momento em que “meu mundo se abriu” (Carlos), ao compreenderem tais ideias críticas, ou, segundo Maria, “a coisa toda fez muito sentido na minha vida... eu me senti entendendo um monte de coisa que me incomodava”. Margarida encontrou um princípio metodológico que permitiu fundamentar e organizar o conhecimento sobre o qual já tinha um reconhecimento geral, assim como desenvolver novos conhecimentos a partir de uma crítica sistemática e análise objetiva.

Luiz, desde a adolescência, conta que foi desenvolvendo uma personalidade mais expansiva e gregária. Com facilidade em fazer amizades, um perfil organizativo, ajudou na construção do grêmio de sua escola e organizou o seu grupo de skatistas para participar do Grito dos Excluídos, mas ainda sem uma compreensão muito clara sobre as causas que motivavam os conflitos sociais. Foi aos 15 anos de idade que Luiz conta que começou a se entender como militante social, quando conheceu a juventude de uma organização socialista, e, por meio deles, teve o primeiro contato com as ideias marxistas.

Luiz, Tereza, Francisco, Apoema, dentre outros, que tiveram as manifestações populares como momentos tão importantes para o curso de suas vidas com a atividade da militância sociopolítica, podem ter, no encontro com as elaborações teóricas, a potência motivada pelo reencontrar nas massas em movimento o seu poder material. É quando os problemas concretos mais prementes e passionais, que mais afetam a coletividade, podem adquirir consistência científica e amplitude conceitual, de onde a razão adquire seu calor ativo e eficaz. Quanto maior a potência do corpo de se afetar e agir, quanto mais radical a necessidade prática de transformação social, maior pode ser a potência da mente de pensar, mais radical a necessidade teórica de compreensão do movimento da realidade social.

Pode passar a impressão de que se trata do desvelamento de algo que o sujeito sempre soube, exemplo tão recorrente como quando Francisco diz “eu já era e não sabia”, quando relata o momento em que descobriu o que é ser de esquerda, ou quando Luiz relata

que “o encontro com a compreensão materialista histórica da sociedade foi como ter encontrado uma lupa que conseguisse explicar o mundo e aquilo tudo que já via e sentia”.

À primeira vista, tais processos de “tomada de consciência”, como narrados pelos participantes, poderiam parecer como uma revelação, um acontecimento de súbita transformação do corpo-mente biográfico em histórico, como um *insight* lógico, dos pensamentos sincréticos em um pensamento sintético, sincrônico, repentino e acabado. No entanto, as entrevistas ampliadas de caráter diacrônico permitem acompanhar a formação de tais sínteses e epifanias, emocionais e intelectuais, como expressões de um processo biográfico-histórico que passa por laços afetivos, vivências práticas e emocionais produzidos na sociabilidade cotidiana e reprodução das condições de existência.

Essas vivências práticas, ideias e laços afetivos cotidianos podem ser quase imperceptíveis quando tomadas isoladamente, mas promotoras de conhecimentos espontâneos, sincréticos, instáveis, e, a partir da sua abstração, outras experiências práticas e laços afetivos podem se tornar realmente significativos. Desse modo, juntos, possibilitam a reestruturação das concepções de mundo, das formas de inserção na prática social, portanto, da elaboração de novos problemas e do aprofundamento nas expressões teóricas do movimento dos aspectos considerados estruturantes da vida social.

Assim como no desenvolvimento ontogenético, segundo Leontiev (1978), os motivos reais da atividade são buscados de forma indireta, por um caminho orientado por sinais, experiências, “marcas” emocionais da vida, ou, ainda, como mudanças moleculares, latentes, que vão se acumulando até certa situação limite, que Vigotski (1996) analisou como sendo a manifestação de rupturas repentinas e fundamentais na personalidade, para uma formação qualitativamente nova, que reestrutura as necessidades, os motivos e as relações do sujeito com o meio. Sendo os afetos centrais ao desencadeamento dos momentos catárticos de modificação da consciência e da conduta e, conseqüentemente, na composição da identidade do militante social.

Além dos primeiros contatos, o salto importante para a convicção da personalidade e da relação com o mundo, tanto para Soledad como para Maria, se deu no momento decisivo de sua apropriação de significados teóricos críticos dos quais ambas se recordam vivamente. A identidade se configura, portanto, na relação que os sujeitos estabelecem entre a estruturação de conceitos e sua mediação nas formas-partidárias. Francisco apresenta a referência a uma consciência política mais empírica, sem o desenvolvimento de uma maior assimilação de conceitos científicos. Diz ter certeza que não é

nem de direita nem de centro, mas, por seu posicionamento prático-político em todas as esferas da sociedade, diz ter convicção de que é de esquerda. Conta que “foi entender um pouco sobre o que é ser de esquerda” há uns cinco anos, quando percebeu que já tinha um pensamento que se convencionou denominar de esquerda, que, segundo ele, “já era e não sabia”.

Tal compreensão sociopolítica mais empírica pode-se relacionar a incompreensão, impaciência, entre a ira e a melancolia, de Francisco para com as pessoas das classes despossuídas e subalternizadas que defendem seus alçózes como se esses representassem a sua libertação. Uma vez que ele entende que nunca teve oportunidade de se aprofundar teoricamente na compreensão das dinâmicas sociais, econômicas e políticas da sociedade em que vive, mas apenas a vive e, por exemplo, “na hora de votar, votava no que estava mais do meu lado... é sentir na pele mesmo”. Entretanto, ao mesmo tempo, reconhece que seu irmão gêmeo teve vida semelhante a sua, mas desenvolveu identidade e compreensão sociopolítica contrária, e, por serem gêmeos, ainda ajuda a evitar qualquer tentação de explicação genético-biologista sobre o caráter ou uma personalidade inata e inerte.

Soledad conta que, antes, entendia as mudanças sociais a partir da mudança de si mesma, a partir da predominância da mudança dos indivíduos, pensando e sendo de uma forma diferente. Pode-se perceber como, nesse momento, a percepção é de que a história social é feita pela soma de biografias, com uma ausência da referência da classe social como possibilidade de sujeito histórico coletivo. A compreensão de que os meios para tal transformação social não se dariam a partir da mudança de cada indivíduo por-si foi favorecida durante a graduação em Sociologia, quando teve contato com o movimento de luta no campo e com a teoria marxista. O que se compôs com as outras experiências de sua vida para ajudá-la a compreender que “as vitórias e as derrotas, todas são coletivas” (Soledad). Aqui, podemos perceber como Soledad passou do entendimento dos indivíduos como sujeitos da transformação para a compreensão da necessidade de um sujeito coletivo.

Na graduação, Soledad já começa a participar de atividades como apoiadora no movimento de luta pela reforma agrária, mas a busca por uma transformação coletiva apenas se consolida de modo a suplantiar a primazia de uma transformação exclusivamente privada, quando se mudou para São Paulo/SP. Lá conhece alguns militantes de uma organização política comunista e, primeiramente, seu namorado ingressou no movimento e ela, em seguida. Depois, decide se juntar a uma organização coletiva de atuação social desse partido, começa a participar de reuniões, a fazer mais leituras políticas e a ministrar aulas em um

cursinho popular na periferia da cidade. Enquanto Maria relata a forma de um salto para si, como uma síntese, em que o pensamento, que reelabora os conhecimentos sobre a natureza do capitalismo e sua possível transformação, aparece como um condensado sintético.

Para Apoema, a sua identidade militante se forjou na ocupação. “Chegou na gente e falou: ‘vem amanhã e monta o seu barraco também, vamos participar com a gente’. Aí, no outro dia, eu estava indo lá montar uma barraquinha pra mim”. Apoema descreve como montou um barraco e sentiu confiança para passar uma noite. “No outro dia de manhã, o pessoal vem acordando pra participar das atividades, aí eu fui ajudar. Quando estava ajudando o rapaz a montar a cozinha, ele falou “meu, bem que você poderia se candidatar a coordenação, pra ajudar na organização” (Apoema). Dois dias depois, ele entrou para a coordenação – pensou: “vou participar do movimento, vamos ver até onde que vai” – para ajudar na enumeração de barracos, na listagem com o nome de cada um, no cadastro.

Tiveram alguns momentos que batia um desespero, né? Na ocupação, é muita gente e, logo no começo, ocorre de ter briga. Qualquer barulho que tivesse, a gente já ficava preocupado. Nas primeiras semanas, a gente fica preocupado com a ordem de despejo, se tinha conseguido a liminar de reintegração de posse (Apoema).

Apoema ficou uns quatro meses na ocupação e trabalhando na coordenação dos acampados, catalogando os ocupados, coordenando e ajudando nos trabalhos coletivos, da cozinha, da limpeza, das manifestações, ajudando quem não sabe a montar o seu barraco, na segurança noturna da ocupação, etc. Mas uma mudança para sua identidade enquanto militância social se deu quando ele passa da atividade como coordenador de seu núcleo de acampados para ir lutar por outras ocupações.

O participante se identificava como parte de uma classe e apoiava o movimento social, mas, naquele momento, sua motivação se limitava a conseguir para sua pessoa uma casa própria o mais rápido possível. Era, ainda, uma aposta um pouco desconfiada e uma consciência biográfica, motivada por uma necessidade básica. Parte de um movimento hesitante, de quem vai indo por não ter muito a perder, até um segundo momento, em que chega a arriscar a vida com determinação na luta pela moradia de outras pessoas que não conhecia pessoalmente.

Apoema guarda uma forte memória afetiva de quando foi auxiliar na ocupação de um terreno abandonado entre prédios de uma região nobre do Morumbi-SP:

A gente fez uma reunião do lado de fora e quando a gente fez a oração na frente do terreno, quando a gente ia entrar pra dentro, a gente ouviu barulho de tiros vindo de um condomínio do lado apontando pra onde a gente estava... Acho que era juiz que tinha naquele prédio... Algumas poucas pessoas se assustaram e não quiseram entrar, mas a maioria entrou. Fez o chamamento, deu um ânimo, terminou a ocupação e fez uma reunião geral para falar a respeito do acontecido. A noite ninguém dormiu praticamente, todo mundo ficou acordado, vigiando e foram direto fazer a panfletagem quando amanheceu, as pessoas do bairro foram sabendo, foi chegando cada vez mais gente e a ocupação se consolidou. Deu um gás maior, eu só ia passar 15 dias depois do ocorrido logo na entrada eu acabei passando 3 meses lá ajudando na organização e construção da ocupação e fiquei mais tempo que os próprios coordenadores que foram pra ajudar. Porque vi a necessidade da militância que estava cuidando de lá. E só sai porque tinha umas questões organizativas da minha ocupação para resolver (Apoema).

Apoema teve acesso a formações que explicavam sobre o movimento e sua luta, sobre a opção política do movimento, discussões, a história do movimento, quem eram seus aliados, e outros debates. Depois de um tempo, conta que foi começando a gostar mesmo da militância, do que estava fazendo e de como vão surgindo outras coisas importantes para fazer, demandando. Nesse acréscimo de responsabilidade para com a coletividade do movimento, Apoema narra que: “você vai procurando entender mais no que você está trabalhando, vai estudando, sempre buscando melhorias do que você faz”.

Apoema diz que participou de uma das primeiras reuniões de negociação com o representante do Governo Federal e do Ministério Público, que requisitava o terreno, e com representantes da ocupação, do movimento e de outros órgãos. A pequena fala que fez em uma primeira reunião de negociação foi decisiva a ponto de dizer: “a partir dali que eu comecei a ter uma visão de que nós tínhamos potencial de conquistar de conseguir. Tinha alguns que queriam atrapalhar, mas a gente sempre ia conseguir lutar”. Sentimento que aumentou quando conseguiu convencer um vizinho que tinha um pensamento fatalista, contrário a ocupação, de sua importância, até que esse também se juntou ao movimento: “Assim começa a luta de mais uma pessoa, e a gente se sente mais motivado quando vê as conquistas dando certo e as pessoas que duvidam do que você está lutando começarem a acreditar no que você está fazendo” (Apoema).

Ainda que uma pessoa a mais ou a menos pudesse não fazer diferença em uma ocupação que começou com seis mil pessoas, a pequena vivência interpessoal da entrada de seu vizinho para a ocupação foi sentida por Apoema como uma grande vitória potencializadora. De certa forma, Apoema também podia se identificava com suas dúvidas e seus receios, como podemos constatar na forma gradativa e desconfiada com que contou como foi se aproximando do movimento.

Foi onde avançou minha ideia também sobre o movimento, sobre a luta e a minha vontade de lutar. [...] Comecei a luta por minha própria moradia e, no caso, nesse momento, você deixa de ser a sua própria moradia pra você abraçar o resto das outras moradias também, todo mundo tá junto (Apoema).

O modo como a potência de agir cresce quando o sujeito experimenta ou apenas vislumbra situações de poder de transformação, estimula a buscar pelas causas adequadas e pela transformação de paixões em emoções ativas. Retomando o relato de Tereza sobre quando ingressou na militância, nota-se como os argumentos racionais e sistemáticos, que vêm de fora, poderiam não ser o suficiente para convencê-la de seu engajamento na militância, mas sim a partir de algo que a afeta de forma imanente, como sua religiosidade. A partir desses afetos mais fortes, ela passa a interpretar experiências como sinais, ao atribuir aos afetos com essas experiências, sentidos mais fortes do que aos afetos em sentido contrário, como os vinculados à sociabilidade individualista privatista. Conta como ficou fortemente emocionada “ao ver aquele monte de gente”, por não se tratar de uma multidão segmentada, as quais já vivenciou até muito maiores, mas a fala no carro de som ajudou-a a dar um forte sentido àquela percepção. Sentimentos de potência, de poder e de comum que se cruzam no processo catártico.

Nos relatos dos entrevistados, é recorrente encontrar a ideia de que a força coletiva incrementa seu poder individual, seja nas jornadas de junho de 2013, nas manifestações estudantis, ou nas greves e ocupações. Como coloca Wladimir, “2008 foi meu melhor ano da militância, cara, eu organizava assembleias em várias ocupações e favelas, havia, em cada uma delas, mais de 100 pessoas. Aquela disposição coletiva de luta dava um ânimo na gente”. Apesar da carência de maiores recursos financeiros, bélicos ou midiáticos, é patente, nos participantes, o sentimento do crescimento do poder popular organizado para si, exemplificado pela associação de Wladimir à experiência com indígenas na Guatemala, onde pôde testemunhar a passagem de uma posição de humilhação para a altivez de descerem das montanhas em mais de cinco mil.

A participação ativa de Apoema em uma reunião de negociação com importantes representantes do poder público motiva uma subversão dos afetos de insegurança, de medo e subordinação social, para fortalecer uma autoestima de novo tipo, como parte prática do processo de seu autoconhecimento como ser social. De uma vida de marginalização social e com os últimos meses da humilhação do desemprego, passou a se sentir respeitado, com uma importante função social com os seus e pelos seus. É a virtude e a fortaleza de poder “manter

a cabeça erguida”, como para falar por meio do princípio da igualdade, não apenas formal, mas um pouco mais equilibrada pelo poder material que suas ideias e afetos adquiriram na multidão organizada no movimento social, na turbulência nacional e internacional das crises e na luta das classes sociais. Apoema foi marcado pela história de luta de sua mãe, pelas próprias relações de trabalho, pela experiência com a associação de seu bairro, nas participações nas revoltas manifestas em junho de 2013, na atividade de estudos autônomos sobre o assunto, dentre outros movimentos que foram se compondo com seu exame e sua disponibilidade para a busca de saídas coletivas para os problemas sociais. Isso culminou com sua participação ativa na reunião de negociação, ainda que com uma única e rápida expressão. Para Apoema, essa reunião findou como um rito de passagem e com um sentimento de firmeza, de generosidade e decisão.

Em tal relato, não predomina mais a percepção de um indivíduo acuado, sem futuro, carregando o peso de seu presente, mas de um ser social e histórico erguido pelo compromisso com as gerações passadas e futuras, firmado consigo mesmo, com novos motivos e atividades. É um momento em que recupera sua história pessoal e coletiva, voltado para poder enfrentar o futuro compartilhado com virtude de ânimo, com uma grande fortaleza, que Spinoza (Et. esc. prop. 59 da P.3) divide em firmeza e generosidade.

Diversos participantes narram passagens em que sentiram aumentar o poder de ação de seu corpo, de modo a estimular e favorecer também a potência da mente de pensar, como na possibilidade concreta de realização de outra forma de vida social. Com uma dinâmica semelhante aos demais nas reuniões do movimento, eles sentem que algumas de suas mazelas pessoais/coletivas – antes motivo de vergonha, gerando sentimento de fracasso, próprias da fala moral e culpabilização meritocrática – poderiam se converter em virtudes relativas, não por sua romantização e permanência, mas quando a socialização de suas experiências de sofrimento pode contribuir para ajudar a superar as condições que levam outras pessoas ao incremento de sofrimentos psicossociais, que levam à passividade e ao padecimento em vida. Nesse sentido, o sofrimento não se gangrena em condição de padecimento, mas a luta coletiva contra a condição de sofrimento com a opressão e a exploração pode ser portadora da mais profunda ação autoemancipatória.

Luiz, durante a luta pela diminuição da tarifa do transporte público em sua cidade, conheceu a experiência de outros distritos nos quais os estudantes já tinham o passe-livre. Passou, portanto, a afetar a sua mente com a ideia, não apenas de uma necessidade e um desejo abstrato, mas de uma necessidade e uma possibilidade concreta imediata. No entanto,

apesar do desenvolvimento da possibilidade técnica para novas condições de liberdade e autonomia do conjunto da população, como no caso da luta de Luiz, pela substância de um direito concreto de ir e vir, isso se contradiz com o desenvolvimento de obstáculos econômicos erguidos pelas necessidades próprias aos padrões de acumulação do capital. Se defrontar e lidar com tal drama histórico e socioestrutural, favorece com que Luiz expandisse sua compreensão da atuação imediata em nível interpessoal, ou em uma dimensão exclusivamente política ou economicista do conflito, para o nível interclassista dos antagonismos político-econômicos.

Para Soledad, a indignação que operava no âmbito de sua individualidade e amparava a constituição de sua subjetividade, a partir de suas experiências pessoais com a desigualdade e a falta de recursos da família, apesar de anos obstinados de trabalho árduo no campo e depois na cidade, vinha se acumulando de modo que pôde adquirir o marco de outra dimensão a partir da realização de um trabalho escolar sobre o problema agrário no seu país. Portanto, estava mais próxima à compreensão das causas adequadas da condição de carência material que lhes afetavam, em relação ao modo como a pobreza e a desigualdade social expressavam a apropriação desigual da propriedade da terra.

Tal processo de assimilação do conhecimento elaborado possibilitou a mediação para a conexão de sua vida cotidiana com parte da história de sua família, dos camponeses e da luta de classes no campo. No entanto, nesse momento, ainda se tratava, em alguma medida, de um afeto passivo, enquanto sua “ativação” foi se desenvolvendo com a experiência de atuação política. Desde a primeira manifestação que participou, acompanhada do irmão e da mãe, Soledad relata como um momento marcante para o processo político de seu corpo e mente. No entanto, tal novidade afetiva-intelectiva ainda conservava o paradigma da centralidade do indivíduo, da moral abstrata e autonomia idealista, como o relativo à passagem da ideologia do empreendedor capitalista para a do ativista anticapitalista. Era o início de uma atuação ainda no âmbito da consciência biográfica, segundo Soledad: “achava que cada um tinha que se mudar individualmente”.

Soledad percebe que o incômodo que trazia podia ser, até certo ponto, atenuado e contornado no nível pessoal e interpessoal mais imediato, mas passa a adquirir uma dimensão social organizativa quando a potencialização do pensamento histórico com o estudo do marxismo no movimento estudantil se compôs com a experiência do poder de ação coordenada próxima ao MST, com o qual teve contato quando se mudou para o Brasil, e no seu posterior ingresso em um partido comunista.

Parte de um sofrimento sistemático, que vai muito além da dor natural à condição humana de estar vivo, pode adquirir, assim, a dimensão do que Sawaia (1999, p. 106) denominou de sofrimento ético-político, que deu sentido, além de econômico, ético e político à exclusão suprimida sobre a aparência de inclusão nacional como indivíduo, cidadão livre-proprietário e seus meandros ideológicos de legitimação das relações sociais postas, de sofrimento e culpabilização pessoal, como forma desumana de inclusão ou “formas sutis de espoliação humana por trás da aparência da integração social”.

Tal sofrimento de dimensão ético-política também demandou uma resposta de mesma natureza, a fim de que pudesse ser enfrentado com a composição do âmbito pessoal na luta política no poder das forças sociais. Ou seja, de modo que a moral idealista pudesse se converter em uma ética concreta e eficaz, para Soledad, representada pela passagem da necessidade de uma mudança solipsista para a sua motivação por uma transformação pessoal no processo ativo e coletivo de transformação social. Ou, como para Tereza, que representa a composição da tradição de sua solidariedade católica com a participação ativa na luta política organizada.

O desejo por justiça e sentimento filantrópico que Tereza nutria pôde ecoar e se fortaleceu a tal ponto no encontro com a enorme massa de manifestantes que ela conta como não pôde conter as lágrimas. Mas o crescimento dessa potência foi correlato à intensificação das relações de poder, a explicitação da política como luta para correções sociais de poder e o poder público ou político como o “resumo oficial do antagonismo na sociedade civil” (MARX, 2017, p. 147).

Os afetos alegres e o sentimento de amor humanitário vivenciados por Tereza ganharam sentido e expressão consciente política quando foram assimiladas ao ambíguo crescimento da raiva e da indignação concatenadas ao que lhe pareciam as imagens das causas adequadas, os grupos e políticos que, em relações conflituosas de poder, obstruíam a expansão e a realização do espírito de comunhão que, há muito, vinha nutrindo e, agora, sentia ressoar com poder e consequência prática-social na multidão. Ou seja, quando Tereza participa de sua primeira manifestação massiva na luta pela educação, o seu amor humanitário, em grande medida herdado de seu compromisso com a fé cristã, se relaciona com a indignação acrescida com a identificação de adversários sociopolíticos, de modo que seus afetos adquirem uma dimensão política quando sua atuação se depara com relações sociais de poder, e ela se engaja conscientemente na composição e luta entre forças sociais.

De forma análoga, Luiz também narra como uma imbricação afetivo-volitiva à sua experiência, sua primeira manifestação enquanto secundarista contra o aumento da tarifa do transporte público pode ser descrita como uma unidade de afetos contrários, quando foram duramente reprimidos pela polícia: “senti aquilo vibrar dentro de mim, uma mistura de raiva, medo e êxtase ao conseguir chutar algumas bombas de volta... A dor do tiro parece que foi embora” (Luiz). Nota-se a composição e solidariedade entre os pares, assim como o caráter político do sofrimento que envolve a luta entre forças sociais contrárias. A raiva, a revolta e a indignação podem ser imanentes ao desenvolvimento do ânimo políticos das afecções no corpo e ideias na mente, ao compor o drama de parte da subjetividade do militante. A tensão permanente da formação do sujeito anticapitalista está repleta “de luta interna impossível nos sistemas orgânicos”, pois se configura como a natureza própria do drama da “dinâmica da personalidade” como “luta de tais ligações (dever e sentimento; paixão etc.). Senão, não pode ser drama, isto é, choque dos sistemas”, na sociogênese em que “a personalidade é como um agregado de relações sociais” (VIGOTSKY, 2000, p. 15).

Tais relatos revelam a importância de ressaltar o modo como, ainda que a sociedade favoreça a centralidade da sociabilidade individualista concorrencial mercantil, no seio de suas contradições também emergem necessidades antagônicas, como de fraternidade, solidariedade e de igualdade substancial. Semelhantes afetos comunais podem ser oficialmente estimulados, desde que não sejam excedidos a ponto de desfavorecer a operacionalidade do profissionalismo privatista mercantil, assim como algum excedente individualista e privatista têm de ser refreados e contidos a fim de que não ameacem o controle das próprias leis e da ordem de conservação das classes.

Nesse sentido, é necessário que os oprimidos possam ter alguns “suspiros”, alguma realização fantástica de igualdade e felicidade. É tolerado algum “perfume espiritual”, para usar uma expressão de Marx (1978), ou mesmo protestos contra a miséria real. Tais “choques de sistemas” podem, assim, ser tolerados e até fomentados nas situações “sem alma e coração”, desde que se mantenham passivos, que não passem a gerar consequências sociais concretas, como, no caso de Tereza, que foi expressamente advertida quando passou a buscar a eficácia social, quando encontrou expressão ético-política para a compaixão, a solidariedade, a fraternidade, a igualdade da irmandade e a comunhão religiosa.

No século XIX, quando a luta de classes ainda era incipiente, germinavam algumas teorias incipientes sobre, como a de Robert Owen (1771-1858), que também experimentou na prática os limites dos valores da liberdade, igualdade e fraternidade na

emergente organização social. Em uma dinâmica semelhante à que pode mudar completamente a vida de uma pessoa, que passa a buscar pela causa adequada de seus afetos, pelas causas eficientes da situação que lhe despertava compaixão. O empresário industrial, Robert Owen, propõe, com orçamento completo de instalação, despesas anuais e receitas prováveis, a criação de um sistema de colônias comunistas para combater a miséria irlandesa:

Ao abraçar o comunismo, a vida de Owen transformou-se radicalmente. Enquanto se limitara a agir como filantropo, colheu riquezas, aplausos, honrarias e fama. Era o homem mais popular da Europa.

Dispensavam-lhe entusiástica acolhida não só os homens de sua classe e posição social, como também os governantes e príncipes. Mas, quando formulou suas teorias comunistas, a coisa mudou de aspecto. Segundo ele, os grandes obstáculos que se antepunham à reforma social eram, principalmente, três: a propriedade privada, a religião e a forma atual do matrimônio. E não ignorava o perigo que corria combatendo-os. Nem podia ignorar que lhe estavam reservadas a condenação geral da sociedade oficial e a perda da posição que nela ocupava. (ENGELS, 1875, p. 516-517)

Enquanto com Tereza, o início de sua composição entre as dimensões celestiais e terrenais de seu compromisso humanitário pareceu intolerável às autoridades de sua unidade eclesial. Quando a moral altruísta de Tereza foi se esforçando por adquirir consequências ético-políticas concretas, foi convidada a se reunir com uma autoridade da diocese e repreendida, sob ameaça de exclusão das atividades eclesiais das quais participava. Isso posto, Tereza escolheu não abandonar a nova assimilação sociopolítica e nem a sua fé e habitual vinculação religiosa, e preferiu mudar da igreja que frequentava para uma mais receptiva à nova dimensão conquistada.

4.2.2 O drama dos afetos na processualidade do engajamento

Os participantes falam pouco sobre emoções, mas algumas se destacam, como, por exemplo, a vergonha. Como vimos, essa se destaca nas narrativas, desde acontecimentos na infância, na adolescência e na vida adulta. Manifestando-se em diferentes sentidos, como em relação ao pensamento figurativo, ao desenvolvimento da consciência de si, à atividade lúdica com os produtos do mercado infanto-juvenil, à atividade profissional, à militância.

Quando a família de Luiz perdeu o restaurante de onde tiravam a sua fonte de renda, começaram a passar por grandes dificuldades financeiras, se mudaram para um bairro periférico da cidade e tinham de se mudar toda vez que o preço do aluguel era reajustado. Logo no início, quando criança, Luiz se lembra de uma passagem em que pegou uma carona com o pai de um amigo e, quando pedido que apontasse para a sua casa, ainda sem saber o porquê, sentiu vergonha e indicou a casa do vizinho, que tinha aparência melhor. Diara, quando adolescente, conta que já chegou a sentir vergonha da forma de vida de seus pais, o pai sindicalista, a mãe também militante, tão “problematizadora”, enquanto Diara passou a querer apenas ter o que ela imaginava serem os padrões de consumo dos outros adolescentes. Também há os conflitos de Tupac com relação às divisões raciais e de classes sociais, o constrangimento, a culpa com a dificuldade em conseguir uma posição melhor no mercado de trabalho.

Spinoza (Et. III, def. 31) define a vergonha como “uma tristeza acompanhada da ideia de alguma ação nossa que imaginamos ser desaprovada pelos outros”. A vergonha pode ser entendida como um afeto triste e relacional, uma forma de discriminação, regulação e autorregulação cultural, religiosa, jurídica, política, moral e ética, possível quando assimilada a personalidade. Como um afeto autorregulador da atividade, e parte proveniente do processo de auto-avaliação, é assimilado como uma exposição do sujeito a seu próprio juízo negativo (ARAÚJO, 1998; LIMA; ALENCAR, 2016; SCHIMITH, 2013). Juízo próprio que, por sua vez, é desenvolvido a partir de relações interpsicológicas contraditórias, dominadas pelos valores das classes dominantes que colonizam as emoções. No caso de Diara, o predomínio da desaprovação com relação às diferenças da cultura ético-política de sua família, e, para Luiz, a exposição da “propriedade” de sua família a escrutínio público.

Ainda que Luiz não pudesse compreender as razões de tal reação e emoção, a vergonha surgiu a partir da fase de desenvolvimento fundante para a configuração de sua personalidade, por meio da consciência sobre si em contraste a exterioridade. Quando a constituição que vinha formando sobre si em relação a imagens dos colegas é constituída pela brusca transformação das condições materiais de vida, ela é acompanhada por novos e negativos juízos morais pelos quais ele é acuado. Desse modo, a vergonha opera quando a causa é interiorizada e incorporada pelo indivíduo, como a tristeza acompanhada da ideia de uma causa interior, diferentemente do ódio, entendido como “tristeza acompanhada da ideia de uma causa exterior” (SPINOZA, Et. III, esc. prop. 13). Também é diferente da humilhação,

uma vez que ainda não apresentava condições de entender e reconhecer o sentimento de injustiça, a ilegitimidade ou de resistir a tal inferiorização. Trata-se de uma objetificação de si, decorrente da exposição à avaliação do outro por meio de uma relação assimétrica de inferioridade.

A emoção experimentada por Luiz em relação ao processo de empobrecimento está mais propriamente relacionada ao que ele sente que é, à imagem que fazem sobre ele a partir dos valores compatíveis aos das classes dominantes. Desse modo, a vergonha foi uma emoção circunstancial articulada e ancorada sobre sentimentos mais gerais e fundantes de sua personalidade. Também se pode refletir como tal afeto pode aliciar sentimentos de culpa por algo que ele ou sua família teriam, ou não, feito, com relação às regras e aos deveres sociais violados. A culpa com a dificuldade em conseguir uma posição melhor no mercado de trabalho. A vergonha denuncia o valor capitalista liberal de que a pobreza é uma falta moral, gerando sentimento de inferioridade, fracasso e demérito. Sem que Luiz compreendesse os motivos de sua ação, certos sentidos e significados morais já estavam sendo “aceitos” e assimilados a sua personalidade.

Spinoza também escreve sobre o pudor como “o medo ou temor da vergonha” (Et. III, def. 31), emoção que favorece o isolamento e a ansiedade social. Precipitação emocional que se relaciona à reação de Luiz ao intuir uma situação embaraçosa, desconfortável, constrangedora. Motivado por um conflito entre o que pensava ser, queria ser e o que poderia ser, havia impossibilidade de corresponder aos valores de si e às expectativas que imaginava que os colegas faziam dele até então. A falta de valor, no sentido econômico, se associa ao juízo moral, que estabelece parâmetros para uma falta moral-social e para sua autovalorização, em relação a sentimentos de inferioridade, impotência, fracasso, indignidade, demérito. Luiz ainda não podia compreender as causas de tais afecções, como um sofrimento ético-político (SAWAIA, 2009, p. 370) um “sofrimento/paixão, gerado nos maus encontros caracterizados por servidão, heteronomia e injustiça, sofrimento que se cristaliza na forma de potência de padecimento, isto é, de reação e não de ação, na medida em que as condições sociais se mantêm”.

O constrangimento de Tupac quando conta que, ao ter a oportunidade de começar um curso superior, também lhe abriu a oportunidade de buscar por emprego em locais menos precarizados, como em instituições bancárias. Entretanto compartilha com seus semelhantes a experiência de que “só aprovavam estagiários brancos, que colavam de mim na prova”

(Tupac). O compartilhar de tais experiências com outros amigos o possibilitou entender melhor, por exemplo, a lógica do pátio da faculdade, quando, no intervalo “os brancos, os *playboys* ficavam juntos, e nós, os negros e operários em outra panelinha” (Tupac). As divisões sociais de classe e ‘raça’, que Tupac narra que “acreditava que era coincidência”, passavam a não ser mais entendidas como casuais e fortuitas. De tal modo que, nas vivências compartilhadas e conversas com amigos e militantes sociais, o avanço da busca pela compreensão conjunta das causas adequadas de tais afecções sociais o levou a se reconhecer na vivência dos outros, a reconhecer a causalidade de tal tecido social, não mais como um todo desagregado e ocasional. Não mais sentido como um sofrimento sem objeto, foi convertendo seu constrangimento pessoal em indignação, solidariedade e atividade sociopolítica.

Quando já se encontrava inserido na militância sociopolítica, Tupac também experimentou em uma miríade de intensas emoções, dentre elas a vergonha, com relação ao modo como, de forma rápida e relativamente fácil, com conivência das instituições do Estado de Direito e com insuficiente reação popular, sentiu ‘desmanchar no ar’ a construção de gerações que lutaram para conquistar direitos políticos, sociais, trabalhistas, e a possibilidade de uma representação no cargo presidencial do país. Em especial, com relação ao modo como a presidenta Dilma Rousseff foi impedida de exercer o mandato para o qual havia sido eleita, o assassinato de umas das vereadoras mais bem votadas do Rio de Janeiro, Marielle Franco, e do motorista Anderson Gomes, no centro da capital carioca, passando pelo modo como foi preso o líder das pesquisas de intenções de voto¹⁹, Luiz da Silva, e a aceleração da perda dos já poucos direitos sociais e trabalhistas a muito adquiridos pelas lutas passadas. Com relação, por exemplo, à prisão do principal candidato à Presidência da República, Tupac diz:

Na hora que ele (Lula da Silva) foi preso eu estava lá... né em... eu estava lá no sindicato dos metalúrgicos do ABC... e foi algo que foi muito triste né meu (...) Poxa, eu li o processo do começo ao fim, você vê o tamanho daquela injustiça... você não acredita mais na justiça, não acredita mais em juiz, não acredita mais em nada.

¹⁹ Na primeira pesquisa realizada pelo IBOPE, para o primeiro turno da eleição presidencial de 2018, Lula (PT) liderava com 37% das intenções de voto, 19 pontos percentuais à frente de Jair Bolsonaro (PSL), com 18% das menções. Cenário testado com a realização de 2.002 entrevistas entre os dias 17 e 19 de agosto de 2018. Disponível em: <<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/lula-fica-a-frente-na-disputa-pela-presidencia-da-republica-no-cenario-com-haddad-como-opcao-do-pt-bolsonaro-aparece-na-lideranca/>>. (Acesso em: 1º fev. 2019.)

Vigotski (1996, p. 257) apresenta o modo como, da infância à puberdade, dos momentos de estabilidade advêm diversas crises psicológicas, quando “passam ao primeiro plano os processos de extinção e retirada, decomposição e desintegração de tudo que se havia formado na etapa anterior e caracterizava a criança de dita idade. A criança perde o que já tinha conseguido antes de adquirir algo novo”. Assim como, na estabilidade relativa da idade do trabalho, também é atravessada por crises econômicas, políticas, sociais e psicológicas, ou “crises da maturidade, muito menos frequentemente estudadas” (LEONTIEV, 1978, n.p.). A crise contemporânea, por que passam militantes políticos como Tupac, também aparece duas vezes, primeiro do nível social depois no nível individual. Tupac, como membro da classe trabalhadora, historicamente dominada e oprimida em sua menoridade na sociedade capitalista, atravessa os últimos anos de crise econômica, social e política, que sufocam até as saídas conciliatórias mais modestas. Momento, portanto, de avanço da extinção e retirada de concessões econômicas, sociais e políticas, conquistadas através da árdua luta de muitas gerações, e que caracterizava o ser social dos estratos militantes da classe trabalhadora.

O constrangimento de Soledad quando tem que transpassar, cotidianamente, com a multidão de pessoas que vivem nas ruas da cidade, ou a vergonha de Tupac com relação às divisões sociais de raça e classe e, posteriormente, com relação a impotência do sujeito coletivo de sua classe para apresentar resistência à altura dos ataques sofridos, o que considera como um avanço indecente e ostensivo da injustiça. Essas podem constituir outra face da vergonha em sua processualidade na vida dos militantes. Mesmo a vergonha expressa a contradição social e pode ser emancipatória, quando os valores burgueses que a constituem podem ser resignificados na experiência da luta social. Tupac sente vergonha da servidão que se submetem as classes dominadas, ou ainda mais da servidão voluntária e orgulhosa de certos estratos da classe. Nesse sentido, o afeto da vergonha pode se relacionar ao constrangimento frente a compatriotas das classes trabalhadoras que se orgulham do aprofundamento de sua servidão como se fosse de sua liberdade, frente a um patriotismo ufanista e privatista, que não se constrange em abrir a sangria das já “veias abertas”, para utilizar a imagem célebre com que Eduardo Galeano (1999) representou a situação da América Latina. Veias e nervos expostos de forma voluntária e tão constrangedoramente abertas, que até a denúncia proporcionada pela manifestação pública perde parte do sentido, nos momentos críticos em que não se vislumbra mais quase nenhuma autoridade a quem reivindicar por justiça. Essa ira, voltada para dentro, pode ser a situação-limite para o padecimento, entre o ser e o nada, assim

como para um salto de qualidade do ser para o “mais ser”. Como em carta sobre as mudanças da Alemanha de 1843, Marx escreve:

O manto suntuoso do liberalismo foi despido e o mais asqueroso despotismo está aí, em toda a sua nudez, diante dos olhos do mundo inteiro.

Não deixa de ser uma revelação, ainda que ao inverso. Trata-se de uma verdade que nos ensina, ao menos, a reconhecer a vacuidade do nosso patriotismo, a degeneração do nosso sistema estatal, e a cobrir nosso rosto de vergonha. O sr. me olha com um meio sorriso nos lábios e pergunta: “e o que se ganha com isso? Vergonha não leva a nenhuma revolução”. Eu respondo: [...] Vergonha é um tipo de ira voltada para dentro. E se toda uma nação realmente tivesse vergonha ela seria como um leão que se encolhe para dar o bote. (MARX, 2010, p. 63-64).

Soledad se queixa que as demandas do aprofundamento em competências e em relações interpessoais, que deveriam qualificar seu engajamento no instrumento de luta da classe, durante um longo tempo, a levou a se afastar do conjunto da classe, a enfraquecer os laços de seus afetos cotidianos. Na medida em que estabelece novos vínculos, modifica seus hábitos e aprofunda na crítica a ideologia dominante, de modo que seus sentimentos também podem se tornar menos compreendidas e partilhadas fora do grupo da militância. Ou seja, na medida que o sujeito é tomado por novos e intensos interesses e motivações, que convergem sua atenção emocional e prática, desenvolvem instrumental conceitual para explorar e aproximar esses novos conhecimentos sobre a realidade social, pode também, paradoxalmente, afastar, gerar ruídos e dificultar o contato e a comunicação com o restante da classe com a qual, então, busca somar e fomentar a luta sociopolítica.

Carlos, quando já inteiramente tomado pela problemática social e da militância política, se lembra de regressar à sua cidade natal e de contar aos seus amigos, com a mesma intensidade, o que estava sentindo e ser recebido como um exagero ou simplesmente não ter nenhuma ressonância com o conjunto de suas antigas relações de amizade, devido a um misto de desinteresse e incompreensão, com sentimentos de inocuidade do engajamento sociopolítico, dentre a concorrência de outros motivos vitais. Assim, na proporção em que se intensificava sua nova dinâmica vital e se fortalecia a primazia do sentido de sua atividade militante, enfraquecia e se distanciava de algumas das relações interpessoais primárias de amizade, amorosas e familiares.

Assim pode se configurar um dos dramas da militância, a especificidade de sua base afetivo-volitiva: o que lhe faz feliz, o que lhe envergonha e enraivece, e os diferencia da maioria dos seus amigos e familiares, podendo se tornar uma adversidade a convivência, e

tem a tensão acrescida à medida que se estreitam as margens da viabilidade reprodutiva do capital, sufocando as possibilidades de consenso racional, do nível interclasses sociais a dimensão íntima interpessoal.

Margarida reflete sobre o que podemos referir como o sentimento de comum, o poder de transformação e a perspectiva do possível. Como a potência de vida do sujeito só se realiza na relação com os outros. Como a pacificação das lutas sociopolíticas não significa pacificação social, e como o enfraquecimento da luta interclasse social pode aumentar as tensões e conflitos intraclasse, grupal, pessoal e psicológico.

Essas dinâmicas do afeto que atravessam a gente e as vezes nos impulsionam absurdamente... as vezes nos tiram as forças. [...] Mas também tenho entendido que isso tem relação com o momento... no curso da história. Quando estamos em momentos que nossas dinâmicas coletivas estão mais fortes a dimensão do indivíduo dentro da gente fica menor. [...] Eu digo no sentido que a dimensão coletiva mais forte faz a gente ser mais do que só a gente. [...] Acho também que a gente se sente mais forte para resolver ou enfrentar nossos problemas da vida privada (Margarida).

Segundo o relato de Margarida, em sentido aparentemente paradoxal, pode acontecer de um processo dramático se constituir quando, quanto maior a pacificação das lutas sociopolíticas emancipatórias, quanto menos se tem luta de classes, menos o indivíduo parece estar em paz.

Quanto menos a coletividade das classes trabalhadoras age para si, como sujeito de sua história, mais sente reduzidas as suas conexões com o mundo e mais sente limitada a sua vida pessoal e íntima. Ou seja, quanto menor o horizonte de possibilidades históricas, menor a agitação social transformadora, mais parece se empobrecer o sentido das ações de Margarida em relação à atividade social geral. Por mais ações que exerça, maior pode ser a sensação de esvaziamento das relações interpessoais e intrapsíquicas, maior pode ser a sensação de que se vive em uma ‘aglomerada solidão’, segundo expressão do poeta e músico Tom Zé, ou nos termos spinozanos: “aquela cidade cuja paz depende da inércia dos súditos, os quais são conduzidos como ovelhas, para que aprendam só a servir, mais corretamente se pode dizer uma solidão do que uma cidade” (TP, cap. V, parag. 4).

Assim, o sofrimento difuso manifesto em esgotamento e em respostas ansiogênicas é outro sentimento relatado e aparece quando o seu fazer não está em condições de se realizar, parece insuficiente para avançar na transformação necessária ou, pior, percebe regredir. A frustração, a raiva, o sofrimento e a melancolia podem personificar a

culpabilização em suas relações interpessoais, sobre a imagem de uma sigla, em uma personalidade pública que invocou para si a representação da força transformadora da classe, ou na assimilação da culpabilização sobre si mesmo. Minora-se, assim, o papel da classe social, da análise das condições de suas mudanças objetivas e subjetivas, enevoa-se e suprime-se idealmente a imagem da agência do inimigo de classe, de seus movimentos ou mesmo de sua própria existência.

Assim como toda atividade complexa é composta por múltiplos motivos, Maria avalia que o que moveu a sua atividade militante foi o sentimento de “um incômodo, de maneira geral, com as coisas”. No entanto, a sua permanência na luta social, a ponto de nem cogitar a possibilidade de abandoná-la, apresenta um motivo principal, gerador de sentido, que não se reduz a um negativismo reativo, que poderia levá-la a se enredar sobre o predomínio de afetos tristes e de sua não condução pela razão, quando complementa a reflexão sobre o que a move com o que descreve como “um sentimento de que a gente pode ser mais, [...] a possibilidade de viver uma ‘boniteza da vida’, assim, né, enquanto ser humano, de ser mais” ou por considerar a “possibilidade humana, nossa, de construir uma vida melhor, de ser melhor, de ser mais mesmo” (Maria).

Não basta o incômodo e o conhecimento das mazelas sociais que justificam o engajamento na mais urgente e completa transformação social, mas, assim, Maria não consegue mais ser indiferente ao sofrimento compartilhado com sua classe social, com a qual se reconhece. Sua motivação para não padecer se fortalece com o desejo que surge da razão e dos afetos alegres com as experiências construtivas, formativas, na potência e poder de ação coletiva. Segundo Maria:

em todas as experiências que a gente tem, de construção... Seja de uma ocupação, de um processo formativo, né? A gente consegue fazer as coisas tão bacanas, né? Isso não quer dizer que a gente não faça erros, né? [...] Eu me vejo nessas coisas, né? Isso me emociona... Eu não... Não consigo tá [*sic*] indiferente assim, né? Na verdade, isso são... É o que me faz querer tá... Tá envolvida com essas coisas... (Maria)

O consumo também aparece como elemento do drama, retratado muito bem por Soledad, que conta que sua família, de origem camponesa, sempre teve condições muito limitadas de consumo: “meus pais nunca compraram absolutamente nada pra mim”. Desde criança, ela se lembra de perceber e de se questionar tanto sobre o motivo de seus pais não lhe comprarem as coisas que seus colegas tinham, assim como percebia que, na escola, haviam colegas muito mais pobres, de famílias guaranis, que apresentavam muita dificuldade em

entender algumas disciplinas. Vivências que se compuseram para a experiência em que Soledad foi arrebatada de intensas comoção emocional, quando foi solicitada que fizesse um trabalho escolar da disciplina de Geografia sobre a situação agrária em seu país.

Foi um choque ao descobrir que as estatísticas falavam que há grandes extensões de terra em mãos de pouquíssimas pessoas e muitas pessoas sem nada. [...] Quando eu li isso foi terrível e aí começou uma revolta. [...] Ali, comecei a entender: “cara, tem alguma coisa muito errada nesse país”. [...] Aí eu queria entender mais porque tem rico, porque tem pobres (Soledad).

Diara, também aponta conflitos com relação ao consumo e como esse se tornou um desejo durante o período escolar. A mudança para a escola na cidade representou para Diara, um momento de negação da militância sociopolítica de seus pais e da própria comunidade de onde veio, de modo que a nova escola surgiu como um meio para outra forma de vida social, mediada por bens de consumo, como “ter celular, comer *Mcdonald* ou apenas usar tênis pra ir à escola” (Diara), relacionados a vaidades, sexualidades e valores próprios as imagens que fazia das primas e das imagens publicitárias, como que recebia através da televisão.

Dentre os múltiplos motivos que se compõe para a inserção e continuidade de Maria na militância sociopolítica, ela relata uma forma de sentimento de composição de sua potência a partir da relação com o outro, de não conseguir ser indiferente ao sofrimento social:

Não consigo ser indiferente ao sofrimento das pessoas. Levar minha vida, como se isso não fosse possível de mudar. Eu não sei se pra mim é... Nasci pobre... apesar de ter acesso a outras coisas. Tipo ao estudo. Eu pertença a essa classe. Não consigo me ver fora desse lugar... Acho que sempre vou militar (Maria).

Entretanto, tal capacidade empática de se afetar e não ser indiferente ao sofrimento das classes oprimidas e exploradas, pode se expressar de forma filantrópica ou vanguardista, ou seja, por outras formas de indiferença com relação ao papel ativo da classe em sua autoemancipação. Tal complexo afetivo pode se relacionar à culpabilização serial do indivíduo frente às contradições sociais. Esse parece encaminhar a uma qualidade particular de voluntarismo, de personalismo ou corporativismo, de superdimensionamento da vontade livre de um indivíduo ou de uma organização para a luta de emancipação. Carlos conta como a vivência de injustiças sociopolíticas, no momento em que começava a elaborá-las como tais,

o tomou de uma carga de sentimentos muito intensos, inclusive de autculpabilização por “por não ter se atentado para isso anteriormente”.

O sofrimento ético-político de Carlos passava por um sentimento de desconfiança e impotência, mas parecia motivado pelo crescimento e, por vezes, pela supervalorização da confiança em suas próprias capacidades de transformação, como indivíduo e como grupo organizado. Apesar de já manifestar alguma revolta difusa, Carlos parecia manter a impotência própria de quem é levado por causas externas a fazer aquilo que o arranjo ordinário das coisas exige (Et IV, esc. 1, prop. 37). A descrição de sua vida pregressa e prospectiva, segundo o encontro “contingente” de corpos, se manifesta, por exemplo, quando ele conta sobre o porquê escolheu seu curso universitário e, portanto, seu futuro, a atividade humana vital ou trabalho no qual escolhera se especializar e exercer durante sua vida: “escolhi o meu curso de graduação, porque o meu irmão tinha escolhido esse curso antes, aí eu fui e escolhi também” (Carlos). Entretanto, desde a primeira vez que participou de uma conferência das entidades de base do movimento estudantil, ao regressar, já se integrou à organização do congresso nacional de seu curso e, ao final do ano, já estava mudando de curso em função da luta sociopolítica. Girando integralmente a orientação de sua trajetória vital.

Enquanto outros participantes tiveram aproximações mais graduais e inconstantes, a inserção de Carlos na militância política foi mais rápida e disruptiva²⁰. Seus primeiros encontros com a luta sociopolítica e com os militantes socialistas/comunistas afetaram de tal forma sua natureza social que não se tratou de uma excitação momentânea, mas uma motivação vital geradora de sentido. Tal guinada com dimensões e velocidade vertiginosas, em relação à possibilidade recém-desvelada, de que a atual realidade social era passível de transformação, compunha-se com o desenvolvimento de um temperamento intenso, intempestivo. Muito crítico e afeito a execução prática, por vezes, impaciente por resultados rápidos e eficazes. Desenvolvia uma necessidade e determinação, ao mesmo tempo, profundamente revolucionária e altamente pragmática. Qualidades fundamentais, mas que podem ser de mais complicada equalização, de sua temporalidade pessoal e histórica, sobretudo, durante períodos em que predomina a dispersão, o recuo de lutas mais esparsas, reativo-defensivas ou de baixa intensidade.

O aumento de seu conhecimento e rápido crescimento de sua potência de pensar os conflitos sociopolíticos que o afligiam, com a consciência de que, “se há um problema, é

²⁰ Se permitir fazer referência à síntese mítica e poética de Eduardo Galeano, se a vida humana fosse “um mar de foguinhos”, Carlos seria do tipo que enche o ar de fúria e arde a vida com vontade.

necessário resolvê-lo”, o conduziu, com ímpeto, a conflitos com a dimensão das tarefas que tomava para si. Isso se aproxima ao modo como Luiz descreve como se emocionou com o problema do analfabetismo no Brasil, ao tomar para si essa responsabilidade social, de tal dimensão que a sobrecarga de atividades da luta sociopolítica, que se acumulavam em um momento de recuos e derrotas políticas, o levaram a uma desconfiança de si mesmo, a um sentimento de inautenticidade, melancolia e ansiedade por não conseguir dar vazão ao aumento de sua potência de pensar e de agir.

A requisição superlativa de tal transformação personificada sobre uma referência pública, institucionalizada em uma agremiação ou corporificada sobre si, pode expressar parte do que o novo homem inevitavelmente mantém da sociabilidade privatista vigente. Ainda que se colocando a serviço das mais abrasadoras e conscientes motivações revolucionárias, o sujeito não está imune a converter tal ânsia na ansiedade de buscar fazer pela classe ao invés de com ela, de converter responsabilidade em culpabilização, ou autocrítica em autofobia.

Tal complexo afetivo relacionado à culpabilização serial do indivíduo também se pode concatenar a afetos de indignação, raiva e o ódio, como sentimentos que também se manifestam na luta social. Com relação ao ódio, Maria conta: “uma coisa que me dá muito ódio e tristeza é ver criança na miséria, gente mendigando”. Ela nos diz que sente raiva de si mesma, “por não conseguir dar resposta pra isso”. Maria expressa, assim, que o que entende por ódio pode se converter em uma raiva de si, ou melhor, de sua impotência.

Já Diara, quando foi perguntada se sentira ódio, lembrou a experiência de violência e perseguição que sofreu por parte do sistema judicial/policial por estar envolvida na militância sociopolítica na cidade em que morava. Ela diferencia o ódio da raiva, pois percebe o ódio como uma raiva sem poder de ação transformadora, que perdura e desgasta, sem saída possível. Nas palavras de Diara: “a raiva da explosividade, né? Você: ‘ahhhhh...’. O ódio não... Fica um rancor... Fica um trem preso dentro do peito”. O ódio, aqui, parece ser a manifestação de uma raiva impotente que se encrustou como um período crítico, no sentido dos traços gerais que o caracterizam, segundo Shuare (1987), como conflito, irritabilidade e que indicam a privação em todas as suas particularidades, obstrução, repressão do ímpeto não satisfeito, portanto, que surge da frustração de necessidades fundamentais.

Considerando-se que tais necessidades tenham se originado no estômago ou na fantasia (MARX, 2013), como de felicidade e liberdade (SAWAIA, 2003). Elas surgem mais da necessidade de liberdade do que da pura conservação em sua própria existência (SPINOZA, Et, I, def. 7), eventualmente mais de dignidade do que de proteção à sua

integridade física. Diara cita também a humilhação e a desumanização que são aplicadas pela força policial contra alguns cidadãos ou “paisanos”, tomados por inimigos, como foi o caso narrado sobre o processo de sua detenção e perseguição, em que ainda sente a sua dignidade aviltada e, apesar de ter sido solta, “fica um trem preso dentro do peito” (Diara).

Tinham tirado muito de mim, assim... Parece besteira, mas... Tinha a ver com dignidade, sabe? [...] Doía o meu corpo... Eu não dormia... Nossa, foi muito sinistro... Tava afetando a minha consciência, assim sabe?... Deu vontade de... – eu tava com muito ódio, véi [*sic*] – de machucar alguém. [...] Eu não dormia, eu sofria muito, de raiva, de ódio no corpo... Já ouviu isso? De não deixar eu fazer nada. [...] Tinha crises à noite... Sonhos, né? [...] É uma dor muscular, que trava as articulações... Tipo tensão... É, paralisa, dói. [...] É uma ferida aberta. [...] Já chorei em manifestação sem contexto. [...] Não foi só ódio dos policiais, foi ódio de uma estrutura assim, sabe? Dos policiais, porque me humilharam, além de me bater... Falaram coisas horríveis assim pra mim. [...] Super me diminuíram assim... Mas a raiva é uma estrutura maior... Muitas vezes, o ódio se transformava em pena assim, sabe? Eu comecei a sentir pena também (Diara).

Desse modo, nota-se que o ódio que Diara narra deriva, menos da agressão física propriamente dita, e mais dos seus sentidos da humilhação e do processo prolongado de perseguição, como formas de tortura psicológica. Isso acarretou uma raiva sistemática que não encontra resposta possível, de modo que, durante esse período, boa parte de sua vida afetiva e intelectual se encontrava subordinada à heteronomia com relação aos representantes de forças institucionais mais poderosas, um estado permanente de exceção, uma situação-limite que foi incorporada, expressa em seu corpo e em sua vida onírica.

Nessa dinâmica, Diara era enredada na reatividade de sua ação e imaginação criativa, na diminuição ou no refreamento de sua potência de pensar e agir, na abnegação de sua vontade de lutar. No entanto, Diara pôde recuperar sua potência de agir. Além do fortalecimento de sua memória histórica e autoafirmação de sua identidade social, condição inicial, fundamental, para a sua resistência contra as armas de efeito moral que atuavam, implícita e explicitamente, no desenraizamento de sua genericidade humana e poder histórico social, tema que retomaremos no tópico posterior.

Diara conta que buscou colocar os acontecimentos e comportamentos das pessoas envolvidas na cena de violência em um complexo mais amplo de causalidades recíprocas. De forma análoga ao modo como Politzer (2008) indica que uma situação dramática não pode ser compreendida em si mesma, mas apenas como parte de seus enredos, do conjunto de seus cenários e personagens, Diara conta que soube das ordens dadas por um capitão, que, por sua vez, as recebia de outras autoridades, públicas e privadas, de modo que apenas os recrutas,

executores imediatos da violência, poderiam ser processados e punidos pela corporação – “quem são eles no jogo do bicho, sabe?” (Diara) –, de modo que, ainda que tivessem suas personalidades vinculadas aos interesses dos seus superiores e das oligarquias regionais, a “consciência de que eles também são assalariados subalternos” de Diara pesou sobre a flutuação de seus ânimos. Durante um momento, conta que sua intensa raiva corporificada chegou mesmo a se transvalorar em “pena”.

Segundo Maria, para ter “ódio de classe de maneira visceral [...], tem que estar em ação [...], quando está ocupando terra, indo presa”. Conta que “com a polícia, em momento de confronto, senti raiva, medo e muita indignação”, mas ódio não, uma vez que, segundo entende, “eu acho que o ódio é mais profundo, tipo você quer exterminar a existência de algo”. No entanto, também diz que sente uma raiva muito intensa “quando vejo uns *playboy* maltratando gente simples”. Entretanto, mesmo nesses casos, Maria conta que, depois, “passa a intensidade [...], depois penso que dá pra ser corrigido”.

Desse modo, a cólera é refreada com um discernimento de fundo humanista, que acredita que a essência de nenhum ser humano estaria cristalizada na maldade ou na bondade, mas que, relacionado a condições profundamente distintas, todo ser humano é capaz de se transformar radicalmente e se desenvolver integralmente à medida que transforma a condição social. Isso coaduna com a concepção vigotskiana sobre o historicismo do psiquismo humano, sobre como ele se estrutura a partir da atividade social, da relação interpessoal, da objetivação e da subjetivação da cultura material e simbólica produzida na história humana, o que leva Maria aos sentimentos de firmeza e de generosidade, ou seja, à fortaleza (SPINOZA, Et. esc. prop. 59 da P. 3) revigorada na ideia de que a mudança do ser social se relaciona à mudança da vida psicológica.

Isso posto, verifica-se a assertiva spinozana de que as emoções resultam das afetações do corpo e da mente nos encontros com outros corpos e mentes, marcando neles as suas condições sociais e históricas. De modo que, para não sucumbir na servidão, os participantes, permeado por uma miríade de contradições, reviravoltas e situações dramáticas, buscam as causas desses afetos e se esforçam por produzir condições para gerar bons encontros, que possam prescindir de marcadores hierárquicos de classe, ‘raça’, gênero, etnia, sexualidade, ou outros mediadores de exploração e opressão.

4.2.3 Dramas estruturais nas intersecções entre trajetória pessoal e circunstância histórica

Durante períodos históricos em que as possibilidades de transformações sociais estruturais não são sentidas insinuar no horizonte da vida dos indivíduos de respectiva geração, os que lutam para tal podem ter dificuldades particulares para equalizar sua temporalidade biográfica-pessoal e histórica-social. Como se nota, por exemplo, a partir dos relatos de Luiz ou de Margarida. De modo que tais disjuntivas podem atingir condições críticas, como nos excessos de uma esperança abstrata, do otimismo imaginário do desejo, ou, no outro polo, no recolhimento ao fatalismo do imaginário comprometido com a conservação das condições sociais que fazem de determinada classe a dominante. Assim, nessa unidade, estabelecida a identidade militante ou a luta social alçada à atividade principal, busca-se apresentar alguns dos principais conflitos que os participantes vivenciaram em relação ao período histórico, seus choques com os conflitos estruturais da sociedade capitalista, do militante com suas associações sociopolíticas e outros vínculos e atividades sociais.

Quando imaginamos uma coisa como mais contingente e mais distante do presente, mais brandos são os afetos a ela relativos, menos somos afetados por imagens de outras coisas que ponham a sua existência, assim como, o afeto relativo a uma coisa possível é mais veemente e, “à medida que imagina uma coisa como sendo possível, no futuro, imaginamos certas coisas que põem a sua existência” (SPINOZA, Et. IV, demo. prop. 12). O desenvolvimento das possibilidades objetivas e subjetivas para uma transformação social concreta e para a efetivação de um projeto positivo de autonomia e emancipação social, também pode favorecer a capacidade de se defrontar, prática e teoricamente, com o aprofundar nas condições sociais que se pretende transformar, até seus últimos fundamentos. Nos anos de 1950-1960, o médico argentino Ernesto Guevara (1928-1967), mostrava ser, além de um homem de prática, também, de intelecto e teoria. Em meio à guerra revolucionária cubana, prezava pela alfabetização dos combatentes e pelo estudo a fim de que todos pudessem aprimorar suas capacidades de análise, condição imprescindível para que todos e cada um pudessem resolver os problemas do avanço dos objetivos da luta, com conhecimento científico e criatividade. Ele próprio, sob as condições mais adversas, sempre trazia consigo um pequeno caderno, um instrumento de trabalho que, nos escassos momentos em que o destacamento parava para descansar, usava para fazer seus apontamentos sobre o

dia, avaliações, críticas e autocríticas, de forma a enriquecer sua acuidade perceptiva e analítica. No entanto, mesmo a valorização do trabalho intelectual ele a localizava sobre uma base afetivo-volitiva, no amor ao estudo e ao conhecimento, e entendia, como fundamento para o reconhecimento de um revolucionário, não uma teoria, mas, antes, um afeto, a capacidade de se indignar perante qualquer injustiça cometida contra qualquer ser humano, em qualquer parte do mundo (PÉREZ, 2001).

Guevara (1967) também considera, em carta para Carlos Guijano, que “el verdadero revolucionario es animado por fuertes sentimientos de amor”. Mesmo porque, quando as condições não estão favoráveis para que o sujeito também se encha de contentamento ao ver as bandeiras da emancipação se erguerem em qualquer parte do mundo, a capacidade de “tremar de indignação” perante a inundação de iniquidades também pode impactar negativamente na capacidade do sujeito em se afetar. Se, acompanhado do sentimento de impotência de um período em que predomina a reificação das classes trabalhadoras, enfraquecida como sujeito da história, da falta de poder real de transformação, pode levar ao estresse emocional, a exaustão e até ao “afogamento” dos afetos na indiferença e melancolia ético-política.

Nesse sentido, a indignação, de força abrasadora para a fruição de uma subversão emancipatória, também pode se converter em combustível tóxico que intensifica o consumo, o desgaste e a servidão do próprio sujeito. Assim como a decepção sistemática com os processos políticos e o recorrente estelionato eleitoral podem levar uma grande massa da população à apatia e a ignorar, voluntariamente, a política, aqui identificada como a concorrência periódica pela gestão da instituição pública. Esses também estão sujeitos a dessensibilização sistemática com relação à vivência da própria miséria, ou ao enfraquecimento cotidiano da capacidade de afetar e de serem afetados pelos que estão em condições ainda mais degradantes de subsistência. A depender do quanto a potência é suplantada pelo fardo do tempo histórico, do quanto às mudanças conservam contradições estruturais, aparentemente indestrutíveis, sobre as quais pode parecer mais salutar ignorar.

O drama das possibilidades de desumanização dos lutadores que lutam pela humanização social, constitui parte do movimento contraditório de transformação da compaixão e amor filantrópico em luta e amor eficaz. Esse conflito de sistemas passa de forma embrionária, por exemplo, pelo início da militância de Soledad, quando relatou como sofria com a quantidade de pessoas morando pelas ruas do centro da cidade mais rica da América Latina, mas que constata ter desenvolvido o triste aprendizado de evitar tal

abatimento diário. Desse modo, ocorre tanto com aqueles que sofrem a aspereza da miséria urbana ordinária, como com aqueles que já têm uma longa caminhada, mais experimentados na luta de classes, na relação com os que não têm a militância como atividade principal e com as companheiras(os) de militância, nas “durezas” cotidianas da luta social, como narrado por Luiz.

O enfraquecimento, no caráter político-pedagógico, no manejo assertivo do senso crítico, no domínio dos afetos mais turbulentos, a empatia no trato interpessoal, também podem ser entendidos como uma forma de defesa pessoal, uma vez que o isolamento como resposta impotente e melancólica, e o contato interpessoal direto e permanente, são fundamentos da recomposição pessoal e o aumento da potência de vida, como em certas conjunções de pressão, de beligerância, de precariedade das condições materiais, determinadas por mediações exteriores, alienadas, que também podem se associar ao estresse e a outros modos de padecimento. Segundo Maslach (1997, apud NAKANO; NERY; VASCONCELLOS, 2018, p. 28), “a síndrome de *Burnout* afeta em maior proporção as profissões de contato intensivo e direto com outras pessoas”.

Naturalmente, o problema não são as pessoas, mas o contínuo desgaste dos vínculos afetivos, quando o sujeito, incapaz de combater os agentes estressores, é levado à perda progressiva da energia e ao sentimento de exaustão emocional, esgotamento físico e mental, ou síndrome de *Burnout*²¹. Mais exatamente, o choque entre a necessidade do estabelecimento de vínculos afetivos e a impossibilidade de concretizá-los, quando em condições de sobrecarga, intensa exigência psicológica e precárias condições materiais de atuação, portanto, com baixa capacidade de realização e eficácia, favorece conflitos interpessoais, sentimentos de impotência, ansiedade, despersonalização, desumanização e tensão emocional crônica (NAKANO; NERY; VASCONCELLOS, 2018). Esse quadro afeta, principalmente, as atividades que estão em contato direto e constante com as circunstâncias de vida, formação, saúde e cuidado de outras pessoas, como os professores, terapeutas ocupacionais, psicoterapeutas, enfermeiros, policiais, agentes penitenciários, assistentes sociais, dentre outras (CÂMARA, 2004 apud Ibid).

Segundo os participantes da pesquisa, as dificuldades e contradições intrínsecas à luta por profunda transformação social envolvem o contato constante e íntimo com condições

²¹ Termo elaborado por Freudenberg (1974), a partir do contato com o “surgimento de novas patologias” relacionadas a condições inadequadas de trabalho. Freudenberg, H. J. Staff Burnout. *Journal of Social Issues*, n. 30, p. 159-165, 1974.

que vão das mais valorosas às mais aviltantes de toda vida social. É uma atividade imersa nas profundidades do ser e do dever-ser social, que nasce e se condiciona pelo sistema social, mas que busca ultrapassá-lo e/ou combater alguns de seus efeitos sistêmicos.

Nesse sentido, Wladimir narra um processo paradigmático de exaustão emocional, gerado em um processo de intensa relação interpessoal com sobrecarga de atividades que buscava conciliar a militância política com o trabalho como meio de vida. Wladimir conta que, durante um período de sua vida, estava sentindo uma grande falta de correspondência entre suas ações e os resultados alcançados, ao mesmo tempo em que se ampliavam os conflitos próprios à disputa política, externos e internos à organização da qual faz parte.

Assim, Wladimir sentia que, com o tempo, muitos desses conflitos pareciam se perder e desvirtuar em questões menores. Durante o manejo dessas relações, conta que buscava se esquivar dos conflitos interpessoais enquanto iam se agravando os seus problemas materiais. Os conflitos grandes e centrais eram desviados e reduzidos para problemas menores, e, por outro lado, mas igualmente destrutivo, suas tensões emocionais e conflitos pessoais eram relegados e subestimados como problemas menores. De modo que sua ansiedade foi acrescida até uma situação-limite. Conta que, depois desse acontecimento, apesar de ter se desencadeado nas relações do trabalho involuntário e só posteriormente nas relações de sua militância no partido e movimento social, Wladimir decidiu se afastar de todas as atividades.

Permeada por tais conflitos, dramas estruturais do capitalismo, tais como a desigualdade, a opressão e a exploração, em determinados momentos da trajetória militante, se antes apareciam como passíveis de mudança, podem passar a se apresentar à consciência dos entrevistados como forças poderosas, um fardo histórico demasiado pesado, dada a inviabilidade de sua resolução individual. Para Soledad, por exemplo, durante a juventude²², começou a ganhar corpo a sua indignação com relação às injustiças sociais, quando passou a se sentir mobilizada pela necessidade de mudança. Tampouco, tinha elaborado um conhecimento adequado sobre a clara medida dessas mudanças que almejava. Em meio à

²² Período de constituição do pensamento por conceitos, em que se abre o mundo da consciência social que, segundo Vigotski (1928/1931), impulsiona inevitavelmente o intenso desenvolvimento da Psicologia e ideologia de classe, de modo que a sua índole metafísica, como apresentada por Stern y Spranger, é o resultado da formação dos conceitos na esfera de uma determinada ideologia social. A formação superior do significado do pensamento lógico, em que “a mente do jovem se sente, ao contrário, oprimida pelo concreto” (VIGOTSKI, 1928/1931, p. 15), manifesto pelo desenvolvimento do espírito de contradição como traço fundamental, ainda que, durante os primeiros passos para dominar os novos modos da atividade intelectual, não possibilite dominar o pensamento dialético, estágio superior no desenvolvimento de todo pensamento maduro (VIGOTSKI, 1928/1931, p. 16).

formação dos conceitos na esfera de uma determinada ideologia social conservada em sua criticidade concreta mais imediata, Soledad estava transpassando à racionalidade heteronômica que percebia a realidade como substancialmente imutável, entretanto, ainda conservava as marcas da sociabilidade como um aglomerado de individualidades, o que a leva a intuir que a mudança almejada se daria a partir da mudança de cada um a si próprio.

Nesse momento, ainda a partir de uma noção sobre a vontade individual que presumia que cada um deveria buscar, segundo Soledad, se “tornar uma pessoa melhor, mais solidária”, a soma dessas mudanças pessoais seria a própria transformação do todo social. Essa intuição real, mas parcial, tendeu a reforçar a circularidade do conflito estrutural, no qual Soledad se choca com a totalidade sistêmica, de modo que, no longo prazo, poderia levá-la mesmo a reforçar a reatividade em seu exato contrário, com a cristalização de narrativas bloqueadoras que se hipostasiam como consciência externa fatalista, a naturalização do atualmente existente e a despersonalização. Esse pêndulo é expresso por Diara quando, apesar de todo aumento da inserção nas instituições representativas do Estado de militantes identificados com o destino do povo, e do engrandecimento de sua atividade como militante vinculada aos movimentos de base, se choca com a concentricidade da repressão e violência das autoridades públicas, que a leva ao oposto, à despersonalização e a um profundo abatimento, quando relata:

Eu sempre me senti muito potente, muito poderosa e era isso que me incomodava, que toda a minha potência não teriam acompanhamento o suficiente naquele momento. Que tudo aquilo que eu aprendi, as formas como eu tinha aprendido me defender era ineficiente mesmo, que o contexto político não está para... nem sei se há um contexto político favorável. Mas eu sentia isso. Eu me sentia potente, eu sentia que tinha tudo pra virar um barangandã de caso, mas eu não sentia que era por aí, que seria esse o caminho.

[...]

Porque eu não representava aquele caso de violência institucional, daquela forma, tinham outros casos maiores, tinham questões mais sérias. Então o que eu podia fazer era juntar o que aconteceu comigo e com outras pessoas, então a minha fala era muito em torno da minha militância junto às comunidades e povos tradicionais, contra as atividades da mineradora, pelo território. E que, a partir do momento que eu estou lá perto desse povo e que trago o discurso deles pra universidade, pro Instituto Estadual de Floresta, pra prefeitura, é que eu sofro violência. Mas a violência que eu sofria não era nem metade da violência que Francisco Jamelão estava sofrendo, sendo ameaçado de morte, que a Mãe Rosinha estava sofrendo lá em Almenara. Sofre da polícia, das empresas, com o judiciário, o povo apanha nas suas casas, tem suas casas queimadas, ameaçado, expulso, preso, o pau quebrando.

O engano de se julgar livre por estar consciente de suas ações (SPINOZA, Et. III, esc. prop. 2) é favorecido pelo corrente prejuízo que exalta a liberdade idealista e a autonomia individual-privatista. Quando, partindo dessa verdade unilateral, ignora-se o conjunto de suas

múltiplas determinações, paradoxalmente, pode ser lavado ao fatalismo, à autocolpabilização, ao isolamento ou à perda de sentido. Os participantes se associaram a um coletivo organizado para melhor fazer atuar as múltiplas determinações sociais, segundo o conhecimento destas desenvolvido coletivamente e o objetivo compartilhado de interesses de classe. Realizaram muitas conquistas nesta direção e cada ação encaminha-os ao encontro de novas antinomias. Assim como os prejuízos da antinomia singular/universal podem retornar por meio das particularidades da antinomia grupo/classe social.

O drama da singularidade diante aos embates estruturais da luta sociopolítica foi expresso por Carlos quando, após uma sobrecarga de tarefas que reatualizavam a ideia de colocar pequenos sentidos nas ações de curto prazo, conflita-se com a disjuntiva entre o esforço de suas ações, a atividade grupal e o movimento histórico. Isso o levou ao recolhimento, à intensificação da dimensão dos conflitos intragrupais e intrapessoais, da disjuntiva entre as possibilidades da ação grupal e da atividade consciente da classe para si, a atribuir maior vulto à sua própria finitude como o traço de um breve fragmento biográfico da história social.

Francisco leva-nos à reflexão de que tais conflitos sociopolíticos podem adquirir novas proporções com o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação digital. Como esse crescimento do acesso à informação sobre as injustiças sociais, por vezes fenomênicas e rapidamente obsoletas, o permanente acréscimo da comunidade de interesse e do sentimento de indignação, pode não ser acompanhado de um proporcional crescimento e fortalecimento da capacidade de articulação, reação e ação eficaz, do poder real de reação ou transformação social. Nesse caso, também cresce o sentimento de impotência social. Corresponde ao crescimento de uma intensa participação de Francisco em diversos eventos e manifestações de diferentes movimentos sociais, vertida para uma fase de desânimo e melancolia sociopolítica generalizada. Tais processos podem se relacionar com parte do que Spinoza (Et. III, esc. prop. 59) denomina de fastio ou enfado, não por desfrute do objetivo, mas pelo seu contrário. Quando o sujeito imagina algo que comumente lhe agrada, como por seu valor sociopolítico, deseja agir para realizá-lo. Mas enquanto assim o faz, o corpo fica diferentemente disposto, o determina diferentemente, desperta na mente outras imagens e desejos de coisas, cuja imagem, por sua presença, é, por um lado, intensificada no esforço ou no desejo por realizar aquilo que lhe agrada, por outro, a esse esforço ou desejo se oporá a nova disposição e, conseqüentemente, a presença dessa atividade que lhe apetecia poderá se tornar aversiva.

Tupac narra o sentimento de ineficiência quando o longo processo de acúmulo de poder social, desde o assenso operário do final dos anos de 1970, passando pelo refluxo e resistência dos anos de 1990 e por uma década de governo do Estado, que moderava seu senso de injustiça, pareceu dado no vazio e absolutamente desguarnecido de reação adequada, quando foi tomado por um fluxo de afetos tristes durante o processo de *impeachment* que levou à deposição jurídica-parlamentar da presidenta eleita. Ele conta que seu sofrimento com tal processo político teve um de seus pontos auge durante as quase 10 horas de votação aberta no plenário da Câmara, transmitida ao vivo pela televisão, para todo país, no dia 17 de abril de 2016²³. Tupac diz ter renovado a sua revolta ao descrever que, dois dias após o *impeachment*/golpe, o novo governo sancionou e publicou, no Diário Oficial da União, a Lei nº. 13.332/2016 que flexibiliza as regras da lei para a denominada “pedalada fiscal”. “Durante esse tempo, desde o *impeachment* da Dilma, na verdade, eu passei por um grande... Pra mim, psiquicamente, eu tô muito abalado, tô muito abalado mesmo” (Tupac).

Tal processo político constitui diversos depoimentos como a marca de um significativo acontecimento psicossocial, que causou forte impressão também em Wladimir, que conta como, mesmo morando em outro país da América Latina durante esse período, acompanhava, atônito, os desdobramentos políticos no Brasil:

Cara... Aquilo era o Brasil, impossível, sei lá. Aqueles deputados, os discursos, tudo aquilo era nosso profundo desespero, saca?... Como mudar isso tudo! Queria falar e xingar sem parar. Cheguei em casa e fui dormir cedo, deprimido, sonhei a noite inteira com aquele show de horrores... (Wladimir).

A projeção da extrema direita e tal desânimo e indiferença que se abateram sobre Wladimir, parecem ser parte das morbidades que podem envolver a busca por uma resposta drástica possível a um longo período em que são animadas algumas esperanças rápidas e circunstanciais, seguidas do retorno ao acúmulo de uma melancolia social com relação aos problemas ético-políticos. Os efeitos dramáticos de uma resposta mórbida a um longo processo de avanço do capitalismo tardio, a que Castoriadis (2001, apud SAWAIA, 2011a) se refere como do predomínio da política de negociação e consenso em detrimento da diferença e do confronto, do predomínio da conciliação de classes e da diluição de contradições

²³ Momento no qual os deputados expuseram justificativas baseadas em sua região eleitoral, em necessidade econômica, na sua categoria profissional, e, principalmente, a exposição de suas expectativas com relação ao que pareciam ser os motivos geradores de sentido para o público telespectador-eleitor, as justificativas morais, com referência a sentimentos tradicionais e privados, como em nome da família, dos parentes do deputado, de Deus, da Igreja, em detrimento das razões alegadas para a instauração do processo, do erro administrativo, das denominadas “pedaladas fiscais” ou da utilização de créditos suplementares sem a autorização do Congresso.

inconciliáveis entre as denominadas esquerda e direita. Isso resulta no processo a que o autor se refere como de “insignificância da política” (CASTORIADIS, 2001, p. 25-26 apud SAWAIA, 2011a).

Nos interregnos em que estão morrendo os antigos consensos e conciliações, enquanto o novo ainda não pode nascer, surge uma grande variedade daquilo que Gramsci (2000b) se referiu como “sintomas mórbidos”²⁴. Nesse quadro, o descrédito da política institucional, a revolta e a ânsia social por profundas transformações podem ser paradoxalmente capitalizadas pelas forças sociais mais conservadoras e reacionárias, de modo que as instituições públicas manifestem mais explicitamente as suas reações mais tendenciosas, enquanto aumenta o sentimento de anomia e o conflito de sistemas para aqueles que apostam em um fundamento imparcial do Estado de justiça e de direito.

Ainda sobre o caso do *impeachment*/golpe, além da intensificação dos ataques aos direitos trabalhistas e da política de extermínio contra a população mais empobrecida e negra do Brasil, seguido de outros acontecimentos significativos da política oficial, como o assassinato da vereadora do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e seu motorista, da prisão do ex-presidente e principal candidato as eleições de 2018, dentre outros fatos políticos que marcaram o período da entrevista, o relato de Tupac exprime o argumento:

Desde aquele tempo, eu estou abalado psicologicamente, sim... Psiquiatricamente, claro... Porque eu já não acredito mais na justiça... Não acredito mais em nada, velho, não acredito mais em nada... O que eu acredito é o seguinte: “é pau no gato...” Eu acredito que nós devemos continuar lutando... Mas que, sempre, quem tem os juízes, quem compra o Legislativo, que são os deputados comprados, vendidos, corruptos, é que ganham tudo nesse país (Tupac).

E Tupac continua dizendo que “isso aí foi o que me deixou mais chocado com o que é a democracia forjada que nós temos hoje... entendeu?!”:

Por causa de dois votos, de dois juízes que forma comprados, vimos uma pessoa [Luiz da Silva] inocente daquelas acusações, não sei se ele é inocente de tudo, porque a gente sabe como que funciona a política no mundo inteiro, tem hora que tem que fazer acordos.. pra você conseguir o benefício daqueles que te elegeram, certo?! Mas diante dos fatos [...] Isso daí me mostra que até eu posso ser preso se eles quiserem.

²⁴ Referência sobre esse processo histórico no Brasil pode ser encontrado no livro de mesmo nome da militante e pesquisadora Sabrina Fernandes. Fernandes S. 2019. *Sintomas mórbidos: a encruzilhada da esquerda brasileira*. São Paulo: Autonomia Literária.

Tupac se mostrou atordoado com a socialização do desamparo, como sujeito negro, de esquerda e morador de periferia, ao presidente da República, com a democratização da heteronomia geral frente à justiça seletiva em relação à flutuação dos ânimos do mercado e dos interesses do poder político-econômico.

Em 1919, Lima Barreto (1923, p. 85) já refletia sobre o medo e o desamparo sentido diante da flexibilidade da legalidade, segundo a flutuação dos interesses dos donos do poder:

Em uma terra em que os seus mais altos poderes políticos e administrativos violam tão claramente a sua lei máxima a que todos, inclusive eles, devem obedecer, é perigoso reclamar alguma cousa, fazer crítica, a menos que se tenha entre o poder delles e a nossa vida e liberdade, de permeio, o Oceano.

Um século depois, no momento das narrativas, a maioria dos participantes se mostravam indignados e profundamente desalentados, o que os poderia aproximar de uma condição de padecimento sociopolítico, a decomposição do que Spinoza denominou de *conatus*, ou a suspensão progressiva da ação coletiva como sujeito de sua história social. No entanto, felizmente, a resposta humana não é tão mecânica e previsível como a dos animais não-humanos submetidos a choques elétricos, nos quais Seligman (1999) observou o comportamento que denominou de desamparo ou impotência aprendida.

Segundo a relação dialética e histórica dos seres humanos com as condições dadas, mesmo sob situações críticas de sofrimentos sistemáticos, podem representar a elaboração de atividades de superação, para a abertura de um campo de novas possibilidades. Martín-Baró (1988) pôde verificar que, mesmo trágicas crises sociais, como a guerra, podem desencadear reações favoráveis em certos setores sociais da população, confrontando-os com “situações-limites”, que oferecem oportunidade de crescer humanamente e de desenvolver virtudes humanas e “recursos de que nem eles mesmos eram conscientes”.

Os acontecimentos políticos que foram se sucedendo no Brasil, certamente, chegaram ao ponto de uma situação-limite para Tupac. No entanto, diferentemente de Karl Jasper, para quem a situação-limite remete apenas à precariedade existencial humana, ao sofrimento, ao fracasso e à finitude, Vieira Pinto também atribui uma concepção positiva ao conceito, segundo a tradição da inversão materialista, desenvolvida por Paulo Freire e Martín-Baró (OLIVEIRA; MOREIRA; GUZZO, 2014). Mesmo quando Tupac chega a repetir – “não acredito mais em nada” –, ele não se rende à suspensão progressiva de toda atividade, à

cronificação de uma melancolia ético-política que obstrui a busca por alternativas possíveis, pois continua a frase: “acredito que nós devemos continuar lutando”.

Desse modo, a situação-limite não se constitui necessariamente como uma fronteira entre o “ser” e o “nada”, a existência e a finitude, mas em uma barreira entre o ser e o mais ser, que pode inaugurar uma nova possibilidade de existência objetiva, histórica e dialética (VIEIRA PINTO, 1960 apud Ibid). Assim como para Vigotski e Leontiev, com relação à ontogênese humana, os momentos críticos carregam as possibilidades de desenvolvimento, de um salto de qualidade, de modo que os afetos tristes e a decepção de Tupac com tais acontecimentos de gênese político-econômica podem se constituir como uma situação para a reelaboração sobre o conhecimento de limites e possibilidades diante de um horizonte realmente emancipatório.

O aristocrata e liberal francês Tocqueville (2011), escreve suas lembranças de como, após a tomada revolucionária do poder, pelos operários de Paris, em 1848, experimentaram uma surpresa muito dolorosa ao perderem as eleições, por acreditarem que bastava garantir direitos sem propiciar benefícios, que bastava convocar a multidão à vida política para uni-la à sua causa. No entanto, segundo o autor, o tempo propiciou que o medo aglomerasse os grandes aos pequenos proprietários – de propriedade privada recém-conquistada pelos camponeses com a reforma agrária da revolução precedente –, de modo que tal afeto atuasse como “uma pressão mecânica sobre corpos muito rijos”, os justapondo aos interesses dos grandes latifundiários, dos burgueses e dos restos da aristocracia, os forçando a aderir uns aos outros enquanto durasse a desinformação e o medo da pressão revolucionária dos operários de Paris, até que, novamente, se separassem quando tal pressão diminuísse.

Para Alexis de Tocqueville (2011), os operários de Paris entraram em grande tristeza e cólera, queixando-se, ora ternamente ora duramente, da nação “inimiga de seu próprio bem”. Ainda segundo o visconde de Tocqueville (2011), era de se esperar que as classes empobrecidas, inferiorizadas e, no entanto, poderosas, ao perceberem a ineficácia da transformação das instituições políticas, sonhassem em mudar as leis da nova dinâmica social, em “sair da condição de pobreza e inferioridade, servindo-se de seu poder”, mas, em sua opinião, “já houve revolucionários mais duros que os de 1848, mas penso que jamais houve mais tolos: não souberam nem se servir do sufrágio universal nem dele prescindir”.

As justificativas ideológicas para a dominação das classes trabalhadoras, para restringir ainda mais a eficácia das conquistas democráticas, das liberdades formais e demonizar as manifestações de poder popular foram historicamente frequentes com o uso de

categorias separatórias do conjunto da população despossuída e subalternizada. Atuam desde a separação dos povos originários entre mansos ou selvagens, presente na legislação do Brasil desde o século XVI (ALMEIDA, 2012), passando pelo pensamento sanitário-higienista do século XIX, racista, manicomial, prisional, pelas contribuições de áreas da Psicologia para a estereotipia e patologização da pobreza, dos movimentos de massas, das diferentes orientações sexuais, para as discriminações etárias, instrumentalizadas como uma “patologia normal” da idade (KNOBEL; ABERASTURY, 1981), até a separação dos participantes das jornadas de junho de 2013 entre manifestantes ou partidários e entre vândalos ou pacíficos.

Tais processos de patologização e estigmatização parecem ser recorrentes para a personificação e exemplar deslegitimação e criminalização de indivíduos que são tomados como referências públicas de organizações específicas ou da luta contra a ordem dominante de seu tempo histórico. Diara conta que desde os primeiros episódios de perseguição e violência que sofrera dos representantes da força pública, a sua estigmatização já ia sendo traçada, uma vez que:

Foi um caso específico de perseguição política, os policiais já sabiam quem eles queriam qualificar, mesmo meus colegas dizendo que eu não era a líder da manifestação. Eles vieram no intuito de me constranger, me diminuir enquanto cidadã, me confundir publicamente. Conseguiram, me amedrontar, perdi a consciência de mim, me senti suja, descabelada, com a roupa rasgada, menor que todos presentes.

Era a menina da manifestação, não soube quem era. Estudante de história, cidadã, ou realmente era loucura acreditar em direitos humanos... Tive raiva disso, cheguei a ter constrangimento dos meus colegas, porque fui taxada de louca, exemplo a não ser seguido, por ter escolhido esse lado.

Outras retaliações acompanharam. Impedida de colar grau, por “equivoco na listagem da prova do governo”. Até provar que não havia feito por não ter sido chamada, foi uma outra saga para provar que não era louca. E, sim, fui militante e formaria no tempo certo. O reitor da universidade convocou uma reunião com minhas testemunhas a fim de me desqualificar, disse para não me acompanharem nessa, eu não era “flor que se cheira” (Diara).

Além da detenção e dos diversos esforços por estigmatizá-la, por lhe inabilitar e deslegitimá-la perante seus pares, a operação policial também lhe torceu o braço com tal violência que, desde então, esse passou a se deslocar com facilidade. Sempre que Diara faz movimentos mais enérgicos, como jogar capoeira, atividade que lhe traz muito prazer, mas que agora também pode lhe trazer as lembranças de tal desprazer. Assim, a força institucional também lhe imputou um estigma no sentido grego clássico do termo, uma marca corporal, ainda que, diferente dos sinais com cortes ou fogo, como o ritual de poluição que buscava evidenciar um status moral, a condição de escravo, traidor, criminoso, de alguém a ser evitado

(GOFFMAN, 1982), tal marca no corpo de Diara é sentida pela própria e invisível aos demais.

Lima Barreto (1923), conta como, em 1918, os revolucionários responsáveis pela Revolução Russa, abstraindo a análise de sua plataforma sociopolítica, foram imediatamente deslegitimados, esteriotipados e patologizados por toda imprensa burguesa no Brasil. Segundo Barreto (1923), a burguesia buscava aninhar, no coração, o ódio ao “maximalismo russo”, o acusando de “doutrinas afeminadas”, dentre outros adjetivos que buscavam justificar como que “meia dúzia de doidos vagabundos e ideólogos licenciasses, do pé para a mão, um exército de milhões de homens e pusessem um imperador, a sua mulher e seus filhos, na Sibéria” (LIMA BARRETO, 1923, p. 32). Narrativa dos jornais da época, nas quais Lima Barreto (1923, p. 33) vê “o baixo interesse ou a nossa proverbial preguiça mental tentar amesquinhar os revolucionários russos com o epitheto: loucos”.

Ainda segundo Barreto (1923, p. 45), no Brasil, uma parte do “povo, em geral, não conhece esta engrenagem de finanças e ladroeiras correlativas de bancos, companhias, hipotecas, cauções etc.; e quando, como atualmente, se sente esmagado pelo preço dos gêneros de primeira necessidade, atribui todo o mal ao taverneiro da esquina”. Enquanto isso, a imprensa e os “doutores da burguesia”, “cuja ciência histórica, filosófica e cuja sociologia só lhes fornecem como bombas exterminadoras dos ideais russos a grande questão de tomar banho e a de usar colarinho limpo”, “não têm nem uma espécie de argumento para contrapor aos apresentados pelos que têm meditado sobre as questões sociais”, assim, “limitam-se a acoimar” os líderes da revolução e seus companheiros (LIMA BARRETO, 1923, p. 101). De acordo com tais críticas, a “plebe russa estava deteriorada pela ‘*vodka*’ (água ardente) e as altas classes debilitadas por uma cultura intelectual refinada”, além do principal líder da revolução, Vladimir Lenin, se retratado como “agente alemão pago para tirar a Rússia do conflito” (LIMA BARRETO, 1923, p. 55).

Mesmo o próprio Lima Barreto (1923) reconhece como pode ser deslegitimado, em seus argumentos sociopolíticos, por fazer uso de bebida alcoólica, por não ser formado, ou por ter sido submetido a uma mensuração antropométrica que o classificou como braquicéfalo. O autor se queixa dos ataques pessoais, do moralismo abstrato e da patologização de suas próprias faculdades psíquicas, que buscavam desacreditar as suas posições políticas, a sua literatura e o seu próprio ser. Conta que um de seus grandes sofrimentos foi a intromissão indébita da polícia em questões de sua vida doméstica, mesmo que não tivesse competência legal para isso. Mesmo assim, essa força policial lhe classificou

como louco e subtraiu automaticamente todos os seus direitos, o internando compulsoriamente em um hospício. Abusaram da simplicidade e da falta de instrução necessária de seus parentes, que, segundo Lima Barreto (1923, p. 82): “serviam, sem querer, aos que queriam me desacreditar”. Por ter sido temporariamente encarcerado em tal “prisão doméstica”, Barreto (1923) narra como os “comentadores” não buscavam lhe entender as dores, mas caluniá-lo e à sua literatura. “De bôa ou má fé, estupidamente ou generosamente, aqui e ali, fui tomado ou sou tomado por doido” (LIMA BARRETO, 1923, p. 82).

Lima Barreto (1923) diz que até pode compreender por que lhe taxariam de louco as pessoas de espírito policial ou costumeiro, devido à necessidade de proteção da carestia da vida, por não cumprir um figurino literato de quem busca a fama, por não dizer nada, por não fazer parte da corte e adquirir promoções, ajudas de custo e gorjetas de figurões, por seu vestuário esbodegado, por ter provocado todos os “poderosos ou *simile* poderosos” que haviam em todos os desvãos do Rio de Janeiro. Barreto (1923, p. 82) diz até se conformar que toda a gente dissesse isso, mas que se sentia especialmente oprimido quando tais censuras advinham da boca de seus parentes, mostrando o desejo de lhe “anularem” ou de quererem que ele fosse uma espécie de “*Loulou da Pomerania* nas letras”. Algumas de suas manifestações políticas foram tomadas como prova de loucura, mesmo não sendo subversivas ou revolucionárias, mas que reivindicavam “em nome da lei” e pediam “respeito à Constituição”.

Alexis de Tocqueville (2011) expressa o processo pelo qual a burguesia representa a classe trabalhadora, de compatriota e aliada, na Revolução Francesa de 1789, a loucos, “vândalos”, “godos”, na Revolução de 1848. Agora, eram representados como uma multidão, cuja dinâmica dos afetos ético-políticos deveria ser submetida ao controle público/estatal, à gestão política, policial e psiquiátrica. O autor revela, em suas *Lembranças*:

Há muito tempo pensava que, em vez de procurar tornar nossos governos eternos, era preciso contribuir para renová-los de uma maneira fácil e regular. Isso me parecia, em todo caso, menos perigoso que o sistema contrário; e eu pensava que convinha tratar o povo francês como a esses loucos que não se devem amarrar, por temor de que a coação os torne furiosos (TOCQUEVILLE, 2011, n.p).

Enquanto tramitavam as decisões ‘pelo alto’, Tocqueville (2011) revela como considera importante dar ao povo a sensação de participação. Em especial, nos países de capitalismo dependente da América Latina, como apresenta Antunes (2018), a burguesia sempre revezou sua dominação entre a “conciliação pelo alto” e o ‘golpe’. Ainda segundo o

autor, durante a história republicana no Brasil, Getúlio Vargas e Lula da Silva foram os mais habilidosos em conciliações pelo alto. No entanto, com a transferência das perdas da crise econômica dos países centrais para as economias periféricas do capitalismo global, entre 2014 e 2015, no Brasil, a crise econômica dissolve a expectativa conciliatória e desenvolvimentista, manifesta em crise também política e institucional. A burguesia e o governo transferem os ônus dessa crise para a classe trabalhadora e o governo perde ainda mais em base social de apoio. Mas, com o agravamento da crise econômica, intensificam-se as disputas intraburguesas sobre quais frações perderiam menos, de modo que a burguesia decide formar um governo próprio, de transferência mais rápida e profunda de suas perdas para a classe trabalhadora. Isso levou a burguesia a optar por trocar o governo de “conciliação” por uma alternativa extraeleitoral, por meio de um instrumento legal, mas a partir de manobras ilegais, como já se havia passado com Manuel Zelaya (Honduras, 2009) e com Fernando Lugo (Paraguai, 2012). No Brasil, ai se desenvolvendo um golpe de faceta parlamentar, com aparência constitucional e respaldo dos setores do Judiciário que iam implementando uma legislação de exceção, tudo apoiado e impulsionado pelos interesses da grande mídia privada. Desse modo, a burguesia interna encerra o ciclo de conciliação, iniciado no governo Lula, para entrar em uma fase que Antunes (2018) denominou de “estado de direito de exceção”.

Tupac expressa como teve invocada e estimulada a sua potência de ação – com as campanhas e melhores intenções de governo do Estado, com as batalhas simbólicas, a defesa contra os ataques aos direitos adquiridos e as políticas redistributivas e compensatórias – para, em seguida, ser frustrada grande parte da efetividade do real poder de transformação. Expressa a frustração quando, segundo o próprio, mesmo com pesados acordos para alcançar e manter a governabilidade, a presidenta foi deposta, foi preso o candidato favorito à eleição e, em poucos dias, intensificaram-se a perda de muitos direitos conquistados e defendidos durante muitos anos de luta. Em tais circunstâncias, o participante manifesta sua raiva e uma sensação de traição, tanto com relação às classes dominantes como com relação aos extratos da classe trabalhadora que votavam em seus algozes como se fossem em seus libertadores, portanto, que eram inimigas de seu próprio bem.

Tupac recorre a sua herança cultural católica para lhe ajudar a extrair os sentidos da prisão do ex-presidente Luiz da Silva, um evento ao qual estava presente, no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, e que lhe pareceu quase indescritível ao momento:

Poxa, eu li o processo do começo ao fim, você vê o tamanho daquela injustiça [...] O que me dói é a injustiça e você não poder confiar na justiça. Por que, como a Bíblia

diz: [...] ‘Todo aquele que quiser viver piedosamente, padecerá perseguição e, mentindo, dirão todo mal contra eles, serão presos, mortos e torturados’. [...] Perseguido e injuriado por esses ‘mestres da lei’, né. Que são os juizes de hoje. Os ‘mestres da lei’, mesma coisa da bíblia meu parceiro. (Tupac)

Ele expressa um sofrimento causado por uma sucessão de episódios de injustiças, como um “radar emocional” (SAWAIA; SILVA, 2015) que sinaliza a necessidade cada vez mais urgente de uma profunda transformação social, e o crescimento do desânimo com as possibilidades de transformação real, no auge de sua descrença na justiça do Estado de direito. Tupac não sabe mais o que esperar do Estado de Direito – “foi o que me deixou mais chocado com o que é a democracia forjada que nós temos hoje” –, e recorre à referência bíblica, não para suplantar o crescente de sua descrença na justiça estatal pela esperança em outra justiça exterior, a justiça divina, mas, como vimos, retorna sua confiança para as forças próprias – “acredito que nós devemos continuar lutando”. Portanto, a situação-limite de uma decepção que não redundava necessariamente em amargura, mas que também traz em si o potencial para a reelaboração de uma atividade e consciência de classe para si, que tenha por motivo-objetivo a autonomia de classe e a emancipação humana.

Todos relatam a passagem por sofrimentos ético-políticos relacionados a tais acontecimentos do período histórico, embora com motivos e objetos diferentes. Carlos parte de tal reelaboração, mas, a partir dessa perspectiva, lhe são postas outras disjuntivas. Não entre a esperança e a frustração com relação às possibilidades do poder público, mas dramas entre o desenvolvimento das condições de compreensão teórica, da disposição afetivo-volitiva e do seu engajamento prático organizado, em contraponto ao que aparece, para Carlos, como o atual período de impotência da classe trabalhadora como sujeito de sua história, o estágio histórico de retrocesso das condições subjetivas e organizativas da classe trabalhadora para sua autoemancipação. Assim como entre o seu conhecimento sobre o monumental avanço das possibilidades técnicas e tecnológicas, a urgência para que, finalmente, essa potência produzida pela humanidade seja realizada para a própria humanidade, em contraponto ao avanço da concentração do capital e de crises econômicas, ambientais e sociais. Parte desse complexo crítico foi parcialmente manifesto, por exemplo, quando Carlos conta que, após sete meses de uma intensa luta sindical com o patronato, na justiça e na empresa, para a legalização da continuidade da campanha salarial, o sindicato convocou os operários em assembleia para a votação das propostas. Conta Carlos: “o sindicato seguiu até aqui, agora é com a gente junto, né, mas, daqui pra frente, não foram” – e a maioria votou por interromper a campanha e acatar a proposta patronal.

Na política social, o negativismo, se não for acompanhado da negação da negação, com o tempo, pode tornar mais difícil a resistência à assimilação pelos interesses da classe social mais forte. Francisco parece dizer que, por vezes, a realidade sociopolítica se torna tão aversiva que poderia se chegar a pensar que seria melhor nem saber, desejar suprimir os motivos, submergido na cotidianidade:

Se você está acompanhando o dia a dia, a situação, as mudanças, os reajustes do governo, os impactos que isso pode causar... Tudo isso... Sei lá, acho que essa pessoa já não estiver bem, mentalmente, ela cai em uma depressão fácil... Agora tem pessoa que tá nem aí pra tudo isso... Aquela pessoa que tem o empreguinho dela, bem ou mal, ela acredita que... Por conta dela acordar cedo, e tá tranquilo, depois ela chega em casa, entendeu? Busca o filho na escola, né? Fica mandando mensagem no *WhatsApp*... Quarta-feira vai jogar o futebol... (Francisco).

A ideia tão simples de fazer ‘um lugar feliz’, portanto, ético, o discernimento de que as forças humanas devem estar a serviço da humanidade, elementaridade de tamanha grandiosidade que poderia ser o suficiente para tirar a humanidade de sua pré-história, e a enorme magnitude dos obstáculos para tal efetivação, das quais o acontecimento revolucionário seria só uma parte. A convicção sobre a clarividência da justiça de agir por tais valores favoreceu que Diara se sentisse um pouco ingênua e profundamente impotente por ter subestimado a proporção do ódio que se corporificaria nela devido à luta que representava, a disposição e a ferocidade da reação conservadora de tal ordem de injustiças.

Mesmo com altos cargos do poder governamental do Estado ocupados por membros de um partido, pelo qual setores da classe trabalhadora se sentiam referenciados, isso não impediu a violência e persistência de sua perseguição exemplar por parte de poderosos funcionários do poder público que, em nome da proteção da lei, desrespeitavam tanto sua própria legalidade constitucional. Quando Diara para e vai fazer o balanço, se aflige ao se deparar com a enorme disjuntiva entre os pequenos sentidos a curto prazo a que se dedicou com tamanho empenho e seu esforço vital com o que parece o caminho contrário tomado pelo sentido histórico. Retorna o que não poderia ter definitivamente partido, o conflito entre a consciência biográfica e o drama histórico “visto como uma espécie de sina pessoal” (IASI, 2006, p. 207).

4.2.4 O drama dos afetos nas relações conflituosas internas à organização

Todos os participantes falam que a natureza da tarefa exige tempo compartilhado com os companheiros(as), fortes vínculos afetivos e de confiança mútua, além da superação crítica de algumas das expressões subjetivas das relações sociais que constituíram os fundamentos biográficos da personalidade do militante. Condição que, sobretudo neste primeiro momento, pode levar a uma acentuada negação que obstaculiza o convívio com algumas das antigas afeições do sujeito.

Soledad, ao narrar seu movimento inicial da militância, indica que na primeira organização em que se engajou ela tendeu a expandir as atividades de estudo, diálogo, amizade e lazer quase que exclusivamente apenas com os militantes da organização. Alguns, por vezes, chegavam até a desestimular relacionamentos muito próximos com quem não compartilhava de seus motivos e valores. Enquanto que, por exemplo, para Diara, como vimos, a sua aproximação da luta sociopolítica e fortalecimento dos vínculos com a militância representou um fortalecimento de seus vínculos com seu núcleo familiar e com a comunidade onde crescera.

Relatos, como o de Soledad, mostra que os conflitos iniciais da militância estão permeados pela inserção em um ‘mundo novo’, com referências intelectuais e emotivas, de trajetórias pessoais permeadas por alegrias e sofrimentos ético-políticos. O militante ressignifica grande parte de seus vínculos a partir das críticas à ideologia burguesa, patriarcal, racista. Fomenta dialógicos, agitações e propagandas a fim de convencê-los da justeza e pertinência da causa de seu engajamento prático. A organização se torna um espaço de vida e partilha, ainda que frequentemente dramática, uma vez que, diferente dos movimentos capitalistas ou de um grupo de amigos, essas organizações sociopolíticas tem, necessariamente, por seus próprios motivos-objetivos e condição para sua própria vivacidade, uma miríade de embates e divergências internas que se tencionam em vista de um objetivo comum.

Uma atividade que demanda um nível de dedicação próximo ao da militância sociopolítica, sem precisar se tornar parte estruturante dos motivos da personalidade do sujeito, é o do trabalho como emprego na sociedade capitalista. Seus motivos podem estar relativamente dissociados de seu conteúdo, pois esse está no retorno financeiro, relativamente

independente das prioridades sociais, de sua classe ou de seus resultados finais. Pode ser uma atividade profundamente exigente, a qual o sujeito realiza ao mesmo tempo em que dela se distancia como algo externo ou mesmo cerceador do núcleo de sua personalidade. Nesse sentido, o trabalhador não objetiva a sua personalidade na atividade do trabalho involuntário, subordinado ao capital (DUARTE, 2004).

Na medida em que a militância avança as possibilidades de enriquecimento de habilidades e conhecimentos críticos, que representa a possibilidade de cultivo e objetivação da personalidade do sujeito, ainda que constrangida pelos limites de uma condição de luta social. Outras relações, alienadas, podem lhe aparecer mais claramente em seus aspectos exteriores à sua pessoa, aos seus interesses ou até à sua saúde. De modo que o sujeito pode adquirir uma compreensão mais adequada das causas dos afetos de estranhamento e sofrimento que, até então, podiam ser naturalizados ou remetidos à dinâmica da autoculpabilização. Desde uma nova criticidade para assistir publicidades e reportagens de um jornal, ou, como Tupac, que passou a perceber o racismo que sofria e a divisão social em ‘raça’ e classe, que, até então era sentida como contingente.

Com relação às indisposições interpessoais internas à organização, Soledad conta que, após alguns acontecimentos, passou a ficar ansiosa antes de cada reunião, e que as próprias reuniões passaram a ser concatenadas como causa de afetos tristes. Ao invés de serem acolhedoras, potencializadoras, passaram a ser causa de insegurança. Entretanto, Soledad teve outras experiências que lhe possibilitaram discriminar as causas adequadas de seus afetos. Ela constatou que tal superdimensionamento dos afetos tristes, em sua imaginação, apenas se dava quando ela imaginava que determinada dirigente estaria presente à reunião, uma vez que vivenciou outras em que essa não estava presente e pôde constatar como os debates fluíram e os encaminhamentos eram tirados sem mobilizar maiores afetos tristes.

Enquanto Soledad tinha menos clareza sobre a causa eficiente de seus afetos de tristeza, a imagem se mantinha mais confusa, ao mesmo tempo em que ia se generalizando a imagem da causa de tal indisposição de ânimo, a concatenando ao próprio ato de se reunir e a outras ações da organização. Em última instância, é possível chegar à ultrageneralização de tal indisposição para a própria luta organizada como opção ético-política, das operações e ações parciais concretas para a própria atividade em seu conjunto. Isso fez com que ela passasse a sentir “antipatia”, que é como pode se referir à aversão cujas causas não são claras e distintas, quando se quer “significar certas qualidades ocultas das coisas” (Et. III, esc. prop. 15).

Esse forte sentimento estaria, assim, enraizado no que Heller (1994) denominou de “preconceito emocional”, quando representa uma forma de regressão à dinâmica psicológica própria à vida cotidiana, às emoções e aos pensamentos ultrageneralizantes. Tais preconceitos emocionais se desenvolveriam da composição entre as generalizações estabelecidas a partir da própria experiência do sujeito com as generalizações da ideologia dominante. Como ressalta Heller (1994), isso pode levar a que a confiança cotidiana em juízos provisórios, fundamental para a administração da dinamicidade demandada pelas relações cotidianas imediatas, se converta no aumento do sentimento de “fé” em preconceitos, quanto maior for o distanciamento entre as potencialidades do gênero humano, o desenvolvimento das esferas de objetivação genérica, em comparação com as possibilidades reais de desenvolvimento pessoal.

Ainda com relação ao aumento das dinâmicas irascíveis nas relações interpessoais e da intensificação das tensões internas nas organizações políticas, Luiz conta sobre a progressiva intensificação dos desentendimentos entre ele e um dos coordenadores locais do movimento. Luiz, recém-ingresso em determinado movimento social, por sua experiência prévia e seu perfil organizativo, nutriu boas expectativas na coordenação estadual, pela qual foi imediatamente alocado para uma atividade de destaque. No entanto, sua atuação não agradou o coordenador de sua regional, que interpretou que ele precisava apresentar maior preparação, experiência e compreensão, comprometimento e dedicação com a ponta de frente da luta popular em que acabava de ingressar.

Apesar do modo de coordenação de tal dirigente poder ser questionável, seguramente, se podia reconhecer a intensidade com que ele se dedicava sincera, corajosa e decididamente, já há muitos anos, à luta no movimento popular. Desse modo a grande cobrança pessoal sobre si mesmo também era transferida na grande exigência sobre a atuação do novo integrante.

Luiz considera que o problema não advém da divisão hierárquica de funções, em si mesma, uma vez que, segundo o próprio, existem “outros dirigentes que me inspiram, pessoas fantásticas”, e especula que o movimento social talvez tenha resistido com força social e política, a mais de 30 anos, sob condições profundamente adversas, com a ajuda do que se refere como sua “organização disciplinada”.

Entretanto, Luiz teve problema com os métodos de coordenação de um determinado militante do movimento. Ainda que as exigentes cobranças pudessem ter por objetivo o fomento do desenvolvimento e da qualificação da militância de Luiz, esse as

julgava pouco pedagógicas, impacientes, desproporcionais e descontextualizadas. Luiz especula, inclusive, se tais divergências poderiam dizer respeito também ao contexto sócio-histórico da luta social e às mudanças geracionais entre algumas compreensões e atividades militantes. Condição da luta social que no item anterior aparece como uma das causas do sofrimento ético-político.

O enfraquecimento do poder ativo das classes dominadas diminuiu o engajamento na luta interclasses sociais ou no esperar de novos horizontes sociais, enquanto pode aumentar as tensões e conflito intraclasse social, grupal ou pessoal. Frantz Fanon (1979), analisando o grande sofrimento, os traumas e distúrbios causados pela grande brutalidade da colonização francesa e do conflito armado na Argélia, observou que o início da guerra argelina de libertação nacional (1954) diminuiu a propalada criminalidade argelina, a ponto do ‘quase desaparecimento dos delitos comuns’, de modo que a luta de libertação “parece ter canalizado todas as cóleras, nacionalizado todos os movimentos afetivos ou emocionais” (FANON, 1979, p. 263).

É importante ter em conta que, em momentos de tensão da conjuntura nacional e local, de derrotas e impossibilidades do movimento avançar nos objetivos, boa parte das tensões e hostilidades podem se voltar e corporificar sobre aquelas referências, organizações e indivíduos, a que estão voltadas grande parte das atenções, tanto de admiração, da análise crítica, da análise mais profunda de suas múltiplas determinações, como da impaciente ultragenaralização mais superficial. Por vezes justas e objetivas, por outras motivadas pelo domínio da suspeita, da presunção de culpa, da desconfiança mútua, animadas por uma moral abstrata e idealista. Essa última, pode chegar ao ponto de reificar, de forma maniqueísta, o próprio ser dos indivíduos, conclusão perniciosa, uma vez que concordamos com a proposição spinozana de que “o bem e o mal não designam nada de positivo a respeito das coisas, consideradas em si mesmas” (pref. p.4).

As críticas de imbricação política e pessoal entre Luiz e determinado coordenador se intensificavam, o que aumentava os julgamentos, as incriminações pessoais e a cristalização abstrata da identidade do outro, o pessoal e o político se intrincavam entre um contexto sociopolítico de impotência e duas personalidades que se destacavam em diferentes habilidades e limitações. A ponto de, em uma reunião em que tal coordenador pôs a público suas críticas e desconfianças com relação à atuação de Luiz, apesar de sua construção ter sido defendida por diversos dos companheiros(as) presentes, o acúmulo de tais desgastes afetivos, intelectuais e físicos chegaram ao que Luiz tomou como uma situação-limite.

Luiz narra que sua atuação parecia, para determinado coordenador, nunca ser o suficiente, daí que ele sempre deveria e poderia se dedicar mais. No entanto, entendia as expectativas como muito elevadas, além do contexto geral de enfraquecimento e recuo das lutas do movimento, segundo o próprio, ele já se encontrava em um momento particularmente triste de adaptações, o que já diminuía a sua capacidade de ação. As expectativas e cobranças, que se esperava que fossem estímulos e incentivos ao seu desenvolvimento, mas considera que sua circularidade fora mal dosada em um contexto inadequado, na trajetória pessoal e na história social, e teve por destino a frustração sistemática e a acumulativa despontualização de suas capacidades. Não queria se negar a cumpri-las, o que entendia que agravaria seu desalento, e nem conseguiria cumpri-las, ao menos não com a presteza e qualidade necessárias. Assim, sua constante insuficiência se acumulava, diminuía mais a sua potência de agir, na proporção em que aumentavam as demandas e agravava o quadro em um círculo vicioso.

Os conflitos puderam ir se descolando do âmbito político-organizativo e tomando determinado caráter de indisposição pessoal, de modo que os interesses de avanço da luta da classe podem ser sobrepostos por afetos de vitória ou derrota mecânica e pessoal. Nesse âmbito, a vitória pessoal se aproximaria a um processo catártico, no sentido aristotélico apropriado pelo drama burguês, que não promoveria nem o efeito de “distanciamento” (*verfremdungseffekt*), como defendido no teatro épico por Brecht (1967), nem a identificação emotiva íntima com o outro sujeito, mas uma completa separação entre sujeito e objeto. Assim como se tivesse realizado uma completa identificação empática, o êxtase catártico se mantém no nível do psicologismo subjetivista, conserva a atitude usual do imediatismo e do presentismo e pragmatismo da sociabilidade interpessoal cotidiana. Isso favorece a ignorância das causas, assim como a intensidade incontornável de suas determinações objetivas demandam um alívio imediato. A causalidade aparece em relação ao nível social e histórico mais amplo. O drama expõe as contradições de sua existência, assim como seu possível sentimento de impotência diante dos obstáculos à transformação e à compreensão das múltiplas determinações das causas adequadas.

Tal processo catártico, relacionado ao drama burguês, pode ser movido mais por sentimentos moralistas abstratos, personificados, sem projeto ou, no máximo, ambicionando a eliminação ou a substituição de pessoas, sem os recursos empenhados na compreensão e na atuação estratégica a fim de transformar as estruturas que as engendram. Um processo

catártico de sentido contrário ao empregado por Gramsci (1999), uma vez que não favorece a passagem do sentido egoístico-passional para o ético-político.

Em um círculo vicioso, retroalimentado, durante um momento por que passava Luiz, no qual seu ânimo passava por um período de maior impotência que de costume. O que diminuía o seu campo de atividade para si, quase inviabilizando a militância, que é o esforço coletivo pelo sentido oposto, demandando grande energia e força de vontade. O que aumenta uma cobrança inábil, que intensificou estranhamentos, desconfianças e conflitos com um coordenador regional do movimento, o que aumentou a despotencialização coletiva e, ainda mais, a sua desmotivação. Levando-o mesmo a cogitar a continuidade da luta em novos espaços de atuação. Em suas palavras: “depois da discussão mais séria, eu pensei que devia sair daquela reunião, ir pra casa. Quando cheguei no assentamento, foi um momento de muita tristeza, me questionei muito se deveria estar ali mesmo ou se deveria pegar minhas coisas e ir embora” (Luiz). Mesmo assim, narra que acordou, no outro dia, refletiu e decidiu “tocar em frente”, buscou dimensionar o movimento como muito mais do que esse conflito interpessoal.

Luiz pondera sobre outras lideranças “que me inspiram, pessoas fantásticas”, além de recordar os laços com as pessoas que conheceu profundamente. Os bons encontros com pessoas humanas admiráveis, simples mas radiantes, que sofrem mas também mantêm a animação sobe condições adversas. Segundo Luiz, algumas, às vezes, vivendo a muitos anos com a família sobre barracos de lona preta, na beira das estradas, sendo atacados a tiros pelos jagunços dos latifundiários que passam pela avenida, sem a certeza de que algum dia conseguirão sair dessa condição. Luiz se lembra de como quando se propõem a grandes desafios organizativos e que, mesmo frente a tantos obstáculos, eles acabam por conseguir realizar. Ele narra como se surpreende com alguns eventos que, com todas as tensões e limitações, conseguem realizar com sucesso. Como se sente cansado mas muito feliz quando, ao final, param para dimensionar a magnitude do acontecido. Recordar-se de momentos felizes dos festivais de arte e cultura, de momento de muita tensão no planejamento de ocupação de uma fazenda acusada por trabalho escravo, e a grande gratificação no momento em que o planejado é executado com sucesso; “quando entramos na fazenda, o povo cantando, foi um momento de muita alegria” (Luiz).

Apesar das altas e baixas, a militância social parece ter se tornado, para Luiz, o que Saviani (1996, p. 73) se referiria como “uma disposição permanente irreversível”, quando aspectos socioculturais, uma vez assimilado, nesse caso, por meio da ação pedagógica na luta social e na formação política, passam a operar como o que Gramsci (apud, SAVIANI, 1996)

se referiu como uma ‘segunda natureza’, portanto, compondo parte estruturante da personalidade de Luiz. De modo que, no momento mais crítico de sua atividade, ele pensou em mudar o espaço de atuação, enquanto, segundo conta, “abandonar a luta social não esteve em questão”. Exatamente por tal potência, fortaleza e dedicação com a luta popular como atividade vital, que a desconfiança ou a mera cogitação, por parte de companheiros(as), com relação à sua convicção ou compromisso com a luta emancipatória foi sentida como um insulto profundamente ultrajante.

Luiz conta que evitava falar com as outras pessoas sobre o desgaste emocional por que vinha passando nesse período, porque tinha receio de que o quisessem afastar de tarefas importantes ou de toda atividade, e o afastamento de sua atividade principal, geradora de sentido vital, assimilando a tendência melancólica ao isolamento e a inatividade, não era colocada como uma opção desejável. Tupac relata uma passagem análoga que aconteceu com um dos companheiros de sua organização. Em uma conjuntura social e pessoal de forte ataque e desalento, foi aconselhado que esse se afastasse temporariamente de suas atividades na organização, a fim de cuidar de sua saúde. Entretanto, diferente das engrenagens descartáveis da profissionalização alienada no trabalho pro capital, tal afastamento não se configurou no reforço de seu completo isolamento. Segundo narrativa de Tupac, eles buscaram formar uma rede, a que podemos nos referir como uma forma de afastamento-acolhedor:

O sujeito com síndrome do pânico, tá fazendo tratamento psicológico... Nós, como militância, sabendo que ele tá passando por isso, vai uma galera gigante na casa dele, conversar com ele. E cada vez a gente tá vendo que ele fica melhor. [...] Ele é uma pessoa que não conhece muita gente. Eu conheço muita gente... sou músico.. tô sempre nos sarau de periferia de toda São Paulo... Ele é mais uma pessoa: ‘do trabalho pra casa, da casa pro trabalho’. Entende? Ele é um cara que sempre foi militante. [...] Mano nós fizemos, oh, nós já fizemos dez encontros.. Eu tô falando dez pra arredondar [...] Dez encontro nós fizemos de levar toda a militância que conhece ele... de vários coletivos.. nós fizemos umas dez reuniões na casa dele, ai você já vê uma melhora. Então a militância também pode ser terapêutica nessa questão. [...] A gente mostra pra ele que nós somos muitos, de vários lugares, de vários setores. a gente pega sempre a galera da militância... e vamos lá na casa dele, dar aquele apoio. [...] A gente só vai, liga pra ele, “aonde você tá?”, “tô em casa”, “oh a gente tá indo aí”... “bom, vou te esperar”. Quando chega, chega todo mundo, sabe? [...] Eu vejo que cada vez tá sendo um passo a mais. [...] Seja lá o que for que você possa fazer pra integrar essas pessoas, que estão passando por isso [...] Porque um grupo, a militância, faz você ter uma carga a mais de energia (Tupac).

Nas condições gerais pós-derrotas sociopolíticas, a ação do movimento social pode passar a ter, em grande medida, suprimida em sua potência positiva de avanço para uma condição de superação e salto de qualidade, mas a ser pautada mais pelo temor e pela reação ao mal maior. O que diminui a potência de agir pela razão, de modo que o sofrimento, os

dramas psicossociais e os conflitos interpessoais internos podem adquirir novas proporções. Luiz chegou a pensar em sair de tal movimento social e buscar outra organização popular para se somar, mas, como vimos, redimensionou o conflito interpessoal com a luta da classe, buscou não tomar o particular pelo todo do qual era parte.

O caráter transhistórico de algumas afecções corporais são revelados, por Tocqueville (2011, n.p.), como um sintoma da Revolução de 1848:

Nos momentos de crises violentas, mesmo as ações que não têm nenhuma relação com a política tomam um caráter singular de desordem e de cólera, que não escapa ao olho atento e que é indício muito seguro do estado dos espíritos. As grandes emoções públicas formam uma espécie de atmosfera ardente dentro da qual todas as paixões particulares se aquecem e fervem.

Maria conta como, “em momento de confronto”, sente, no corpo, a raiva personificada sobre os mercenários privados ou os policiais do Estado, mas que essa ira pode ser atenuada, uma vez que concebe, em sua mente, a ideia de que o maior responsável por aquela violência fratricida é o domínio dos interesses da burguesia. No entanto, nem essa ira é corporificada na imagem clara e distinta de pessoas, uma vez que, além das classes dominantes capitalistas serem, em grande medida, dominadas pelo Frankenstein do próprio Capital, Maria exemplifica que, com relação à luta por reforma agrária, “o inimigo não é mais o coronel bota suja, que atira de madrugada, e ataca com os capangas, foi substituído pela empresa transnacional, que tem administração na Alemanha e paga seus seguranças”.

Diara buscou realizar uma análise mais ampla da dinâmica social da violência que sofreu, de modo que também pôde diminuir a corporificação imediata de sua carga emocional mais “visceral”, mas não deixou de desejar e de buscar a condenação dos agentes públicos que a perseguiram e agrediram. Portanto, seu esforço por conceber as múltiplas determinações dos acontecimentos não a levou a desresponsabilizar os envolvidos. Ainda que tenha relativizado parte de sua confiança no Estado de direito, busca não nutrir uma estimativa acima da justa, mesmo quando cargos importantes são ocupados por representantes públicos da maior sensibilidade popular, o que, além de poder ajudar a minimizar eventuais frustrações, também a motivou a redistribuir boa parte de sua potência afetiva e cognitiva para espaços de construção da luta que reavaliou como mais eficazes.

Diara parece ressignificar seus sentimentos, conceber que ‘sentir as correntes é parte da necessidade de se movimentar’²⁵ e recompõe os acontecimentos concretos imediatos em um complexo mais rico de determinações. Passa de pensar os agentes e os acontecimentos como isolados e imóveis, que apareciam de conteúdo empobrecido no pensamento, para buscar conhecer suas ligações e mediações, seu movimento, suas relações com outros agentes e acontecimentos, a fim de correlacionar em sua unidade tal diversidade de elementos de sua experiência, de modo a buscar elaborar uma visão mais ampla e coerente.

Peruzzo (2016, n.p.) reflete sobre seu conhecimento social, histórico e autoconhecimento, em relação à dinâmica de seus afetos, como a ansiedade, o medo e a melancolia frente ao rápido acúmulo de experiências sociopolíticas dramáticas:

não adianta eu querer acabar com a opressão se os oprimidos não tomarem para si essa luta (saudoso Paulo Freire), que isso demanda tempo e paciência da minha parte, também tive a percepção de fazer parte de um instante muito insignificante da história de opressão, colonialismo, genocídio, escravidão e racismo deste país. O capitalismo financeiro mundial está saqueando a nossa soberania (já tem até militar preocupado com isso!) e os frágeis direitos humanos que conseguimos inscrever em nossas leis e que estavam em processo de concretização estão sendo anulados. Mas isso é só a versão atual do que começou a ser feito em 1500. Trata-se de colonialismo interno. Toda a ansiedade que me tomava o corpo perdeu o sentido, pois o que são dois anos de retrocesso num período histórico de 516 anos de saque colonial? [...] Não se trata de virar o rosto para os problemas. A saída foi apenas não me deixar afetar pelas manchetes, reportagens e pressões psicológicas dessa mídia que, vendida para esse projeto obscuro que está em curso, impõe a sensação de descrença na luta a cada um de nós que assumimos com todas as letras que somos militantes de direitos humanos e nos induz a seguir produzindo textos numa linha de produção insana e, com isso, nos retira do convívio pessoalizado, do trabalho de base que, isso sim, significará a mudança que sonhamos.

Como vimos até aqui, todos buscam pela compreensão da multiplicidade dinâmica das mediações e relações que conformam a unidade dos acontecimentos, portanto, uma concepção histórica mais ampla ou apenas mais rica em determinações, pode influir sobre a dinâmica afetiva, da flutuação do ânimo, nos momentos críticos, dramas históricos e sofrimentos ético-políticos. Se o revolucionário é entendido como aquele que busca ir além da luta puramente econômica ou apenas política, mas elevá-la à luta contra o próprio sistema do capital, busca não reduzir à luta contra alguns políticos da ordem e nem contra a soma deles, mas, em última instância, tem por perspectiva o fim da própria necessidade do Estado. De igual maneira, não se reduz a luta contra a pessoa do capitalista ou contra alguns de seus subordinados, mas tem por perspectiva a luta contra o capitalista como função social.

²⁵ Referência a um discurso da militante revolucionária Rosa Luxemburg (1871-1919).

Mesmo que Diara ou Maria tivessem por motivo que, por ódio recíproco, desejassem fazer mal a quem, com igual afeto, as causou dano (SPINOZA, Et. III, def. 37), uma vez que pode surgir o ódio dos policiais que agrediram Diara, contra um latifundiário ou um capitalista em específico, ou, como relata Maria, ‘com um sujeito que age de forma covarde com pessoas em condições socioeconômicas mais vulneráveis’. No entanto, esse ódio reflexo pode persistir por um intervalo de tempo menor quando é refreado pela imagem de que tais agentes imediatos não foram sua única causa. A tristeza é associada à ideia de uma outra causa (SPINOZA, Et. III, def. 38). Quando a organização coletiva pode converter a soma de seus interesses exteriores em um projeto sociopolítico para si, a raiva é mediada pela experiência da luta histórica, sistematizada em conceitos científicos e materializada na construção de seus instrumentos de luta, de modo que a necessidade inconsequente de vingança possa se converter em motivo-objetivo consequente ao desejo de justiça, equidade e emancipação.

Nesse sentido, assim como Leontiev (1978) considera que a personalidade reside nas atividades multifacetárias do sujeito, nele entrelaçadas e conectadas por meio das relações objetivas, sociais por natureza, pode-se inferir que os sujeitos não estão engolfados na servidão, em sentimentos tristes e na reatividade. Não ficam no presentismo resignado, ruminando a impotência biográfica na história social ou idealizando as possibilidades da atual autonomia individual, em um solipsismo que nega a História passada e futura, pois sentem que podem expandir o campo de possibilidades.

Entendem os motivos do ódio e seus padecimentos e que eles devem ser refreados com vistas à autoemancipação do trabalho explorado, das diversas formas de opressão por ‘raça’, ‘deficiência’, sexualidade, étnica, assim como da submissão do próprio capitalista ao capital. Contrapõe-se, assim, o ódio e a sociabilidade, organizada sobre a dinâmica estrutural do individualismo-privatista, à comunidade em cooperação, que possa favorecer os bons encontros e os interesses humanos.

Todos os participantes relatam como a natureza da tarefa militante exige tempo compartilhado, fortes vínculos afetivos e de confiança mútua, a superação crítica de algumas das expressões subjetivas da sociabilidade dominante. E que, como vimos, sobretudo nos primeiros momentos, isso pode levar a uma acentuada negação que pode obstaculizar as relações com algumas das antigas afeições do sujeito. O fluxo mais endógeno que pode circunscrever grande parte das relações intelectuais, práticas e afetivas dos membros da organização, como um movimento defensivo, que pode desenvolver uma militância mais

dedicada e com maior coesão interna, também pode limitar o tempo e a disposição para o fortalecimento dos laços com a população de juízo vigente e/ou partidários potenciais da luta, enfraquecer a aptidão e o traquejo com a desconstrução e o diálogo com o senso mais aderente a ideologia dominante, além de aturdir a sensibilidade para a captação das flutuações das imaginações e ânimos sociais.

No recuo da atividade de luta prática da classe, muitos militantes podem aproveitar para o cuidado do ‘espírito’, para se dedicar ao aprofundamento teórico, a fim de reavaliar a experiência histórica e melhor se preparar para o desenvolvimento das lutas futuras. Entretanto, compondo-se a um conjunto de outras determinações, o relato de Soledad, revela que tal dedicação pode colocar um conflito de sistemas entre o favorecimento e a obstrução da possibilidade de melhor compreensão, favorecimento e obstrução do estabelecimento de vínculos afetivos, de cuidados, de relações dialógicas e entendimento mútuo com o restante da classe. Ou, até mesmo dificultando os vínculos de cuidado emocional com aqueles que estão organizados para a luta, como se queixa Soledad.

Tupac buscou o aprimoramento intelectual a fim de valorizar a sua força de trabalho, buscando uma melhoria de suas condições de vida, visando sair da área de pobreza. Entretanto, tal busca por qualificação teórica, não apenas não o afastou dos laços afetivos dos estratos de sua classe, como esse retornou a comunidade a partir de um laço qualitativo novo de relação, de laços afetivos, de compreensão e sentimento de comunidade. Precisou sair das condições imediatas de sua comunidade, elevando sua autoestima e autoconhecimento, qualificando sua crítica a essencializações ahistóricas e imutáveis do ser periférico, avançando na desnaturalização de suas mazelas. Não exatamente nos espaços formais disciplinares da faculdade, mas no contato, ação e educação paralela à instituição, Tupac teve a oportunidade de ter acesso à assimilação singular de conhecimentos sintetizados de experiências históricas de luta de sua classe social. Tomou um distanciamento catártico da comunidade onde crescera e, em suas palavras “abriu a minha cabeça”, representando a ampliação para outra dimensão de ascensão social. Apesar de ter tido de abandonar a faculdade que, apesar de subsidiada por incentivos mediados pelo poder público, ele não conseguir se sustentar economicamente na cidade do interior e voltou a capital em busca de melhores condições de trabalho. Manteve-se organizado no partido que ingressou durante esse período, agora como secretário de juventude e cultura, atua no bairro do Capão Redondo-SP.

Pra mudar também os ambientes sociais onde vivo, na periferia de São Paulo e de todo o Brasil. [...] abriu minha mente para que eu não quisesse mudar de lugar.

[...]pra que eu mudasse o próprio bairro onde eu vivo... Transferindo conhecimento, a gente faz cursinho pré-vestibular na nossa quebrada [*sic*], nós fazemos aí várias festas, do Dia das Crianças, culturais do ano, de São João, o samba que sou um dos organizadores, Páscoa... Leva o pessoal do grafite pra grafitar os muros da região... Ensinamos violão... Pra que as pessoas, dentro do nosso mesmo espaço, também cresçam na cultura e na educação... As pessoas, às vezes, falam: “ah, periferia é isso...”. Não, a periferia é o que nós podemos fazer ela ser, é a sociedade que faz a periferia ou progredir ou regredir (Tupac).

Os vícios narrados por Soledad, em longo prazo, podem levar também a um maior fechamento da capacidade do corpo de se afetar e da mente de pensar em relação à multiplicidade dos diversos estratos da classe trabalhadora. Por outro lado, a esta dinâmica insular também se soma o conflito de entrada nesse círculo social novo, implicado em seu vínculo militante. A epifania, encontrada nas experiências de que tudo pode ser diferente, é transferida para as relações que estabelecem na militância cotidiana, isto é, com suas companheiras(os) e camaradas. Assim, o sujeito deseja ver, na sua própria organização, a sociedade pela qual luta, conformada pela lógica de fraternidade, como produção própria, autônoma, autêntica e inalienável, ao tentar suprimir parte da força do contraditório, seja pela via mais dogmática ou mais relativista.

Em momento de enfraquecimento da atividade prática da luta, pode-se configurar um conflito entre a intelectualização e o enfraquecimento dos vínculos afetos, como narrou Soledad. Ela se queixa da falta de cuidado e traquejo emocional tanto interna quanto externamente a organização. O fortalecimento dos vínculos de cuidado mútuo ou de um sentimento de comum seria particularmente importantes no período de enfraquecimento da ação prática e de tendência a dispersão. Entretanto o forte vínculo afetivo interno à organização também pode levar ao outra contradição, que Soledad também identificou em sua organização, a do fechamento que prejudica as compreensões e relações externas a organização, portanto que prejudica o seu próprio motivo-objetivo.

A indignação com algumas práticas da mesma organização política, como do oportunismo, do carreirismo, assim como de manipulação e engano, também marcar o início da militância de Carlos, de Wladimir e de Diara, que nos conta:

A percepção do outro se dava pela forma diferente como se organizava e como organizava o povo... A gente tinha uma perspectiva da educação popular, dos espaços democráticos e educação que emancipa... E o que ficava muito forte, nessa outra organização, eram algumas práticas desvirtuosas... Ou seja, se autodestruía, mas acho que destruía muito mais a esquerda, nós, enquanto camaradas, e a potência de construir coisas novas, coisas concretas. Destruía mais enquanto esquerda do que o partido em si. Porque, pra quem via de fora, era difícil diferenciar... era tudo esquerda, é tudo o povo que usa vermelho (Diara).

Carlos conta que, no início de sua aproximação da militância social, do desvelamento desses processos, foi tomado de uma carga de sentimentos muito fortes, inclusive se sentindo culpado por não ter se atentado para isso anteriormente: “eu não fiz nada pra mudar isso e, em alguma medida, eu também sou culpado por essa situação” (Carlos). No entanto, na universidade, no movimento estudantil e por meio da maior proximidade com alguns movimentos sociais, Carlos pôde encontrar uma comunidade de interesses, atividades e identidade grupal como trabalhadores(as) em treinamento identificados com o destino comum. Lembra-se claramente de uma frase de Florestan Fernandes, que foi adquirindo cada vez mais sentido na medida em que se envolvia com os movimentos sociais e o movimento estudantil de Enfermagem, a saber: “ou os estudantes se identificam com o destino do seu povo, com ele sofrendo a mesma luta, ou se dissociam do seu povo, e, nesse caso, serão aliados daqueles que exploram o povo”.

Margarida, por sua vez, conta que, depois de experimentar diferentes formas de relações interpessoais na militância, no momento, tem buscado diminuir as relações afetivas, ao manter maior distanciamento a fim de diminuir o conflito entre as interferências afetivas sobre o pensamento e a prática crítica. Espera-se que uma relação de amizade ou seu desgaste, assim como uma relação amorosa ou sua desilusão, não seja pré-requisito pra organização e luta, não se converta em condição decisiva para a apreciação e criticidade da leitura política ou da atuação conjunta para objetivos que transcendem eventuais desencontros pessoais. Ela conta que também não quer reduzir todas suas relações interpessoais às da militância, pois, à medida que rompe vínculos com seu passado, tendia a fortalecer a relação com os novos laços de sua atividade principal. No entanto, esta “bolha” não está isenta de conflitos e de relações autoritárias de uma violenta perseguição e repressão das forças sociais dominantes. Assim, a narrativa da busca pela sociedade igualitária se choca com a realidade de se organizar numa sociedade permeada de conflitos que constituem o novo círculo.

Ao se esforçar por evitar vínculos emocionais fortes, Margarida pode ser levada a se equivocar pelo outro lado do mesmo conflito. Não se dedicar ao fortalecimento de relações afetivas mais profundas pode levar também ao enfraquecimento do sentimento de camaradagem, de companheirismo, e enfraquecer a necessidade de confiança mútua que essa qualidade de vinculação implica. Portanto, debilita também a própria potência da consciência histórica e coletiva de ação. Sentimentos que envolvem os vínculos abarcados pelo

denominado companheirismo, que, diferentemente do profissionalismo alienado, seriam fundamentos de estruturação dos meios e fins de uma organização revolucionária.

O sofrimento do militante pode se intensificar na proporção dos bloqueios sociais à transformação e agudização das desigualdades. O enfraquecimento do poder popular muda as formas de encontros e promove afetos, afecções no corpo e ideias na mente, que desfavorecem a potência de agir. A militância só lhe parece como excessiva, porque não refletiu nos resultados urgentes a seu tempo de vida. Tal como é explicitado nos relatos de Luiz, Soledad, Maria, Wladimir, que, ao alternarem momentos de completa entrega às atividades da luta sociopolítica, alternaram também suas vidas profissionais. Em curto prazo, a efetividade de suas ações, o período de arrefecimento da luta social pôde intensificar conflitos interpessoais.

Cara é f... Pô, minha ex-esposa era uma pessoa sensível aos problemas do mundo, se considerava socialista, até ia nas coisas do partido, mas ela não é militante, é uma natureza diferente. Este compromisso profissional voluntário e, enfim, eu tinha que trabalhar, militar e ela achava excessivo tudo isso. No final da relação, isso ficou mais evidente, de alguma forma, acho que foi o tiro de misericórdia, eu escrevendo e depois passando domingos em congresso do partido, e ela brava que não dava atenção para ela (Wladimir).

Com o crescimento dos problemas conjunturais, Carlos deixa entrever que, quanto maior o saber das possibilidades reais, maior o desamparo sentido com relação aos períodos de refluxo das lutas da classe. Quando projetos privados ganham mais espaço, constroem a temporalidade, e problemas, antes “menores”, podem adquirir uma nova proporção.

Cara, eu tive um descaso comigo mesmo, sei lá, não resolvi os problemas mais básicos, um trabalho e já tava como coordenador geral da candidatura a governo. Claro, uma candidatura sem recursos, um trabalho voluntário para discutir um programa e, putz... Não deixa de ser uma tarefa descomunal... Agora tô voltando a militar, mas já com outra consciência do equilíbrio (Wladimir).

Leontiev (1978) escreve que, além da riqueza das conexões do indivíduo com o mundo, um segundo parâmetro da personalidade é o grau com que as atividades e seus motivos sempre são arrançados hierarquicamente, em todos os níveis de desenvolvimento.

São esses motivos que formam unidades relativamente independentes da vida da personalidade, e eles podem ser menores ou maiores, estar separados uns dos outros ou apresentarem-se dentro de uma esfera motivacional única. A quebra dessas unidades de vida que são arrançadas entre si hierarquicamente cria a constituição psicológica de uma pessoa que vive fragmentariamente, primeiro num “campo”,

depois noutro. Por outro lado, um grau superior de hierarquização de motivos é expressa no fato de que o ser humano parece medir suas ações com base em seus principais motivos, objetivos e, então, percebe que alguns desses estão em contradição direta com um dado motivo, e outros respondem diretamente a ele, e outros ainda se distanciam dele (LEONTIEV, 1978, p. 171).

Outras dissociações aparecem como necessárias, como entre a militância como atividade vital para o sujeito e suas relações de trabalho ou de amizade. Como vimos na unidade 4.1.4 (O trabalho), Maria e Carlos buscam um modo de dissociação ou uma forma de unidade sem uma completa identidade entre seus empregos e suas militâncias como atividade principal. Luiz faz isso nas tarefas da militância e na ‘vida pessoal’. Na hierarquização das atividades e motivos na personalidade de Tupac, a sua família monoparental aparece como uma unidade relativamente autônoma da esfera motivacional sociopolítica. Ameaçar os vínculos familiares com sua mãe e suas irmãs não é algo que poderia ser posto em consideração para Tupac. Desse modo, ele busca separar as relações familiares das questões políticas, uma dissociação subjetiva que considera necessária, condição para a manutenção da fortaleza de seus laços cotidianos inalienáveis com o seu núcleo familiar.

Tal fragmentação e desmembramento da esfera da vida, de suas atividades e seus motivos pode, contraditoriamente, representar o esforço pela reprodução de uma forma de unidade e coerência, por se proteger contra maiores desgastes, da ameaça de decomposição e sofrimento psicológico. Desse modo, essas qualidades de dissociações não se associam a morbidades normalmente vinculadas aos denominados sintomas dissociativos, como as perturbações psicóticas, perturbações somatorformes, ataques de pânico, despersonalização, *borderline*, sonambulismo ou perturbações alimentares. Mas, ao contrário, também podem servir como uma força coerente no sistema das relações sociais, de forma análoga ao modo como, no âmbito psicológico, Vigotsky (1987, p. 46) considerou que:

a função de dissociação é uma condição prévia da atenção voluntária e da abstração na história do desenvolvimento e em funcionamento contínuo, o que quero dizer é que ela serve como uma força coerente na estrutura interna, no sistema psicológico de conceitos, em cada ser humano adulto plenamente desenvolvido.

Se pode ponderar que o enfraquecimento dos vínculos afetivos pode tender a enfraquecer, também, relações fundamentais à sustentação de uma vigorosa potência de ação de que demanda a luta sociopolítica. Relações de acolhimento e de troca de afetos alegres são estruturantes desses vínculos, nos quais predomina a mais intensa geração de sentido para o sujeito, e que, sem os quais, pode-se enfraquecer a solidariedade ativa, a confiança política e a

empatia com relação às conquistas ou às injustiças vividas por um e por todos. Qualidades afetivas que são prescindíveis para o politicismo burguês, mas sem as quais, dificilmente, se construiria a atividade sociopolítica voltada à emancipação humana. Independentemente se os militantes se conhecem, convivem, se gostam ou tem interesses estritamente privados, uma vez que, assim como o instrumento de luta não visa promover aos componentes qualquer privilégio, cargos, carreiras e, ainda que a luta da classe também não possa se limitar à pequenos grupos de amizade, o enfraquecimento das relações de companheirismo pode levar ao enfraquecimento de seus próprios motivos, de modo que as ações podem começar a se converter em operações impessoais, em descrédito psicológico do objetivo, nos termos de Leontiev (1978), ou da própria possibilidade de uma vida mais humana pós-capitalista.

Soledad parece buscar uma completa fusão entre as relações afetivas mais profundas fundidas no seu conceito de “camarada”. Um conflito pode se manifestar quando essa fusão possibilita que a separação da relação política de camaradagem carregue junto todas as outras relações afetivas aí sintetizadas. Quando o sujeito se engaja na militância, de modo permanente e profundo, ela passa a nortear e a constituir todas as relações da vida do sujeito, mesmo que sua relação no trabalho de base com outros grupos sociais seja permanente, por vezes, pode acabar fortalecendo os vínculos de relações com outros militantes e enfraquecendo outros laços sociais.

Nesse sentido, a associação entre os vínculos de amizade e de camaradagem que, mais do que uma unidade, compõe uma completa identificação, pode ser danosa quando a divergência política e a saída de uma organização se expressa também com conseqüente enfraquecimento e rompimento de todas as composições mutuas, dos laços afetivos de estima e solidariedade ativa. No período em que Diara se afastou da organização com a qual militava, também foi afastada de tais vínculos de ajuda mútua. Nesse período a perseguição e violência policial/jurídica contra a sua pessoa se intensificou. Fragilizados seus vínculos sociais de maior geração de sentido, de afetos de fortaleza, ou seja, de firmeza e generosidade (SPINOZA, Et. esc. prop. 59 da P. 3), assim como de capacidade de pensar e de dar resposta prática à altura da ameaça, os afetos tristes causados pela violência e perseguição institucional tenderam a agravar o quadro de isolamento e inatividade, portanto, num círculo vicioso de maior enfraquecimento das relações interpessoais e dos nexos intrapsicológicos. O que colaborou com o agravamento de um conflito com sua identidade, que tinha a militância social como eixo central, e com um processo de despersonalização, como veremos na unidade

a seguir. Passando a ser recompor com ajuda do seu posterior reencontro interpessoal com a historicidade e motivos de sua atividade.

4.2.5 O drama das identidades

Esta unidade traz para o debate sociopolítico uma discussão clássica na Psicologia social: a identidade e os riscos que ela contém na dimensão pessoal e social, a naturalização ou cristalização da identidade própria ou alheia, do inatismo ou da prevalência ou cristalização de um essencialismo mecânico ou ahistórico.

Ciampa (1993) busca realizar uma ruptura dialética para com a concepção rígida da identidade como marca pessoal, apresentando-a como metamorfose e identidade de contrários. Sawaia (1999) leva o debate para o campo da política, defendendo que ela serve de recurso ideológico à exclusão e planejamento de políticas públicas de assistência social na dimensão da subcidadania. De modo que sua concepção de saúde se próxima da forma como a militante feminista, Jo Freeman (2014, n.p.), se referiu a como um ataque à reputação pode ser indefensável, quando se refere ao próprio ser do indivíduo em condição de isolamento, e, assim, “não existe retificação de erros passados, porque esses são tratados como sintomas e não como erros”.

Tais juízos, favorecidos pela associação sociopolítica, ajudam a responsabilizar o sujeito e refrear os impulsos incriminatórios do próprio ser do indivíduo. Ou, como narrou Maria, a elaboração e ação coletiva ajudam a orientar tal ímpeto, do plano da predominância do ódio personificado, para a motivação, compreensão e ação organizada para a luta social de transformação das causas adequadas. Portanto, refreia-se tanto a negação e a repressão dos sentimentos irascíveis, como a sua mobilização pela volição da vingança, que busca alívio catártico imediato. Catarse, aqui, compreendida no sentido da dramaturgia aristotélica, ou segundo o modo como essa foi instrumentalizada pelo drama burguês, uma vez que se trataria mais de uma descarga emocional que funcionaria como “purificação”. Um curto-circuito catártico de fúria-prazer que pode converter uma forte emoção fundada no desprazer em um alívio agradável instantâneo e uma sensação imediata de prazer e satisfação.

Como vimos, Maria, mesmo quando narra já ter chegado a sentir um ódio visceral frente a algumas experiências de injustiça, ela diz que esse não é duradouro, pois entende que a condição do sujeito é social e histórica, ou seja, passível de transformação no movimento sociogênico e ontogênico a partir de relações concretas específicas. Distinção compreensível, uma vez que se cristalizasse a essência humana à atualmente posta, desenvolveria uma concepção própria a da inversão idealista que concebe o capitalismo como a (des)organização social do fim da história, uma vez que se comporia perfeitamente a atual natureza do ser humano individualista e proprietário privado, fixada como ahistórica. Seria assim levada a confundir a própria vida social e a essência humana em geral, com as particularidades da essência e sociedade capitalista, concatenando a negação do capitalismo com a condenação da própria humanidade, compatível a ultra-generalização própria aos afetos cotidianos, poderia chegar à concepção advertida por Spinoza quando diz:

enalteçam os melancólicos, o quanto possam, a vida inculta e agreste, condenando os homens e maravilhando-se com os animais. Nem por isso deixarão de experimentar que, por meio da ajuda mútua, os homens conseguem muito mais facilmente aquilo de que precisam, e que apenas pela união das suas forças podem evitar os perigos que os ameaçam por toda parte. (Et, esc. prop. 35, p.4)

Nas cartas da economista e militante revolucionária, Rosa Luxemburg, vê-se como, para ela, as identidades militantes também não seriam cristalizadas. Em carta a Luise Kautsky, ela escreve: "no fundo, fui feita para cuidar dos gansos e se giro no turbilhão da história do mundo é por engano" (LUXEMBURG, 18.9.1915, apud. LOUREIRO, 1994, p. 82). Assim como em carta a Sonia Liebknecht, escreve:

Dentro de mim sinto-me bem mais em casa num pequeno canto de jardim como aqui, ou no campo, sentada na grama, cercada de zângãos que... num congresso do partido. Posso dizer-lhe tudo isto tranquilamente, você não vai desconfiar de que estou traindo o socialismo. Você sabe, espero, apesar de tudo, morrer no meu posto, numa batalha de rua ou nos trabalhos forçados. Mas o meu eu mais profundo pertence antes aos meus pardais que aos "camaradas" (LUXEMBURG, 2.5.1917, apud. LOUREIRO, 1994, p. 84).

Em suas intensas cartas de amor também se pode ler como Luxemburg (1983) revela ter maior afinidade e paixão pela jardinagem, pelo estudo da botânica, dos animais, amante da música e da poesia, revela o desejo de se dedicar ao estudo da história da arte, de se dedicar a pintura, de contemplar as coisas simples e poder fruir uma vida tranquila, embora tenha se tornado uma das mais firmes e qualificadas economistas e militante comunista de sua

época, se lançando por inteiro, com ardor e intransigência, à tormenta revolucionária. Em um combate sociopolítico que pudesse viabilizar a união e a ajuda mútua, para que sua identidade militante pudesse finalmente ser superada, uma vez transformadas as relações sociais, interpessoais e internacionais, que a tornou necessária.

Assim, tende a não compreender uma essência fixa, eterna, una e imutável da identidade do ser, que, na filosofia clássica ocidental, foi manifesto por Parmênides de Eleia (514-450 a.C. aprox.), mas mais próximo à compreensão filosófica sobre o movimento da essência, como defendida por Heráclito de Éfeso (540-476 a.C. aprox.). Entende que não se trata de um movimento caótico, mas que ocorre a partir da lógica expressa pela dinâmica do ser, embora mantenha sua compreensão em fundamento idealista. A captação da lógica dialética de tal movimento do ser, ordenado na luta entre forças opostas, é parte da tradição que passa por Georg Hegel (1770-1831) e é invertida em sentido materialista por Marx e Engels. Um legado que Vigotski (1925) compreende como principal fruto do desenvolvimento da Psicologia, a compreensão do movimento contraditório inter e intrapsicológico, a luta dinâmica entre o mundo e o ser humano e no interior dele, a partir do qual “nós mesmos em relação a nós mesmos somos o mesmo que os demais em relação a nós mesmos” (1925, p. 82). Ou como, no Manuscrito de 1929, o autor representa, a partir da ideia de *homo duplex*, o movimento do psiquismo como um drama, o choque de sistemas em que a Psicologia se humaniza (VIGOTSKI, 2000, p. 35).

Esses conflitos compõe o psiquismo humano, e, de modo particularmente crítico e sistemático quando as relações sociais estão fundamentadas sobre contradições e dramas estruturantes, como entre indivíduo e sociedade na sociabilidade capitalista. Rosa Luxemburg, em busca de uma melhor equalização do choque de sistemas entre a universalidade de seus interesses e a conquista de sua harmonia interior, busca inspiração no escritor, político e dramaturgo Johann Goethe (1749-1832), e em como esse se manteve calmo e sereno, com equilíbrio espiritual, de modo a desenvolver seus estudos, enquanto passava a “grande Revolução Francesa que certamente, vista de perto, parecia uma farsa sanguinária, totalmente sem sentido; e a seguir, de 1793 a 1815, uma cadeia de guerras ininterrupta, em que o mundo, de novo, parecia um manicômio desenfreado” (LUXEMBURG, 1984, p. 533, apud. LOUREIRO, 1994, p. 85).

Losurdo (2004), sobre o termo ‘autofobia’ (*selbsthass* ou *self-hate*), relata como, durante o período de Restauração em 1818 na França, mesmo aqueles que eram simpáticos à revolução buscavam se manter afastados e a negar como um equívoco desastroso a

experiência iniciada em 1789. Descreve como grupos étnicos ou religiosos perseguidos, em determinado momento de sua história ‘tendem a adotar como seu o ponto de vista dos opressores e começam até mesmo a desprezar e odiar a si mesmos’. A autofobia também foi pesquisada em relação aos judeus, a muito objeto de uma campanha sistemática de difamação e discriminação. O autor ainda narra como cristãos do Evangelho de São Marcos se empenhavam em encontrar as causas da destruição de Jerusalém pelo exército romano e a derrota da revolução nacional judaica em uma degeneração interna e providência divina, assim como em declarar aos vencedores romanos - “meu reino não é deste mundo” - o seu completo distanciamento e negação de tal iniciativa. Algo semelhante também teria acontecido com relação a pessoas negras, raptadas de suas terras, subtraídos de seus nomes, da própria identidade e personalidade, de tal modo que poderiam chegar a aderir radicalmente aos valores dos opressores, ou como, “em um certo momento, as jovens afroamericanas, mesmo aquelas dotadas de esplêndida beleza, começaram a desejar e a sonhar ter a pele branca, ou pelo menos que o negro de sua pele se atenuasse”.

Tal processo se aproxima do sofrimento ético-político, despersonalização e autofobia narrados por Diara, após sofrer um longo e intenso processo de violência e perseguição policial. Ela conta que desde uma manifestação, ocorrida há muitos anos atrás, sofreu a primeira violência policial, quando foi agredida e detida. Segundo Diara, o atestado de corpo e delito desapareceu, o boletim de ocorrência ‘foi desaparecido’ e no lugar veio de outra cidade um processo a acusando de roubo. A sua casa passou a ser vigiada, suas contas no *Facebook*, *Whatsapp*, *e-mail* foram *hackeadas* e sua casa foi invadida, sumindo vários documentos dos processos de acusação de uma comunidade quilombola contra uma mineradora da região.

São pequenas violências, são pequenos pavores, pra você não se sentir seguro, não ter pra quem denunciar, não ter como provar nada. É um comentário na rua de um policial, é uma coação, tipo são varias pequenas ameaças no seu cotidiano que vai mexendo com o seu psicológico mesmo. Já vai fragilizando mesmo, pra quando puxar o tapete, dar a rasteira, ser um tombo só de uma vez (Diara).

Mas Diara reflete que, nem ela nem a sua organização, dedicaram a devida atenção às pequenas violências cotidianas, não se preocuparam com o fortalecimento do acolhimento a uma rede de apoio ou “em se proteger de outras formas, em denunciar, em sistematizar o registro dos envolvidos nas coações, dos documentos”. De modo que foi se intensificando a perseguição, até que foi agredida, novamente detida e processada.

Durante os períodos mais agudos de sofrimento por que passou, Diara conta que chegou ao ponto, até mesmo de ter dificuldade em dizer o próprio nome: “as vezes me esquecia quem era”, “eu cheguei a ficar com dó dos policiais que me agrediram”. Esse processo de autonegação, de despersonalização e assimilação do atacante, o sujeito ataca-se a si mesmo, nutrindo ideias ou atos autolesivos, que podem chegar à ideação ou ato suicida.

Diara começou a se isolar, fragilizando-se mais, enfraquecendo laços interpessoais, significados sociopolíticos e recursos emocionais, e, podemos dizer mesmo, enfraquecendo laços e conexões intrapsicológicas, uma vez que narra como não reconhecia a sua própria experiência biográfica e negava os avanços e conquistas das lutas que ajudou a organizar. Além da melancolia e padecimento, o processo de violência e estigmatização desestabilizou o seu raciocínio de modo que o processo de despersonalização avançou a ponto de, durante um tempo, conta que mal se podia reconhecer, não respondia ou ficava ansiosa ao ouvir o próprio nome.

Este fenômeno pode-se relacionar ao que Losurdo (2004) denominou de uma perspectiva autofóbica, com relação ao âmbito da experiência histórica, para dizer de como esses fenômenos podem atingir classes sociais e partidos políticos que sofreram derrotas e constantes campanhas de difamação. Processo relacionado à busca pela completa novidade por meio da também completa negação da própria experiência histórica, reduzindo a horrores. Para o autor, este fenômeno resulta quando os socialistas não desenvolvem o próprio entendimento de seu passado, não acertam as contas com a autocrítica da própria história, mas renegam e renunciam a própria história e a luta ideológica que sobre ela pesa. Portanto desgastam e não reconstituem uma identidade autônoma, mas capitula a perspectiva dos vencedores, enfatizando os erros, o caráter desastroso dos empreendimentos emancipatórios de sua classe, adotando perspectivas ‘personificantes’, que analisam as experiências por elas mesmas, sem a perspectiva relacional e à análise concreta da situação concreta. O que leva a conclusão melancólica de que este será o destino inexorável de qualquer empreendimento emancipatório. Apagando assim a experiência e a memória histórica, sem nenhum reconhecimento dos aspectos positivos e avanços proporcionados.

Assim como a ideologia meritocrática dominante pode dificultar o reconhecimento dos privilégios sociais, Diara desenvolveu uma dificuldade em reconhecer os seus próprios méritos e a sua identidade. Participantes, como Carlos ou Francisco, narraram ter passado por momentos em que um acúmulo de decepções resultou em estados de amargura

e melancolia, mas, dos participantes, apenas Diarra narrou uma intensa experiência de despersonalização.

Apoema relata que diferentemente das pessoas com quem convivia antes da inserção na militância: “não tinha a visão muito fechada, de falar mal dos movimentos... Acho que, hoje que participo, eu falo mais mal do que antes [risos]. Visão mais crítica [risos]”. O desenvolvimento de uma maior acuidade crítica para pensar e perceber a dialética do movimento contraditório das coisas, também se expressa no modo como Marx (2011) relata a forma como as revoluções proletárias “zombam de modo cruel e minucioso de todas as meias medidas, das debilidades e dos aspectos deploráveis das suas primeiras tentativas” (p. 30), desenvolvem uma aguda autocrítica, “até que se produza a situação que inviabiliza qualquer retorno”. De modo que, em tal período crítico da vida da Diara, todo seu pensamento e prática crítica parecem ter se voltado contra si própria, depreciando os sentidos e significados das atividades e motivos centrais e estruturantes dos dramas de sua personalidade. Convertendo autocrítica em autoculpabilização e autofobia, nesse período crítico de sua trajetória e da história social da luta das classes subalternizadas. Cujo adoecimento foi favorecido pela assimilação de um processo ideológico de negação da história das lutas populares como um todo, e de ataques pessoais a sua própria autenticidade. Assim, quando a saudável autocrítica se converte em seu contrário, na medida em que é assimilada por meio dos significantes das classes dominantes, pode-se converter no que Losudo (2004) denominou de ‘autofobia’.

A superação desse enredamento na reatividade começou pelo fortalecimento de um suporte na firme recuperação histórica da identificação de Diara com interesses de classe social, de gênero e étnica, com as lutas de suas associações de referência. Assim como, segundo Halbwachs (1990), as lembranças sempre permanecem coletivas e sempre nos são lembradas pelos outros, mesmo que o sujeito estivesse ou esteja sozinho.

Diara começou a refortalecer sua identidade com a luta de sua classe, não no combate coletivo entre tais interesses antagônicos, mas na atividade do reencontro, atenção, acolhimento e cuidado recebido pelos camponeses e afroindígenas que também estavam inseridos no Programa de Proteção e Defensoria dos Direitos Humanos. Os quais, Diara já conhecia, de lutas anteriores e foi por eles imediatamente reconhecida. Passou a agir com pares que a acolheram, valorizavam sua experiência, queriam escuta-la e compor coletivamente uma atividade compartilhada. Assim como as funções psicológicas aparecem na dimensão interpsicológica, extrapessoal e intrapsicológica (VIGOTSKI, 1999), a memória,

peçoal e coletiva, de Diara também se fortalecia como uma relação com as outras de si mesma.

Desse modo, o enfrentamento dos processos destrutivos que se abatiam sobre Diara começaram pela reassimilação criativa de sua memória histórica passada e projeção futura. Um fortalecimento pessoal apoiado no presente reencontro com tais sujeito, com a memória da história de luta dessas pessoas, que também era sua luta. Apesar de algumas distâncias de origem social, geracional ou étnicas, se identificavam com a necessidade dos povos explorados e oprimidos e, sobretudo, com a necessidade de se ajuntarem e de lutar.

Como eu era ali bem articulada politicamente, eu conhecia profundamente de muitos dos casos que ocorria [...] pois tinha militado por muitos anos na região, que muitas pessoas sabiam que era verdade e no programa de inclusão... todos já iam se reconhecendo das histórias de lutas cruzadas e se reencontrando. [...] Queriam ouvir o meu caso. A uma empatia e um carinho gigante entre nós defensores protegidos. Alguns me conhecem da militância já de 5 a 9 anos, outros de lutas pontuais, a maioria relacionada a conflitos fundiários. [...] Então, ali eu senti que... é muito maior, assim, a minha história com esse povo. (Diara)

A autorização informal e espontaneamente cedida no cuidado e solidariedade, concedida no reconhecimento por esses militantes da luta no campo, que a conheciam a muitos anos da militância, e representaram, para Diara, a possibilidade dos primeiros passos para a recomposição e autoafirmação de sua identidade pessoal ao mesmo tempo que histórico-social. Pôde significar uma forte superação da sensação de isolamento, para a identificação com aqueles que sofrem as mais diversas formas de opressão e exploração, mas que lhe pareciam como “fortes e tão calmos, mas tão tranquilos”. A potência para o início da negação da própria negação, para a subversão do sentimento de inautenticidade e da autofobia, da passiva assimilação ideal das relações sociais que a estigmatizavam e diminuía sua potência de sentir, de pensar e de agir.

Diara relata sobre laços afetivos e sobre diversos encontros que se compuseram para que ela se ‘reencontrasse’, recompusesse seus motivos e, assim como Johann Goethe representou para Rosa Luxemburg, alguns lutadores populares representaram para Diara uma possibilidade de melhor composição entre a luta e a serenidade, e a felicidade, melhor equalização do drama entre a harmonia interior e a universalidade dos interesses:

Pode soar estranho, mas eu fui pra aldeia né, fui lá com os índio Pataxó, e a forma de ressignificar a dor que eles sentem historicamente me ajudou também sabe. Ver o quão pequeno a minha situação era e o quanto a gente é forte também, enquanto povo, sabe? E esse povo é muito amoroso né. Acolhe mesmo, escuta e quando

escutavam meus depoimentos e vinham falar comigo: ‘nossa, você é tão corajosa’ (risos) ‘você é tão forte’ (risos) e eu ficava ‘cara, eu não sou nada perto de vocês’ (riso com choro) são maravilhosos. O povo da minha vila natal me ajudou muito. Terem ficado do meu lado. Ninguém nunca me julgou, foram solidários. Foi fantástico! E viver o que eles viveram com a reintegração de posse, terem destruído a aldeia deles. E a capacidade bicho que esses povos e comunidades tem, Pedro, de contar essas coisas tão doloridas, tão fortes, com um olhar tão específico de sabedoria, de tranquilidade, de ‘nós vamos continuar’, sabe? É impressionante, assim, enquanto eu era carregada de desespero, medo. Toda vez que eu me encontrava com essas pessoas era como se... eu me sentia parte deles, parte daquilo e aquilo me tranquilizava. Me sentia forte perto deles. (Diara)

Essa afirmação identitária histórica de classe, gênero, étnica dos dominados, explorados e oprimidos, é, em última instância, uma opção e não é romantizada como algo que deve se conservar em si mesma. Mas, ao contrário, a afirmação de tais identidades é aqui condicionada por sua negação, e essa só deixa de fazer sentido quando transformadas as relações sociais concretas de sua determinação, quando afirmada a expansão e qualificação da vida humana possível. A classe que domina os excedentes econômicos da produção social não demandam uma reafirmação explícita e permanente de sua identidade, uma vez que ela detém os meios de produção e difusão material e cultural, além de Marx e Engels (2007) terem apresentado como a força espiritual dominante já tende a corresponder à força das relações materiais que fazem de uma classe a dominante. De modo que sua razão, sua cor, sua sexualidade, seus valores, sua forma política, seu modo de produção e reprodução social convertem-se em um pressuposto inconsciente universal, que subjuga o conjunto social, de forma consensual ou coercitiva, a sua igualdade, sua liberdade, seu individualismo, sua propriedade, sua democracia. Ou seja, tais identidades dos povos explorados e oprimidos são dinâmicas, exatamente por serem históricas e, sob a perspectiva histórica do futuro, pode ser convertida em instrumento de resistência e potência de ação para a luta e superação de tal condição.

Sawaia (2011b), ao dizer sobre o engano da concepção ingênua, presente no senso comum e no corpo teórico da Psicologia Comunitária, de identidade como permanência/unidade em detrimento da concepção de identidade transformação/multiplicidade, reitera: “Uma concepção não anula a outra, e uma não substitui a outra. Ambas indicam momentos do processo de identificação. O problema reside na polarização e cristalização de uma delas em detrimento da outra” (Id, 2011b, p. 21).

Neste sentido, uma identidade do explorado, não fetichizada no conservadorismo clássico ou relativista, estaria exatamente na dinâmica da tensão afirmação/negação de uma identidade enquanto classe trabalhadora – imposta por condições concretas a maior parte da

humanidade que só tem com meio de subsistência a sua força de trabalho, ainda que desempregado e em toda sua multiplicidade de superopressões e subopressões. Uma vez que afirma sua unidade para si na medida em que busca sua transformação, na luta contra os obstáculos a sua negação enquanto explorado e oprimido. Afirma a permanência de sua identidade, no sentido de que sua negação não se pode efetivar no plano ideal ou na substituição pela identidade do dominador. Mas sua negação e superação dialética só pode se concretizar junto à transformação das relações sociais e dissolução das funções sociais antitéticas, condição efetiva para expansão da diversidade, emancipação da organização social que promove sistematicamente encontros tristes e obstruem o desenvolvimento humano.

Lessa (2004) se refere a uma identidade autenticamente humana e, “por falta de melhor expressão, ‘marcadamente negativa’; isto é, articula-se pela reafirmação da legitimidade e autenticidade de necessidades não-atendidas, de privações incompatíveis com as relações sociais predominantes” (2004, p. 151). Como frente à necessidade de afirmação do que não se é. Assim, como vimos, Francisco, em seu primeiro emprego, aos 14 anos de idade, queria trabalhar, ser inserido nas atividades do mundo adulto, não passar mais dificuldades financeiras, mas representa a si mesmo como alguém que “trabalhava igual um burro de carga”. No momento da narrativa, em um emprego mais intelectualizado, mais protegido e de salário superior, mas, sobre o qual, contesta: “não sou uma máquina” (Francisco). A identidade de negação da desumanidade, passa pela negação do rompimento do nexo psicofísico, no qual a participação ativa e singular da inteligência criativa é asfixiada por atividades automáticas e maquinais. Contemporaneamente, não satisfeita com a apropriação das forças do corpo, o capital também avança para a apropriação das potências da mente, para a expropriação das capacidades intelectuais e afetivas do trabalhador.

Sobre a forma como o desgaste geral, ideológico e coercitivo, pode se expressa de diferentes formas no desgaste físico e mental dos militantes, a partir do relato de Carlos, pudemos notar como a urgência e frustração em ver ‘patinar’ o esforço de construção da luta com a classe, em proporção a um período de regressão no âmbito geral da luta, pode levar ao ‘sentimento de esgotamento de recursos para lidar com determinada situação’. Ainda que essencialmente diferente do trabalho explorado e alienado, tal esgotamento guarda paralelo com o que autores como Maslach e Jackson (1981) classificam por ‘síndrome de *burnout*’.

Um acontecimento que nos foi narrado por Carlos e compunha parte do acúmulo de seu processo de esgotamento, foi quando a maioria das trabalhadoras(es) da siderúrgica aderiram às manobras patronais e votaram pelo fim da campanha salarial que ele, junto ao

sindicato, vinham há 7 meses lutando contra as artimanhas da direção da empresa para avançar a campanha. Foi um retorno inesperado que despertou em Carlos uma perturbação de emoções, de frustração, traição e ineficácia: “que estavam pouco se lixando... ou pior, de que a capacidade de controle da empresa era tão grande que independe do que a gente faça”.

No outro dia, enquanto distribuía os boletins que anunciavam os resultados da assembleia, Carlos acreditava estar conseguindo disfarçar bem os sinais de seu ânimo profundamente abatido. No entanto, essa sua disjuntiva se desfez quando um operário parou e pegou o boletim como quem dissesse ‘olhe pra mim’, quando Carlos olhou em seus olhos, ele disse: “não desiste de nós não, nós, às vezes, somos meio bundão mesmo, mas não desiste de nós não”. Pegou um boletim e entrou. Neste momento Carlos “desagou”, parou a panfletagem, se retirou e chorou muito, ali mesmo na usina, antes de voltar a panfletar o boletim.

Carlos narra que esse momento lhe foi muito marcante: “muito simbólico o peão que passava ter capturado o que eu estava sentido, o que estava vivenciando naquele momento, que estava preso”. Ter capturado o conflito interior por que passava Carlos e verbalizado um recado que, segundo recebeu, não representava apenas a sua voz, uma vez que, segundo Carlos: “passava por um filtro imenso, antes que alguém te levasse em um canto, ali onde não tem câmera, e te falasse uma coisa”. Segundo Carlos, representava todo um conjunto de parceiros lá de dentro, que não falaram, que não vão falar, mas que sentem a mesma coisa, dizendo: “tá difícil ai peão, mas calma lá”.

Uma intensa vivência emocional no encontro indissociável entre a particularidade da situação concreta e a sua representação singular na personalidade de Carlos, ou uma *pereživánie* (VIGOTSKI, 2010) que lhe fez “desaguar”. Desse modo, as vivências emocionais mais potentes e memoráveis, não são necessariamente os grandes acontecimentos de maior importância social e histórica, mas um modo de pegar o boletim, um olhar, algumas palavras. Segundo Tocqueville (2011, n.p.), são “certas pequenas particularidades que ali se encontram que os fazem penetrar profundamente no espírito e a ele ligar-se de maneira duradoura”, particularidades como as que Carlos sentiu como o que ele precisava naquele momento: “como se eu estivesse na lama e o cara foi lá e estendeu a mão” (Carlos).

Carlos narra que pôde ir se recuperando de tal período de esgotamento quando sua atividade agregou força coletiva para, a partir da reconciliação de seu destroços, poder começar uma nova construção e autoconstrução como sujeito coletivo. A partir de uma maior paciência histórica com o tempo de sua vida e de sua geração, busca fazer um inventário do

pensamento e atividade, própria e da luta da classe. Portanto, buscou uma melhor composição entre a luta e a serenidade, uma melhor equalização do drama entre a sua harmonia interior e a universalidade de seus interesses: “Eu tô bem mais tranquilo com tudo isso e com os fazeres que estou fazendo. Talvez isso tenha a ver com se entender no período histórico que se encontra... no movimento geral da história, acho que tem a ver com isso”, mas, pondera, “até o fim serei uma brasa e se soprar eu acendo” (Carlos).

Uma identidade, como narrada por Maria, evita a reificação do próprio ser, de uma essência fatalista, e busca não cristalizar as identidades em um inatismo mecânico, socioeconômico, vivencial, cultural, étnico ou fenotípico. É uma presunção que torna possível as relações dialógicas, o desenvolvimento por meio da dinâmica das contradições, e que torna possível que as derrotas (predominantes para lado social que ainda é subalternizado) de algumas de suas experiências, não se desenvolvam em autofobia, o que configuraria uma verdadeira derrota fundamental. Por mais que Carlos não possa explicar de forma clara e distinta como pode ter recuperado tal calma em meio a um aparente retrocesso das lutas e avanço da barbárie, podemos perceber como Carlos apresenta um esforço por converter a ansiedade ou autofobia da experiência histórica de sua classe e de sua própria trajetória de vida, em responsabilidade, reconstrução de críticas e autocríticas mais assertivas, portanto que também reconheça os devidos acertos do que foi e potenciais do que é. No sentido de uma mais cuidadosa, paciente e contínua reconstrução das mediações necessárias para o que pode ser.

Se a falha é possibilidade da atividade e certeza da inatividade, Carlos reconhece que o seu maior problema “não é estar possivelmente errado, mas não reconhecer e aprender quando for o caso”. Ele parece ter se recomposto com uma melhor equalização entre a estrutura geral de sua personalidade e seu período histórico, ao escolher colocar tudo em dúvida e começar por realizar ele mesmo um inventário de si. Mantendo como única convicção a motivação pelo objetivo a que quer chegar, ou a consciência do motivo que mantém o forte sentido e ímpeto de tal tarefa. Que também é penosa, em vista de seu atual limite de tempo e energia subtraídos pelo trabalho assalariado, e revigorante porque necessária para si, porque, como entende, para os problemas colocados para sua classe pela realidade do seu período histórico.

No panorama do programa proposto pelo militante e filósofo Gramsci (1981), para iniciar uma reflexão crítica, propõe começar por fazer um inventário de toda a filosofia até hoje existente, inserida na relação contraditória com a fase de sua historicidade, na medida

em que ela deixou estratificações consolidadas na filosofia popular, a fim de criticar e elevar a própria concepção de mundo ao ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido. Não apenas para fazer individualmente descobertas ‘originais’, mas também para ‘socializar’ criticamente verdades já descobertas, transformando-as em base de ações vitais, elemento de coordenação intelectual e moral. Segundo o militante italiano e filósofo marxista,

o início da elaboração crítica é a consciência daquilo que somos realmente, isto é, um ‘conhece-te a ti mesmo’ como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços recebidos sem benefício no inventário (GRAMSCI, 1981, p. 12).

A profunda revisão das ações, procedimentos e objetivos parciais, não implicou no enfraquecimento ou decomposição da constatação sobre o avanço da necessidade, da hierarquia do motivo e objetivo geral de Carlos:

Agora, em um período de tantas incertezas, eu tô me permitindo fazer aquilo que eu acho que deve ser feito mesmo. Por mais que estou correndo daqui pra lá, de lá pra cá. e a vida tá sem poro ocioso nenhum. Tô feliz de tá fazendo o que tô fazendo. Tô tranquilo com a posição que eu me encontro. na geração que eu me encontro. e o que eu tô fazendo por essa geração. Sem achar que devo fazer de mais ou de menos. (...) Agora estou fazendo várias coisas que me fazem mais sentido. podem estar incorretas, mas estão me fazendo mais sentido. E isso tem me dado mais tesão de fazer as coisas. (...) Passei a fazer coisas que eu acredito. Está tudo em aberto, não tem nada certo, é como diz Hegel: todo nada é determinado (Carlos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa atesta a ideia geral de que o indivíduo singular não existe por si mesmo, assim como seus processos dramáticos, mas surge da concepção de que “por trás de todas as funções superiores e suas relações estão relações geneticamente sociais, relações reais das pessoas” (VIGOTSKI, 2000, p. 26). De modo que a particularidade das condições sociais, como períodos históricos específicos da tragédia capitalista, pode se compor com as trajetórias de vida para atenuar, superar ou agravar alguns dramas da atividade militante, para que um período crítico adquira ou não a conformação de uma crise, que tenda ao padecimento ou à possibilidade de um salto de qualidade.

Lutas e levantamentos populares nunca deixaram de acontecer no transcorrer da história das sociedades divididas em classes sociais. Só na América Latina do século XXI, destacaram-se insurreições no Equador no ano 2000, as jornadas de lutas na Argentina em 2001, a greve geral na Bolívia em 2003, a ascensão de lutas feministas, antirracistas e assim por diante. Entretanto, no Brasil, a condição de subordinação da burguesia interna aos donos do grande capital internacional, com pouca margem de manobra para concessões políticas e econômicas de caráter democratizante, sua estrutura elitista e autoritária para com a classe trabalhadora, tendeu historicamente a promover modernizações conservadoras por meio de acordos pelo alto, em um processo histórico complexo que Mazzeo (1989) denominou de ‘via prussiana-colonial’²⁶. Tal dinâmica interclasses sociais favoreceu com que a inclusão histórica do trabalhador escravizado como assalariado e cidadão conservasse, além da condição de exploração, ‘se tiver sorte’, a sua exclusão do conhecimento, participação, protagonismo, experimentação e controle eficaz das mediações políticas e econômicas de sua autodeterminação.

Na contemporaneidade, o avanço das forças de integração monopolística global do capital nunca foi tão destrutivo em relação ao trabalho, ao meio ambiente, a humanidade (ANTUNES, 2018). Segundo Mészáros (2015), o último período de estreitamento das margens de viabilidade reprodutiva do capital também estreitam as rotas conciliatórias de fuga. De modo que muitas organizações trabalhistas oficiais tenderam a abandonar até mesmo

²⁶ O conceito de ‘caminho ou via prussiana’ faz referência a sua formulação por V. Lenin (1982a; 1982b), inspirado na compreensão da ‘miséria alemã’ desenvolvida por K. Marx e F. Engels, posteriormente, também empregada por G. Lukács (1968), e no pensamento brasileiro desenvolvido por L. Konder (1980), M. Nogueira (1984), I. Ribeiro (1988) e A. Mazzeo (1989) (FRANCO, 2018).

as perspectivas socialdemocratas, pendendo a aproximação do consenso de que não temos a possibilidade de exercer qualquer controle consciente e racional sobre o capital e que, portanto, não há outra alternativa para a organização da vida político-econômica.

Tal condição de reprodução da vida econômica e política se expressa na atividade e subjetividade das classes trabalhadoras, assim como nas suas frações que se engajam na luta sociopolítica organizada. Como, por exemplo, sobre a burocratização de seus instrumentos de luta, em conciliações pelo alto e em bases com pouca participação e formação política. O que, na dinâmica afetiva, pôde-se manifestar em diversos momentos pelos quais passaram os participantes dessa pesquisa. Apesar de em constante reatividade às necessidades político-econômicas da reprodução ampliada do capital, no campo dos afetos, remete ao que referimos aqui como uma melancolia ético-política, ou que pode se expressar, no campo das ideias, como uma indiferença política voluntária. Quando, no drama desse cenário social, os produtores se sentem como figurantes no enredo da própria vida e da história social, e, parafraseando Vigotski (1991, p. 406), pode-se dizer que sem a humanidade ter o protagonismo da sociedade e de sua verdade, a pessoa não pode ter o protagonismo de sua verdade e de si mesma.

Apesar ou devido ao desalento com relação às perspectivas pessoais, sociais e humanas, resistem, reagem e agem alguns movimentos sociais, associações, coletivos e organizações reivindicatórias e revolucionárias. No campo dos sujeitos coletivos, os sentimentos do desalento podem se abater sobre o drama com relação ao desenvolvimento técnico em contraponto ao crescimento da desigualdade social ou ao fracasso em reverter ou refrear as conformações mais destrutivas do curso de acumulação do capital, segundo avalia Mézáros (2015), que ameaça de fracasso inclusive para a conservação da humanidade em sua própria existência. Ou seja, tal sentimento pode corresponder, no campo dos projetos coletivos da perspectiva sociopolítica, ao desalento com relação às perdas de conquistas tanto de empreitadas revolucionárias como socialdemocratas, constrangidas pelo avanço da dominação capitalista de caráter neoliberal, com maior concentração de renda e de tendência mais agressiva.

O maior desalento com relação à perspectiva de respostas coletivas ou de mudanças sociais substanciais pode acompanhar a diminuição da necessidade da implicação na atividade sociopolítica organizada, enquanto, paralelamente, os sujeitos são mais consumidos para a venda de sua atividade no mercado do trabalho involuntário. Enquanto na economia dos afetos, a fruição da maior parte das riquezas produzidas pelo trabalho humano é

cada vez mais privatizada e concentrada, enquanto o medo, o desamparo e o sofrimento são mais amplamente socializados²⁷. Com maior precariedade, intensidade, intermitência, insegurança e desalento com relação às potencialidades dos sujeitos das classes trabalhadoras para se reproduzirem em sua própria vida. Como revela, por exemplo, o maior contingente na série histórica de jovens trabalhadoras(es) que estão desempregados, desejam mas já desistiram de procurar emprego (IBGE, 2018)²⁸. Assim como o drama entre o avanço de tecnologias médicas, o aumento da expectativa de vida, e os dados sobre a predominância que foi adquirindo a morte por suicídio entre os jovens (OPAS, 2014; 2018).

Para alguns, a militância sociopolítica pode se configurar como uma possibilidade de engajamento em uma atividade preta de sentido para si. Como Carlos, por exemplo, que conta como antes da militância levava uma vida muito mais subordinada ao encontro contingente dos corpos e à organização das forças dominantes. Ou segundo o relato de um dos companheiros do movimento em que militava Apoema, que vinha de uma condição de dores crônicas no corpo, pelas quais foi aposentado por invalidez, o que o levou a desenvolver um processo depressivo e de agravamento dos problemas de saúde. Entretanto, apresentou uma melhora considerável quando começou a exercer no movimento social a mesma atividade de trabalho, na qual foi levado ao adoecimento, à atividade de cozinheiro, que realizava agora com satisfação, narrando uma melhora significativa com relação à depressão e as dores no corpo.

Na atividade que conduziu, por exemplo, Tereza e Soledad para a busca pela compreensão dos motivos adequados de seus afetos de sofrimento para com a própria pobreza e compaixão para com a do outro, levou-as passarem por intensos momentos catárticos, forte sentimento de injustiça para com algumas relações sociais e proporcional dimensionamento do sentimento de impotência e ineficácia para com as próprias atividades. Tal busca de Soledad pela composição de sua potência de ação para com um poder material de

²⁷ Minqi Li (2004, p. 21, apud Mészáros, 2005, p. 73-74) apresenta, a partir do Relatório sobre o Desenvolvimento Humano da Organização das Nações Unidas (ONU), como o desenvolvimento do capital produziu pobreza, por um lado, e a assustadora concentração de renda por uma pequena parcela da população mundial: “O 1% mais rico do mundo aufere tanta renda quanto os 57% mais pobres. A proporção, no que se refere aos rendimentos, entre os 20% mais ricos e os 20% mais pobres no mundo aumentou de 30 para 1 em 1960, para 60 para 1 em 1990 e 74 para 1 em 1999, e estima-se que atinja os 100 para 1 em 2015. Em 1999-2000, 2,8 bilhões de pessoas estavam subnutridos, 2,4 bilhões não tinham acesso a nenhuma forma aprimorada de serviço de saneamento, e uma em cada seis crianças em idade de frequentar a escola primária não estavam na escola. Estima-se que 50% da força de trabalho não agrícola esteja desempregada ou subempregada”.

²⁸ Acessado em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21246-pnad-continua-tri-taxa-de-subutilizacao-da-forca-de-trabalho-e-de-24-7-no-primeiro-tri-de-2018>.

transformação social se aproxima, no campo dos afetos, ao processo no qual o amor ao próximo adquire verdade quando busca eficácia, quando busca o que o padre e militante Torres Restrepo (1970) se refere como o amor eficaz. Uma vez que, mesmo que por vontade política ou de uma burguesia esclarecida, se por amor ao próximo, como comiseração sensibilizada a prodigalidade, a desinteressar-se de parte da avareza, distribuísse dinheiro e mercadorias aos pobres, pareceria resolver o problema da pobreza e da desigualdade social. No entanto, as relações sociais capitalistas também são determinadas pela propriedade privada dos meios e substância modificada pelos modos de produção e reprodução social e, segundo tais causas eficientes, tanto os primeiros poderiam ser suplantados pela concorrência intraclasse capitalista como em pouco tempo se reestabeleceria o pauperismo e a grande desigualdade que parecia desfeita. Portanto, tal concepção de amor eficaz, mais do que uma emoção ativa, seria um sentimento cuja compreensão do motivo atravessa tanto o entendimento da necessidade como natural e insuperável, como da vontade como livre de determinações, para a equalização de uma livre-necessidade revolucionária.

Quando Maria narra que acredita que, mantida a atual estrutura social, nunca deixará a militância sociopolítica, visto que nasceu pobre e, mesmo que melhore as condições de reprodução de sua vida, ela não conseguiria levar a sua vida privada indiferente ao sofrimento social, uma vez assimilada à possibilidade de sua transformação: “Eu pertença a essa classe. Não consigo me ver fora desse lugar” (Maria). Ou quando Tupac narra: “o que me motiva a continuar é que eu acredito que esse é meu papel na sociedade, é meu papel social, é fazer o recorte de classe e trazer essa perspectiva ai pras pessoas da comunidade”. Segundo Spinoza (Et., def. 7, p. 1), é livre o que age por necessidade de sua natureza, assim como, se entendermos, com Engels (1875), que ‘quanto mais livre, for o juízo de uma pessoa com relação a um determinado problema, tanto mais nítido será o caráter de necessidade determinado pelo conteúdo desse juízo’, também podemos entender que julgamentos, como de Maria e Tupac, podem ser interpretados como mais livres quanto mais seus conteúdos são determinados pelo conhecimento adequado da atual natureza social, das suas potencialidades e obstruções à ampliação e aprimoramento da potência e liberdade humana, assim como, determinados pelas necessidades internas as suas próprias potências sociais, como sujeitos da classe social explorada e oprimida.

O período de refluxo das lutas e das conquistas populares, quando o estreitamento das margens de viabilidade reprodutiva do capital é eficaz em impor também um estreitamento até mesmo nas rotas conciliatórias de atenuação da destrutibilidade de sua

acumulação, pode incrementar um drama central para os militantes sociopolíticos e suas associações. Se a indiferença não for uma opção considerável para a resolução ou atenuação dos conflitos políticos, econômicos ou mesmo psicológicos, os militantes poderão enfrentar coletivamente as curvas bruscas da história, em sentido geral mais centrífugo ou mais centrípeto, ou seja, por meio de um polo que aponta para o voluntarismo ou para a burocratização, enquanto o outro não deixa de indicar uma forma de serialidade grupal, de encapsulamento coletivo.

Por um lado, algumas organizações podem buscar privilegiar alguns atalhos, como do oficialismo ou do espontaneísmo, dois lados, o entrave burocrático e o ativismo artesanal, da mesma contração programática, apenas para objetivos cada vez mais imediatos, efêmeros, ou mais palatáveis a ordem no que tem de fundamental. Assim, podem retrair os seus objetivos mais profundos, portanto, mais árduos ou, a depender das condições sociais, de mais longo prazo, a fim de evitar tanto a desintegração como a diminuição e insularização. Podendo até ter acréscimo quantitativo, mesmo que à custa da perda de clareza e firmeza dos objetivos, sem os quais também não se pode avançar e a agremiação pode ir se convertendo em um fim em si mesma. Em termos afetivos, tal via pode até sustentar uma motivação pelo amor ao outro, mas essa tende a se retrair à piedade, como entende Sawaia (1999, p. 107), a partir de Weil (1979) e Arendt (1988), como “a paixão pela compaixão, é sentimento que encontra em si mesmo o seu próprio prazer, aprisionando o homem ao seu próprio sentimento”. Seja por meio de um ativismo espetaculoso, que se fecha em um ciclo catártico - no sentido purificador do drama burguês - ou, seja por meio da centralidade institucional, fechado em um ciclo concorrencial e administrativo. Portanto, podem manter uma motivação afetiva positiva, mas recolhida da expansão e aprofundamento de sua busca por maior eficácia ou do que Torres (1970) se refere como amor eficaz.

Como capacidade de projeção e capacidade de intervenção não se separam, mas se condicionam mutuamente, com o encurtamento da capacidade de negociação do grande capital, o aparentemente sólido aumento do poder de intervenção se desmancha, no enfraquecimento e fragilidade o seu poder se reencontra com sua capacidade prospectiva, que havia sido sacrificada em benefício do crescimento do primeiro. Entretanto a recíproca também é verdadeira e a elevação da capacidade prospectiva, sem o acompanhamento da correspondente elevação da capacidade de intervenção transformadora. Como, nesse último caso, pode-se notar em parte do drama existencial por que passou Carlos, e, no primeiro caso, o modo como o impacto e aprofundamento da crise econômica no Brasil encurtou as margens

de conciliação sociopolítica, ajudando a conformar processos políticos, durante o ano de 2018, com os quais Tupac narra ter sido levado a uma situação-limite de sua trajetória de vida e militância.

Ou seja, por outro lado, outras agremiações diminuem em quantidade ou tendem a quase se fecharem em torno de si mesmas, a fim de evitar a completa desintegração e resguardar princípios e objetivos estratégicos, que, então, aparecem como de mais longo prazo. Mas também tem dificuldade em avançar, apesar de fortalecer a potência interna, enfraquece em potência de influência social, em capilaridade e poder material de ação transformadora. Portanto, apesar de não realizar um recolhimento programático, consoma um recolhimento prático, de modo que também perde em eficácia. Quando também aumenta a dificuldade do drama de partir do senso-comum e se diferenciar radicalmente do mesmo.

Essa última tendência, foi narrada, por exemplo, por Soledad, que conta como os companheiros(as) da organização de que fazia parte, durante um período de maior refluxo das lutas, aproveitaram para se dedicar ao desenvolvimento e aprofundamento da compreensão teórica da dinâmica social e ao fortalecimento da unidade interna no laço intragrupal. Soledad, ao narrar seu movimento inicial da militância, indica que na primeira organização em que se engajou ela tendeu a expandir atividades de estudo, diálogo, amizade e lazer quase que exclusivamente apenas com os militantes da organização. Alguns, por vezes, chegavam até a desestimular relacionamentos muito próximos com quem não compartilhasse de seus motivos e valores. Em sua compreensão, tal recolhimento pôde ajudar a evitar uma maior decomposição e dispersão da organização, na ajuda e fortalecimento mútuo da potência volitiva, da convicção nos princípios, meios e objetivos internamente compartilhados, portanto, a revigorar a motivação emancipatória para resistir durante o período social de dispersão.

No entanto, ao mesmo tempo, Soledad também se queixa de que o necessário fortalecimento do desenvolvimento teórico e da compreensão da dinâmica social se desenvolveu em detrimento das relações afetivas internas, da capacidade de estabelecer laços afetivos e pontes de confiança e entendimento mútuo para com o restante da população. Soledad, aponta o risco de o militante poder se afastar e pouco desenvolver novos vínculos afetivos, se afastar ou romper com algumas relações cotidianas, de modo a ir perdendo a sensibilidade para com a dinâmica afetivo-volitiva da maioria da população, ou não acompanhar o desenvolvimento da acuidade dos sentidos, do tato para os diálogos mais profícuos com o senso-comum e seus movimentos.

O processo histórico de afirmação dessa agremiação, no âmbito nacional, se deu, em grande medida, por meio de um doloroso processo de negação da história de acomodação institucional de parte de antigos socialistas, e, por outro lado, no âmbito internacional, sobretudo na Europa pós-Segunda Guerra Mundial, sua afirmação passava pela necessidade de completo afastamento das assimilações, deformação, esvaziamento e inversões fascistas de vínculos e signos da luta popular emancipatória. Essa última, tendo agido para manter e aprofundar a servidão de classe buscando confundi-la sobre signos históricos das lutas de libertação popular. Conhecendo esse processo, parece que parte da resistência à força da potência político-afetiva, como um todo, também pode estar concatenada ao processo de afastamento em relação ao modo particular como essa foi e é instrumentalizada pelo irracionalismo impostor ou pelo oportunismo eleitoreiro sazonal, que também favorece o personalismo idealista. Parte justificável da grande desconfiança das classes despossuídas para com o ‘trabalho de base’, assim como da indiferença ou aversão para com o ‘fazer política’, em sentido amplo, mas reduzido a sua dominante identificação com a concorrência eleitoral e o carreirismo na administração institucional. Assim, alguns dos militantes que, apesar de negarem veementemente tais práticas, podem a fazer de modo unilateral, como, por exemplo, de modo a também não desvincularem adequadamente a identificação entre afetos políticos, da potência relacionada à consciência e ação crítica na relação das forças sociais, e os afetos burocráticos, do oportunismo de centralidade eleitoreira ou de flexibilização das resistências e amoldamento aos interesses mais fortes, das classes dominantes, ou, ainda, próximos ao que Freire (1981) criticava como ‘tática manhosa’, utilizada para confundir o outro.

Na mesma reflexão em que Freire (1981, p. 60) critica o diálogo como tática manhosa, assim como o condena como um favor ou um nivelamento e redução entre os sujeitos envolvidos, também entende que “o diálogo tem significação precisamente não apenas com sua identidade, mas a defende e assim crescem um com outro”. De forma análoga, a narrativa de Soledad transparece sua oposição ao autoritarismo, mas não realiza uma negação abstrata ou anti-intelectualista, contra toda e qualquer forma de liderança. Soledad admira e reconhece a importância da assimilação de grande parte do conhecimento acumulada na história da luta da classe, e da capacidade intelectual para avançar os debates programáticos, etc., no entanto, reprova o pouco desenvolvimento das habilidades comunicativas interpessoais, sem o cuidado mútuo, o diálogo do reconhecimento e estabelecimento de vínculos afetivos, que também fomentam a elevação da potência do corpo

e da mente do conjunto da organização. De modo que esses acabam por se converterem no que podemos denominar de lideranças formais. Soledad conta que não sabe o porquê, mas que tendia a ser fomentado o desenvolvimento de dirigentes com esse perfil, de modo que esses eram eleitos para cumprir tais tarefas. Alguns militantes parecem ter acabado por assimilar a uma forma de ‘cultura organizacional’, e estes sujeitos tornavam-se referências político-pedagógicas, voluntárias ou involuntárias, sobre os traços de conduta e de relações interpessoais, de um perfil desejável, em relação ao qual se deve lapidar para ser considerado apto à função.

As transformações dos encontros e relações interpessoais são em parte importantes, visto que se espera que transforme alguns afetos, costumes e linguagens para algo que, em alguns de seus fundamentos, sejam profundamente diferentes de muitos dos sentidos, significados e comunicações condicionadas acriticamente pela ideologia dominante, assim como das associações serializadas, organizadas desde fora segundo as demandas do capital. Mas que, no entanto, esta essência necessariamente diferente pode constituir um drama com a necessidade, também fundamental, de se comunicar em sentidos cotidianos sem perder em significado, de se reconhecer, nutrir e retornar ao núcleo do que Gramsci (2000a) denomina de bom-senso, das tradições de resistência e luta popular, cujas raízes e fonte de renovação estão nas práticas, afetos e ideias do senso-comum, dos eventos, dos costumes da cotidianidade.

Tais condições de contração centrípeta apresentam ainda outro conflito, como, por exemplo, é relatado por Tupac, quando um dos companheiros de sua organização pede afastamento das atividades da militância, devido a um rápido acúmulo de múltiplas tensões em sua trajetória de vida e em acontecimentos sociopolíticos que lhe agravaram uma condição de sofrimento psíquico. Mas este afastamento pode levar, ao invés de um intervalo revigorante, ao agravamento da condição de sofrimento, uma vez que, no caso do companheiro de Tupac, os vínculos da militância eram parte de seu principal motivo gerador de sentido e ele não contava com outras fortes redes de apoio. “É mais uma pessoa: do trabalho pra casa, da casa pro trabalho” (Tupac). No entanto, no exemplo narrado por Tupac, esse afastamento não se configurou em um isolamento, mas em uma forma do que podemos nos referir como um afastamento acolhedor, uma vez que Tupac conta que todos se esforçavam por se juntar e ir periodicamente visitá-lo. O que entende estar contribuindo muito para sua gradativa recuperação.

Eles relatam conflitos que passam entre o fortalecimento dos vínculos na militância e o enfraquecimento de outros laços sociais, como de relacionamentos amorosos, familiares, de amizade ou de trabalho, por motivos diversos. Esses podem se constituir como um processo dramático tanto no momento do fortalecimento dos laços com a luta sociopolítica ou no momento de uma eventual saída ou afastamento temporário. Como o conflito que nos foi narrado por Margarida, entre o fortalecimento dos laços afetivos e o distanciamento crítico ou maior desenvolvimento da acuidade crítica, nas tensões entre relações amorosas, de amizade, e de camaradagem. Evitando-se as paixões em nome da razão de sua ação, concorre para esterilizar-se também de parte da empatia e indignação, portanto da combustão que da vida a própria razão de ser de sua ação sociopolítica.

No que diz respeito às relações de trabalho, alguns dos dramas principais também se relacionam a confusão e conflito entre a profissionalização da atividade militante e a profissionalização pela atividade do trabalho alienado na dinâmica do capital. Profissionalismo e camaradagem, também estão relacionados a um conflito de sistemas entre à necessidade de fortalecer laços afetivos e vínculo humano-pessoal de confiança mútua, talvez dispensáveis para um partido capitalista ou para uma organização militar, mas nunca para uma organização militante, indispensáveis quanto mais duras forem as condições de luta. De modo que o não envolvimento pessoal e interpessoal, complementar com a concepção classista e humano-genérica, parece incompatível com a atividade de uma militância que sustenta um programa antagônico, contra-hegemônico, e que só pode se sustentar com as reparações de uma forte potência coletiva e a constante renovação dos motivos geradores de seu vigoroso sentido vital.

Todos os participantes dizem que o fortalecimento dos laços afetivos íntimo-pessoais é importante para a atividade militante. Entretanto essa pode ser obstruída pela necessidade de construção de uma organização sociopolítica com participantes o suficiente para representar alguma força de transformação social. O que pode ser parcialmente compensado quando criação de laços de companheirismo, em alguns casos, podem chegar a presidir da relação interpessoal prévia. Diara, por exemplo, narra sobre experiências sociopolíticas, excepcionais, intensas e extensas, compartilhadas, que alteram os envolvidos em tal profundidade que promover determinada qualidade de vínculo afetivo de companheirismo entre pessoas que nem se conhecem. Portanto que dissente das afeições normalmente entendidas como de amizade, uma vez que podem compor laços profundos de

uma intimidade coletiva mediada pela convivência indireta com atividades, afetos, significados e valores passados e prospectivos.

A experiência estética e ética da manifestação pública de uma multidão, a beleza de quando as classes despossuídas e subalternizadas, daqueles que isolados são facilmente humilhados, agredidos ou mortos, quando os seres mercadorias, forças de trabalho ou nem isso, se reconhecem no momento em que se fazem seres reconhecidos em suas necessidades e desejos humanos. Representam, ainda que de modo temporário, alguma parte do poder que sustentam. Como Apoema descreve sua experiência ao se encontrar com as manifestações multitudinárias de 2013: “A gente fica animado, no meio da população. Você vê ali mais de 5, 10 mil pessoas juntas, descendo uma rua muito grande, isso é muito lindo. É emocionante demais, saber que você pode mudar alguma coisa” (Apoema). Ou como Tereza, ao contemplar uma manifestação de jovens secundaristas e trabalhadores(as) da educação em defesa das escolas públicas de seu estado, narra uma forma de experiência catártica, quando: “vi aquele ato e comecei a chorar, vi que era uma luta por todo mundo [...] é uma mistura de sentimentos” (Tereza).

A repetição e aprofundamento em tais experiências que buscam modificações sociais provocam mudanças nos sujeitos. Como narradas, por exemplo, por Tupac, quando diz que, apesar de saber de sua condição de subalternização social, foi só no processo de organização, que envolvia o enfrentamento social e a educação política, que ele pôde expandir sua capacidade sensitiva e de entendimento, mudando sentidos, percepções e autoconsciência. Como sobre a sua identidade de trabalhador afro-brasileiro, passando a discernir a superexploração e opressão que vivia e sofria, mas eram, até então, inapercebidas, que “antes não via” ou “achava que era coincidência” (Tupac), que não eram experiências percebidas como de sofrimento ético-político.

Assim como o processo de luta por transformação social revela outras faces das relações sociais, favorece o desenvolvimento de novos significados, novos sentidos e capacidades afetivas, Lukács (1982) também expressa como a catarse na experiência estética pode favorecer a ampliação da capacidade vivencial do sujeito, como uma ‘novidade qualitativa da visão que assim nasce altera a percepção e a capacidade, fazendo-a apta para a apreciação de novas coisas, de objetos já habituais em uma nova iluminação, de novas conexões e de novas relações de todas essas coisas com ele mesmo’ (LUKÁCS, 1982, p. 528).

Quando as lutas não foram trazendo os resultados almejados, pelo contrário, os poderes contrários foram impingindo perdas às classes trabalhadoras, todos os participantes se disseram afetados. Por vezes, gerando sofrimento fundado na impotência e na melancolia, como narra Francisco: Como se a tensão, o conflito e a exaustão desencadeadas, favorecessem o abatimento de suas capacidades de se afetar e pensar as raízes dos problemas sociopolíticos, podendo desenvolver uma maior obstrução ao esforço pelo entendimento adequado das causas mais profundas da dinâmica social e política. Narra também que a elaboração de tais conhecimentos e incitação de seus afetos fomentaram um novo aumento da potência imperativa de ação de seu corpo e mente, para a transformação, então concatenado a imagem de um grande esforço, sistemática frustração e prejuízo.

Para outros, aumenta a preocupação com o cuidado de si, que tende a busca de saídas cada vez mais restritas, temporal e socialmente, passando por momentos de ativismo político, com baixo nível de associação coletiva e com propósitos de mais curto prazo. Em último caso, chegando ao predomínio do recolhimento do indivíduo sobre si mesmo e sobre o tempo presente, como a dimensão que passa a tomar a preocupação de Carlos com a construção e desenvolvimento de uma carreira profissional, a preocupação com a criação de algum fundo de economias que possa lhe possibilitar alguma estabilidade financeira.

Crise que também favorece o terreno propício para o avanço de revisões históricas reacionárias, que buscam desqualificar, deturpar ou apagar parte da memória da experiência histórica de luta das classes despossuídas, com vistas a proclamar o encerramento de qualquer outra possibilidade humana, com vistas a decretar o fim da história. Nesse sentido, é importante ressaltar como algumas experiências interpessoais foram fundamentais para que Diara se reconectasse com sua memória histórica e, conseqüentemente, reafirmasse os sentidos da perspectiva futura de sua luta social, experiência fundamental para que se religasse com os principais motivos por que foi mobilizada para a luta social. O que a possibilitou superar parte do sofrimento que a estava imobilizando, ao qual se estava entregando, e fortalecesse a sua satisfação moral em continuar a viver, a resistir, a lutar e a transformar.

A dinâmica dos processos, que pode se perceber a partir das narrativas, como de Diara, como fator importante a proteção psicológica da militância sociopolítica, se compõe com o que a experiência terapêutica com imigrantes na Sapsir (*Service d'Aide Psychologique Spécialisée aux Immigrants et Réfugiés*) (MARTINS BORGES; POCREAU, 2009) denomina de 'reconstrução identitária'. O acompanhamento de refugiados, vítimas de guerra e de tortura

(Associação Psiquiátrica Americana, 2002) permitiu constatar que alguns dentre eles, mesmo tendo sido expostos a situações de violências extremas, não apresentavam os sintomas de transtorno de estresse pós-traumático, e identificaram que alguns elementos da identidade contribuíram para garantir uma proteção e equilíbrio psicológico. A saber:

o enraizamento em uma identidade cultural bem definida, a continuidade de si por meio das representações culturais que permaneceram operacionais, um forte sentimento de pertencimento ao grupo de referência étnica e vínculos ativos com o grupo social (por intermédio das atividades com membros da mesma origem cultural). (MARTINS BORGES; POCREAU, 2009, p. 229)

Como vimos, o cuidado e atenção podem ter sido relativamente secundarizadas em períodos nos quais predominavam a atividade da classe com maior papel como sujeito de sua história, nos quais uma grande vitória ou derrota histórica se colocava como drama vital, inadiável, na linha do horizonte de vida do indivíduo. No entanto, considerando os sofrimentos narrados, parece-nos que a atenção às questões psicológicas e afetivas adquire cada vez maior centralidade para uma geração de militantes que tem de resistir ao desgaste com os dramas das necessidades de uma luta que se mostra minuciosa e prolongada, ao mesmo tempo em que cada vez maior e mais urgente. Em que a pouca militância tem de sustentar a potência demandada por uma luta intensa, predominantemente reativa, defensiva, até então, sem perspectiva de resolução no curto ou médio prazo, e cuja atividade ofensiva, eficaz e, portanto, radicalmente transformadora, mostra-se, frente à velocidade da acumulação destrutiva do capital, cada vez mais necessária e improtelável. Por esses motivos, pode ser, em alguns sentidos, mais desgastante, exigindo outra natureza de convicção e motivação.

Dilemas unilaterais também puderam ser incorporados por alguns sujeitos, se aproximando do que pode ser denominado como *enantiodromia*²⁹, não em um sentido fatalista, mecânico, inexorável, mas que pode marcar a dramaticidade de um percurso vital, no que se assemelha a uma forma de “conversão de um oposto no outro, terrível castigo da unilateralidade” (TEIXEIRA, 2003, p. 79). Como quando o sujeito, assimilando de uma moral abstrata ou uma percepção e relação unilateral para com a atividade da luta sociopolítica,

²⁹ Do grego *enantio* “contra” e *dromia* “corrida”, *enantiodromia* foi uma expressão utilizada pelo filósofo Heráclito de Éfeso (ca. 540 a.C.-ca. 470 a.C.) para se referir ao jogo dos opostos, a um fluxo de criação e dissolução, a fim de descrever o processo de transformação de algo em seu contrário (morte/vida, velho/jovem, poderoso/indefeso, despertar/sono, dia/noite, todo/partes, consonância/dissonância, etc.). Expressão modernamente reapropriada e reelaborada por Carl Jung (1875-1961), que estabelece relações com antigos mitos e experiências arquetípicas, para se referir ao si-mesmo, como todo arquétipo, como uma convivência paradoxal e antinômica de opostos. No qual, quando uma tendência unilateral controla a parte consciente, ela pode ser inconscientemente compensada e substituída por seu exato oposto.

experimenta um acúmulo de conflitos particulares, conformando uma situação-limite que pode o leva diretamente para a atividade contrária. Se reorientando para a completa inatividade sociopolítica ou para a completa adaptação a ordem e combate ativo a sua antiga posição contestatória.

Tal processo pode chegar a não atingir tal radicalidade de extremos, mas que se assemelha, por exemplo, ao relatado por Carlos que, após um salto vital completo para um longo período na luta popular, energicamente convicto da vitória em seu tempo de vida, vai se deparando com entraves e obstáculos que impedem sua atividade de avançar. Após um período maior de inatividade, em decorrência de obstáculos objetivos, Carlos atinge uma situação-limite, que o leva a uma profunda angústia, acompanhada de um período de melancolia. O momento de inatividade, instabilidade e questionamento sobre as possibilidades de efetivação do pelo que lutava com todas as suas forças, repercutia como um drama existencial, segundo Carlos: “fez eu questionar a minha própria existência, né!” uma vez que, viver uma vida conformada ao atual estado de coisas “não fazia nenhum sentido pra mim” (Carlos). Quanto mais pareciam se distanciar as possibilidades de transformação das condições concretas que precisam de analgésicos, mais fortes se tornavam as volições para o abuso de analgésicos a respeito das condições concretas, como do álcool. Afastado dos encontros da luta social, o seu corpo inativo era objeto de sua mente e tal inatividade se reforçava a si mesma, a vivência das impotências eram ultra-generalizadas e cresciam na medida em que renunciar a atividade vital da luta para transformar a atual condição de coisas seria como renunciar a sua humanidade, seria o mesmo que padecer.

O movimento em outra região começou a avançar e Carlos foi deslocado para ajudar. O retorno ampliou o círculo de sua atividade geradora de sentido, o tirando parcialmente do ‘antro estreito’ em que se encontrava. Ele começa a se recuperar na medida em que a luta recomeçava a avançar, de sorte que a luta sociopolítica foi também uma forma de autocuidado. Inicialmente, no sentido mais negativo do cuidado e da luta como sua melhor defesa. Mas suas questões se mantinham em estado de latência e Carlos retorna com o desejo de participar ativamente do exercício de um apanhado geral da experiência acumulada historicamente. Em busca de outra composição pessoal/coletiva, entre as tarefas que só podem encontrar respostas coletivas e históricas da classe social, sem deixar de ser também tarefas pessoais, uma vez que só podem ir se desenvolvendo na medida em que cada sujeito esforça-se coletivamente por equaciona-las. Abraçando a incerteza, sem passividade, e com menor ansiedade, buscando uma melhor equalização entre sua potência e poder, entre a sua

temporalidade biográfica e histórica, da classe social, entre a potência associada dos seus conhecimentos das necessidades e possibilidades, dos seus sentimentos e volições de ação, em relação ao atual poder da mediação concreta de transformação social.

Esse segundo movimento, nos parece como a busca por um autocuidado, agora no sentido mais positivo do termo. Buscando que sua atividade seja geradora de maior sentido, narra como, a partir de então, ele mesmo passou a buscar produzir coletivamente um maior autoconhecimento, como síntese dinâmica de múltiplas determinações históricas, para que, se errasse na iniciativa prática, ao menos seria por seus próprios erros. Portanto, mesmo que passível a erros, Carlos criou iniciativas para se associar coletivamente de modo que ele mesmo participasse do aprofundamento no esforço por inventariar a experiência histórica e produzir as tarefas de sua geração para as formas mais eficazes da transformação almejada, mesmo que não se efetive no curto prazo ou em seu tempo de vida.

Ressalte-se que o que aqui se entende por ‘cuidado de si’ não faz referência ao conceito foucaultiano, mas se distingue do que denominamos de autocuidado. O primeiro basta à consciência de si e tende a entrar em contradição com a busca por saídas coletivas, não serializadas, aos problemas compartilhados. Enquanto o autocuidado, entendemos como aquele cuidado relacionado ao esforço coletivo por alargar o campo das atuais possibilidades concretas para uma melhor composição entre a satisfação das necessidades pessoais e coletivas, da temporalidade biográfica e histórica, da melhor composição entre o desenvolvimento das capacidades sociais e da personalidade individual. Demandando, assim, também, o desenvolvimento de uma autoconsciência, ou de uma rearticulação entre “a dimensão psicológica da consciência pessoal com a sua dimensão social e política e explícita a dialética histórica entre o saber e o fazer, o crescimento individual e a organização comunitária, a libertação pessoal e a transformação social” (MARTÍN-BARÓ, 2011, p. 187). Portanto, que não se reduz a dispersão de um cuidado de si entendido como encapsulamento individual, mas que também não contradiz ou subestima a importância substancial do cuidado pessoal, a composição com a atenção à saúde do corpo e o cuidado da mente, emocional e psicológico.

Entretanto, se a consciência de classe se desenvolve na luta da classe, e, portanto, também a autoconsciência, e a classe passa por um período histórico de refluxo e dispersão da organização e luta para si, a possibilidade da equalização de tal autocuidado também pode ficar comprometida. Os conflitos podem ser favorecidos por uma idealização dos meios como a própria realização dos fins que se almeja, ou pela nutrição de expectativas superestimadas

sobre o surgimento da possibilidade de transformação, assim como pela subestimação do poder de reação das classes dominantes. Narrativas, como a de Diara e Wladimir, descrevem processos semelhantes de intensa atividade, passando por um acúmulo de acontecimentos contrários, acrescido da minimização e subestimação, por si próprio e pelas companheiras(os), da intensidade cotidiana da auto-exigência e da pressão emocional, que verteram para uma situação-limite, seguida de um período de completo afastamento ou até negação. Para, posteriormente, realizarem um retorno, em busca de outra qualidade de atuação, menos unilateral e mais dialética.

No movimento recíproco em que o militante não nutre o constante fortalecimento de relações interpessoais francas e profundas de camaradagem e cuidado, assim como, por sua vez, também não considera necessário a troca entre profundidades íntimas, diante da magnitude dos problemas da luta social. Subestimando o contínuo desgaste emocional, não compartilha e nem busca soluções coletivas, mas suprime alguns afetos, como quem refreia a expressão de uma fraqueza ou de algo pequeno e irrelevante em proporção à dimensão das tarefas sociais. Recolhimento que também se pode relacionar a desconfiança de que a situação dramática seja tomada como uma tragédia existencial, na qual o protagonista seria aceito como portador de uma falha trágica, dissociada da capacidade de imaginação das condições concretas para a sua superação.

Sobrecarregado de tarefas, com pouco tempo, espaço e relações interpessoais que lhe possibilitassem exprimir e modular seus afetos no pensamento e em conceitos, estes se expressaram através de seu corpo, de seu comportamento, e, em particular, em um momento de ação especialmente impetuosa e inconsequente, que representou um limite para a transformação na trajetória de vida de Wladimir. Após atingir uma situação-limite, o participante narra um momento de virada, e chega à conclusão que precisava de um afastamento das atividades da organização, que precisava se dedicar ao cuidado de si. Wladimir conta que passou um longo período afastado da organização, período no qual acabou por ir estudar e morar em outro país da América Latina, e que, agora, de volta ao Brasil, há pouco tempo volta também a se organizar e aos poucos retorna a se engajar na militância: “Agora tô voltando a militar, mas já com outra consciência do equilíbrio” (Wladimir). Combater vícios que levam ao acúmulo de tarefas, associados ao superdimensionamento idealista da vontade-livre, ao personalismo, vícios de formas de vanguardismo interno a organização, dentre outros, implica em conhecer os objetivos e manter a clareza dos motivos, a fim de melhor delimitar as potencialidades coletivas, ou seja,

a autoconsciência também implica em conhecer seus limites em determinado período de sua trajetória de vida.

O que esses apontam é um drama, aparentemente paradoxal, entre o personalismo e o descuido de si mesmo. Frente às consequências destrutivas dessas contradições, Wladimir reagiu, inicialmente, pela negação, completa e mecânica, saindo de toda organização política e se recolhendo apenas a dedicação aos cuidados de si mesmo. No entanto, o seu posterior retorno à luta organizada, marca outra virada e negação dialética em relação ao solipsismo inicial, no sentido de uma gradual reinserção orgânica na organização e atividades da militância, agora a partir da busca por uma nova composição entre as necessidades e possibilidades singulares, particulares e universais, o que se relaciona a busca do que referimos como ‘autocuidado’.

Pode-se verificar como todas estas formas de relação sociopolítica, que podem elevar a potência coletiva, das mais passivas e serializadas as mais ativas, auto-organizadas e autônomas, tendem a se chocar com o poder contrário e dominante, se expressando também em dramas psicológicos e afetivos. A esperança teleológica em um desenvolvimento gradual de mudanças progressistas pode ser frustrada pelas consequências duradouras desencadeadas pelas crises econômicas, sociais e políticas. A elevação da potência com a esperança eleitoral, quando é mais bem sucedida, pode ser frustrada pelo poder dos acordos pelo alto, de estelionatos e golpes parlamentares, jurídicos ou militares. A rápida elevação de uma forte potência coletiva, mas predominantemente reativa, de anseios curtos ou de baixa persistência, pode ser facilmente dispersada. Mesmo a continuidade da elevação da potência coletiva sob a construção de bases concretas de organização e poder popular, com vistas a uma transformação eficaz, entra em choque com o grande poder, ideológico e coercitivo, concentrado pelas classes dominantes.

Ressalta-se que esses processos dramáticos se combinam de forma específica nas trajetórias concretas e nos dramas da vida psicológica de cada sujeito. Destacaram-se momentos históricos marcados por ocupações, greves, manifestações massivas e outras grandes e vigorosas lutas sociais, mas pontuais e passageiras, acompanhadas de fortes reações que mantêm e intensificam a hegemonia neoliberal das classes dominantes, se relacionam a constituição de um drama entre o grande crescimento da potência coletiva de agir, de pensar e de sentir em contraponto ao pouco poder de ação transformadora, em proporção à supremacia do poder das forças antagônicas. O choque entre o aumento da capacidade de ser afetado de indignação para com as injustiças sociais e o pouco poder de afetar os corpos sociais

exteriores, de agir simultaneamente sobre um número maior de coisas, ou a conjuntural pouca eficácia para dar consequências concretas a tal afeto absorvente, também pode aumentar a capacidade de padecer simultaneamente de um número maior de coisas, e, assim, atingir uma situação-limite que pode levar a exaustão emocional. Entretanto, as situações-limites não tem como consequência necessária o padecimento, mas pode se configurar como condições para um salto de qualidade, para um salto vital do ser entre o nada e o mais ser (MARTÍN-BARÓ, 1988).

Nem todos os participantes se viram enredados na tragédia do sofrimento ético-político entre o ‘cuidado da luta sociopolítica’, a exaustão, ou o ‘cuidado de si’ e o insulamento. Mesmo as situações limites narradas por Tupac e por Diara, que chegaram a se expressar em um sofrimento e melancolia generalizada com relação às próprias potencialidades e com o Estado democrático de direito, pode não se esgotar no próprio esgotamento, ou seja, na exaustão emocional ou melancolia ético-política, cronificadas na paralisação e padecimento do sujeito. Tupac e Diara puderam atravessar o primeiro momento de hipérbole negativa da situação-limite, para um segundo momento em que a melancolia ético-política e o descrédito com as instituições políticas oficiais, pública-estatais ou a elas registradas, não seja necessária e permanentemente concatenadas ao descrédito e deslegitimação dos próprios motivos e sentidos, do seu próprio ser, ou da política em sentido amplo, da potência e poder das classes dominadas como sujeito coletivo de sua auto-emancipação.

Como vimos, as situações-limites são momentos críticos cujo potencial não está reduzido à possibilidade patológica, assim como Vieira Pinto, Paulo Freire e Martin-Baró assimilaram o conceito de ‘situação-limite’, formulado por Karl Jasper (OLIVEIRA, MOREIRA, GUZZO, 2014), por meio da inversão materialista que o expande para além de sua negatividade inicial, limitado à precariedade e sofrimento da existência humana entre o ‘ser’ e o ‘nada’, para sua acepção positiva, de possibilidades eficazes entre o ‘ser’ e o ‘mais ser’. Os próprios participantes também trouxeram em seus relatos de reação e enfrentamento as possibilidades de que tais experiências críticas não se resignassem ao sofrimento e crise que paralisa e mortifica a mente e o corpo.

Assim como Martín-Baró (2000) relata, sobre a guerra em El Salvador, como mesmo essa condição brutal gera situações limites que podem produzir traumas, ansiedade, pânico, distúrbios psíquicos diversos, assim como, paradoxalmente, “las situaciones generadas por la guerra ofrecen oportunidades para que las personas sequen lo mejor de si

mismas con comportamientos altruístas hacia los demás, o que desarrollen virtudes solidarias, tan poco estimuladas por los valores del sistema dominante em tiempos de paz” (MARTÍN-BARÓ, 2000, p. 239). As situações-limites não são condições existenciais incontornáveis, como limites em si, que tem por única saída a resignação melancólica, mas também podem representar divisas e marcos para as possibilidades de um salto de qualidade. Ou seja, a experiência com tais frustrações e sofrimentos podem se converter em momentos férteis para que, segundo preceitos spinozanos, se possa desenvolver o conhecimento sobre as causas adequadas de seus afetos. Portanto, que não elimina o sofrimento, mas se busca estar menos submetido aos afetos, ao acaso das forças externas, como dos acontecimentos sociopolíticos, midiáticos, as flutuações conjunturais mais superficiais. A fim de melhor modular o sofrimento ético-político, com o desenvolvimento do conhecimento dos limites e possibilidades das causalidades e suas determinações, de modo a favorecer a retomada de uma potência ativa, que contemple possibilidades mais assertivas e eficazes de atuação do curto ao longo prazo.

Além da indignação e exaustão emocional, vimos como os processos sociais se expressam em dramas afetivos como na vergonha, entre a assimilação, controle e submissão a valores da sociabilidade capitalista, ou como “um tipo de ira voltada para dentro” (MARX, 2010, p. 64). Tal vergonha, “como um leão que se encolhe para dar o bote” (op. cit.), pode conflitar entre a ira que busca imediatamente por uma vingança pessoal, como um alívio catártico no sentido conservador. Ou a possibilidade de compreensão adequada de suas causas, na qual a flutuação do ânimo pode ser conscientemente controlada com ajuda de significados sociopolíticos e atividade organizada, com firmeza e flexibilidade o suficiente para lutar coletivamente por objetivos sociais efetivos. O desenvolvimento desse conhecimento é favorecido na experiência da atividade transformadora, mais direta ou mediada, e mais rica quanto mais essa postura ativa puder ser compartilhada na organização e atividade coletiva auto-coordenada. Nesse caso, a organização, formação e atividade coordenada, promove a produção coletiva de conhecimentos e da potência que ajuda a refrear e regular afetos como de ira, indignação ou ódio. Portanto, não se submete aos afetos sob o comando do acaso, mas com análise de sua dimensão ético-política, programa de meios e finalidades de atuação. Assim, não para nega-los ou reprimi-los, mas para com eles operar com conhecimento de causa, o que representa uma expansão da própria liberdade.

Assim, a produção da identidade, da convicção, da especialização e profissionalização da atividade militante, submetida às condições de luta sociopolíticas, as

mais precárias, representa um drama estrutural que se cristaliza ou se dinamiza em função da relação contraditória com seus motivos e objetivos, com o propósito de expansão do círculo de atividades de todos e de cada um, da expansão da qualidade e riqueza de conexões do sujeito com o mundo. Com a produção das condições em que o produtor possa começar por:

recompor-se e reanimar-se moderadamente com bebidas e refeições agradáveis, assim como todos podem se servir, sem nenhum prejuízo alheio, dos perfumes, do atrativo das plantas verdejantes, das roupas, da música, dos jogos esportivos, do teatro, e coisas do gênero. Pois o corpo humano é composto de muitas partes, de natureza diferente, que precisam, continuamente, de novo e variado reforço, para que o corpo inteiro seja, uniformemente, capaz de tudo o que possa se seguir de sua natureza e, como consequência, para que a mente também seja, uniformemente, capaz de compreender, simultaneamente, muitas coisas. Esta norma de vida está, assim, perfeitamente de acordo tanto com nossos princípios, quanto com a prática comum. Por isso, este modo de vida, se é que existem outros, é o melhor e deve ser recomendado por todos os meios, não havendo necessidade de tratar disso mais clara e detalhadamente. (SPINOZA, esc. 2, prop. 45)

Apesar de a atividade militante poder representar alguma expansão e enriquecimento da capacidade de se afetar, de agir e de pensar, para além da alienação da atividade corrente e da luta da sociabilidade privatista, ainda, conserva seu drama estrutural com o motivo-objetivo em relação à capacidade de afetar e ser afetado de mais variadas maneiras, com o desenvolvimento livre e integral da capacidade do corpo, por inteiro, fazer muitas coisas, e da mente de pensar:

onde cada um não tem um campo de atividade exclusivo, mas pode aperfeiçoar-se em todos os ramos que lhe agradam, a sociedade regula a produção geral e me confere, assim, a possibilidade de hoje fazer isto, amanhã aquilo, de caçar pela manhã, pescar à tarde, à noite dedicar-me à criação de gado, criticar após o jantar, exatamente de acordo com a minha vontade, sem que eu jamais me torne caçador, pescador, pastor ou crítico. (MARX, ENGELS, 2007, p. 38)

As narrativas que compõe a presente pesquisa foram obtidas a partir do ano de 2018, em um período marcado por situações críticas, de acontecimentos e transições sociopolíticas no Brasil. De modo que outras pesquisas poderão, tanto aprofundar suas consequências teóricas e práticas, como, em uma perspectiva longitudinal, obter novas e ampliadas narrativas, a partir da experiência em diferentes períodos históricos da dinâmica social. Uma vez que, por exemplo, novos períodos críticos parecem se avolumar no momento em que escrevo estas linhas, estouram greves, ocupações e uma espécie de ‘comuna’ na capital do Equador, de modo que o presidente Lenín Moreno muda a cede do governo e declara toque de recolher; se avolumam manifestações massivas no Chile, assim como cresce

a sua reação e o presidente Sebastián Piñera fala em rede nacional que o país está “em guerra”; multiplicam-se os enfrentamentos no Haiti; a Bolívia é agitada por um golpe de Estado e mobilizações populares; também na Colômbia, enfrentamentos, toque de recolher, grandes manifestações multitudinárias e greve geral. Apenas na América Latina, sem contar o levante dos ‘coletes amarelos’ na França, das ‘sardinhas’ antifascistas na Itália, o reacenso das lutas de independência da Catalunha, no Egito, Iraque, dentre outras. Processualidades que afetam os participantes da pesquisa e colocam novas questões para a compreensão e superação dos desafios da militância sociopolítica. Tarefa de forças unidas, que deve continuar.

I

Eu vivo em tempos sombrios.
 Uma linguagem sem malícia é sinal de
 estupidez,
 Uma testa sem rugas é sinal de indiferença.
 Aquele que ainda ri é porque ainda não
 recebeu a terrível notícia.

Que tempos são esses,
 Quando falar sobre flores é quase um
 crime.
 Pois significa silenciar sobre tanta
 injustiça?
 Aquele que cruza tranquilamente a rua
 Já está então inacessível aos amigos
 Que se encontram necessitados?

É verdade: eu ainda ganho o bastante para
 viver.
 Mas acreditem: é por acaso. Nada do que
 eu faço
 Dá-me o direito de comer quando eu tenho
 fome.
 Por acaso estou sendo poupado.
 (Se a minha sorte me deixa estou perdido!)

Dizem-me: come e bebe!
 Fica feliz por teres o que tens!
 Mas como é que posso comer e beber,
 Se a comida que eu como, eu tiro de quem
 tem fome?
 Se o copo de água que eu bebo, faz falta a
 quem tem sede?

Mas apesar disso, eu continuo comendo e
 bebendo.

Eu queria ser um sábio.
 Nos livros antigos está escrito o que é a
 sabedoria:
 Manter-se afastado dos problemas do
 mundo
 E sem medo passar o tempo que se tem
 para viver na terra;
 Seguir seu caminho sem violência,
 Pagar o mal com o bem,
 Não satisfazer os desejos, mas esquecê-los.
 Sabedoria é isso!
 Mas eu não consigo agir assim.
 É verdade, eu vivo em tempos sombrios!

II

Eu vim para a cidade no tempo da
 desordem,
 Quando a fome reinava.
 Eu vim para o convívio dos homens no
 tempo da revolta
 E me revoltei ao lado deles.
 Assim se passou o tempo
 Que me foi dado viver sobre a terra.
 Eu comi o meu pão no meio das batalhas,
 Deitei-me entre os assassinos para dormir,
 Fiz amor sem muita atenção
 E não tive paciência com a natureza.
 Assim se passou o tempo
 Que me foi dado viver sobre a terra.

III

Vocês, que vão emergir das ondas
 Em que nós perecemos, pensem,
 Quando falarem das nossas fraquezas,
 Nos tempos sombrios
 De que vocês tiveram a sorte de escapar.

Nós existíamos através da luta de classes,
 Mudando mais seguidamente de países que
 de sapatos, desesperados!
 Quando só havia injustiça e não havia
 revolta.

Nós sabemos:
 O ódio contra a baixeza

Também endurece os rostos!

A cólera contra a injustiça
 Faz a voz ficar rouca!
 Infelizmente, nós,
 Que queríamos preparar o caminho para a
 amizade,
 Não pudemos ser, nós mesmos, bons
 amigos.

Mas vocês, quando chegar o tempo
 Em que o homem seja amigo do homem,
 Pensem em nós
 Com um pouco de compreensão.

Aos que virão depois de nós

Bertold Brech

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. Os índios na História do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo. *Revista História Hoje*, v. 1, n. 2, p. 21-39, 2012.

ALMEIDA, M. *A formação social dos transtornos de humor*. 2018. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de São Paulo, Botucatu, 2018.

AMARAL, O. *O que sabemos sobre a organização dos partidos políticos: uma avaliação de 100 anos de literatura*. Porto Alegre: Revista Debates, v.7, n.2, p.11-32, 2013.

American Psychiatric Association (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-IV)*. Porto Alegre: Artmed, [1994]2000.

American Psychiatric Association (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-IV-TR)*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, [2000]2002.

ANJOS, R. *O desenvolvimento da personalidade na adolescência e a educação escolar: aportes teóricos da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica*. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Araraquara, 2017.

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

ANTUNES, R. *O privilégio da servidão: O novo proletariado de serviço na era digital*. Boitempo editorial, 2018.

ARAÚJO, U. *O sentimento de vergonha como um regulador moral*. São Paulo, UNICAMP, 1998.

ARIAS FIGUEROA, B. *Camilo Mensajes Visionarios*. Bogotá: Editorial Códice Ltda. 2011.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

- BORGES, L.; POCREAU, J. *A identidade como fator de imunidade psicológica: contribuições da clínica intercultural perante as situações de violência extrema*. Revista Psicologia-Teoria e Prática, v. 11, n. 3, 2009.
- BOULOS, G. *Por que ocupamos? Uma introdução à luta dos sem-teto*. São Paulo: Scortecci, 2013.
- BRAGA, R. *Rebeldia do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global*. São Paulo: Boitempo, 2017. 269p.
- CIAMPA, A. C. *Estória do Severino e a historia da Severina: um ensaio de psicologia social*. Brasiliense, 1993.
- CONRAD, R. E. *Os últimos anos da escravatura no Brasil, 1850-1888*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. (v. 90)
- CORBANEZI, E. Transtornos depressivos e capitalismo contemporâneo. *Caderno CRH*, v. 31, n. 83, p. 335-353, 2019.
- DAVIDOV, V.; MÁRKOVA, A. El desarrollo del pensamiento en la edad escolar. In: DAVIDOV, V.; SHUARE, M. (Orgs.). *La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS* (antologia). Moscou: Progreso, 1987, p. 173-193.
- DAVIDOV, V. *La enseñanza escolar e el desarrollo psiquico*. Moscú: Progreso, 1988.
- DUARTE, N. *Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de AN Leontiev*. Cadernos Cedes, p. 44-63, 2004.
- DUARTE, N. *Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski*. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
- ELKONIN, D. Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia. In: DAVIDOV, V.; SHUARE, M. (Orgs.). *La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS* (antologia). Moscou: Progreso, 1987, p. 125-142.
- ENGELS, F. *Anti-Düring*. Ed. Ridendo Castigat Mores, 1875. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/duhring.pdf>. (Acesso em: 2º nov. 2018.)
- FABER, M. *História dos partidos políticos no Brasil*. 1. ed. 2017. Disponível em: < www.historialivre.com >. (Acesso em: 1º nov. 2018.)

FANON, F. Os condenados da terra. 2. ed. Tradução de José Laurênio de Mello. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FRANCO, T.; DRUCK, G.; SELIGMANN-SILVA, E. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v. 35, n. 122, p. 229-248, 2010.

FRANCO, A. *A noção de via prussiana e de via colonial e seu impacto na compreensão histórica de Carlos Nelson Coutinho e José Chasin sobre a formação social brasileira*. Dissertação. Universidade Federal de Santa Maria. 2018.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 9a Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Editora Paz e Terra, 2014.

FREIXO, A. de. Repercussões da Revolução dos Cravos. *Tensões mundiais*, v. 5, n. 8, p. 247-264, jan./jun. 2009.

FREEMAN, J. Trashing: o lado sombrio da sororidade. *Passa palavra*. 2014. Disponível em: <<https://passapalavra.info/2014/12/101362/>>. (Acesso em: 7º nov. 2018.)

FRIGOTTO, G. *Educação e trabalho em tempos de insegurança*. Belo Horizonte: DIEESE, 2010.

GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. 12. ed. São Paulo: L&PM, 1999.

GARAUDY, R. *Marxismo do século XX*. Revolução Russa: cinquenta anos de História. *Revista Civilização Brasileira, Caderno Especial*, v. 3, n. 1, p. 1-9, 1967.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GOHN, M. *História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros*. São Paulo: Loyola, 1995.

GOODWIN, J.; JASPER, J. M.; POLLETTA, F. (Ed.). *Passionate politics: Emotions and social movements*. University of Chicago Press, 2009.

GORENDER, J. *Combate nas trevas*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1999. v. 1.

GRAMSCI, A. *Concepção Dialética da História*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000a. v. 2.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000b. Vol. 3.

GUEVARA, E. Lo que debe ser un Joven Comunista. *Escritos del Che Guevara, Tomo 2*, pp. 161-175. Pte . Cuadernillo Nro, v. 4, 1962.

GUEVARA, E. *Obra revolucionária*, México, Ediciones Era, 1967.

GUEVARA, E. *Diário – Che Guevara*. 1. ed. São Paulo: Global Editora, 2015. 160p.

GUIMARÃES, N. *Caminhos cruzados: estratégias de empresas e trajetórias de trabalhadores*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 26.

HARVEY, D. *17 contradições e o fim do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2016.

HELLER, A. *Sociologia de la vida cotidiana*. 4. ed. Barcelona: Península, 1994.

HOBSBAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX*. Editora Companhia das Letras, 1995.

IASI, M. *As metamorfoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2006.

KNOBEL, M.; ABERASTURY, A. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes, 1981.

KONDER, L. *Lukács*. Porto Alegre: L&PM, 1980.

KOSÍK, K. *Dialética do concreto*. 7 edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LENIN, V. I. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*. São Paulo: Abril Cultural, 1982a.

LENIN, V. I. *Obras escolhidas em três tomos*. São Paulo: Alfa Omega, 1982b.

LEONTIEV, A. *Actividad, consciencia y personalidad*. Buenos Aires: Editora, 1978.

LEONTIEV, A. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (Orgs.). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 9. ed. São Paulo: Ícone, 2001.

LESSA, S. Identidade e individuação. *Revista Katálysis*, v. 7, n. 2, p. 147-157, 2004.

LESSA, S. Alienação e estranhamento. *Marx, K. Cadernos de Paris & Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Expressão Popular, 2015, p. 449-491.

LIMA BARRETO, A. Maio. In: *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Ática, 1995.

LIMA BARRETO, A. *Bagatelas*. Rio de Janeiro: Empresa de Romances Populares, 1923, p. 217.

LIMA, M.; ALENCAR, H. A concepção de estudantes universitários acerca da vergonha: um estudo no campo da psicologia moral. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 7, n. 1, p. 124-144, 2016.

LOSURDO, D. *Fuga da história? A revolução russa e a revolução chinesa vistas de hoje*. Rio de Janeiro: Revan, 2004. 206 p.

LOSURDO, D. *Contra-história do liberalismo*. Trad. de Giovanni Semeraro. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. 400p.

LOUREIRO, I., M.. *Rosa Luxemburg: breve perfil de uma revolucionária*. Trans/Form/Ação, p. 81-103, 1994.

LUKÁCS, G. *El asalto a la razón*. Barcelona: Grijalbo, 1968a.

LUKÁCS, G. *Marxismo e teoria da literatura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968b.

LUKÁCS, G. *Estética: la peculiaridad de lo estético*. 2. ed. Barcelona: Grijalbo, 1972. v. 2.

LUXEMBURG, R. *Camarada e amante: cartas de Rosa Luxemburg a Leo Jogiches*. Paz e Terra, 1986.

MAENO, M. Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*. v.36, n. 124, São Paulo, 2011.

MARINI, R. *Dialética da dependência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARTÍN-BARÓ, I. La violencia política y la guerra como causas del trauma psicosocial en El Salvador. *Revista de Psicología de El Salvador*, v. 7, n. 28, p. 123-141, 1988.

MARTÍN-BARÓ, I. *Guerra y trauma psicosocial del niño salvadoreño*. In: I. Martín-Baró Org. *Psicología social de la guerra: trauma y terapia*. San Salvador: UCA Editores. p. 234-249, 2000.

MARTÍN-BARÓ, I. Para uma psicologia da libertação. In R. S. L. Guzzo, & F. Lacerda Junior (Orgs.), *Psicologia social para América Latina: o resgate da psicologia da libertação* pp. 181-197. Campinas, SP: Alínea. 2011.

MARTÍN-BARÓ, I. O psicólogo no processo revolucionário. In: LACERDA JUNIOR, F. (Org.). *Crítica e libertação na Psicologia: estudos psicossociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017a, p. 25-29.

MARTÍN-BARÓ, I. O latino indolente: caráter ideológico do fatalismo latino-americano. In: LACERDA JUNIOR, F. (Org.). *Crítica e libertação na Psicologia: estudos psicossociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017b, p. 173-203.

MARTINS, L.; EIDT, N. Trabalho e atividade: categorias de análise na psicologia histórico-cultural do desenvolvimento. *Psicologia em Estudo*, v. 15, n. 4, p. 675-683, 2010.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os pensadores)

- MARX, K. *Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, K. *Sobre a questão judaica*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- MARX, K. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, Boitempo Editorial, São Paulo. 2011.
- MARX, K. *O capital: livro 1, o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, K. *Miséria da filosofia*. São Paulo: Boitempo editorial, 2017.
- MARX, K. ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. Estudos avançados, v. 12, n. 34, p. 7-46, 1998.
- MAZZEO, A. *Estado e burguesia no Brasil*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.
- MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MÉSZÁROS, I. *A teoria da alienação em Marx*. Trad. de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.
- MÉSZÁROS, I. *O desafio e o fardo do tempo presente*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MÉSZÁROS, I. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.
- Ministério da Previdência Social do Brasil. *Transtornos mentais atingem 23 milhões de pessoas no Brasil*. Brasília: Ministério da Previdência Social, 2010.
- MOREIRA LEITE, D. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Ática, 1992.
- NAKANO, E.; NERY, A.; VASCONCELLOS, E. Burnout, discurso do sujeito coletivo e aspectos psicossociais em pastoras e pastores. *Life Style*, v. 5, n. 1, p. 25-41, 2018.

NOGUEIRA, M. A. *As desventuras do liberalismo: Joaquim Nabuco, a Monarquia e a República*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

OLIVEIRA, B. A Dialética do Singular-Particular-Universal. Anais do V Encontro de Psicologia Social e Comunitária. Abrapso: Bauru, agosto 2001, 1-24.

OLIVEIRA, L.; MOREIRA, A.; GUZZO, R. Ampliando o conceito de situação-limite de Martín-Baró: diálogos com o conceito de crise. *Revista de Psicologia*, v. 5, n. 2, p. 96-107, 2014.

Organização Mundial da Saúde (OMS). *Relatório sobre a saúde no mundo 2001: saúde mental: nova concepção, nova esperança*. Cidade: Biblioteca da OMS, 2001.

PASQUALINI, J. A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. *Psicologia em Estudo*, p. 31-40, 2009.

PÉREZ, M. (2001). *Che Guevara: contribuição ao pensamento revolucionário*. São Paulo: Expressão Popular, 2001. 128p.

PERUZZO, P. Sobre militância, saúde mental e política. *Justificando*. 30 de nov. de 2016. Disponível em: <http://www.justificando.com/2016/11/30/sobre-militancia-saude-mental-e-politica/>

PESSANHA, P. (2018) *Modulações da atividade de caráter massivo e do inconsciente como conceito sócio-histórico*. Afeto & Comum: reflexões sobre a práxis psicossocial. Ebook. Disponível em: http://www4.pucsp.br/nexin/livros/2018_08_06_ebook_afeto_comum.pdf

POLITZER, G. *La crise de la psychologie contemporaine*. Paris: Editions Sociales, 1950.

POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba: Editora UNIMEP. (Trabalho original publicado em 1928), 2008.

RIBEIRO, I. O. *Agricultura, democracia e socialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SALES, A. Militância e ativismo: cinco ensaios sobre ação coletiva e subjetividade. Tese (Doutorado em Psicologia) – UNESP, Assis, 2019.

SANTOS, L. Apresentação. In: LÓPEZ-RUIZ, O. *Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo: capital humano e empreendedorismo como valores sociais*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007, p. 11-21.

SANTOS, S. *A Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos e a reparação do Estado às vítimas da ditadura militar no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SARTRE, J. *Crítica da razão dialética*. São Paulo: Ed. DP&A, 2002.

SARTRE, J. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. de Vergílio Ferreira. 4. ed. São Paulo. Editorial Presença, 1970.

SAVIANI, D. *Florestan Fernandes e a educação*. Estudos avançados, v. 10, n. 26, p. 71-87, 1996.

SAVIANI, D. *Modo de produção e a pedagogia histórico-crítica*. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Londrina, v. 1, n. 1, p. 110-116, 2009.

SAWAIA, B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*, v. 2, p. 97-118, 1999.

SAWAIA, B. Fome de felicidade e liberdade. *Muitos lugares para aprender*, 53-64, 2003.

SAWAIA, B. Sílvia Lane: a psicóloga da ação política. *Mnemosine*, v. 2, n. 1, 2006.

SAWAIA, B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 3, p. 364-372, 2009.

SAWAIA, B. Da consciência à potência de ação: um movimento possível do sujeito revolucionário na Psicologia Social laneana. In: MEDRADO, Bedito; GALINDO, Wedna. (Orgs.). *Psicologia Social e seus movimentos: 30 anos de ABRAPSO*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011a, p. 35-53.

SAWAIA, B. B. *Comunidade como ética e estética da existência*. Uma reflexão mediada pelo conceito de identidade. *Psykhé*, v. 8, n. 1, 2011b.

SAWAIA, B.; SILVA, D. Pelo reencantamento da Psicologia: em busca da positividade epistemológica da imaginação e da emoção no desenvolvimento humano. *Caderno Cedes*, v. 35, Especial, 2015.

SCHIMITH, P. *Psicologia da moralidade e psicanálise: um estudo sobre a vergonha*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2013.

SCHÜHLI, V.; ROSSLER, J. Propostas marxistas de educação estética: aproximações e afastamentos em torno do fenômeno da catarse. *Perspectiva*, v. 29, n. 2, p. 699-725, 2011.

SCIALPI, D. Violencia laboral y desamparo institucional aprendido. *Revista Jurisprudencia Argentina*, Número Especial: Mobbing el acoso psicológico en el ámbito laboral, Editorial LexisNexis, 2005.

SELIGMAN, M. *On depression, development and death*. San Francisco: W. H. Freeman, 1992.

SERGE, V. *Ce que tout révolutionnaire doit savoir de la répression*. Paris: Éditions La Découverte, 2009.

SERGE, V. *Memorias de un revolucionario*. Madrid: Veintisiete Letras, 2011.

SHUARE, M. *La psicología evolutiva y pedagógica en la URSS: antología*. Moscú: Editorial Progreso, 1987.

SILVA, A. O. Esboço para a História da esquerda no Brasil. *Espaço Plural*, v. 10, n. 20, p. 155-164, 2009.

SILVA, M.; CARDOSO, G.; SARACENO, B.; de ALMEIDA, J. C. 2.1 A saúde mental e a crise econômica. *Território e saúde mental em tempos de crise*. Portugal: Universidade de Coimbra. doi, v. 10, p. 978-989, 2015.

SOARES DO BEM, A. A centralidade dos movimentos sociais na articulação entre o Estado e a sociedade brasileira nos séculos XIX e XX. *Educação & Sociedade*, v. 27, n. 97, 2006.

SOMAVIA, J. Crise mundial do emprego. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 nov. 2011. p. A2.

SPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica Editoria, 2009.

SPINOZA, B. *Tratado político*. Tradução, introdução e notas Diogo Pires Aurélio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

TEIXEIRA, I. *Literatura como imaginário: introdução ao conceito de poética cultural*. Revista Brasileira, v. 10, n. 37, p. 43-67, 2003.

TOCQUEVILLE, A. *A democracia na América: sentimentos e opiniões*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TOCQUEVILLE, A. *Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris*. Editora Penguin-Companhia das Letras, 2011. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/85032.pdf> (Acesso em: 1º nov. 2018).

TORRES, C. *Cristianismo y revolución*. Bogotá, Colombia: Ediciones Era, 1970.

TULESK, S. *Vygotski e a construção de uma psicologia marxista*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2008. 207p. v. 500.

VALVERDE, M. *Militância e poder: (Balizas para uma genealogia da militância)*. Dissertação (Mestrado em História) – UNICAMP, Campinas, 1986.

VIGOTSKI, L. *A transformação socialista do homem*. URSS: Varnitso, 1930. p. 1-9.

VIGOTSKI, L. S. A psique, a consciência e o inconsciente. Em: L. S. Vigotski, *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes. 1999. pp. 137-159

VIGOTSKI, L. *Manuscrito de 1929*. *Educação & Sociedade*, v. 21, n. 71, p. 21-44, 2000.

VIGOTSKI, L. *Psicología del Arte*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2006.

VIGOTSKI, L. *Quarta aula: a questão do meio na pedologia*. *Psicologia USP*, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010.

VYGOTSKI, L. *Obras escogidas*. Madrid: Visor; MEC, 1993. (v. 2, Pensamiento y lenguaje.)

VYGOTSKI, L. Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In *Obras escogidas*. Madrid: Visor Distribuciones, 1995.

VYGOTSKI, L. *Obras escogidas*. Madrid: Visor 1996, (v. 4)

VYGOTSKY, L. The Psychology of Schizophrenia. *Soviet Psychology*, v. 12, n. 1, p. 72-77, 1987.

VYGOTSKY, L. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WARTH, A. Crise já afeta comportamento do desemprego, diz Dieese. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 set. 2011. Disponível em:
<http://agencia.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=10722&catid=159&Itemid=75>. (Acesso em: 1º nov. 2018).

WEFFORT, F. Participação e conflito industrial: Contagem e Osasco (1968). Cadernos CEBRAP, São Paulo, n. 6, 1972.

ZIZEK, S. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.